



P E N G U I N  C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

CHARLES BAUDELAIRE

As flores do mal



CHARLES
BAUDELAIRE

As flores do mal

Tradução e organização de
JÚLIO CASTAÑON GUIMARÃES

Apêndices de
J. BARBEY D'AUREVILLY
GUILLAUME APOLLINAIRE
PAUL VALÉRY



COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Introdução – Júlio Castañon Guimarães

AS FLORES DO MAL, 1861

Spleen e ideal

Quadros parisienses

O vinho

Flores do mal

Revolta

A morte

AS FLORES DO MAL [POEMAS INCORPORADOS À TERCEIRA EDIÇÃO], 1868

DESTROÇOS

Poemas condenados retirados das
Flores do mal
Galanterias
Epígrafes
Poemas diversos
Brincadeiras

ARQUIVO DAS FLORES DO MAL

Projetos de prefácios
Primeira versão da dedicatória
Restos
Projetos de um epílogo para a edição
de 1861
O processo das *Flores do mal*

Notas

Apêndices

As flores do mal — J. Barbey
d'Aurevilly
Introdução — Guillaume Apollinaire
Situação de Baudelaire — Paul Valéry

Índice de títulos e primeiros versos
Créditos



COMPANHIA DAS LETRAS

AS FLORES DO MAL

CHARLES BAUDELAIRE nasceu em 1821, em Paris. Em 1827, aos seis anos, Baudelaire perde o pai. No ano seguinte, sua mãe casa-se novamente. Em 1841, tendo em vista a vida sem perspectivas que Baudelaire levava, a família faz com que o jovem parta numa viagem de navio para Calcutá, mas ele retorna à França antes de completar o percurso. No ano seguinte, recebe a herança paterna, da qual, em dois anos, gasta a metade. Fica então sob conselho judiciário, a partir de 1842, recebendo uma pequena quantia mensal. Nesse mesmo ano conhece Jeanne Duval, que se torna sua amante e com a qual se relaciona até pelo menos 1856. Já colaborando em diferentes periódicos, tem sua primeira publicação autônoma em 1845, um trabalho de crítica intitulado *Salão de 1845*. Além dos poemas, publica outros textos sobre artes plásticas e traduz obras de Edgar Allan Poe, sempre levando uma vida extremamente instável, mudando com frequência de endereço e contraindo muitas dívidas. A todos os problemas de Baudelaire, acrescenta-se com o passar do tempo uma saúde cada vez mais frágil. Em 1864 instala-se na Bélgica, onde em 1866 sofre um acidente vascular cerebral, tornando-se afásico e hemiplégico. Falece em Paris, em 31 de agosto de 1867.

JÚLIO CASTAÑON GUIMARÃES, tradutor e escritor, traduziu *Fragmentos do Narciso e outros poemas* de Paul Valéry (Ateliê, 2013) e *Brinde fúnebre e outros poemas* de Mallarmé (7Letras, 2007), além de autores como Barthes, Apollinaire, Bataille e Sartre. Seu trabalho de poesia está reunido no volume *Poemas 1975-2005* (Cosac Naify, 2006), a que se seguiu *Do que ainda* (Contracapa, 2009). Publicou também *Por que ler Manuel Bandeira* (Globo, 2008) e *Entre reescritas e esboços* (Topbooks, 2010), tendo ainda organizado a edição crítica de *Poesia 1930-1962* de Carlos Drummond de Andrade (Cosac Naify, 2012) e *Crônicas inéditas I e II* de Manuel Bandeira (Cosac Naify, 2008 e 2009).

JULES BARBEY D'AUREVILLY foi um escritor francês nascido em 1808. Conhecido por suas obras que exploram aspectos de mistério e quase terror, influenciou autores como Auguste Villiers de l'Isle-Adam, Henry James e Marcel Proust. Entre suas obras mais conhecidas estão *Les diaboliques* e *L'ensorcelée*. Morre em 1889, em Paris.

GUILLAUME APOLLINAIRE foi um escritor e crítico francês nascido em 1880, em Roma, filho de uma condessa polonesa e pai desconhecido, tendo passado a infância em Roma, Mônaco, Lyon, Nice, entre outras cidades. Um dos mais conhecidos poetas do século XX,

sua obra está ligada às vanguardas da época, como o cubismo e o surrealismo (termos cuja criação lhe é atribuída). É autor, entre outras obras, dos livros de poemas *Alcoóis* e *Caligramas*. Dois anos depois de ser ferido na Primeira Guerra Mundial, morre em Paris, em 1918, vítima da gripe espanhola.

PAUL VALÉRY foi um escritor e pensador francês. Nascido em 1871, na cidade de Sète, foi criado em Montpellier. Sua obra se estende por poesia, crítica literária, ensaios, ficção, teatro e outros gêneros. Entre seus trabalhos mais conhecidos, estão a obra ficcional *Monsieur Teste* e o livro de poemas *Charmes*. Por seus poemas, como o “Cemitério marinho”, é considerado um dos poetas mais importantes do século XX, ao lado de nomes como Rilke, T.S. Eliot, Fernando Pessoa, Ezra Pound. Valéry morre em 20 de julho de 1945, em Paris.

Introdução

JÚLIO CASTAÑON GUIMARÃES

As flores do mal é um título que de certo modo ultrapassa o livro para o qual foi imaginado, já que se transformou numa expressão a que se pode recorrer sem qualquer referência à obra de Baudelaire. Mas é claro que só ganha sua plena significação no contexto dessa obra. Curiosamente, o título não teria sido criação de Baudelaire; teria sido sugerido a ele por um amigo, Hippolyte Babou. Mas o fato é que o poeta o adotou para um conjunto de poemas que lhe dão seu efetivo sentido. Grafava-o sempre com maiúscula em *Mal* e minúscula em *flores*, o que significava dar mais atenção ao *Mal*, indicando-o como uma noção, um conceito, que subjaz ao longo do livro. Aproximações biográficas parecem facilitar a percepção desse dado, mas podem também falseá-lo: é tentador associá-lo a uma vida em que, entre fatos e lendas, se encontram conflitos familiares, dandismo, drogas, prostituição, dificuldades financeiras, doenças, censura e assim por diante. Some-se ao conjunto a denominação de poeta maldito, na classificação de Verlaine.

Muitos dos retratos de Baudelaire permitem associar sua imagem a esse contexto. No entanto, um dos melhores, o realizado por Courbet, mostra o poeta, ainda jovem, numa atividade talvez mais próxima de sua produção literária — está lendo, e nem sempre se

lembra que ele foi um poeta culto, grande conhecedor da tradição poética. Foi também retratado em algumas cenas de grupo, como no célebre *Música nas Tulherias* de Manet, ou na obra de Fantin-Latour *Homenagem a Delacroix*, em que está sentado, compenetrado, ao lado de vários outros, em torno de um retrato de Delacroix. Contemporâneo deste, o poeta interessou-se muito pela obra do pintor, que o inspirou em alguns momentos.

Como também o campo da música está presente no universo de Baudelaire, vale ainda lembrar que ele foi contemporâneo de Berlioz, com quem parece mais do que natural que tivesse afinidades; seu interesse musical, no entanto, se dirigiu para Wagner, sobre quem escreveu. Assim, as relações de sua poesia com a música não ficam apenas nos elementos sonoros de seus poemas, mas talvez seja em parte por esse aspecto que foram musicados por Fauré, Duparc, Debussy, Alban Berg; além disso, inspiraram peças instrumentais, como algumas para piano de Debussy (que têm como títulos versos de Baudelaire), a *Suíte lírica* de Alban Berg e *Tout un monde lointain* de Henri Dutilleux.

Estudos sobre *As flores do mal* com frequência iniciam-se referindo a importância da obra e o fato de se tratar de um dos livros de poesia que exerceram maior influência na literatura. John E. Jackson, estudioso suíço de Baudelaire, é um bom exemplo, quando de modo imediato afirma ser esta a “a coletânea de poemas mais influente destes dois últimos séculos”.¹ Jackson vai além dessa relação com obras posteriores e reconhece um papel determinante de natureza até mesmo conceitual para a obra: “Mudou até a ideia que temos da poesia, do que estamos em condições de esperar dela, do que ela tem a nos oferecer”.² Essas mudanças acontecem, primeiro, na própria poesia de Baudelaire e, a seguir, em

consequência de sua repercussão, no âmbito da produção poética posterior.

Pode-se ler na mesma perspectiva a afirmação de Marcel Raymond de que “existe uma tradição estética fundada por *As flores do mal* (e prolongada, magnificada em seguida por Mallarmé)”.³ Essa “tradição estética” estende-se pela posteridade do autor de *Un coup de dés*. Certamente é muito difícil detectá-la de modo específico nessa amplitude que ela vai ganhando — sua medida estará sempre no impacto permanente causado pela leitura de *As flores do mal*. É assim essa amplitude que permite ao crítico complementar com sua observação o que ele dissera no início de seu texto: “há hoje uma concordância geral em considerar *Les fleurs du mal* como uma das fontes vivas do movimento poético contemporâneo”. As duas observações de Marcel Raymond na verdade ecoam observações precursoras feitas por Paul Valéry. Talvez estas sejam mesmo até mais radicais. Segundo Valéry, a poesia de Baudelaire “impõe-se como a própria poesia da modernidade”.⁴ Enfatiza-se aí a inovação baudelairiana. A modernidade já está nela. Valéry ainda salienta aquilo que vem antes de Mallarmé “magnificar” essa inovação, o percurso em que Baudelaire é essencial para essa poesia da modernidade: “Nem Verlaine, nem Mallarmé, nem Rimbaud teriam sido o que foram sem a leitura que fizeram das *Flores do mal* na idade decisiva”. Assim vai-se formando a tradição, certamente no âmbito da poesia, mas talvez pouco tenha faltado a Valéry para ir além, como críticos posteriores por fim o fizeram, e ver a presença baudelairiana em outros espaços que não exclusivamente o poético.

De fato, muito do que está presente em *As flores do mal* permite que se amplie esse espectro conceitual. É o que se tem quando,

dando exemplos dessa progressão, diz Auerbach:

A forma, não apenas da poesia moderna, mas também de outros gêneros literários do século que se escoou desde então, é dificilmente imaginável sem *As flores do mal*; a marca da influência de Baudelaire pode ser encontrada tanto em Gide, Proust, Joyce e Thomas Mann, como em Rimbaud, Mallarmé, Rilke e Eliot. O estilo de Baudelaire, a mistura que tentamos descrever, continua tão vivo quanto antes.⁵

Auerbach refere-se à mistura de estilo elevado e estilo baixo, que pelo menos em parte explicaria a relação com autores tão diversos. Mesmo que mais evidente em certos autores, e de mais difícil percepção em outros, trata-se de identificar a “tradição” já referida pelo exame mais estrito dos textos. E tal tradição parece crescer com o tempo.

Nessa amplitude, podemos incluir as sucessivas traduções e a crescente produção crítica sobre essa obra. A propósito da crítica, Claude Pichois indaga:

Que dizer de *As flores do mal* depois dos milhares de publicações — da opinião que cabe em uma frase até os mais pesados in-oitavo — que lhe foram consagradas [...]? Essa magra coletânea [...] não corre o risco de ser sufocada sob a literatura secundária que não cessa de crescer, propondo as interpretações as mais diversas tomadas de empréstimo às técnicas mais variadas?⁶

Uma resposta estaria na multiplicação das edições, incluindo as traduções, ou seja, na suposição de que há uma leitura não sufocada por essa “literatura secundária”. Outra estaria no fato de que essa “literatura secundária”, nos melhores casos, acaba sendo crítica de si mesma, como na própria indagação de Pichois. Nesse sentido, Antoine Compagnon observa que “a obra de Baudelaire escapa a todas as explicações estabelecidas, resiste invariavelmente à leitura que se faz dela, e nunca se chega a um termo”.⁷ No livro em que faz essa observação, Compagnon ocupa-se justamente de discutir diferentes interpretações que vieram se impondo e, em certos casos, se contrapondo ao longo do tempo: “Rapidamente após sua morte, sua obra foi recoberta por uma sucessão de mitos e clichês — de início, para a cobrir de opróbrio, mas, a partir do fim do século, para levá-la ao cume da poesia francesa — que a travestiram, acomodando-a ao gosto do dia”.⁸ Com isso, porém, Compagnon quer falar da necessidade de discutir alguns aspectos das abordagens críticas, não evidentemente de negá-las, mas de como colocá-las em confronto com aquela “resistência” da obra.

Nascido em 9 de abril de 1821, Baudelaire perde o pai em 1827. No ano seguinte, sua mãe casa-se novamente. Em 1841, tendo em vista a vida sem perspectivas que Baudelaire levava, a família faz com que o jovem parta numa viagem de navio para Calcutá, mas ele retorna à França antes de completar o percurso. No ano seguinte, toma posse da herança paterna, da qual, em dois anos, gasta a metade.

Fica então sob conselho judiciário, a partir de 1842, recebendo uma pequena quantia mensal. Nesse mesmo ano conhece Jeanne

Duval, que se torna sua amante e com a qual se relaciona até pelo menos 1856. Já colaborando em diferentes periódicos, tem sua primeira publicação autônoma em 1845, um trabalho de crítica de artes plásticas intitulado *Salão de 1845*. Além dos poemas, publica outros textos sobre artes plásticas, traduz obras de Edgar Allan Poe, sempre levando uma vida extremamente instável, mudando com frequência de endereço e contraindo muitas dívidas.

Em 1857, sai a primeira edição de *As flores do mal*, que logo se torna objeto de um processo que resulta na proibição de alguns poemas do livro (nesse mesmo ano houve também um processo contra o romance de Flaubert *Madame Bovary*). A todos os problemas de Baudelaire, acrescenta-se com o passar do tempo uma saúde cada vez mais frágil. Em 1864 instala-se na Bélgica, onde em 1866 sofre um acidente vascular cerebral, tornando-se afásico e hemiplégico. Falece em Paris, em 31 de agosto de 1867. Muitos de seus trabalhos, como os *Pequenos poemas em prosa*, só vieram a ser publicados postumamente.

Se tinha 36 anos quando publicou *As flores do mal*, os poemas do livro começaram a ser escritos precocemente, quando ele ainda estava na casa dos vinte anos — fato que nem sempre é lembrado —, embora o início de sua publicação esparsa, em diversos periódicos, só tenha se dado um pouco depois. Vários poemas estariam prontos entre 1843 e 1844, ou mesmo antes — em 1841, segundo o estudioso F. W. Leakey, já havia textos do livro. No entanto, esse pequeno livro de poemas capital, e o único que publicou, não constitui apenas uma recolha de material prévio, não é apenas um agrupamento sem organização interna. Este é um aspecto de grande importância para a compreensão de *As flores do mal*, ressaltado com frequência por vários críticos: trata-se de um

livro rigorosamente ordenado. As edições do livro — a de 1857, a de 1861 e a póstuma, de 1868, em que Baudelaire ainda trabalhou — mostram a preocupação do autor com esse aspecto.

Paradoxalmente, tal rigor foi ressaltado até mesmo pela censura a alguns de seus poemas. Seis deles foram proibidos, e Baudelaire fez menção ao fato de que isso perturbava a organização de seu livro. Assim, de início pensou em simplesmente os substituir por outros seis, mas acabou escrevendo um número bem maior, 35, além de remanejar poemas e criar uma nova seção, “Quadros parisienses”, que, segundo Robert Kopp, em seu “modernismo leva diretamente aos *Pequenos poemas em prosa*”,⁹ livro considerado o par de *As flores do mal*. Nessa seção se encontra de forma mais evidente a temática urbana, tão presente nos poemas em prosa, que estabeleceram uma renovada perspectiva de criação para Baudelaire.

Nas publicações dos poemas em periódicos antes de sua reunião em livro, foram anunciados, para o então futuro volume, alguns títulos diferentes do definitivo. Eram eles de algum modo indicadores de pontos de convergência do universo poético de *As flores do mal*. Inicialmente, houve o título “Les lesbiennes”, a respeito do qual há consenso de que, na época, seu sentido era sobretudo o de mulher dada a prazeres, devassa. A seguir, houve o título “Les limbes”, que, sob provável influência de Dante, evoca uma descida aos infernos. Ao lado da sucessão dos títulos, havia também sucessivas reelaborações dos poemas, sendo esses aspectos parte de uma organização em processo. Esta foi observada já por um contemporâneo como Barbey d’Aurevilly, para quem em *As flores do mal* cada poesia “tem, além do êxito dos

detalhes ou da fortuna do pensamento, *um valor muito importante de conjunto e de situação* que não devemos, destacando-a, fazer com que o perca”.¹⁰ Segundo ele, há no livro “*uma arquitetura secreta*, um plano calculado pelo poeta”, de modo que os poemas perderiam muito se lidos isoladamente e fora do contexto de sua organização. Expostas em um texto que faz a defesa de um livro que pela censura seria amputado de alguns poemas, as considerações de Barbey d’Aurevilly foram a seguir relativizadas, mas a existência da organização do livro é indiscutível. Assim, F. W. Leakey diz: “Acredito que devíamos encarar o arranjo da composição final de *Les fleurs du mal* não como uma concepção monumental imposta de fora, mas antes como um resultado de organização empírica que de modo algum viola a existência individual e a autonomia dos poemas isolados”.¹¹

A inequívoca organização relaciona-se diretamente com a história da formação e publicação do livro. Hugo Friedrich, ao afirmar que “*Les fleurs du mal* são o livro arquitetonicamente mais rigoroso da lírica europeia”,¹² chama a atenção para o fato de ser possível considerar todas as alterações sofridas pelo livro como adequações ao “molde” a que o poeta se havia proposto, já em torno de 1844. O próprio Baudelaire referiu-se a essa situação mais de uma vez. Em carta a Alfred de Vigny, de dezembro de 1861, dizia:

O único elogio que solicito para este livro é que se reconheça que ele não é um puro álbum e que tem um começo e um fim. Todos os poemas novos foram feitos para serem adaptados ao quadro singular que eu havia escolhido.¹³

Esse quadro implica ainda os menores detalhes. Os poemas eram trabalhados não apenas em suas minúcias, ou seja, tendo em vista determinado elemento isolado, mas levando em conta as relações com outros poemas ou com o conjunto do livro.

Para tratar desse aspecto, isto é, o que de modo simplificado pode ser considerado a elaboração dos poemas, Yves Bonnefoy emprega o termo “composição”.¹⁴ Esta encontra-se no centro da produção poética de Baudelaire. Deriva de Edgar Allan Poe, ou melhor, de todo o interesse que Baudelaire dedicou à obra do escritor norte-americano. Por composição entenda-se a busca de um verso que “valesse pelo efeito de conjunto que produziria uma forma que unisse som e sentido”.

Essa proximidade entre os dois autores, Baudelaire e Poe, e a atitude diante da elaboração dos textos já haviam sido salientadas no artigo de Paul Valéry aqui referido. Ao apresentar sumariamente algumas características de Poe, Valéry parece buscá-las para justamente as apontar no próprio Baudelaire:

O demônio da lucidez, o gênio da análise e o inventor das combinações mais novas e mais sedutoras da lógica com a imaginação, do misticismo com o cálculo, o psicólogo da exceção, o engenheiro literário que aprofunda e utiliza todos os recursos da arte, aparecem-lhe em Edgar Poe e o maravilham.

Esses aspectos são naturalmente de caráter geral, englobando assim uma multiplicidade de elementos constituintes dessa poesia. Como já se falou da importância que tem para a composição a dimensão sonora, e lembrando que a associação entre diferentes percepções foi um recurso e uma temática centrais para Baudelaire

(dentro de uma teoria das correspondências que implicava uma visão de mundo), vale relembrar a importância da dimensão visual nessa poesia. A referência a obras de artes plásticas às vezes é clara, de outras exige alguma investigação para ser identificada. E há ainda um ou outro caso em que a obra visual é também imaginária, criada no âmbito do poema. É como se a composição avançasse até incluir a imaginação.

Algumas dessas imagens plásticas, pelo seu teor, fazem parte de uma das principais características dessa poesia: a conjunção de alguns elementos a princípio díspares, como salienta Auerbach a partir de sua análise do quarto poema intitulado “Spleen”:

Mas já nas primeiras estrofes encontramos coisas que dificilmente parecerão compatíveis com a dignidade do sublime. Um leitor moderno quase não se dá conta delas, pois está acostumado a esse estilo, fundado por Baudelaire, em que tantos poetas, cada um a sua maneira, se instalaram depois como em sua própria casa.¹⁵

Numa forma tradicional, mas só aparentemente, pois mesmo sua versificação foi objeto de infrações e inovações, Baudelaire introduz todo um vocabulário até então não poético, bem como uma temática inusitada — cemitérios, cadáveres, carniças, miseráveis, moribundos, doenças, crimes, espectros, prostitutas e assim por diante. São esses aspectos que, em meados do século XIX, o distanciam de seus predecessores do romantismo e o põem na condição não só de inovador, mas de iniciador de um caminho que se estenderá adiante dele. Um comentário recorrente, quase uma blague, diz que Baudelaire seria a mistura de um clássico com um

jornalista de sua época. Se aí se indica a mistura já mencionada, indica-se também um aspecto de amplitude e objetividade. A voz lírica da poesia de Baudelaire vai além da situação individual. Barbey d'Aurevilly fala das *Flores do mal* como “*drama anônimo de que ele é o ator universal*”. Trata-se de uma voz individual que não desaparece, em suas interrogações em torno do Mal, mas que atua em um grande drama em que têm voz e participação muitos outros atores.

SOBRE A TRADUÇÃO E A EDIÇÃO

Em português — sem pretender ser exaustivo nestas menções —, há algumas traduções integrais de *As flores do mal* (ainda que haja algumas pequenas diferenças nesse aspecto, por conta de diferenças nas próprias edições em francês). Em Portugal, houve já em 1909 a tradução de Delfim Guimarães, apresentada como “interpretação em versos portugueses”. Mais recentemente houve pelo menos outras duas traduções portuguesas — a de Fernando Pinto do Amaral, de 1998, e a de Maria Gabriela Llansol, de 2003, para a qual se poderia usar a mesma descrição da de Delfim Guimarães. No Brasil, há as traduções de Jamil Almansur Haddad (1958), de Ivan Junqueira (1985) e de Mário Laranjeira (2011). Há ainda, no Brasil, traduções de alguns conjuntos importantes de poemas do livro, como as de Eduardo Guimarães e Guilherme de Almeida, além de inumeráveis traduções esparsas.

Ante cada nova tradução, é provável que ocorra alguma pergunta sobre a razão de mais uma. Pode-se então lembrar que as traduções de Baudelaire certamente se multiplicam em muitas línguas — há várias em inglês, em italiano, e assim por diante. É simplesmente o que ocorre com grandes textos. Também se pode lembrar que é incomensurável a proliferação da crítica nas mais diversas línguas sobre esse que é um dos mais importantes e influentes poetas de todos os tempos.

Do modo mais simples possível, uma resposta diria que, quanto mais traduções, tanto melhor, nada de mal, naquilo que contribuiriam para maior disponibilidade da obra. De um outro ponto de vista,

também há que pensar que, se algumas traduções perduram — em algumas situações, como verdadeiras obras literárias —, outras perdem sua eficácia, se é que algum dia a tiveram. É bem o caso da tradução de Delfim Guimarães, que pelo menos não se intitulou “tradução” — ela é bem mais representativa de seu autor, de um estilo, de uma época, do que da poesia de Baudelaire. O trabalho crítico sobre a poesia de Baudelaire está sempre em andamento, com novas abordagens, discussão de abordagens anteriores, e assim por diante. Parece possível dizer que, de modo similar, a tradução — tida então como uma leitura com dimensão crítica — também pode ser vista nessa perspectiva. De modo ainda mais estreito, a tradução se associa à crítica, quando em sua realização se beneficia de trabalhos críticos. A tradução implica um certo tipo de análise do texto em diversos níveis — de vocabulário, sintaxe, métrica, rimas, imagens, sonoridades, figuras etc., para ficar no plano mais palpável da elaboração poética, sem perder de vista suas ligações com as concepções e interpretações mais amplas. No caso de Baudelaire, talvez a percepção mais necessária, e a maior dificuldade, para quem vai enfrentar sua poesia seja a de identificar em que medida os elementos da tradição, como as formas de versificação adotadas, vão admitindo elementos novos. Estes podem ir da incorporação de um vocabulário menos poético ou mais corrente até os dados do mundo em vias de transformação que lhe era contemporâneo, de que um dos aspectos mais evidentes é a presença do cotidiano das grandes cidades.

Na elaboração da presente tradução foram assim de grande utilidade várias obras críticas, algumas das quais referidas na parte inicial desta apresentação. De modo especial, foram fundamentais as notas de algumas edições — da edição Pléiade, da preparada

por Jacques Dupont e da preparada por John E. Jackson, bem como as da edição norte-americana de James McGowan. Essa tradução para o inglês foi também muito útil, propiciando com suas soluções várias sugestões de interpretação do texto e de opções para o trabalho em português.

O texto de *Les fleurs du mal* da edição das *Œuvres complètes* de Baudelaire organizada por Claude Pichois e publicada na coleção Pléiade (1975) foi tomado como base para a tradução. Na edição de Claude Pichois adotou-se como texto-base para *Les fleurs du mal* sua segunda edição, que data de 1861 (a primeira é de 1857). Como alguns poemas do livro foram objeto de censura judicial, estão ausentes da segunda edição. No entanto, a ela foram acrescentados outros poemas. Além disso, houve remanejamento na ordem dos poemas e criação de uma nova e importante seção, “Quadros parisienses”. Em 1868, portanto já postumamente, sai a terceira edição, preparada por Baudelaire e com acréscimo ainda de novos poemas; houve nela, porém, intervenções que não são consideradas de responsabilidade do autor, o que justifica a escolha da edição anterior como texto a ser seguido.

Assim, esses dados também explicam os agrupamentos dos poemas que se seguem ao conjunto do livro propriamente dito. Em primeiro lugar, vêm os “Poemas incorporados à terceira edição de 1868”, cujo título é explicativo. A seguir, o conjunto “Destroços” é composto por um volume organizado por Baudelaire em colaboração com Poulet-Malassis e publicado em 1866 na Bélgica (incluía então os poemas proibidos na França); esse conjunto organiza-se, por sua vez, a seguir ao poema inicial, em cinco seções — “Poemas condenados”, “Galanterias”, “Epígrafes”, “Poemas diversos” e “Brincadeiras” (em que, segundo Claude

Pichois, se encontravam poemas que poderiam estar no projetado livro de comentários sobre a Bélgica, denotando seu caráter circunstancial e mesmo inferior). Em “Galanterias”, o último poema era “Franciscæ meæ laudes”, que já fazia parte do livro anteriormente publicado, passando então a constituir uma repetição — na edição de Claude Pichois, o poema ficou no corpo do livro, e em “Galanterias” inseriu-se uma nota sobre a situação. Nesta edição, manteve-se a opção da edição de Claude Pichois, mas se dispensou a nota em “Galanterias”.

Segue-se, por fim, o “Arquivo das *Flores do mal*”, com os projetos de prefácios, a primeira versão da dedicatória, os “Restos”, bem como elementos elaborados por Baudelaire no âmbito do processo instaurado contra o livro. Os “Restos” são fragmentos passados a limpo por Baudelaire, o que demonstra a intenção de possível utilização.

Entre as diferenças que às vezes ocorrem entre as edições, está o fato de algumas reintegrarem os poemas condenados ao corpo do livro, em vez de os deixar nos “Destroços”. Além disso, algumas incluem nos “Poemas incorporados à terceira edição” o poema “À Théodore de Banville”, retirado em outras, como na de Claude Pichois, por se saber que sua inclusão não foi feita por Baudelaire; um segundo poema desse conjunto, também excluído da edição de Claude Pichois, é “Le calumet de la paix”, que na verdade é uma adaptação de um poema de Longfellow.

Procurou-se não sobrecarregar este volume com notas, limitadas assim ao que pareceu indispensável — a uma ou outra informação referente à edição dos poemas e a dados muito particulares do texto. As notas não se ocupam de informações, por exemplo, sobre nomes que podem ser facilmente encontráveis em obras de

referência, como os dos artistas do poema “Os faróis”. As notas foram, não integralmente, mas em boa parte elaboradas com base nas notas das edições de Pichois, Dupont, Jackson e McGowan. Embora muitas informações sejam, como não poderia deixar de ser, comuns a todas as anotações, há casos em que a nota traz uma interpretação própria de seu autor ou uma informação particular — nesses casos específicos é referido o autor.

Complementam esta edição três textos críticos. O notável texto de J. Barbey d'Aurevilly é contemporâneo da primeira edição de *As flores do mal*, tendo sido escrito na ocasião do processo de censura a poemas do livro. Defesa do livro, o artigo se propunha a fornecer elementos para sua compreensão, acabando por também expor alguns dados que se tornaram importantes para a crítica posterior, como ao apontar que se tratava de uma lírica não individualista ou ao salientar a rigorosa organização do livro. O prefácio de Guillaume Apollinaire a uma edição de 1917, texto já de um dos autores centrais das vanguardas poéticas do começo do século xx, traz, ao lado de algumas observações inusitadas, antevisões surpreendentes, além de incluir a homenagem de Mallarmé a Baudelaire. Por fim, o artigo de Paul Valéry, que data de alguns anos depois do de Apollinaire, já acompanhou várias edições de *Les fleurs du mal*, pois é uma apresentação mais ampla — ainda que se detenha em alguns pontos específicos, como a relação com o romantismo e com Edgar Allan Poe, sendo um texto de grande importância na bibliografia sobre Baudelaire.

1. John E. Jackson, “Introduction”. In: Charles Baudelaire, *Les fleurs du mal*. Paris: Le Livre de Poche, 1999, p. 9.

2. Id., *Baudelaire*. Paris: Le Livre de Poche, 2001, p. 48.

3. Marcel Raymond, *De Baudelaire ao surrealismo*. Trad. de Fúlvia M. L. Moretto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Edusp, 1997, p. 18.
4. Todas as citações de Paul Valéry provêm de “Situação de Baudelaire”, texto reproduzido nesta edição.
5. Erich Auerbach, “*As flores do mal* e o sublime”. In: Id., *Ensaio de literatura ocidental*. Trad. de Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2007, p. 331.
6. Claude Pichois, “Notice”. In: Charles Baudelaire, *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1975, p. 789. (Bibliothèque de la Pléiade, v. 1).
7. Antoine Compagnon, *Baudelaire devant l’innombrable*. Paris: Presses de l’Université de Paris-Sorbonne, 2003, p. 5.
8. Ibid., p. 9.
9. Robert Kopp, *Baudelaire: Le soleil noir de la modernité*. Paris: Gallimard, 2017, p. 88. (Découvertes).
10. As citações de Barbey d’Aurevilly provêm de “*As flores do mal*”, texto incluído nesta edição.
11. F. W. Leakey, “Poet — or ‘architect’?”. In: *Baudelaire: Collected essays, 1953-1988*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 68.
12. Hugo Friedrich, *Estrutura da lírica moderna*. Trad. de Marize M. Curioni e Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978, p. 39.
13. Charles Baudelaire, *Correspondance*. Seleção e comentários de Claude Pichois e Jérôme Thélot. Paris: Gallimard, 2009, p. 253.
14. Yves Bonnefoy, “La septième face du bruit”. In: *Sous le signe de Baudelaire*. Paris: Gallimard, 2011, p. 117.
15. Erich Auerbach, op. cit., pp. 305-6.

As flores do mal
Les fleurs du mal

*AU POÈTE IMPECCABLE
AU PARFAIT MAGICIEN ÈS LETTRES FRANÇAISES
À MON TRÈS CHER ET TRÈS VÉNÉRÉ
MAÎTRE ET AMI
THÉOPHILE GAUTIER
AVEC LES SENTIMENTS
DE LA PLUS PROFONDE HUMILITÉ
JE DÉDIE
CES FLEURS MALADIVES
C. B.*

AO POETA IMPECÁVEL
ao perfeito mago das letras francesas
a meu caríssimo e muito venerado
MESTRE E AMIGO
THÉOPHILE GAUTIER
COM OS SENTIMENTOS
DA MAIS PROFUNDA HUMILDADE
DEDICO
ESTAS FLORES DOENTIAS
C. B.

au lecteur

*La sottise, l'erreur, le péché, la lésine,
Occupent nos esprits et travaillent nos corps,
Et nous alimentons nos aimables remords,
Comme les mendiants nourrissent leur vermine.*

*Nos péchés sont têtus, nos repentirs sont lâches;
Nous nous faisons payer grassement nos aveux,
Et nous rentrons gaiement dans le chemin bourbeux,
Croyant par de vils pleurs laver toutes nos taches.*

*Sur l'oreiller du mal c'est Satan Trismégiste
Qui berce longuement notre esprit enchanté,
Et le riche métal de notre volonté
Est tout vaporisé par ce savant chimiste.*

*C'est le Diable qui tient les fils qui nous remuent!
Aux objets répugnants nous trouvons des appas;
Chaque jour vers l'Enfer nous descendons d'un pas,
Sans horreur, à travers des ténèbres qui puent.*

*Ainsi qu'un débauché pauvre qui baise et mange
Le sein martyrisé d'une antique catin,*

*Nous volons au passage un plaisir clandestin
Que nous pressons bien fort comme une vieille orange.*

*Serré, fourmillant, comme un million d'helminthes,
Dans nos cerveaux ribote un peuple de Démons,
Et, quand nous respirons, la Mort dans nos poumons
Descend, fleuve invisible, avec de sourdes plaintes.*

*Si le viol, le poison, le poignard, l'incendie,
N'ont pas encor brodé de leurs plaisants dessins
Le canevas banal de nos piteux destins,
C'est que notre âme, hélas! n'est pas assez hardie.*

*Mais parmi les chacals, les panthères, les lices,
Les singes, les scorpions, les vautours, les serpents,
Les monstres glapissants, hurlants, grognants, rampants,
Dans la ménagerie infâme de nos vices,*

*Il en est un plus laid, plus méchant, plus immonde!
Quoiqu'il ne pousse ni grands gestes ni grands cris,
Il ferait volontiers de la terre un débris
Et dans un bâillement avalerait le monde;*

*C'est l'Ennui! — l'œil chargé d'un pleur involontaire,
Il rêve d'échafauds en fumant son houka.
Tu le connais, lecteur, ce monstre délicat,
— Hypocrite lecteur, — mon semblable, — mon frère!*

ao leitor

O disparate, o erro, o pecado, a cobiça
Desgastam nosso corpo e ocupam nossa mente,
E alimentamos nosso remorso indulgente,
Como o mendigo à vérmina que nele viça.

Pecados pertinazes, arrependimentos
Fracos: sai caro tudo o que enfim se confessa,
E aos caminhos de lama voltamos depressa,
Crendo lavar as manchas com prantos odientos.

Satã Trimegisto é, na almofada do mal,
Quem devagar embala nossa alma encantada,
E pelo sábio químico é vaporizada
Toda nossa vontade, esse rico metal.

São do Diabo os cordéis que a todos nós comandam!
Achamos iscas para coisas doentias;
Para o inferno adiantamo-nos todos os dias
Sem horror, através das trevas que tresandam.

Tal depravado pobre que beija e degrada
Da meretriz já velha seu seio mofino,

Roubamos sem tardar um prazer clandestino
Que esprememos como uma laranja passada.

Como um milhão de helmintos, em nossa cabeça
Um mundo de Demônios farreia em tumulto,
Até que, ao respirarmos, a Morte, esse oculto
Rio, com surdas queixas, para os pulmões desça.

Se o estupro e o veneno, se o incêndio e o punhal
Não bordaram ainda com traços ferinos
O esboço chão de nossos indignos destinos,
É que a audácia de nossa alma não é total.

Entre chacais, panteras, cadelas de caça,
Escorpiões, macacos, abutres, serpentes,
Chiantes e guinchantes, monstros estridentes
Na jaula vil de nossos vícios em devassa,

Há um mais feio, mais maligno, mais imundo!
Mesmo sem grandes gestos e sem grandes gritos,
De bom grado da terra faria detritos
E com um só bocejo engoliria o mundo;

É o Tédio! — com o olhar de pranto vacilante,
Fumando o narguilé, sonha um enforcamento.
Tu conheces, leitor, esse monstro incruento,
— Leitor irmão — hipócrita — meu semelhante!

Spleen e ideal
Spleen et idéal

i *bénédiction*

*Lorsque, par un décret des puissances suprêmes,
Le Poète apparaît en ce monde ennuyé,
Sa mère épouvantée et pleine de blasphèmes
Crispe ses poings vers Dieu, qui la prend en pitié:*

*— “Ah! que n’ai-je mis bas tout un nœud de vipères,
Plutôt que de nourrir cette dérision!
Maudite soit la nuit aux plaisirs éphémères
Où mon ventre a conçu mon expiation!*

*“Puisque tu m’as choisie entre toutes les femmes
Pour être le dégoût de mon triste mari,
Et que je ne puis pas rejeter dans les flammes,
Comme un billet d’amour, ce monstre rabougri,*

*“Je ferai rejaillir ta haine qui m’accable
Sur l’instrument maudit de tes méchancetés,
Et je tordrai si bien cet arbre misérable,
Qu’il ne pourra pousser ses boutons empestés!”*

*Elle ravale ainsi l’écume de sa haine,
Et, ne comprenant pas les desseins éternels,*

*Elle-même prépare au fond de la Géhenne
Les bûchers consacrés aux crimes maternels.*

*Pourtant, sous la tutelle invisible d'un Ange,
L'Enfant déshérité s'enivre de soleil,
Et dans tout ce qu'il boit et dans tout ce qu'il mange
Retrouve l'ambrosie et le nectar vermeil.*

*Il joue avec le vent, cause avec le nuage,
Et s'enivre en chantant du chemin de la croix;
Et l'Esprit qui le suit dans son pèlerinage
Pleure de le voir gai comme un oiseau des bois.*

*Tous ceux qu'il veut aimer l'observent avec crainte,
Ou bien, s'enhardissant de sa tranquillité,
Cherchent à qui saura lui tirer une plainte,
Et font sur lui l'essai de leur férocité.*

*Dans le pain et le vin destinés à sa bouche
Ils mêlent de la cendre avec d'impurs crachats;
Avec hypocrisie ils jettent ce qu'il touche,
Et s'accusent d'avoir mis leurs pieds dans ses pas.*

*Sa femme va criant sur les places publiques:
"Puisqu'il me trouve assez belle pour m'adorer,
Je ferai le métier des idoles antiques,
Et comme elles je veux me faire redorer;*

*"Et je me soulerai de nard, d'encens, de myrrhe,
De génuflexions, de viandes et de vins,*

*Pour savoir si je puis dans un cœur qui m'admire
Usurper en riant les hommages divins!*

*“Et, quand je m’ennuierai de ces farces impies,
Je poserai sur lui ma frêle et forte main;
Et mes ongles, pareils aux ongles des harpies,
Sauront jusqu’à son cœur se frayer un chemin.*

*“Comme un tout jeune oiseau qui tremble et qui palpite,
J’arracherai ce cœur tout rouge de son sein,
Et, pour rassasier ma bête favorite
Je le lui jetterai par terre avec dédain!”*

*Vers le Ciel, où son œil voit un trône splendide,
Le Poète serein lève ses bras pieux,
Et les vastes éclairs de son esprit lucide
Lui dérobent l’aspect des peuples furieux:*

*— “Soyez béni, mon Dieu, qui donnez la souffrance
Comme un divin remède à nos impuretés
Et comme la meilleure et la plus pure essence
Qui prépare les forts aux saintes voluptés!*

*“Je sais que vous gardez une place au Poète
Dans les rangs bienheureux des saintes Légions,
Et que vous l’invitez à l’éternelle fête
Des Trônes, des Vertus, des Dominations.*

*“Je sais que la douleur est la noblesse unique
Où ne mordront jamais la terre et les enfers,*

*Et qu'il faut pour tresser ma couronne mystique
Imposer tous les temps et tous les univers.*

*“Mais les bijoux perdus de l'antique Palmyre,
Les métaux inconnus, les perles de la mer,
Par votre main montés, ne pourraient pas suffire
À ce beau diadème éblouissant et clair;*

*“Car il ne sera fait que de pure lumière,
Puisée au foyer saint des rayons primitifs,
Et dont les yeux mortels, dans leur splendeur entière,
Ne sont que des miroirs obscurcis et plaintifs!”*

i bênção

Quando, por um decreto das forças supremas,
O Poeta surge num mundo que se entedia,
Sua mãe assustada, com falas blasfemas,
Crispa a mão contra Deus, que, piedoso, a vigia:

— “Ah! por que não pari todo um nó de serpentes
Em vez de alimentar toda essa derrisão!
Maldita a noite em gozos, não mais que repentis,
Por gerar em meu ventre a minha expiação!

“Se me escolheste, e não nenhuma outra mulher,
Para ser o pesar de meu triste marido,
E se no fogo não me posso desfazer,
Como carta de amor, desse monstro estiolado,

“Dirigirei o teu ódio que me devasta
Para o instrumento odioso de teus atentados
E torcerei tão bem essa árvore nefasta,
Que não poderá dar seus brotos infectados!”

Engole então a baba de todo o furor
E, sem compreender os desígnios eternos,

No fundo da Geena começa a dispor
As achas consagradas aos crimes maternos.

Graças a um invisível Anjo tutelar,
O deserdado Filho de sol se inebria,
E naquilo que tem para se alimentar
Encontra sempre o néctar rubro e a ambrosia.

Embriaga-se a cantar, na via da paixão,
Brinca com o vento, e até com a nuvem ele trata,
E o Espírito que segue a peregrinação
Chora por vê-lo alegre como ave da mata.

Olham-no com receio, os que ele quer amar,
Ou, mais ousados pela sua tranquilidade,
Buscam quem uma queixa lhe irá arrancar,
E nele experimentam sua ferocidade.

Ao pão e ao vinho postos para sua boca
Misturam cinza, impuros escarros, e, crassos,
Hipócritas, rejeitam tudo o que ele toca,
E se acusam de ter posto os pés em seus passos.

Sua mulher nas praças prossegue gritando:

“Já que me acha tão bela para me adorar,
Farei pois como os ídolos antigos, quando
Eu, da mesma maneira, far-me-ei redourar;

“De incenso, mirra, nardo eu me embriagarei
E de vinhos, de carnes, de genuflexões,

Para saber se em quem me admira poderei
Usurpar, rindo, suas santas venerações!

“Ao me cansar de farsas tão ímpias, sombrias,
Nele porei a minha forte e débil mão;
E minhas unhas, tal como unhas de harpias,
Abrirão um caminho até seu coração.

“Seu rubro coração, pássaro que palpita,
Eu o arrancarei, fremente, de seu peito,
E, para saciar minha fera favorita,
O jogarei no chão com desdenho e despeito!”

Ao céu, onde seu olho vê um trono absoluto,
O Poeta sereno ergue os braços piedosos,
E as iluminações desse espírito arguto
Escondem-lhe a visão daqueles furiosos:

— “Bendito sede, Deus, que dais o sofrimento
Como remédio para as impurezas tantas
E o mais essencial e mais puro elemento
Que os fortes provê para as volúpias mais santas!

“Sei que para o Poeta guardais um lugar
Nas fileiras felizes das santas Legiões,
E a uma eterna festa o vais convidar,
A dos Tronos, Virtudes e Dominações.

“Sei que a dor é a nobreza que nos galardoa,
A que nem terra nem inferno há de atacar,

E que para tecer minha mística coroa
A universos e tempos terei de cobrar.

Mas as joias perdidas da Palmira antiga,
Metais desconhecidos, pérolas do mar,
Por vós montadas, não serão o que condiga
Com o belo diadema ofuscante e solar;

“Pois ele será pura luz, a se transpor
Do sacrossanto ardor dos raios primitivos,
De que os olhos mortais, em completo esplendor,
São apenas espelhos baços, pungitivos!”

ii

l'albatros

*Souvent, pour s'amuser, les hommes d'équipage
Prennent des albatros, vastes oiseaux des mers,
Qui suivent, indolents compagnons de voyage,
Le navire glissant sur les gouffres amers.*

*À peine les ont-ils déposés sur les planches,
Que ces rois de l'azur, maladroits et honteux,
Laissent piteusement leurs grandes ailes blanches
Comme des avirons traîner à côté d'eux.*

*Ce voyageur ailé, comme il est gauche et veule!
Lui, naguère si beau, qu'il est comique et laid!
L'un agace son bec avec un brûle-gueule,
L'autre mime, en boitant, l'infirme qui volait!*

*Le Poète est semblable au prince des nuées
Qui hante la tempête et se rit de l'archer;
Exilé sur le sol au milieu des huées,
Ses ailes de géant l'empêchent de marcher.*

ii o albatroz

Para passar o tempo, homens das equipagens
Pegam o albatroz, uma vasta ave do mar,
Que segue, companheiro indolente de viagens,
O navio no abismo amargo a deslizar.

Mal tenham eles posto uns tantos no convés,
Que esses reis do azul, sem destreza e envergonhados,
Baixam as grandes asas brancas até o rés
Do chão, como, a seu lado, remos arrastados.

Esse viajante alado, assim fraco e sem jeito,
Antes belo, como é risível, incongruente!
Com um cachimbo cutucam o seu bico; feito
Um manco o imitam, pois que não voa, o doente!

O Poeta lembra muito o príncipe dos céus,
Que enfrenta a tempestade e olha o arqueiro com esgar:
Quando em terra exilado, em meio aos escarcéus,
As asas de gigante impedem-no de andar.

iii

élévation

*Au-dessus des étangs, au-dessus des vallées,
Des montagnes, des bois, des nuages, des mers,
Par-delà le soleil, par-delà les éthers,
Par-delà les confins des sphères étoilées,*

*Mon esprit, tu te meus avec agilité,
Et, comme un bon nageur qui se pâme dans l'onde,
Tu sillonnes gaiement l'immensité profonde
Avec une indicible et mâle volupté.*

*Envole-toi bien loin de ces miasmes morbides;
Va te purifier dans l'air supérieur,
Et bois, comme une pure et divine liqueur,
Le feu clair qui remplit les espaces limpides.*

*Derrière les ennuis et les vastes chagrins
Qui chargent de leur poids l'existence brumeuse,
Heureux celui qui peut d'une aile vigoureuse
S'élancer vers les champs lumineux et sereins;*

*Celui dont les penses, comme des alouettes,
Vers les cieux le matin prennent un libre essor,*

— *Qui plane sur la vie, et comprend sans effort
Le langage des fleurs et des choses muettes!*

iii elevação

Acima das montanhas, acima dos mares,
De nuvens, lagos, matas, vales e vulcões,
Além do sol, além de etéreas vastidões,
Para além dos confins de esferas estelares,

Meu espírito, moves-te com agilidade
E, tal bom nadador que na água se arrebatava,
Com toda essa viril volúpia que te é inata
Sulcas lépido a tão profunda imensidade.

Voa longe dos miasmas doentios, crassos;
Que no ar superior tu te vás purificar,
E, tal pura e divina bebida, tragar
O fogo claro que enche os límpidos espaços.

Por detrás desses tédios e pesares plenos
Que põem seu peso sobre a existência brumosa,
Venturoso o que pode com asa vigorosa
Voar para campos tão luminosos, serenos;

Seus pensamentos, tal cotovias, miúdas,
Livre impulso empreendem aos céus da manhã

— Sobre a vida ele plana, e entende sem afã
A linguagem das flores e das coisas mudas!

iv
correspondances

*La Nature est un temple où de vivants piliers
Laissent parfois sortir de confuses paroles;
L'homme y passe à travers des forêts de symboles
Qui l'observent avec des regards familiers.*

*Comme de longs échos qui de loin se confondent
Dans une ténébreuse et profonde unité,
Vaste comme la nuit et comme la clarté,
Les parfums, les couleurs et les sons se répondent.*

*Il est des parfums frais comme des chairs d'enfants,
Doux comme les hautbois, verts comme les prairies,
— Et d'autres, corrompus, riches et triomphants,*

*Ayant l'expansion des choses infinies,
Comme l'ambre, le musc, le benjoin et l'encens,
Qui chantent les transports de l'esprit et des sens.*

iv correspondências

A Natureza é um templo onde vivos pilares
Deixam às vezes vagas falas manifestas;
E o homem nela passa por entre florestas
De símbolos que o olham com olhos familiares.

Tal, longe, longos ecos vagos se respondem
Em uma tenebrosa e profunda unidade,
Tão vasta como a noite e como a claridade,
Assim, perfumes, cores, sons se correspondem.

Há perfumes tão frescos como tez de criança,
Suaves como oboés ou verdes como um prado
— E outros, falseados, ricos, cheios de pujança,

Tendo a expansão de tudo o que é ilimitado,
Que cantam, como o incenso e o âmbar, desabridos,
Os arroubos do espírito e os dos sentidos.

V
"j'aime le souvenir
de ces époques nues"

*J'aime le souvenir de ces époques nues,
Dont Phœbus se plaisait à dorer les statues.
Alors l'homme et la femme en leur agilité
Jouissaient sans mensonge et sans anxiété,
Et, le ciel amoureux leur caressant l'échine,
Exerçaient la santé de leur noble machine.
Cybèle alors, fertile en produits généreux,
Ne trouvait point ses fils un poids trop onéreux,
Mais, louve au cœur gonflé de tendresses communes,
Abreuvait l'univers à ses tétines brunes.
L'homme, élégant, robuste et fort, avait le droit
D'être fier des beautés qui le nommaient leur roi;
Fruits purs de tout outrage et vierges de gerçures,
Dont la chair lisse et ferme appelait les morsures!*

*Le Poète aujourd'hui, quand il veut concevoir
Ces natives grandeurs, aux lieux où se font voir
La nudité de l'homme et celle de la femme,
Sent un froid ténébreux envelopper son âme*

*Devant ce noir tableau plein d'épouvantement.
Ô monstruosité pleurant leur vêtement!
Ô ridicules troncs! torses dignes des masques!
Ô pauvres corps tordus, maigres, ventrus ou flasques,
Que le dieu de l'Utile, implacable et serein,
Enfants, emmaillota dans ses langes d'airain!
Et vous, femmes, hélas! pâles comme des cierges,
Que ronge et que nourrit la débauche, et vous, vierges,
Du vice maternel traînant l'hérédité
Et toutes les hideurs de la fécondité!*

*Nous avons, il est vrai, nations corrompues,
Aux peuples anciens des beautés inconnues:
Des visages rongés par les chancres du cœur,
Et comme qui dirait des beautés de langueur;
Mais ces inventions de nos muses tardives
N'empêcheront jamais les races malades
De rendre à la jeunesse un hommage profond,
— À la sainte jeunesse, à l'air simple, au doux front,
À l'œil limpide et clair ainsi qu'une eau courante,
Et qui va répandant sur tout, insouciant
Comme l'azur du ciel, les oiseaux et les fleurs,
Ses parfums, ses chansons et ses douces chaleurs!*

V
“gosto de pensar
nas nuas eras passadas”

Gosto de pensar nas nuas eras passadas,
Cujas estátuas Febo tornava douradas.
Então mulher e homem em sua agilidade
Tinham prazer, sem nem mentira ou ansiedade,
E exerciam (com o céu em suas costas amável)
A saúde de sua máquina formidável.
Assim Cibele, fértil em frutos copiosos,
Não achava seus filhos pesos onerosos;
Loba de coração em ternuras imerso,
Aleitava em escuras tetas o universo.
Elegantes, robustos, os homens podiam
Jactar-se das belezas que tal reis os viam.
Frutos puros de ultraje e virgens de feridas,
Sua carne lisa, rija, insinuava mordidas!

O Poeta hoje, quando ele quer conceber
Tais grandezas nativas, onde fazem ver
Sua nudez a mulher e o homem, sem estorvo,
Sente como a envolver sua alma um frio torvo
Diante do negro quadro cheio de tormentas.

Ó fealdades chorando suas vestimentas!
Troncos dignos das máscaras! Grotescos torsos!
Magros, ventrudos, flácidos, ó corpos torços!
Que, em criança, o deus do Útil, sereno e gentil,
Mas estrito, com fraldas de bronze vestiu!
E vós, mulheres, pálidas tal como velas,
Que a perversão corrói e nutre, e vós, donzelas,
A arrastar essa herança da viciosidade
Materna e esses horrores da fertilidade!

É verdade que temos, nações corrompidas,
Belezas por antigos bem desconhecidas:
Os rostos corroídos por cancros do amor
E belezas — dizê-lo como? — de langor;
Mas essas invenções de umas musas tardias
Nunca irão impedir que as raças doentias
Prestem à juventude uma homenagem grave,
— Ao santo viço, ao ar simples, à fronte suave,
Ao olhar claro, hialino como água corrente,
E que segue a espalhar por tudo, indiferente,
Tal como o azul do céu, os pássaros e as flores,
Suas canções e perfumes e suaves calores!

vi *les phares*

*Rubens, fleuve d'oubli, jardin de la paresse,
Oreiller de chair fraîche où l'on ne peut aimer,
Mais où la vie afflue et s'agite sans cesse,
Comme l'air dans le ciel et la mer dans la mer;*

*Léonard de Vinci, miroir profond et sombre,
Où des anges charmants, avec un doux souris
Tout chargé de mystère, apparaissent à l'ombre
Des glaciers et des pins qui ferment leur pays;*

*Rembrandt, triste hôpital tout rempli de murmures,
Et d'un grand crucifix décoré seulement,
Où la prière en pleurs s'exhale des ordures,
Et d'un rayon d'hiver traversé brusquement;*

*Michel-Ange, lieu vague où l'on voit des Hercules
Se mêler à des Christs, et se lever tout droits
Des fantômes puissants qui dans les crépuscules
Déchirent leur suaire en étirant leurs doigts;*

*Colères de boxeur, impudences de faune,
Toi qui sus ramasser la beauté des goujats,*

*Grand cœur gonflé d'orgueil, homme débile et jaune,
Puget, mélancolique empereur des forçats;*

*Watteau, ce carnaval où bien des cœurs illustres,
Comme des papillons, errent en flamboyant,
Décors frais et légers éclairés par des lustres
Qui versent la folie à ce bal tournoyant;*

*Goya, cauchemar plein de choses inconnues,
De fœtus qu'on fait cuire au milieu des sabbats,
De vieilles au miroir et d'enfants toutes nues,
Pour tenter les démons ajustant bien leurs bas;*

*Delacroix, lac de sang hanté des mauvais anges,
Ombragé par un bois de sapins toujours vert,
Où, sous un ciel chagrin, des fanfares étranges
Passent, comme un soupir étouffé de Weber;*

*Ces malédictions, ces blasphèmes, ces plaintes,
Ces extases, ces cris, ces pleurs, ces Te Deum,
Sont un écho redit par mille labyrinthes;
C'est pour les cœurs mortels un divin opium!*

*C'est un cri répété par mille sentinelles,
Un ordre renvoyé par mille porte-voix;
C'est un phare allumé sur mille citadelles,
Un appel de chasseurs perdus dans les grands bois!*

*Car c'est vraiment, Seigneur, le meilleur témoignage
Que nous puissions donner de notre dignité*

*Que cet ardent sanglot qui roule d'âge en âge
Et vient mourir au bord de votre éternité!*

vi os faróis

Rubens, rio de olvido, jardim da preguiça,
Recosto de carne onde não se pode amar,
Mas onde a vida aflui e se agita insubmissa,
Tal como o ar no céu, tal como o mar no mar;

Da Vinci, espelho só de sombras abissais,
Onde adoráveis anjos surgem, com um fundo
De enigma no sorriso, à sombra dos pinhais
E das grandes geleiras que encerram seu mundo;

Rembrandt, triste hospital cheio de sons aflitos,
E por um crucifixo adornado somente,
Onde em prantos a prece exala dos detritos,
E que um raio invernal traspassa bruscamente;

Michelangelo, vago lugar onde Cristos
E Hércules se misturam, e se erguem, eretos,
Enérgicos espectros ao ocaso vistos
A rasgar seus sudários com os dedos inquietos;

Impudências de fauno, iras de boxeador,
Tu que colhes o encanto dos desabusados,

Coração orgulhoso, homem fraco, sem cor,
Puget, o melancólico rei dos forçados;

Watteau, carnaval onde corações ilustres
Erram, tal borboletas, de modo faiscante,
Cenários suaves, leves sob a luz de lustres
Que vertem desvario no baile volteante;

Goya, num sonho ruim coisas desconhecidas,
Fetos que são cozidos durante os sabás,
Velhas diante do espelho e meninas despidas,
Para, ajustando as meias, tentar satanás;

Delacroix, lago em sangue com anjos de Lusbel,
Por uma mata sempre verde ensombreado,
Onde estranha fanfarra passa, sob um céu
Triste, tal como em Weber um arfar sufocado;

Essas blasfêmias, pragas, queixas, prantos, gritos,
Esses êxtases e esses *Te Deum* — e o que mais? —
São os ecos por mil labirintos reditos;
São divino ópio para corações mortais!

São grito repetido por mil sentinelas,
Uma ordem transmitida por mil porta-vozes;
São farol que reluz sobre mil cidadelas,
Brado de caçadores em brenhas atrozes!

O melhor testemunho que, a nós, Senhor,
Foi dado apresentar de nossa dignidade

É esse soluçar pelas eras com ardor
Que vem morrer ao pé de vossa eternidade!

vii
la muse malade

*Ma pauvre muse, hélas! qu'as-tu donc ce matin?
Tes yeux creux sont peuplés de visions nocturnes,
Et je vois tour à tour réfléchis sur ton teint
La folie et l'horreur, froides et taciturnes.*

*Le succube verdâtre et le rose lutin
T'ont-ils versé la peur et l'amour de leurs urnes?
Le cauchemar, d'un poing despotique et mutin,
T'a-t-il noyée au fond d'un fabuleux Minturnes?*

*Je voudrais qu'exhalant l'odeur de la santé
Ton sein de pensers forts fût toujours fréquenté,
Et que ton sang chrétien coulât à flots rythmiques,*

*Comme les sons nombreux des syllabes antiques,
Où règnent tour à tour le père des chansons,
Phœbus, et le grand Pan, le seigneur des moissons.*

vii
a musa doente

Por que esta manhã, Musa, este ar de desmantelo?
Teus olhos fundos são povoados por noturnas
Visões, e, refletidas em tua tez, desvelo
A náusea e a loucura, frias, taciturnas.

O diabo rosa e o súcubo verde, com zelo,
Verteram-te o amor e o medo de suas urnas?
Com despótica e irada mão o pesadelo
Afogou-te no fundo da incrível Minturnas?

Seria bom que teu seio, a exalar o odor
Da saúde, tivesse um pensar com rigor,
E teu sangue cristão fluísse em cursos ritmados,

Tal das antigas sílabas sons cadenciados,
Que tanto a Febo, pai das canções, são sujeitas,
Quanto o são a Pã, grande senhor das colheitas.

viii
la muse vénale

*Ô muse de mon cœur, amante des palais,
Auras-tu, quand Janvier lâchera ses Borées,
Durant les noirs ennuis des neigeuses soirées,
Un tison pour chauffer tes deux pieds violets?*

*Ranimeras-tu donc tes épaules marbrées
Aux nocturnes rayons qui percent les volets?
Sentant ta bourse à sec autant que ton palais,
Récolteras-tu l'or des voûtes azurées?*

*Il te faut, pour gagner ton pain de chaque soir,
Comme un enfant de chœur, jouer de l'encensoir,
Chanter des Te Deum auxquels tu ne crois guère,*

*Ou, saltimbanque à jeun, étaler tes appas
Et ton rire trempé de pleurs qu'on ne voit pas,
Pour faire épanouir la rate du vulgaire.*

viii
a musa venal

Amas palácios, musa do meu coração,
Mas na lufada por janeiro desatada
Terás, com os tédios pelas noites de nevada,
Para aquecer-te os pés roxos algum tição?

Reanimarás tua espádua já marmorizada
Com os raios noturnos que vêm por um vão?
Tua bolsa como tua boca, a seco, terão
Acaso o ouro da abóbada toda azulada?

Falta-te, para à noite tu teres o pão,
Sacudir o turíbulo tal sacristão,
E como ele uns *Te Deum* entoar sem neles crer;

Saltimbanco em jejum, expor teus atrativos
E teu riso embebido nos prantos esquivos,
Para a gente da rua vir a espairecer.

ix
le mauvais moine

*Les cloîtres anciens sur leurs grandes murailles
Étaient en tableaux la sainte Vérité,
Dont l'effet, réchauffant les pieuses entrailles,
Tempérait la froideur de leur austérité.*

*En ces temps où du Christ florissaient les semailles,
Plus d'un illustre moine, aujourd'hui peu cité,
Prenant pour atelier le champ des funérailles,
Glorifiait la Mort avec simplicité.*

*— Mon âme est un tombeau que, mauvais cénobite,
Depuis l'éternité je parcours et j'habite;
Rien n'embellit les murs de ce cloître odieux.*

*Ô moine fainéant! quand saurai-je donc faire
Du spectacle vivant de ma triste misère
Le travail de mes mains et l'amour de mes yeux?*

ix o mau monge

Velhos claustros, em suas paredes colossais,
Exibiam em quadros a santa Verdade,
Cujo efeito, aquecendo os piedosos locais,
Temperava a frieza de sua austeridade.

Nos idos em que a seara cristã vinga, mais
De um conceituado monge, hoje na obscuridade,
Tendo por gabinete as glebas funerais,
Glorificava a Morte com simplicidade.

— Minha alma é uma tumba que, mau cenobita,
Desde sempre sou eu quem a percorre e habita;
Nada adorna as paredes de um claustro de horror,

Ó monge ocioso! Quando farei, com agudez,
Do espetáculo vivo desse meu revés
Obra de minha mão e, de meu olho, amor?

X
l'ennemi

*Ma jeunesse ne fut qu'un ténébreux orage,
Traversé çà et là par de brillants soleils;
Le tonnerre et la pluie ont fait un tel ravage,
Qu'il reste en mon jardin bien peu de fruits vermeils.*

*Voilà que j'ai touché l'automne des idées,
Et qu'il faut employer la pelle et les râteaux
Pour rassembler à neuf les terres inondées,
Où l'eau creuse des trous grands comme des tombeaux.*

*Et qui sait si les fleurs nouvelles que je rêve
Trouveront dans ce sol lavé comme une grève
Le mystique aliment qui ferait leur vigueur?*

*— Ô douleur! ô douleur! Le Temps mange la vie,
Et l'obscur Ennemi qui nous ronge le cœur
Du sang que nous perdons croît et se fortifie!*

X o inimigo

A juventude foi-me tormenta brutal,
Vez que outra pela luz do sol atravessada;
Raios, chuva fizeram devastação tal,
Que dos frutos vermelhos resta quase nada.

Ao outono da mente eis que já me foi dado
Chegar, e pá e ancinho é preciso empregar
Para que se restaure o terreno inundado,
Onde a água vem como que covas cavar.

Será que as flores novas que meu sonho espraia
Vão encontrar num chão lavado como praia
O místico alimento desse seu vigor?

— Ó dor! Ó dor! O Tempo devora a vida, e esse
Que nos corrói o peito — o Inimigo, um rumor —,
Com o sangue que perdemos cresce e se enrijece!

xi
le guignon

*Pour soulever un poids si lourd,
Sisyphé, il faudrait ton courage!
Bien qu'on ait du cœur à l'ouvrage,
L'Art est long et le Temps est court.*

*Loin des sépultures célèbres,
Vers un cimetière isolé,
Mon cœur, comme un tambour voilé,
Va battant des marches funèbres.*

*— Maint joyau dort enseveli
Dans les ténèbres et l'oubli,
Bien loin des pioches et des sondes;*

*Mainte fleur épanche à regret
Son parfum doux comme un secret
Dans les solitudes profondes.*

xi
o azar

Erguer um peso nada leve,
Sísifo, pede teu vigor!
Mesmo se se é dado ao labor,
A Arte é longa e o Tempo é breve.

Das tumbas nobres se afastando,
Para um cemitério isolado,
Meu peito vai, tambor velado,
Fúnebres marchas martelando.

— Muita joia, como em jazigo,
Na escuridão dorme em abrigo,
Bem distante das prospecções;

Muita flor com pesar exala
O suave odor do que se cala
Nas mais profundas solidões.

xii
la vie antérieure

*J'ai longtemps habité sous de vastes portiques
Que les soleils marins teignaient de mille feux,
Et que leurs grands piliers, droits et majestueux,
Rendaient pareils, le soir, aux grottes basaltiques.*

*Les houles, en roulant les images des cieux,
Mêlaient d'une façon solennelle et mystique
Les tout-puissants accords de leur riche musique
Aux couleurs du couchant reflété par mes yeux.*

*C'est là que j'ai vécu dans les voluptés calmes,
Au milieu de l'azur, des vagues, des splendeurs
Et des esclaves nus, tout imprégnés d'odeurs,*

*Qui me rafraîchissaient le front avec des palmes,
Et dont l'unique soin était d'approfondir
Le secret douloureux qui me faisait languir.*

xii

a vida anterior

Muito tempo morei sob pórticos pujantes,
Tingidos de mil fogos pelos sóis dos mares,
E que, de noite, graça a soberbos pilares,
A grutas de basalto eram bem semelhantes.

As ondas, onde ondeavam imagens dos ares,
Misturavam, solenes, místicas, instantes,
Sua música rica de acordes vibrantes
Aos reflexos, em meus olhos, crepusculares.

Foi aí que vivi nas volúpias mais calmas,
Cercado pelo azul, por vagas, esplendores
E por escravos nus, impregnados de odores,

Que vinham refrescar minha fronte com palmas,
E cujo único afã era o de remoer
O doído segredo a me enlanguescer.

xiii
bohémiens en voyage

*La tribu prophétique aux prunelles ardentes
Hier s'est mise en route, emportant ses petits
Sur son dos, ou livrant à leurs fiers appétits
Le trésor toujours prêt des mamelles pendantes.*

*Les hommes vont à pied sous leurs armes luisantes
Le long des chariots où les leurs sont blottis,
Promenant sur le ciel des yeux appesantis
Par le morne regret des chimères absentes.*

*Du fond de son réduit sablonneux, le grillon,
Les regardant passer, redouble sa chanson;
Cybèle, qui les aime, augmente ses verdure,*

*Fait couler le rocher et fleurir le désert
Devant ces voyageurs, pour lesquels est ouvert
L'empire familial des ténèbres futures.*

xiii

ciganos em viagem

A profética tribo dos olhos ardentes
Ontem pôs-se a caminho, os filhos carregados
Nas costas, ou a seus apetites varados
Entregando o tesouro das mamas pendentes.

Os homens vão a pé, sob suas armas luzentes,
Junto às carretas onde os seus vão amontoados,
E a passear no céu uns olhos tão nublados
Por seu lamento pelas quimeras ausentes.

Do antro de seu reduto na areia, o grilo,
Ao vê-los passar, como que dobra seu trilo;
Cibele os ama e aumenta suas verdes culturas,

Faz dar água o rochedo e florir o deserto
Diante desses viajantes, aos quais está aberto
O conhecido império das trevas futuras.

xiv
l'homme et la mer

*Homme libre, toujours tu chériras la mer!
La mer est ton miroir; tu contemples ton âme
Dans le déroulement infini de sa lame,
Et ton esprit n'est pas un gouffre moins amer.*

*Tu te plais à plonger au sein de ton image;
Tu l'embrasses des yeux et des bras, et ton cœur
Se distrait quelquefois de sa propre rumeur
Au bruit de cette plainte indomptable et sauvage.*

*Vous êtes tous les deux ténébreux et discrets:
Homme, nul n'a sondé le fond de tes abîmes;
Ô mer, nul ne connaît tes richesses intimes,
Tant vous êtes jaloux de garder vos secrets!*

*Et cependant voilà des siècles innombrables
Que vous vous combattez sans pitié ni remords,
Tellement vous aimez le carnage et la mort,
Ô lutteurs éternels, ô frères implacables!*

xiv
o homem e o mar

Homem livre, tu sempre prezarás o mar,
Teu espelho; contemplas o teu interior
Nesse aço sempre e assim sempre a se repropor.
E teu espírito é vórtex de igual pesar.

É suave naufragar em meio a tua imagem;
Tu a abraças, com olhos, braços, e teu coração
Às vezes se distrai de sua pulsação
Ao ruído da indomável queixa, tão selvagem.

Vós sois, todos os dois, tenebrosos, discretos:
Homem, ninguém sondou-te fundo as profundezas;
Mar, ninguém sabe tuas íntimas riquezas,
Ciosos os dois de vos preservardes secretos!

E no entanto eis que há séculos inumeráveis
Vós lutais entre vós sem remorso ou piedade,
Pois tanto amais a própria luta e a mortandade,
Ó eternos lutadores, ó irmãos implacáveis!

XV
don juan aux enfers

*Quand Don Juan descendit vers l'onde souterraine
Et lorsqu'il eut donné son obole à Charon,
Un sombre mendiant, l'œil fier comme Antisthène,
D'un bras vengeur et fort saisit chaque aviron.*

*Montrant leurs seins pendants et leurs robes ouvertes,
Des femmes se tordaient sous le noir firmament,
Et, comme un grand troupeau de victimes offertes,
Derrière lui traînaient un long mugissement.*

*Sganarelle en riant lui réclamait ses gages,
Tandis que Don Luis avec un doigt tremblant
Montrait à tous les morts errant sur les rivages
Le fils audacieux qui railla son front blanc.*

*Frissonnant sous son deuil, la chaste et maigre Elvire,
Près de l'époux perfide et qui fut son amant,
Semblait lui réclamer un suprême sourire
Où brillât la douceur de son premier serment.*

*Tout droit dans son armure, un grand homme de pierre
Se tenait à la barre et coupait le flot noir;*

*Mais le calme héros, courbé sur sa rapière,
Regardait le sillage et ne daignait rien voir.*

XV

don juan nos infernos

Quando Don Juan desceu ao subterrâneo rio
E a Caronte deu seu óbolo, de olho altivo
Como Antístenes logo um mendigo sombrio
Toma os remos com braço forte e vingativo.

Mulheres, seios murchos e roupas rasgadas,
Contorciam-se sob o negro firmamento;
Tal rebanho de vítimas ali ofertadas,
Arrastavam por trás dele um mugido lento.

Sganarelle sua paga, rindo, reclamava,
Enquanto Don Luis, dedo trêmulo no ar,
Para os mortos que erravam nas margens mostrava
O filho que lhe ousou da velhice zombar.

Tremendo sob seu luto, a casta e magra Elvira,
Perto do esposo falso e amado, parecia
Esperar um sorriso que ela lhe pedira
E em que a primeira jura recintilaria.

Um alto homem de pedra, ereto na armadura,
Mantinha-se ao leme, curvo sobre a espada,

Mas o tranquilo herói, cortando a água escura,
Olhava os sulcos sem se dignar a ver nada.

xvi
châtiment de l'orgueil

*En ces temps merveilleux où la Théologie
Fleurit avec le plus de sève et d'énergie,
On raconte qu'un jour un docteur des plus grands,
— Après avoir forcé les cœurs indifférents;
Les avoir remués dans leurs profondeurs noires;
Après avoir franchi vers les célestes gloires
Des chemins singuliers à lui-même inconnus,
Où les purs Esprits seuls peut-être étaient venus, —
Comme un homme monté trop haut, pris de panique,
S'écria, transporté d'un orgueil satanique:
"Jésus, petit Jésus! je t'ai poussé bien haut!
Mais, si j'avais voulu t'attaquer au défaut
De l'armure, ta honte égalerait ta gloire,
Et tu ne serais plus qu'un foetus dérisoire!"*

*Immédiatement sa raison s'en alla.
L'éclat de ce soleil d'un crêpe se voila
Tout le chaos roula dans cette intelligence,
Temple autrefois vivant, plein d'ordre et d'opulence,
Sous les plafonds duquel tant de pompe avait lui.
Le silence et la nuit s'installèrent en lui,*

*Comme dans un caveau dont la clef est perdue.
Dès lors il fut semblable aux bêtes de la rue,
Et, quand il s'en allait sans rien voir, à travers
Les champs, sans distinguer les étés des hivers,
Sale, inutile et laid comme une chose usée,
Il faisait des enfants la joie et la risée.*

xvi

castigo do orgulho

Nesses dias notáveis em que a Teologia
Florescia com toda sua seiva e energia,
Diz-se que um doutor desses dos mais eminentes
— Depois de constranger almas indiferentes;
De as ter em seus abismos negros revolvido;
De ter, em rumo às glórias celestes, seguido
Caminhos incomuns que ele desconhecia,
Onde talvez só um puro Espírito iria —,
Como num ponto muito alto um homem em pânico,
Ele exclamou, tomado de orgulho satânico:
“Meu menino Jesus, alcei-te a grande altura!
Mas quisesse atacar-te a falha da armadura,
Tua vergonha se iria pôr no mesmo nível
De tua glória, e serias só um feto risível!”

Subitamente sua razão se retirou.
De crepe revestiu-se o brilho desse sol;
Todo o caos remoinhou por essa inteligência,
Templo que já foi vivo, com ordem e opulência,
E onde já tanta pompa havia reluzido.
Ao silêncio e à noite se viu reduzido,

Como num porão cuja chave se perdeu.
Ele se parecia com animais ao léu,
Nos ermos ia, já privado de visão,
Sem sequer distinguir entre inverno e verão,
Inútil, sujo e feio como coisa usada,
Provocando risadas entre a criançada.

xvii
la beauté

*Je suis belle, ô mortels! comme un rêve de pierre,
Et mon sein, où chacun s'est meurtri tour à tour,
Est fait pour inspirer au poète un amour
Éternel et muet ainsi que la matière.*

*Je trône dans l'azur comme un sphinx incompris;
J'unis un cœur de neige à la blancheur des cygnes;
Je hais le mouvement qui déplace les lignes,
Et jamais je ne pleure et jamais je ne ris.*

*Les poètes, devant mes grandes attitudes,
Que j'ai l'air d'emprunter aux plus fiers monuments,
Consumeront leurs jours en d'austères études;*

*Car j'ai, pour fasciner ces dociles amants,
De purs miroirs qui font toutes choses plus belles:
Mes yeux, mes larges yeux aux clartés éternelles!*

xvii
a beleza

Sou bela, ó mortais, tal como um sonho de pedra,
E meu seio, onde todos só vêm haurir dor,
É feito para ao poeta inspirar um amor
Que, tal como a matéria, eterno e mudo medra.

No azul, incompreendida esfinge, eu impero;
Meu coração a alvura dos cisnes aninha;
Detesto o movimento que desloca a linha,
Nunca choro nem rio — não me destempero.

Os poetas, perante meus gestos grandiosos,
Talvez a monumentos triunfantes tomados,
Consumirão seus dias em estudos ciosos;

Pois, para fascinar dóceis enamorados,
Tenho espelho em que tudo mais belo reluz:
Grandes olhos que luzem tal eterna luz!

xviii
l'idéal

*Ce ne seront jamais ces beautés de vignettes,
Produits avariés, nés d'un siècle vaurien,
Ces pieds à brodequins, ces doigts à castagnettes,
Qui sauront satisfaire un cœur comme le mien.*

*Je laisse à Gavarni, poète des chloroses,
Son troupeau gazouillant de beautés d'hôpital,
Car je ne puis trouver parmi ces pâles roses
Une fleur qui ressemble à mon rouge idéal.*

*Ce qu'il faut à ce cœur profond comme un abîme,
C'est vous, Lady Macbeth, âme puissante au crime,
Rêve d'Eschyle éclos au climat des autans;*

*Ou bien toi, grande Nuit, fille de Michel-Ange,
Qui tors paisiblement dans une pose étrange
Tes appas façonnés aux bouches des Titans!*

xviii o ideal

Não seriam tais graças de vinheta, enfim
Produtos avariados de um século vão,
Dedos de castanholas, pés de borzeguim,
Que iriam agradar este meu coração.

Para Gavarni, poeta das cloroses, fica
O gorjeante tropel das graças de hospital
— Nessas pálidas rosas nem se identifica
Uma flor semelhante a meu vermelho ideal.

Esse meu abissal coração necessita
De vós, Lady Macbeth, no crime alma inaudita,
Sonho de Ésquilo aos ventos rudes despontado;

Ou, filha de Miguel Ângelo, de ti, enorme
Noite que torces, calma, em pose disforme,
Teu encanto nas bocas dos Titãs moldado!

xix

la géante

*Du temps que la Nature en sa verve puissante
Concevait chaque jour des enfants monstrueux,
J'eusse aimé vivre auprès d'une jeune géante,
Comme aux pieds d'une reine un chat voluptueux.*

*J'eusse aimé voir son corps fleurir avec son âme
Et grandir librement dans ses terribles jeux;
Deviner si son cœur couve une sombre flamme
Aux humides brouillards qui nagent dans ses yeux;*

*Parcourir à loisir ses magnifiques formes;
Ramper sur le versant de ses genoux énormes,
Et parfois en été, quand les soleils malsains,*

*Lasse, la font s'étendre à travers la campagne,
Dormir nonchalamment à l'ombre de ses seins,
Comme un hameau paisible au pied d'une montagne.*

xix a gigante

Eu, quando a Natureza com verve possante
Gerava ao dia mais de um rebento monstruoso,
Viveria, feliz, com uma jovem gigante,
Como aos pés de rainha um gato voluptuoso

— Para ver que, com sua alma, seu corpo floria
E crescia, em terríveis jogos, sem escolhos;
Vislumbrar se seu peito incubava sombria
Chama com úmidas névoas que nadam nos olhos;

Percorrer-lhe as soberbas formas com vagar;
A vertente de seus altos joelhos galgar,
E se ela no verão, pelos sóis malsãos, sente,

Estirada no campo, fadiga tamanha,
À sombra de seus seios dormir, indolente,
Como aldeia tranquila ao pé de uma montanha.

XX

le masque

Statue allégorique dans le goût de la Renaissance

À Ernest Christophe, statuaire

*Contempons ce trésor de grâces florentines;
Dans l'ondulation de ce corps musculeux
L'Élégance et la Force abondent, sœurs divines.
Cette femme, morceau vraiment miraculeux,
Divinement robuste, adorablement mince,
Est faite pour trôner sur des lits somptueux
Et charmer les loisirs d'un pontife ou d'un prince.*

*— Aussi, vois ce souris fin et voluptueux
Où la Fatuité promène son extase;
Ce long regard sournois, langoureux et moqueur;
Ce visage mignard, tout encadré de gaze,
Dont chaque trait nous dit avec un air vainqueur:
"La Volupté m'appelle et l'Amour me couronne!"
À cet être doué de tant de majesté
Vois quel charme excitant la gentillesse donne!
Approchons, et tournons autour de sa beauté.*

*Ô blasphème de l'art! ô surprise fatale!
La femme au corps divin, promettant le bonheur,
Par le haut se termine en monstre bicéphale!*

*— Mais non! ce n'est qu'un masque, un décor suborneur,
Ce visage éclairé d'une exquise grimace,
Et, regarde, voici, crispée atrocement,
La véritable tête, et la sincère face
Renversée à l'abri de la face qui ment.
Pauvre grande beauté! le magnifique fleuve
De tes pleurs aboutit dans mon cœur soucieux;
Ton mensonge m'enivre, et mon âme s'abreuve
Aux flots que la Douleur fait jaillir de tes yeux!*

*— Mais pourquoi pleure-t-elle? Elle, beauté parfaite,
Qui mettrait à ses pieds le genre humain vaincu,
Quel mal mystérieux ronge son flanc d'athlète?*

*— Elle pleure, insensé, parce qu'elle a vécu!
Et parce qu'elle vit! Mais ce qu'elle déplore
Surtout, ce qui la fait frémir jusqu'aux genoux,
C'est que demain, hélas! il faudra vivre encore!
Demain, après-demain et toujours! — comme nous!*

XX
a máscara
Estátua alegórica ao gosto da Renascença

A Ernest Christophe, estatuário

Contemplemos suas ricas graças florentinas:
No ondeamento dos músculos tão industrioso
Sobejam Elegância e Força, irmãs divinas.
Esta mulher, trabalho assim miraculoso,
De uma robustez, de uma esbeltez luminares,
Destina-se a reinar nalgum leito suntuoso,
E encantar papa ou príncipe nos seus vagares.

— Observe-se o sorriso fino e voluptuoso
No qual a Presunção seu êxtase passeia;
Esse olhar, langoroso, sonso e zombador;
Esse rosto dengoso, que em gaze se enleia,
E cada traço seu nos diz com ar vencedor:

“A Volúpia me chama e o Amor me coroa!”
A essa criatura plena de tanta nobreza
Vê com que aceso encanto a graça a aquinhoa!
De perto, contornemos então sua beleza.

Ó blasfêmia da arte! Ó surpresa ferina!
A de corpo divino, aceno de ventura,
Como monstro bicéfalo no alto termina!

— Mas não! é só uma máscara, só uma impostura,
O rosto iluminado por sutil esgar;
Observa, vê agora crispada atrozmente
A genuína cabeça, e a face luminar
Inclinada ao abrigo da face que mente.
Triste e grande beleza! o magnífico rio
De teus choros em meu peito aflito vem dar;
Tua mentira me embriaga, e minha alma sacio
Nos caudais que a Dor faz de teus olhos brotar!

— Mas por que chora? Ela, beleza perfeita
Que o ser humano a seus pés poria vencido,
Que secreto mal seu rijo corpo sujeita?

— Ela chora, insensato, por já ter vivido!
E porque vive! Mas o que ela mais deplora,
O que faz com que trema até os joelhos, atroz,
É que ainda terá de seguir vida afora!
Amanhã e depois e sempre! — como nós!

xxi
hymne à la beauté

*Viens-tu du ciel profond ou sors-tu de l'abîme,
Ô Beauté? ton regard, infernal et divin,
Verse confusément le bienfait et le crime,
Et l'on peut pour cela te comparer au vin.*

*Tu contiens dans ton œil le couchant et l'aurore;
Tu répands des parfums comme un soir orageux;
Tes baisers sont un philtre et ta bouche une amphore
Qui font le héros lâche et l'enfant courageux.*

*Sors-tu du gouffre noir ou descends-tu des astres?
Le Destin charmé suit tes jupons comme un chien;
Tu sèmes au hasard la joie et les désastres,
Et tu gouvernes tout et ne réponds de rien.*

*Tu marches sur des morts, Beauté, dont tu te moques;
De tes bijoux l'Horreur n'est pas le moins charmant,
Et le Meurtre, parmi tes plus chères breloques,
Sur ton ventre orgueilleux danse amoureusement.*

*L'éphémère ébloui vole vers toi, chandelle,
Crépite, flambe et dit: Bénissons ce flambeau!*

*L'amoureux pantelant incliné sur sa belle
A l'air d'un moribond caressant son tombeau.*

*Que tu viennes du ciel ou de l'enfer, qu'importe,
Ô Beauté! monstre énorme, effrayant, ingénu!
Si ton œil, ton souris, ton pied, m'ouvrent la porte
D'un Infini que j'aime et n'ai jamais connu?*

*De Satan ou de Dieu, qu'importe? Ange ou Sirène,
Qu'importe, si tu rends, — fée aux yeux de velours,
Rythme, parfum, lueur, ô mon unique reine! —
L'univers moins hideux et les instants moins lourds?*

xxi

hino à beleza

Vens do profundo céu ou emerges do abismo,
Beleza? teu olhar, divino e infernal,
Verte confusamente o crime e o altruísmo;
É como se do vinho tu fosses igual.

Acolhes em teu olho a aurora e o ocaso;
Manas perfumes como noite tempestuosa;
Teus beijos são um filtro, e a boca, raro vaso
Que fazem o herói fraco e a criança corajosa.

Desces de astros ou saís da voragem sombria?
Pelo Destino — cão fiel — és acompanhada;
Semeias ao acaso desastre e alegria,
Governas tudo, mas não respondes por nada.

Andas por sobre mortos, de que tu escarneces;
O Horror, entre os adornos teus, é sedutor,
E o Assassínio, joia de que te guarneces,
Em teu ventre orgulhoso dança com amor.

O efêmero ofuscado revoa e te vela,
Arde, crepita e diz: ó chama benfazeja!

O amoroso que ofega e se inclina ante a bela
Tem ar de moribundo que à cova corteja.

Que tu venhas do céu ou do inferno, que importa,
Ó Beleza! atroz monstro, ingênuo em seu excesso!
Se teu olho, sorriso e pé abrem-me a porta
De um Infinito que adoro mas desconheço?

De Satã ou de Deus, que importa? Anjo ou Sirena?
Se fazes — fada de olhos tão aveludados,
Perfume, clarão, ritmo, ó rainha plena! —
O mundo menos cruel, dias menos pesados?

xxii
parfum exotique

*Quand, les deux yeux fermés, en un soir chaud d'automne,
Je respire l'odeur de ton sein chaleureux,
Je vois se dérouler des rivages heureux
Qu'éblouissent les feux d'un soleil monotone;*

*Une île paresseuse où la nature donne
Des arbres singuliers et des fruits savoureux;
Des hommes dont le corps est mince et vigoureux,
Et des femmes dont l'œil par sa franchise étonne.*

*Guidé par ton odeur vers de charmants climats,
Je vois un port rempli de voiles et de mâts
Encor tout fatigués par la vague marine,*

*Pendant que le parfum des verts tamariniers,
Qui circule dans l'air et m'enfle la narine,
Se mêle dans mon âme au chant des mariners.*

xxii
perfume exótico

Olhos fechados, noite outonal quente, acesa,
Respiro o odor de teus seios tão calorosos,
E vejo deslizar litorais venturosos
Que dos fogos de um sol monótono são presa;

Uma ilha preguiçosa onde a natureza
Dá árvores singulares, frutos saborosos;
Homens de corpos magros porém vigorosos,
Mulheres de olhar duro por sua franqueza.

Guiado por teu odor para amáveis regiões,
Posso num porto ver velames, mastreações,
Fatigados ainda pela onda do mar,

Enquanto esse perfume dos tamarineiros
Verdes que até ao nariz vem-me, pois dança no ar,
Funde-se em minha alma ao canto dos marinheiros.

xxiii

la chevelure

*Ô toison, moutonnant jusque sur l'encolure!
Ô boucles! Ô parfum chargé de nonchaloir!
Extase! Pour peupler ce soir l'alcôve obscure
Des souvenirs dormant dans cette chevelure,
Je la veux agiter dans l'air comme un mouchoir!*

*La langoureuse Asie et la brûlante Afrique,
Tout un monde lointain, absent, presque défunt,
Vit dans tes profondeurs, forêt aromatique!
Comme d'autres esprits voguent sur la musique,
Le mien, ô mon amour! nage sur ton parfum.*

*J'irai là-bas où l'arbre et l'homme, pleins de sève,
Se pâment longuement sous l'ardeur des climats;
Fortes tresses, soyez la houle qui m'enlève!
Tu contiens, mer d'ébène, un éblouissant rêve
De voiles, de rameurs, de flammes et de mâts:*

*Un port retentissant où mon âme peut boire
À grands flots le parfum, le son et la couleur;
Où les vaisseaux, glissant dans l'or et dans la moire,*

*Ouvrent leurs vastes bras pour embrasser la gloire
D'un ciel pur où frémit l'éternelle chaleur.*

*Je plongerai ma tête amoureuse d'ivresse
Dans ce noir océan où l'autre est enfermé;
Et mon esprit subtil que le roulis caresse
Saura vous retrouver, ô féconde paresse,
Infinis bercements du loisir embaumé!*

*Cheveux bleus, pavillon de ténèbres tendues,
Vous me rendez l'azur du ciel immense et rond;
Sur les bords duvetés de vos mèches tordues
Je m'enivre ardemment des senteurs confondues
De l'huile de coco, du musc et du goudron.*

*Longtemps! toujours! ma main dans ta crinière lourde
Sèmera le rubis, la perle et le saphir,
Afin qu'à mon désir tu ne sois jamais sourde!
N'es-tu pas l'oasis où je rêve, et la gourde
Où je hume à longs traits le vin du souvenir?*

xxiii a cabeleira

Ó velo, encarneirando-se até a altura
Da nuca! Ó cachos! Ó perfume do langor!
Êxtase! Para encher à noite a alcova escura
Com lembranças que dormem entre essa fartura
De cabelos, começo por os descompor!

A langorosa Ásia e a África ardente,
Um mundo ausente, quase morto na distância,
Vive nos teus confins, floresta recendente!
Há espíritos que vogam indulgentemente
Na música; o meu nada em tua fragrância.

Vou onde homens e árvores, em que corria
Seiva, esmaecem sob o ardor dessas regiões;
Fortes tranças, sede onda que a mim alicia!
Tu apresentas, mar de ébano, uma fantasia
De velas, remadores, mastros, pavilhões:

Rumoroso porto onde a alma vai haurindo,
Em enormes porções, perfume, som e cor;
E os navios, no brilho e no ouro em calma indo,

Abrem seus vastos braços, a glória cingindo
De um céu puro onde freme, eterno, o calor.

Descerei a cabeça, tomada de ebiez,
Nesse negro oceano onde o outro está encerrado;
E meu sutil espírito pela fluidez
Seguindo, achar-vos-á, ó fértil languidez,
Acalanto sem fim, vagar tão perfumado!

Cabelo azul, abrigo de trevas tramadas,
A mim dás o azulado céu, na imensidão;
Nas margens em penugem das mechas trançadas,
Embriago-me, com ardor, de essências misturadas,
Essas do almíscar, óleo de coco e alcatrão.

Em teu cabelo espesso enfim sempre despejo
Rubi, safira e pérola, com a esperança
De que não sejas nunca avessa a meu desejo!
Não és o oásis onde sonho, e o benfazejo
Vaso onde à larga bebo o vinho da lembrança?

xxiv

“je t’adore à l’égal de la voûte nocturne”

*Je t’adore à l’égal de la voûte nocturne,
Ô vase de tristesse, ô grande taciturne,
Et t’aime d’autant plus, belle, que tu me fuis,
Et que tu me parais, ornement de mes nuits,
Plus ironiquement accumuler les lieues
Qui séparent mes bras des immensités bleues.*

*Je m’avance à l’attaque, et je grimpe aux assauts,
Comme après un cadavre un chœur de vermisseaux,
Et je chéris, ô bête implacable et cruelle!
Jusqu’à cette froideur par où tu m’es plus belle!*

xxiv

“adoro-te tal como à abóbada noturna”

Adoro-te tal como à abóbada noturna,
Ó vaso de tristeza, ó grande taciturna;
E mais eu te amo quanto mais desapareces
E, ornamento de minhas noites, tu pareces
Mais ironicamente acumular espaços
Que dos sem-fins azuis distanciam meus braços.

Ataco, e galgo para os assaltos, exploro
Tudo, tal num cadáver os vermes em coro,
E aprecio, ó animal que cruel se revela!
Até mesmo essa frieza por que me és mais bela!

XXV

*“tu mettrais l’univers entier
dans ta ruelle”*

*Tu mettrais l’univers entier dans ta ruelle,
Femme impure! L’ennui rend ton âme cruelle.
Pour exercer tes dents à ce jeu singulier,
Il te faut chaque jour un cœur au râtelier.
Tes yeux, illuminés ainsi que des boutiques
Et des ifs flamboyants dans les fêtes publiques,
Usent insolemment d’un pouvoir emprunté,
Sans connaître jamais la loi de leur beauté.*

*Machine aveugle et sourde, en cruautés féconde!
Salutaire instrument, buveur du sang du monde,
Comment n’as-tu pas honte et comment n’as-tu pas
Devant tous les miroirs vu pâlir tes appas?
La grandeur de ce mal où tu te crois savante
Ne t’a donc jamais fait reculer d’épouvante,
Quand la nature, grande en ses desseins cachés
De toi se sert, ô femme, ô reine des péchés,
— De toi, vil animal, — pour pétrir un génie?*

Ô fangeuse grandeur! sublime ignominie!

XXV
“porias o universo todo
em teu leito”

Porias o universo todo em teu leito,
Mulher impura! O tédio torna cruel teu peito.
Para exercer teus dentes nesse raro trato,
Precisas dia a dia um coração no prato.
Os teus olhos, acesos tal como os bazares
E as luzes a arder nas festas populares,
Empregam um poder alheio, com vileza,
Sem nunca conhecer a lei de sua beleza.

Engenho cego e surdo, em crueldades fecundo!
Instrumento útil, bebes do sangue do mundo,
Como não te envergonhas e em tantos e tantos
Espelhos tu não viste esvaecer teus encantos?
A magnitude desse mal de que clareza
Não tens nunca te fez recuar, se a natureza,
Grandiosa em seus propósitos dissimulados,
De ti se serve, ó rainha dos pecados
— De ti, vil animal —, para que um gênio ultime?

Ó grandeza enlameada! ignomínia sublime!

xxvi
sed non satiata

*Bizarre déité, brune comme les nuits,
Au parfum mélangé de musc et de havane,
Œuvre de quelque obi, le Faust de la savane,
Sorcière au flanc d'ébène, enfant des noirs minuits,*

*Je préfère au constance, à l'opium, au nuits,
L'élixir de ta bouche où l'amour se pavane;
Quand vers toi mes désirs partent en caravane,
Tes yeux sont la citerne où boivent mes ennuis.*

*Par ces deux grands yeux noirs, soupiraux de ton âme,
Ô démon sans pitié! verse-moi moins de flamme;
Je ne suis pas le Styx pour t'embrasser neuf fois,*

*Hélas! et je ne puis, Mégère libertine,
Pour briser ton courage et te mettre aux abois,
Dans l'enfer de ton lit devenir Proserpine!*

xxvi
sed non satiata

Divindade invulgar, como as noites sombria,
Com um perfume que é um misto de almíscar e havana,
Obra de algum obi, o Fausto da savana,
Bruxa de ébano, filha da hora tardia,

Prefiro ao ópio e vinhos de alta artesanania
O elixir da boca onde o amor dança a pavana;
Quando a ti meus desejos vão em caravana,
Teus olhos são o poço que ao tédio sacia.

Respiros de teu ser, pelo grande negror
Dos olhos, diabo, verte-me menos ardor;
Não sou Estige que nove vezes te abrace,

E é pena eu não poder, Megera libertina,
Para que rompa tua força e te descompasse,
Ser, no inferno de teu leito, uma Proserpina!

xxvii
“avec ses vêtements ondoyants
et nacrés”

*Avec ses vêtements ondoyants et nacrés,
Même quand elle marche on croirait qu'elle danse,
Comme ces longs serpents que les jongleurs sacrés
Au bout de leurs bâtons agitent en cadence.*

*Comme le sable morne et l'azur des déserts,
Insensibles tous deux à l'humaine souffrance,
Comme les longs réseaux de la houle des mers,
Elle se développe avec indifférence.*

*Ses yeux polis sont faits de minéraux charmants,
Et dans cette nature étrange et symbolique
Où l'ange inviolé se mêle au sphinx antique,*

*Où tout n'est qu'or, acier, lumière et diamants,
Resplendit à jamais, comme un astre inutile,
La froide majesté de la femme stérile.*

xxvii
“com seus trajes ondeantes
e bem nacarados”

Com seus trajes ondeantes e bem nacarados,
Julgar-se-ia que dança mesmo se está andando,
Como as serpentes postas por jograis sagrados
Em varas que, com ritmo, eles vão agitando.

Como a areia baça e o azul dos desertos,
Insensíveis os dois ao humano sofrimento,
Como o encadear de vagas nos mares abertos,
Ela se vai movendo com desprendimento.

São, seus olhos polidos, minerais flagrantes,
E nessa natureza simbólica, obscura,
Onde o anjo inviolado à esfinge se mistura,

Onde tudo é só luz, aço, ouro e diamantes,
Assim como um astro vão, a fria majestade
De uma mulher estéril luz na eternidade.

xxviii
le serpent qui danse

*Que j'aime voir, chère indolente,
De ton corps si beau,
Comme une étoffe vacillante,
Miroiter la peau!*

*Sur ta chevelure profonde
Aux âcres parfums,
Mer odorante et vagabonde
Aux flots bleus et bruns,*

*Comme un navire qui s'éveille
Au vent du matin,
Mon âme rêveuse appareille
Pour un ciel lointain.*

*Tes yeux, où rien ne se révèle
De doux ni d'amer,
Sont deux bijoux froids où se mêle
L'or avec le fer.*

*À te voir marcher en cadence,
Belle d'abandon,*

*On dirait un serpent qui danse
Au bout d'un bâton.*

*Sous le fardeau de ta paresse
Ta tête d'enfant
Se balance avec la mollesse
D'un jeune éléphant,*

*Et ton corps se penche et s'allonge
Comme un fin vaisseau
Qui roule bord sur bord et plonge
Ses vergues dans l'eau.*

*Comme un flot grossi par la fonte
Des glaciers grondants,
Quand l'eau de ta bouche remonte
Au bord de tes dents,*

*Je crois boire un vin de Bohême,
Amer et vainqueur,
Un ciel liquide qui parsème
D'étoiles mon cœur!*

xxviii
a serpente que dança

De teu belo corpo, ó indolente,
Adoro observar,
Tal como um tecido fremente,
A pele faiscar!

Em tua cabeleira imperante,
Com acres perfumes,
Oceano erradio e odorante
De azuis e negrumes,

Como um navio que desperta
Ao ar matinal,
Minha alma que sonha se alerta
Para um céu casual.

Teus olhos, que nada revelam
De tênue ou erro,
São joia fria onde se anelam
O ouro com o ferro.

Ao te ver em cadência andando,
Bela em distração,

Dir-se-ia cobra dançando
Em torno a um bastão.

Sob a preguiça que te pesa
Tua cabeça errante
De criança oscila com a moleza
De jovem elefante,

E teu corpo se alonga e inclina
Tal fino navio
Que oscila e seus mastros declina
No mar correntio.

Como corrente que se engrossa
Com gelos plangentes,
Quando a água da boca te roça
A beira dos dentes,

Que bebo um vinho vem-me à ideia,
Amaro, a preceito,
Um céu líquido que semeia
De estrelas meu peito!

xxix
une charogne

*Rappelez-vous l'objet que nous vîmes, mon âme,
Ce beau matin d'été si doux:
Au détour d'un sentier une charogne infâme
Sur un lit semé de cailloux,*

*Les jambes en l'air, comme une femme lubrique,
Brûlante et suant les poisons,
Ouvrait d'une façon nonchalante et cynique
Son ventre plein d'exhalaisons.*

*Le soleil rayonnait sur cette pourriture,
Comme afin de la cuire à point,
Et de rendre au centuple à la grande Nature
Tout ce qu'ensemble elle avait joint;*

*Et le ciel regardait la carcasse superbe
Comme une fleur s'épanouir.
La puanteur était si forte, que sur l'herbe
Vous crûtes vous évanouir.*

*Les mouches bourdonnaient sur ce ventre putride,
D'où sortaient de noirs bataillons*

*De larves, qui coulaient comme un épais liquide
Le long de ces vivants haillons.*

*Tout cela descendait, montait comme une vague,
Ou s'élançait en pétillant;
On eût dit que le corps, enflé d'un souffle vague,
Vivait en se multipliant.*

*Et ce monde rendait une étrange musique,
Comme l'eau courante et le vent,
Ou le grain qu'un vanneur d'un mouvement rythmique
Agite et tourne dans son van.*

*Les formes s'effaçaient et n'étaient plus qu'un rêve,
Une ébauche lente à venir,
Sur la toile oubliée, et que l'artiste achève
Seulement par le souvenir.*

*Derrière les rochers une chienne inquiète
Nous regardait d'un œil fâché,
Épiant le moment de reprendre au squelette
Le morceau qu'elle avait lâché.*

*— Et pourtant vous serez semblable à cette ordure,
À cette horrible infection,
Étoile de mes yeux, soleil de ma nature,
Vous, mon ange et ma passion!*

*Oui! telle vous serez, ô la reine des grâces,
Après les derniers sacrements,*

*Quand vous irez, sous l'herbe et les floraisons grasses,
Moisir parmi les ossements.*

*Alors, ô ma beauté! dites à la vermine
Qui vous mangera de baisers,
Que j'ai gardé la forme et l'essence divine
De mes amours décomposés!*

xxix
uma carniça

Lembra o que vimos, minha alma, nesta manhã

Desse verão tão delicado:

Na curva de um caminho, a carniça malsã

Num leito de pedras semeado,

As pernas para o ar, como mulher devassa,

Com venenos em seus suores,

Abria de maneira indiferente e crassa

O ventre cheio de fedores.

O sol ali brilhava sobre essa impureza,

Como a cozê-la com cuidado

E a devolver ampliado à grande Natureza

Tudo o que ela havia juntado;

E o céu via a carcaça excelsa como flor

Que estivesse a desabrochar.

Na grama, de tal modo era forte o fedor,

Que até temeste desmaiar.

Desse pútrido ventre onde moscas zumbiam,

Saíam em negra investida

Larvas que, como líquido espesso, corriam
Por esses farrapos com vida.

Isso tudo descia, subia — uma vaga —
Ou se arrojava a espumear;
Como que o corpo, inflado por viração vaga,
Vivia a se multiplicar.

E desse mundo vinha música invulgar,
Como a água corrente e o vento,
Ou o grão que um semeador em ritmo regular
Em seu crivo agita com tento.

As formas se apagavam, só um sonho é o que são,
Um esboço que lento avança,
Na tela já esquecida, e que o artista então
Só acaba graças à lembrança.

Por trás das rochas, uma cadela, ar inquieto,
Olhava-nos com olhar zangado,
Para na hora certa tomar do esqueleto
O naco que havia largado.

— Serás como esse lixo, como essa torpeza,
Como essa horrível infecção,
Estrela de meus olhos, de minha natureza
O sol — tu, meu anjo e paixão!

Sim! eis como serás, ó rainha das graças,
Com os derradeiros sacramentos,

Quando depois irás mofar com as carcaças,
Sob flores e mato opulentos.

Então, minha querida! dirás à vermina,
Com seus beijos devoradores,
Que conservei a forma e a essência divina
De meus decompostos amores!

XXX
de profundis clamavi

*J'implore ta pitié, Toi, l'unique que j'aime,
Du fond du gouffre obscur où mon cœur est tombé.
C'est un univers morne à l'horizon plombé,
Où nagent dans la nuit l'horreur et le blasphème;*

*Un soleil sans chaleur plane au-dessus six mois,
Et les six autres mois la nuit couvre la terre;
C'est un pays plus nu que la terre polaire;
— Ni bêtes, ni ruisseaux, ni verdure, ni bois!*

*Or il n'est pas d'horreur au monde qui surpasse
La froide cruauté de ce soleil de glace
Et cette immense nuit semblable au vieux Chaos;*

*Je jalouse le sort des plus vils animaux
Qui peuvent se plonger dans un sommeil stupide,
Tant l'écheveau du temps lentement se dévide!*

XXX
de profundis clamavi

Imploro-te piedade, meu único amor,
Do abismo onde me foi o coração lançado,
Triste universo e seu horizonte cerrado
Onde na noite nadam blasfêmia e horror;

Seis meses paira um sol frio nessa região,
Por seis outros a noite vem tudo ganhar;
É uma extensão mais nua que a terra polar;
— Nem animais, nem riachos, nem vegetação!

Ora, não há horror no mundo que ultrapasse
A gélida crueldade desse sol e a face
Dessa noite sem fim, ao Caos tão semelhante;

Tenho inveja da fera mais horripilante,
Que pode afundar num sono sem contratempo,
Tão lenta se desfia a urdidura do tempo!

xxxi
le vampire

*Toi qui, comme un coup de couteau,
Dans mon cœur plaintif es entrée;
Toi qui, forte comme un troupeau
De démons, vins, folle et parée,*

*De mon esprit humilié
Faire ton lit et ton domaine;
— Infâme à qui je suis lié
Comme le forçat à la chaîne,*

*Comme au jeu le joueur têtue,
Comme à la bouteille l'ivrogne,
Comme aux vermines la charogne
— Maudite, maudite sois-tu!*

*J'ai prié le glaive rapide
De conquérir ma liberté,
Et j'ai dit au poison perfide
De secourir ma lâcheté.*

*Hélas! le poison et le glaive
M'ont pris en dédain et m'ont dit:*

*“Tu n’es pas digne qu’on t’enlève
À ton esclavage maudit,*

*“Imbécile! — de son empire
Si nos efforts te délivraient,
Tes baisers ressusciteraient
Le cadavre de ton vampire!”*

xxx
o vampiro

Tu que, tal como uma facada,
Em meu peito queixoso entraste;
Tu que, forte como manada
De demônios, louca, chegaste,

Para deste ser humilhado
Fazer-te leito e possessão;
— Ignóbil a que estou ligado
Como o forçado a seu grilhão,

Como a carniça à vermina,
Como a seu jogo o jogador,
Como à garrafa o bebedor,
— Maldita sejas em tua sina!

Implorei à espada veloz
Me conquistasse a liberdade,
E pedi ao veneno atroz
Me curasse a fragilidade.

Mas veneno e espada, em concerto,
Desprezaram-me sem perdão:

“Não és digno de ser liberto
De tua maldita escravidão,

“Imbecil — se com um suspiro
Um e outro te libertariam,
Teus beijos ressuscitariam
O cadáver de teu vampiro!”

xxxii
“une nuit que j’étais près
d’une affreuse juive”

*Une nuit que j’étais près d’une affreuse Juive,
Comme au long d’un cadavre un cadavre étendu,
Je me pris à songer près de ce corps vendu
À la triste beauté dont mon désir se prive.*

*Je me représentai sa majesté native,
Son regard de vigueur et de grâces armé,
Ses cheveux qui lui font un casque parfumé,
Et dont le souvenir pour l’amour me ravive.*

*Car j’eusse avec ferveur baisé ton noble corps,
Et depuis tes pieds frais jusqu’à tes noires tresses
Déroulé le trésor des profondes caresses,*

*Si, quelque soir, d’un pleur obtenu sans effort
Tu pouvais seulement, ô reine des cruelles!
Obscurcir la splendeur de tes froides prunelles.*

xxxii
“uma noite eu estava com
uma atroz judia”

Uma noite eu estava com uma atroz judia,
Como cadáver ao longo de outro estendido;
Pus-me então a pensar, junto ao corpo vendido,
Na beleza a que meu desejo renuncia.

Imaginei-a sua inata altamaria,
Seu olhar de vigor e de graças armado,
Seus cabelos que formam clímax perfumado,
E essa recordação para o amor me alicia.

Pois teu corpo eu teria beijado com ardor,
E de tuas negras tranças até os pés amáveis
Buscado o cabedal de afagos insondáveis,

Se, alguma noite, com um pranto obtido sem dor
Pudesses tão só, ó mestra das tiranias!
Anuviar o esplendor de tuas pupilas frias.

xxxiii
remords posthume

*Lorsque tu dormiras, ma belle ténébreuse,
Au fond d'un monument construit en marbre noir,
Et lorsque tu n'auras pour alcôve et manoir
Qu'un caveau pluvieux et qu'une fosse creuse;*

*Quand la pierre, opprimant ta poitrine peureuse
Et tes flancs qu'assouplit un charmant nonchaloir,
Empêchera ton cœur de battre et de vouloir,
Et tes pieds de courir leur course aventureuse,*

*Le tombeau, confident de mon rêve infini
(Car le tombeau toujours comprendra le poète,
Durant ces grandes nuits d'où le somme est banni,*

*Te dira: "Que vous sert, courtisane imparfaite,
De n'avoir pas connu ce que pleurent les morts?"
— Et le ver rongera ta peau comme un remords.*

xxxiii
remorso póstumo

Quando fores dormir, minha bela tenebrosa,
Sob a negrura de um mármore tumular
E quando só tiveres como teu lugar
Uma fossa escavada e uma cripta chuvosa;

Quando a pedra, a oprimir essa caixa medrosa
E os flancos que o fastio veio suavizar,
Tolher-te o coração de bater, desejar,
E teus pés de correr corrida aventureira,

A tumba, confidente de meu sonho infundo
(Pois o túmulo sempre compreenderá o poeta),
Nessas noites em que o sono vai-se evadindo,

Dir-te-á: “Para saber, cortesã incompleta,
Por que choram os mortos não fizeste esforço?”
— E o verme roerá tua pele como um remorso.

xxxiv
le chat

*Viens, mon beau chat, sur mon cœur amoureux;
Retiens les griffes de ta patte,
Et laisse-moi plonger dans tes beaux yeux,
Mêlés de métal et d'agate.*

*Lorsque mes doigts caressent à loisir
Ta tête et ton dos élastique,
Et que ma main s'enivre du plaisir
De palper ton corps électrique,*

*Je vois ma femme en esprit. Son regard,
Comme le tien, aimable bête,
Profond et froid, coupe et fend comme un dard,
Et, des pieds jusques à la tête,
Un air subtil, un dangereux parfum
Nagent autour de son corps brun.*

xxxiv
o gato

Vem, meu gato — e em mim ele se enovela;
Guarda as garras de tua pata,
Deixa que eu mergulhe em teus olhos, bela
Mistura de ágata e prata.

Quando minha mão afaga a bel-prazer
Essa tua plasticidade,
E a te apalpar se embriaga com o prazer
De tua eletricidade,

Imagino minha mulher. Seu olhar,
Como o teu, frio, se arremessa
Tal um dardo que irá fender, cortar,
E, de seus pés a sua cabeça,
Um ar sutil, um perfume e veneno
Cingem o seu corpo moreno.

XXXV
duellum

*Deux guerriers ont couru l'un sur l'autre, leurs armes
Ont éclaboussé l'air de lueurs et de sang.
Ces jeux, ces cliquetis du fer sont les vacarmes
D'une jeunesse en proie à l'amour vagissant.*

*Les glaives sont brisés! comme notre jeunesse,
Ma chère! Mais les dents, les ongles acérés,
Vengent bientôt l'épée et la dague traîtresse.
Ô fureur des cœurs mûrs par l'amour ulcérés!*

*Dans le ravin hanté des chats-pards et des onces
Nos héros, s'étreignant méchamment, ont roulé,
Et leur peau fleurira l'aridité des ronces.*

*— Ce gouffre, c'est l'enfer, de nos amis peuplé!
Roulons-y sans remords, amazone inhumaine,
Afin d'éterniser l'ardeur de notre haine!*

XXXV
duellum

Dois guerreiros chocaram-se descomedidos;
Com brilho e sangue suas armas sujaram o ar.
Esses ruídos do ferro são os alaridos
Do jovem presa de um amor a balbuciar.

Os gládios se quebraram! assim como o ardor
Da juventude! Mas dentes e unhas afiados
Vingam a espada e a adaga traidora. — Ó furor
De velhos corações pelo amor ulcerados!

Cheio de lince, por esse despenhadeiro
Nossos heróis, brutais, atracados, rolaram,
E sua pele será flor no árido espinheiro.

— Nesse abismo infernal, que amigos povoaram,
Rolemos sem remorsos, amazona cruel,
Para eternizar nosso ódio em seu apogeu!

xxxvi
le balcon

*Mère des souvenirs, maîtresse des maîtresses,
Ô toi, tous mes plaisirs! ô toi, tous mes devoirs!
Tu te rappelleras la beauté des caresses,
La douceur du foyer et le charme des soirs,
Mère des souvenirs, maîtresse des maîtresses!*

*Les soirs illuminés par l'ardeur du charbon,
Et les soirs au balcon, voilés de vapeurs roses.
Que ton sein m'était doux! que ton cœur m'était bon!
Nous avons dit souvent d'impérissables choses
Les soirs illuminés par l'ardeur du charbon.*

*Que les soleils sont beaux dans les chaudes soirées!
Que l'espace est profond! que le cœur est puissant!
En me penchant vers toi, reine des adorées,
Je croyais respirer le parfum de ton sang.
Que les soleils sont beaux dans les chaudes soirées!*

*La nuit s'épaississait ainsi qu'une cloison,
Et mes yeux dans le noir devinaient tes prunelles,
Et je buvais ton souffle, ô douceur! ô poison!*

*Et tes pieds s'endormaient dans mes mains fraternelles.
La nuit s'épaississait ainsi qu'une cloison.*

*Je sais l'art d'évoquer les minutes heureuses,
Et revis mon passé blotti dans tes genoux.
Car à quoi bon chercher tes beautés langoureuses
Ailleurs qu'en ton cher corps et qu'en ton cœur si doux?
Je sais l'art d'évoquer les minutes heureuses!*

*Ces serments, ces parfums, ces baisers infinis,
Renaîtront-ils d'un gouffre interdit à nos sondes,
Comme montent au ciel les soleils rajeunis
Après s'être lavés au fond des mers profondes?
— Ô serments! ô parfums! ô baisers infinis!*

xxxvi
o balcão

Mãe das recordações, amante das amantes,
Tu, meus prazeres, tantos! meus deveres, tantos!
Lembrar-te-ás da beleza de afagos instantes,
Do doce lar e noites de muitos encantos,
Mãe das recordações, amante das amantes!

As noites em que luz o calor do carvão,
E, no balcão, as noites de vapores rosa.
Que suave era teu seio! e bom teu coração!
Dissemos uma que outra coisa venturosa
Nas noites em que luz o calor do carvão.

Como nas noites quentes os sóis ficam belos!
Como o espaço é profundo! e o coração, vigor!
Sobre ti me inclinando, dona dos anelos,
Eu julgava de teu sangue aspirar o olor.
Como nas noites quentes os sóis ficam belos!

A noite, tal um muro, tornava-se espessa,
Meus olhos no breu tuas pupilas entreviam,
E eu teu arfar bebia, ó veneno! ó promessa!

E em minhas mãos fraternais teus pés adormeciam.
A noite, tal um muro, tornava-se espessa.

Sei da arte de evocar os minutos ditosos,
E acolhido em teus joelhos revi meu passado.
Para que buscar teus encantos langorosos
Não em teu corpo e teu coração delicado?
Sei da arte de evocar os minutos ditosos!

Os perfumes, as juras, beijos desmedidos
Renascerão de abismo árduo de se sondar,
Como sobem ao céu sóis rejuvenescidos
Depois de se lavarem no fundo do mar?
— Ó perfumes! ó juras! beijos desmedidos!

xxxvii
le possédé

*Le soleil s'est couvert d'un crêpe. Comme lui,
Ô Lune de ma vie! emmitoufle-toi d'ombre;
Dors ou fume à ton gré; sois muette, sois sombre,
Et plonge tout entière au gouffre de l'Ennui;*

*Je t'aime ainsi! Pourtant, si tu veux aujourd'hui,
Comme un astre éclipsé qui sort de la pénombre,
Te pavaner aux lieux que la Folie encombre,
C'est bien! Charmant poignard, jaillis de ton étui!*

*Allume ta prunelle à la flamme des lustres!
Allume le désir dans les regards des rustres!
Tout de toi m'est plaisir, morbide ou pétulant;*

*Sois ce que tu voudras, nuit noire, rouge aurore;
Il n'est pas une fibre en tout mon corps tremblant
Qui ne crie: Ô mon cher Belzébuth, je t'adore!*

xxxvii
o possuído

De crepe se cobriu o sol. Assim, com um manto
De sombra, ó Lua de minha vida! te atavia;
Dorme ou fuma à vontade; sê muda, sombria,
E no abismo do Tédio mergulha entretanto;

Amo-te assim! Se queres hoje, tanto quanto
Do escuro o astro eclipsado por fim se desvia,
Pavonear-te por onde a Loucura asfixia,
Pois bem! Sai da bainha, punhal, com teu encanto!

Acende o olhar na chama destes castiçais!
Acende teu desejo no olhar dos brutais!
Tudo em ti me é prazer, mórbido ou insolente;

Sê o que quiseses, noite negra, rubra aurora;
E grita cada fibra em meu corpo tremente:

Querido Belzebu, ninguém mais que eu te adora!

xxxviii
un fantôme

I
LES TÉNÈBRES

*Dans les caveaux d'insondable tristesse
Où le Destin m'a déjà relégué;
Où jamais n'entre un rayon rose et gai;
Où, seul avec la Nuit, maussade hôtesse,*

*Je suis comme un peintre qu'un Dieu moqueur
Condamne à peindre, hélas! sur les ténèbres;
Où, cuisinier aux appétits funèbres,
Je fais bouillir et je mange mon cœur,*

*Par instants brille, et s'allonge, et s'étale
Un spectre fait de grâce et de splendeur.
À sa rêveuse allure orientale,*

*Quand il atteint sa totale grandeur,
Je reconnais ma belle visiteuse:
C'est Elle! noire et pourtant lumineuse.*

II
LE PARFUM

*Lecteur, as-tu quelquefois respiré
Avec ivresse et lente gourmandise
Ce grain d'encens qui remplit une église,
Ou d'un sachet le musc invétéré?*

*Charme profond, magique, dont nous grise
Dans le présent le passé restauré!
Ainsi l'amant sur un corps adoré
Du souvenir cueille la fleur exquise.*

*De ses cheveux élastiques et lourds,
Vivant sachet, encensoir de l'alcôve,
Une senteur montait, sauvage et fauve,*

*Et des habits, mousseline ou velours,
Tout imprégnés de sa jeunesse pure,
Se dégageait un parfum de fourrure.*

III LE CADRE

*Comme un beau cadre ajoute à la peinture,
Bien qu'elle soit d'un pinceau très vanté,
Je ne sais quoi d'étrange et d'enchanté
En l'isolant de l'immense nature,*

*Ainsi bijoux, meubles, métaux, dorure,
S'adaptaient juste à sa rare beauté;
Rien n'offusquait sa parfaite clarté,
Et tout semblait lui servir de bordure.*

*Même on eût dit parfois qu'elle croyait
Que tout voulait l'aimer; elle noyait
Sa nudité voluptueusement*

*Dans les baisers du satin et du linge,
Et, lente ou brusque, à chaque mouvement
Montrait la grâce enfantine du singe.*

IV
LE PORTRAIT

*La Maladie et la Mort font des cendres
De tout le feu qui pour nous flamboya.
De ces grands yeux si fervents et si tendres,
De cette bouche où mon cœur se noya,*

*De ces baisers puissants comme un dictame,
De ces transports plus vifs que des rayons,
Que reste-t-il? C'est affreux, ô mon âme!
Rien qu'un dessin fort pâle, aux trois crayons,*

*Qui, comme moi, meurt dans la solitude,
Et que le Temps, injurieux vieillard,
Chaque jour frotte avec son aile rude...*

*Noir assassin de la Vie et de l'Art,
Tu ne tueras jamais dans ma mémoire
Celle qui fut mon plaisir et ma gloire!*

xxxviii um fantasma

i as trevas

Nas criptas de insondável amargura
Onde o Destino já me relegou;
Onde um róseo raio jamais entrou;
Onde, só com a Noite, hospedeira obscura,

Sou como um pintor que um Deus zombeteiro
Condena a pintar sobre a escuridão;
Onde cozinho bem meu coração,
Para o comer, fúnebre cozinheiro,

Por instantes brilha, e se alonga e aflora
Um espectro de graça e de surpresa.
Por sua postura oriental, sonhadora,

Quando atinge sua completa grandeza,
Reconheço minha bela visitante:
É Ela! negra e no entanto irradiante.

ii
o perfume

Leitor, você já terá respirado,
Com embriaguez e gula sobeja,
Esse grão de incenso que enche uma igreja,
Ou de um sachê o almíscar arraigado?

Encanto fundo com que nos sobeja
No presente o passado restaurado!
Assim o amante num corpo adorado
Da lembrança a requintada flor beija.

Dos cabelos flexíveis e pesados,
Turíbulo da alcova, sachê vivo,
Um odor subia, feroz, nativo,

E dos trajes, leves e aveludados,
Que sua pura juventude impregnava,
Perfume de pelame trescalava.

iii
a moldura

Se bela moldura soma à pintura,
Mesmo de um pincel que muito se preza,
Não sei o que de fascínio e estranheza,
Isolando-a da natureza pura,

Assim, joias, móveis e douradura
Adaptavam-se a sua rara beleza;

Nada ofuscava sua total clareza,
E tudo lhe era como cercadura.

Dir-se-ia às vezes que ela acreditava
Que tudo queria amá-la; afogava
Com volúpia o seu desnudamento

Nos beijos do acetinado gentil,
E, lenta ou brusca, a cada movimento
Mostrava do símio a graça infantil.

iv
o retrato

Elas fazem cinzas, a Morte e a Doença,
De todo o fogo que por nós brilhou.
Dos olhos de ternura tão intensa,
Da boca onde minha alma se afogou,

Dos beijos que recendiam vigor,
Do entusiasmo mais do que raios vívido,
Que resta? Ó meu coração, é um horror!
Só um desenho feito a três lápis lívido,

Que, tal como eu, morre na solidão,
Esfregado pela asa desabrida
Do Tempo, esse ignominioso ancião...

Negro assassino da Arte e da Vida,
Não matarás nunca, em minha memória,
A que foi meu prazer e minha glória!

xxxix

*“je te donne ces vers afin
que si mon nom”*

*Je te donne ces vers afin que si mon nom
Aborde heureusement aux époques lointaines,
Et fait rêver un soir les cervelles humaines,
Vaisseau favorisé par un grand aquilon,*

*Ta mémoire, pareille aux fables incertaines,
Fatigue le lecteur ainsi qu'un tympanon,
Et par un fraternel et mystique chaînon
Reste comme pendue à mes rimes hautaines;*

*Être maudit à qui, de l'abîme profond
Jusqu'au plus haut du ciel, rien, hors moi, ne répond!
— Ô toi qui, comme une ombre à la trace éphémère,*

*Foules d'un pied léger et d'un regard serein
Les stupides mortels qui t'ont jugée amère,
Statue aux yeux de jais, grand ange au front d'airain!*

xxxix

“dou-te estes versos para que,
caso a contento”

Dou-te estes versos para que, caso a contento
Meu nome aborde as épocas as mais distantes
E leve ao sonho as mentes por alguns instantes,
Barco favorecido pelo grande vento,

Tua memória, tal fábulas inconstantes,
Fatigue o leitor como ruidoso instrumento,
E por fraterno e místico encadeamento
Fique suspensa em minhas rimas elegantes;

Maldito ser a quem, do mais alto do céu
Até o abismo, nada responde — só eu!
— Ó tu que, como sombra de rasto fugaz,

Pisoteias com pé leve e um olhar composto
Os simplórios mortais que te acharam mordaz,
Com o olho de azeviche, anjo de brônzeo rosto!

xl
semper eadem

*“D’où vous vient, disiez-vous, cette tristesse étrange,
Montant comme la mer sur le roc noir et nu?”*

*— Quand notre cœur a fait une fois sa vendange
Vivre est un mal. C’est un secret de tous connu,*

*Une douleur très simple et non mystérieuse,
Et, comme votre joie, éclatante pour tous.
Cessez donc de chercher, ô belle curieuse!
Et, bien que votre voix soit douce, taisez-vous!*

*Taisez-vous, ignorante! âme toujours ravie!
Bouche au rire enfantin! Plus encor que la Vie,
La Mort nous tient souvent par des liens subtils.*

*Laissez, laissez mon cœur s’enivrer d’un mensonge,
Plonger dans vos beaux yeux comme dans un beau songe
Et sommeiller longtemps à l’ombre de vos cils!*

xl
semper eadem

“De onde te vem”, dizias, “o pesar estranho
Que sobe como o mar num rochedo despido,
Negro?” — Se o coração já conseguiu seu ganho,
O viver é um mal. É um segredo conhecido,

Uma dor muito simples e não misteriosa,
E a todos, como tua alegria, inegável.
Cessa pois de buscar, ó bela curiosa!
Mas cala-te, embora tua voz seja afável!

Cala, cala, ignorante! alma sempre aturdida!
Boca infantil ao rir! Mais ainda que a Vida,
A Morte com sutis laços a todos guia.

Que meu coração com uma *mentira* se embriague,
Como num belo sonho nos teus olhos vague,
E à sombra de teus cílios durma dia a dia!

xli
tout entière

*Le Démon, dans ma chambre haute
Ce matin est venu me voir,
Et, tâchant à me prendre en faute,
Me dit: "Je voudrais bien savoir,*

*"Parmi toutes les belles choses
Dont est fait son enchantement,
Parmi les objets noirs ou roses
Qui composent son corps charmant,*

*"Quel est le plus doux." — Ô mon âme!
Tu répondis à l'Abhorré:
"Puisqu'en Elle tout est dictame,
Rien ne peut être préféré.*

*"Lorsque tout me ravit, j'ignore
Si quelque chose me séduit.
Elle éblouit comme l'Aurore
Et console comme la Nuit;*

*"Et l'harmonie est trop exquise,
Qui gouverne tout son beau corps,*

*Pour que l'impuissante analyse
En note les nombreux accords.*

*“Ô métamorphose mystique
De tous mes sens fondus en un!
Son haleine fait la musique,
Comme sa voix fait le parfum!”*

xli
toda

O Diabo, em minha água-furtada,
Esta manhã me veio ver;
Pensando armar-me uma cilada,
Diz: “Gostaria de saber,

“De tudo o que é coisa formosa
Com que é feito seu esplendor,
Entre as partes negras ou rosa
Desse seu corpo encantador,

“Qual é a mais suave”. — Ó minha alma!
Respondeste ao Arrenegado:

“Se nela tudo leva à calma,
Nada lhe será destacado.

“Não sei, quando a tudo se adora,
Se alguma coisa me transporta.
Ela ofusca como a Aurora
E tal como a Noite conforta;

“E é muito fina a harmonia
Que perfaz seu corpo esplendente,
Para que a análise vazia
Seus mil acordes represente.

“Ó metamorfose e magia
Dos sentidos, que um só resume!
Seu respirar é melodia,
Como sua voz é perfume!”

xlii
*“que diras-tu ce soir,
pauvre âme solitaire”*

*Que diras-tu ce soir, pauvre âme solitaire,
Que diras-tu, mon cœur, cœur autrefois flétri,
À la très belle, à la très bonne, à la très chère,
Dont le regard divin t’a soudain refleurì?*

*— Nous mettrons notre orgueil à chanter ses louanges:
Rien ne vaut la douceur de son autorité;
Sa chair spirituelle a le parfum des Anges,
Et son œil nous revêt d’un habit de clarté.*

*Que ce soit dans la nuit et dans la solitude,
Que ce soit dans la rue et dans la multitude,
Son fantôme dans l’air danse comme un flambeau.*

*Parfois il parle et dit: “Je suis belle, et j’ordonne
Que pour l’amour de moi vous n’aimiez que le Beau;
Je suis l’Ange gardien, la Muse et la Madone”.*

xlii
“que dirás, esta noite,
alma abandonada”

Que dirás, esta noite, alma abandonada,
Que dirás, coração, tão fenecido outrora,
À tão bela, à boníssima, assim tão prezada,
Cujo divino olhar logo te revigora?

— Vamos deixar o orgulho fazer-lhe o louvor:
Nada é tão doce como sua autoridade;
Seu corpo espiritual tem dos Anjos o olor,
E seu olhar reveste-nos de claridade.

Quer se esteja na noite, em plena solidão,
Quer se esteja na rua, com a multidão,
A fantasmagoria dança no ar, acesa.

“Sou bela e ordeno” (pois por vezes fala e entona)
“Que pelo amor por mim só ameis a Beleza;
Eu sou o Anjo da Guarda, a Musa e a Madona.”

xliii
le flambeau vivant

*Ils marchent devant moi, ces Yeux pleins de lumières,
Qu'un Ange très savant a sans doute aimantés;
Ils marchent, ces divins frères qui sont mes frères,
Secouant dans mes yeux leurs feux diamantés.*

*Me sauvant de tout piège et de tout péché grave,
Ils conduisent mes pas dans la route du Beau;
Ils sont mes serviteurs et je suis leur esclave;
Tout mon être obéit à ce vivant flambeau.*

*Charmants Yeux, vous brillez de la clarté mystique
Qu'ont les cierges brûlant en plein jour; le soleil
Rougit, mais n'éteint pas leur flamme fantastique;*

*Ils célèbrent la Mort, vous chantez le Réveil;
Vous marchez en chantant le réveil de mon âme,
Astres dont nul soleil ne peut flétrir la flamme!*

lii o archote vivo

Seguem à minha frente uns Olhos luminosos
Que um Anjo muito sábio terá imantado;
Seguem, esses que são meus irmãos prodigiosos,
Em meus olhos meneando um brilho adiamantado.

Salvando-me de ardis e pecados os piores,
Guiam-me os passos pelo caminho do Belo;
Sou seu escravo; são eles meus servidores;
E esse archote, o que posso é só obedecê-lo.

Gráceis Olhos, brilhais com o místico fulgor
Que, em pleno dia, as velas têm ao se queimar;
Rubro, o sol não lhes tira seu mágico ardor;

Louvam a Morte, vós cantais o Despertar;
Caminhais a cantar o despertar de minha alma,
Astros cujo ardor sol nenhum jamais acalma!

xliv
réversibilité

*Ange plein de gaieté, connaissez-vous l'angoisse,
La honte, les remords, les sanglots, les ennuis,
Et les vagues terreurs de ces affreuses nuits
Qui compriment le cœur comme un papier qu'on froisse?
Ange plein de gaieté, connaissez-vous l'angoisse?*

*Ange plein de bonté, connaissez-vous la haine,
Les poings crispés dans l'ombre et les larmes de fiel,
Quand la Vengeance bat son infernal rappel,
Et de nos facultés se fait le capitaine?
Ange plein de bonté, connaissez-vous la haine?*

*Ange plein de santé, connaissez-vous les Fièvres,
Qui, le long des grands murs de l'hospice blafard,
Comme des exilés, s'en vont d'un pied traînard,
Cherchant le soleil rare et remuant les lèvres?
Ange plein de santé, connaissez-vous les Fièvres?*

*Ange plein de beauté, connaissez-vous les rides,
Et la peur de vieillir, et ce hideux tourment
De lire la secrète horreur du dévouement*

*Dans des yeux où longtemps burent nos yeux avides?
Ange plein de beauté, connaissez-vous les rides?*

*Ange plein de bonheur, de joie et de lumières,
David mourant aurait demandé la santé
Aux émanations de ton corps enchanté;
Mais de toi je n'implore, ange, que tes prières,
Ange plein de bonheur, de joie et de lumières!*

xliv reversibilidade

Anjo só de alegria, sabeis da aflição,
Dos remorsos, suspiros, tédios e vergonhas,
Vagos terrores dessas noites que, medonhas,
Tal se amassa um papel, apertam o coração?
Anjo só de alegria, sabeis da aflição?

Anjo só de bondade, sabeis do furor,
Lágrimas de fel, punho na sombra crispado,
Na hora em que a Vingança, em infernal chamado,
De nossas faculdades torna-se o mentor?
Anjo só de bondade, sabeis do furor?

Anjo só de saúde, sabeis das Sezões
Que vão pelo hospital baço ao longo dos muros,
Tal exilados que se arrastam inseguros
Em busca do sol raro — a boca em contorções?
Anjo só de saúde, sabeis das Sezões?

Anjo só de beleza, sabeis do enrugar,
O medo da velhice, e esse horrendo tormento
De ler o horror secreto do devotamento

No olhar em que bebeu ávido nosso olhar?
Anjo só de beleza, sabeis do enrugar?

Anjo só de deleites, luzes e venturas,
Davi, perto da morte, teria pedido
Por saúde aos eflúvios de teu corpo ungido;
Mas de ti só imploro, anjo, as preces que murmuras,
Anjo só de deleites, luzes e venturas!

xlv
confession

*Une fois, une seule, aimable et douce femme,
À mon bras votre bras poli
S'appuya (sur le fond ténébreux de mon âme
Ce souvenir n'est point pâli);*

*Il était tard; ainsi qu'une médaille neuve
La pleine lune s'étalait,
Et la solennité de la nuit, comme un fleuve,
Sur Paris dormant ruisselait.*

*Et le long des maisons, sous les portes cochères,
Des chats passaient furtivement,
L'oreille au guet, ou bien, comme des ombres chères,
Nous accompagnaient lentement.*

*Tout à coup, au milieu de l'intimité libre
Éclose à la pâle clarté,
De vous, riche et sonore instrument où ne vibre
Que la radieuse gaieté,*

*De vous, claire et joyeuse ainsi qu'une fanfare
Dans le matin étincelant,*

*Une note plaintive, une note bizarre
S'échappa, tout en chancelant*

*Comme une enfant chétive, horrible, sombre, immonde,
Dont sa famille rougirait,
Et qu'elle aurait longtemps, pour la cacher au monde,
Dans un caveau mise au secret.*

*Pauvre ange, elle chantait, votre note criarde:
"Que rien ici-bas n'est certain,
Et que toujours, avec quelque soin qu'il se farde,
Se trahit l'égoïsme humain;*

*"Que c'est un dur métier que d'être belle femme,
Et que c'est le travail banal
De la danseuse folle et froide qui se pâme
Dans son sourire machinal;*

*"Que bâtir sur les cœurs est une chose sotte;
Que tout craque, amour et beauté,
Jusqu'à ce que l'Oubli les jette dans sa hotte
Pour les rendre à l'Éternité!"*

*J'ai souvent évoqué cette lune enchantée,
Ce silence et cette langueur,
Et cette confidence horrible chuchotée
Au confessionnal du cœur.*

xliv
confissão

Uma única vez, mulher suave e aprazível,
Teu braço polido no meu
Se apoiou (a lembrança no fundo terrível
De minha alma não esvaeceu);

Era tarde; tal como medalha recente
A lua cheia se exhibia,
E qual rio, corria a noite imponente
Sobre Paris que adormecia.

Gatos, casas afora, por sob as portadas,
Iam passando furtivamente,
E ouvido atento, ou, como sombras estimadas,
Seguiam-nos, morosamente.

De repente, em meio à intimidade vadia,
Despontada na baça luz,
De ti, rico instrumento em que só vibraria
A alegria que reluz,

De ti, alegre e clara como uma fanfarra
Na manhã toda fulgurante,

Uma nota queixosa, uma nota bizarra
Desencadeou-se, vacilante

Tal criança feia, corpo franzino e imundo,
Para a família uma abjeção,
E que a teria assim, para a esconder do mundo,
Posto em segredo num porão.

Pobre anjo, ela cantava, tua nota estridente:
“Que tudo aqui embaixo é engano,
E apesar do disfarce, atento e permanente,
Trai-se sempre o egoísmo humano;

“Que pesado é o ofício de ser mulher bela,
E este é o trabalho banal
Da dançarina louca e fria que cinzela
Um sorriso só maquinal;

“Que crer nos corações é um péssimo pretexto;
Tudo se pode desfazer,
Beleza, amor; até o Olvido os pôr num cesto
E à Eternidade os devolver!”

Com frequência evoquei essa lua encantada,
Esse silêncio e prostração,
E ainda a confidência horrível sussurrada
Ao confessar-se ao coração.

xlvi
l'aube spirituelle

*Quand chez les débauchés l'aube blanche et vermeille
Entre en société de l'Idéal rongeur,
Par l'opération d'un mystère vengeur
Dans la brute assoupie un ange se réveille.*

*Des Cieux Spirituels l'inaccessible azur,
Pour l'homme terrassé qui rêve encore et souffre,
S'ouvre et s'enfonce avec l'attirance du gouffre.
Ainsi, chère Déesse, Être lucide et pur,*

*Sur les débris fumeux des stupides orgies
Ton souvenir plus clair, plus rose, plus charmant,
À mes yeux agrandis voltige incessamment.*

*Le soleil a noirci la flamme des bougies;
Ainsi, toujours vainqueur, ton fantôme est pareil,
Âme resplendissante, à l'immortel soleil!*

xlvi a aurora espiritual

Quando chega aos lascivos, branca e rubra, a aurora,
Que vem acompanhada do Ideal opressor,
Pela operação de um mistério vingador
Na fera adormecida um anjo acorda e aflora.

Para o homem devastado que pode sofrer
E sonhar, o longínquo azul de espirituais
Céus se abre e aprofunda em apelos abissais.
Assim, cara Deusa, ó lúcido e puro Ser,

Nos restos fumarentos das tolas orgias
Tua lembrança mais clara, rosa e provocante
Em meus olhos abertos volteia incessante.

O sol enegreceu a chama das tardias
Velas; vencedor sempre, teu fantasma é tal
Qual, Alma resplendente, o sol imortal!

xlvi
harmonie du soir

*Voici venir les temps où vibrant sur sa tige
Chaque fleur s'évapore ainsi qu'un encensoir;
Les sons et les parfums tournent dans l'air du soir;
Valse mélancolique et langoureux vertige!*

*Chaque fleur s'évapore ainsi qu'un encensoir;
Le violon frémit comme un cœur qu'on afflige;
Valse mélancolique et langoureux vertige!
Le ciel est triste et beau comme un grand reposoir.*

*Le violon frémit comme un cœur qu'on afflige,
Un cœur tendre, qui hait le néant vaste et noir!
Le ciel est triste et beau comme un grand reposoir;
Le soleil s'est noyé dans son sang qui se fige.*

*Un cœur tendre, qui hait le néant vaste et noir,
Du passé lumineux recueille tout vestige!
Le soleil s'est noyé dans son sang qui se fige...
Ton souvenir en moi luit comme un ostensor!*

xlvi
harmonia do entardecer

Nessa hora em que, incertas, nas hastes se erigem,
Flores trescalam tal turíbulo a queimar;
Sons, perfumes volteiam à noite pelo ar;
Melancólica valsa e lânguida vertigem!

Flores trescalam tal turíbulo a queimar;
Freme o violino tal como uma alma a que afligem;
Melancólica valsa e lânguida vertigem!
O céu é triste e belo como um grande altar.

Freme o violino tal como uma alma a que afligem,
Alma que execra o nada sem mais acabar!
O céu é triste e belo como um grande altar.
A um sangue espesso os raios do sol se dirigem.

Alma que execra o nada sem mais acabar
Os vestígios recolhe de irradiante origem!
A um sangue espesso os raios do sol se dirigem...
Tua lembrança em mim luz tal custódia a brilhar!

xlvi
le flacon

*Il est de forts parfums pour qui toute matière
Est poreuse. On dirait qu'ils pénètrent le verre.
En ouvrant un coffret venu de l'Orient
Dont la serrure grince et rechigne en criant,*

*Ou dans une maison déserte quelque armoire
Pleine de l'âcre odeur des temps, poudreuse et noire,
Parfois on trouve un vieux flacon qui se souvient,
D'où jaillit toute vive une âme qui revient.*

*Mille pensers dormaient, chrysalides funèbres,
Frémissant doucement dans les lourdes ténèbres,
Qui dégagent leur aile et prennent leur essor,
Teintés d'azur, glacés de rose, lamés d'or.*

*Voilà le souvenir enivrant qui voltige
Dans l'air troublé; les yeux se ferment; le Vertige
Saisit l'âme vaincue et la pousse à deux mains
Vers un gouffre obscurci de miasmes humains;*

*Il la terrasse au bord d'un gouffre séculaire,
Où, Lazare odorant déchirant son suaire,*

*Se meut dans son réveil le cadavre spectral
D'un vieil amour ranci, charmant et sépulcral.*

*Ainsi, quand je serai perdu dans la mémoire
Des hommes, dans le coin d'une sinistre armoire
Quand on m'aura jeté, vieux flacon désolé,
Décrépit, poudreux, sale, abject, visqueux, fêlé,*

*Je serai ton cercueil, aimable pestilence!
Le témoin de ta force et de ta virulence,
Cher poison préparé par les anges! liqueur
Qui me ronge, ô la vie et la mort de mon cœur!*

xlvi o frasco

Há perfumes tão fortes que lhes é porosa
Toda matéria. Invadem o vidro, até se ousa
Afirmar. Ao abrir o estojo que do Oriente
Chegou e cujo fecho range resistente,

Ou, numa casa erma, um armário empoeirado,
Sombrio, pelo odor acre dos tempos tomado,
Acha-se um velho frasco que ali sobrevive
E de que brota, intensa, uma alma que revive.

Crisálidas funéreas, uns mil pensamentos
Na escuridão dormiam; fremem, e em momentos
Abrem a asa, e tomam impulso, em coro,
Tintos de azul, de rosa, a cintilar como ouro.

Inebriante lembrança volteia; e se afligem
E se fecham os olhos no ar turvo; a Vertigem
Pega a alma vencida e, com as mãos, para a treva
De um abismo com miasmas humanos a leva;

Verga-a à beira de um abismo secular,
Onde — Lázaro olente o sudário a rasgar —

Se move, ao acordar, cadáver espectral
De um amor adorável, acre e sepulcral.

Quando eu estiver perdido na memória
Dos homens, dentro de uma gaveta irrisória,
Já que jogado fora, frasco desolado,
Decrépito, empoeirado, viscoso, trincado,

Serei teu ataúde, amável pestilência!
Testemunho de tua força e virulência,
Ó veneno composto por anjos! Poção
Que me rói, vida e morte de meu coração!

xlix

le poison

*Le vin sait revêtir le plus sordide bouge
D'un luxe miraculeux,
Et fait surgir plus d'un portique fabuleux
Dans l'or de sa vapeur rouge,
Comme un soleil couchant dans un ciel nébuleux.*

*L'opium agrandit ce qui n'a pas de bornes,
Allonge l'illimité,
Approfondit le temps, creuse la volupté,
Et de plaisirs noirs et mornes
Remplit l'âme au-delà de sa capacité.*

*Tout cela ne vaut pas le poison qui découle
De tes yeux, de tes yeux verts,
Lacs où mon âme tremble et se voit à l'envers...
Mes songes viennent en foule
Pour se désaltérer à ces gouffres amers.*

*Tout cela ne vaut pas le terrible prodige
De ta salive qui mord,
Qui plonge dans l'oubli mon âme sans remords,*

*Et, charriant le vertige,
La roue défaillante aux rives de la mort!*

xlix o veneno

O vinho pode o refúgio mais vil dispor
Com um luxo miraculoso,
E faz surgir mais de um pórtico fabuloso
No ouro do tinto vapor,
Tal como um sol poente em um céu nebuloso.

O ópio amplia o que não tem seus confins seguros,
Faz mais longa a imensidade,
Mais fundo o tempo, insiste na lubricidade;
Com gozos tristes e escuros
Preenche a alma acima da capacidade.

Isso tudo não vale o veneno que vem
De teus olhos, onde, emersa
Nesse lago verde, a alma treme e vê-se inversa...
Meus sonhos, um mundo, vêm
Revigorar-se nessa voragem adversa.

Isso tudo não vale o prodígio tremendo
Dessa saliva mordente,
Que me afunda no olvido a alma impenitente,

E, o desmaio se estendendo,
Pelas margens da morte rola-a languesciente!

/

ciel brouillé

*On dirait ton regard d'une vapeur couvert;
Ton œil mystérieux (est-il bleu, gris ou vert?)
Alternativement tendre, rêveur, cruel,
Réfléchit l'indolence et la pâleur du ciel.*

*Tu rappelles ces jours blancs, tièdes et voilés,
Qui font se fondre en pleurs les cœurs ensorcelés,
Quand, agités d'un mal inconnu qui les tord,
Les nerfs trop éveillés raillent l'esprit qui dort.*

*Tu ressembles parfois à ces beaux horizons
Qu'allument les soleils des brumeuses saisons...
Comme tu resplendis, paysage mouillé
Qu'enflamment les rayons tombant d'un ciel brouillé!*

*Ô femme dangereuse, ô séduisants climats!
Adoreraï-je aussi ta neige et vos frimas,
Et saurai-je tirer de l'implacable hiver
Des plaisirs plus aigus que la glace et le fer?*

I céu turvado

Teu olhar dir-se-ia oculto, vaporoso;
Teu olho (cinza, azul, verde?) ora misterioso,
Ora sonhador, terno, ora mesmo cruel,
Reflete a palidez e a indolência do céu.

Lembras os dias brancos, mornos e velados,
Que levam a chorar seres enfeitiçados,
Quando, agitados por um mal que desconhecem,
Do espírito que dorme os nervos escarnecem.

Pareces com paisagens maviosas, lentas,
Acesas pelos sóis das estações nevoentas...
Como tens esplendor, horizonte molhado
E a arder graças aos raios de um céu turvado!

Ó mulher perigosa, atraentes paragens!
Adorarei também tua neve e vossas friagens,
E saberei tirar do inverno sem apelo
Prazeres mais agudos que o ferro e o gelo?

li
le chat

I

*Dans ma cervelle se promène,
Ainsi qu'en son appartement,
Un beau chat, fort, doux et charmant.
Quand il miaule, on l'entend à peine,*

*Tant son timbre est tendre et discret;
Mais que sa voix s'apaise ou gronde,
Elle est toujours riche et profonde.
C'est là son charme et son secret.*

*Cette voix, qui perle et qui filtre
Dans mon fonds le plus ténébreux,
Me remplit comme un vers nombreux
Et me réjouit comme un philtre.*

*Elle endort les plus cruels maux
Et contient toutes les extases;
Pour dire les plus longues phrases,
Elle n'a pas besoin de mots.*

*Non, il n'est pas d'archet qui morde
Sur mon cœur, parfait instrument,
Et fasse plus royalement
Chanter sa plus vibrante corde,*

*Que ta voix, chat mystérieux,
Chat séraphique, chat étrange,
En qui tout est, comme en un ange,
Aussi subtil qu'harmonieux!*

II

*De sa fourrure blonde et brune
Sort un parfum si doux, qu'un soir
J'en fus embaumé, pour l'avoir
Caressée une fois, rien qu'une.*

*C'est l'esprit familier du lieu;
Il juge, il préside, il inspire
Toutes choses dans son empire;
Peut-être est-il fée, est-il dieu?*

*Quand mes yeux, vers ce chat que j'aime
Tirés comme par un aimant,
Se retournent docilement
Et que je regarde en moi-même,*

*Je vois avec étonnement
Le feu de ses prunelles pâles,
Clairs fanaux, vivantes opales,
Qui me contemplent fixement.*

li o gato

i

Em minha cabeça vadia,
Como se em sua casa estivesse,
Um belo gato que entenece.
Mal se o ouve quando ele mia,

Pois seu timbre é terno e discreto;
Sua voz, se se acalma ou alteia,
Será sempre profunda e cheia.
Este é seu encanto secreto.

Essa voz, que perla e que eu filtro
Em meu fundo mais tenebroso,
Apraz-me tal verso engenhoso
E me deleita como um filtro.

Faz os males cruéis dormir
E os êxtases todos condensa;
Até na frase mais extensa,
Pode as palavras preterir.

Não, não existe arco que morda
Meu coração, pleno instrumento,
E faça com mais luzimento
Cantar sua mais vibrante corda,

Que tua voz, gato misterioso,
Gato seráfico, esquisito,
E — o que aos anjos é restrito —
Tão sutil quanto harmonioso!

ii

Sai perfume tão delicado
De seu dourado e escuro pelo,
Que mesmo me impregnou por tê-lo
Uma, só uma vez afagado.

É o espírito protetor
Da casa; inspira, julga, guia
Tudo em sua soberania;
Fada? deus? o que mais supor?

Se pelo gato meu olhar
Como por um ímã atraído,
Volta-se a seguir, comedido,
E em mim mesmo venho a olhar,

Com espanto vejo a flama ardente
Em suas pupilas glaciais,

Vivas opalas e fanais,
Que me contemplam fixamente.

lii
le beau navire

*Je veux te raconter, ô molle enchanteresse!
Les diverses beautés qui parent ta jeunesse;
Je veux te peindre ta beauté,
Où l'enfance s'allie à la maturité.*

*Quand tu vas balayant l'air de ta jupe large,
Tu fais l'effet d'un beau vaisseau qui prend le large,
Chargé de toile, et va roulant
Suivant un rythme doux, et paresseux, et lent.*

*Sur ton cou large et rond, sur tes épaules grasses,
Ta tête se pavane avec d'étranges grâces;
D'un air placide et triomphant
Tu passes ton chemin, majestueuse enfant.*

*Je veux te raconter, ô molle enchanteresse!
Les diverses beautés qui parent ta jeunesse;
Je veux te peindre ta beauté,
Où l'enfance s'allie à la maturité.*

*Ta gorge qui s'avance et qui pousse la moire,
Ta gorge triomphante est une belle armoire*

*Dont les panneaux bombés et clairs
Comme les boucliers accrochent des éclairs;*

*Boucliers provoquants, armés de pointes roses!
Armoire à doux secrets, pleine de bonnes choses,
De vins, de parfums, de liqueurs
Qui feraient délirer les cerveaux et les cœurs!*

*Quand tu vas balayant l'air de ta jupe large,
Tu fais l'effet d'un beau vaisseau qui prend le large,
Chargé de toile, et va roulant
Suivant un rythme doux, et paresseux, et lent.*

*Tes nobles jambes, sous les volants qu'elles chassent,
Tourmentent les désirs obscurs et les agacent,
Comme deux sorcières qui font
Tourner un philtre noir dans un vase profond.*

*Tes bras, qui se joueraient des précoces hercules,
Sont des boas luisants les solides émules,
Faits pour serrer obstinément,
Comme pour l'imprimer dans ton cœur, ton amant.*

*Sur ton cou large et rond, sur tes épaules grasses,
Ta tête se pavane avec d'étranges grâces;
D'un air placide et triomphant
Tu passes ton chemin, majestueuse enfant.*

lil o belo navio

Quero falar-te, suave maga, da virtude
Dessas belezas que ornarn tua juventude;
Quero pintar-te o que em ti é belo,
Quando maturidade e infância criam um elo.

Quando vais varrendo o ar com teu vestido largo,
Tens o efeito de um belo navio ao largo,
Cheio de velas e vogando
Em um ritmo bem lento, preguiçoso e brando.

Em teu pescoço forte, em tua espádua cheia,
Tua cabeça, insólita, se pavoneia;
Com um ar plácido e triunfante
Tu segues teu caminho, majestosa, infante.

Quero falar-te, suave maga, da virtude
Dessas belezas que ornarn tua juventude;
Quero pintar-te o que em ti é belo,
Quando maturidade e infância criam um elo.

Teu peito que se adianta e impele o pano ondeante,
Teu peito triunfal é um armário atraente

Seus painéis, abaulados e alvos,
De relampejos, como os escudos, são alvos;

Escudos provocantes, com suas pontas rosas!
Armário de segredos, coisas deliciosas,
Vinhos, perfumes, aguardentes
Que fazem delirar os corações e mentes!

Quando vais varrendo o ar com teu vestido largo,
Tens o efeito de um belo navio ao largo,
Cheio de velas e vogando
Em um ritmo bem lento, preguiçoso e brando.

Tuas pernas, sob preguiçados que elas espaventam,
Ferem turvos desejos, que elas atormentam,
Tal duas feiticeiras fazendo
Um filtro negro em um caldeirão tremendo.

Teus braços, desprezando Hércules prematuros,
São de cobras lustrosas êmulos seguros,
Prontos a abraçar com impulsão,
Como a imprimi-lo, o amante, em teu coração.

Em teu pescoço forte, em tua espádua cheia,
Tua cabeça, insólita, se pavoneia;
Com um ar plácido e triunfante
Tu segues teu caminho, majestosa, infante.

liii
l'invitation au voyage

*Mon enfant, ma sœur,
Songe à la douceur
D'aller là-bas vivre ensemble!
Aimer à loisir,
Aimer et mourir
Au pays qui te ressemble!
Les soleils mouillés
De ces ciels brouillés
Pour mon esprit ont les charmes
Si mystérieux
De tes traîtres yeux,
Brillant à travers leurs larmes.*

*Là, tout n'est qu'ordre et beauté,
Luxe, calme et volupté.*

*Des meubles luisants,
Polis par les ans,
Décoreraient notre chambre;
Les plus rares fleurs*

Mêlant leurs odeurs
Aux vagues senteurs de l'ambre,
Les riches plafonds,
Les miroirs profonds,
La splendeur orientale,
Tout y parlerait
À l'âme en secret
Sa douce langue natale.

Là, tout n'est qu'ordre et beauté,
Luxe, calme et volupté.

Vois sur ces canaux
Dormir ces vaisseaux
Dont l'humeur est vagabonde;
C'est pour assouvir
Ton moindre désir
Qu'ils viennent du bout du monde.
— Les soleils couchants
Revêtent les champs,
Les canaux, la ville entière,
D'hyacinthe et d'or;
Le monde s'endort
Dans une chaude lumière.

Là, tout n'est qu'ordre et beauté,
Luxe, calme et volupté.

lii
convite à viagem

Minha irmã e filha,
Pensa a maravilha
De ir para lá, na voragem
De amar e viver,
De amar e morrer,
No lugar que é tua imagem!
Os sóis encharcados
Desses céus turvados
Têm para mim os encantos
Assim misteriosos
De olhos insidiosos
Brilhando através teus prantos.

Lá, tudo é ordem e beleza,
Luxo, volúpia e leveza.

Uns móveis polidos
Pelos tempos idos
Ornariam nosso aposento;
As mais raras flores

Fundindo os odores
A um aroma de âmbar lento,
Tetos opulentos,
Espelhos atentos,
O esplendor oriental,
Tudo falaria
À alma arredia
A doce língua natal.

Lá, tudo é ordem e beleza,
Luxo, volúpia e leveza.

Dormem nos canais
Navios casuais,
Pois seu humor oscila, erra;
É para atender
Teu menor querer
Que vêm dos confins da terra.
— Os sóis dos poentes
Revestem correntes,
Campos e toda a cidade,
De jacinto e ouro; e esse
Mundo assim adormece
Numa ardente claridade.

Lá, tudo é ordem e beleza,
Luxo, volúpia e leveza.

liv
l'irréparable

*Pouvons-nous étouffer le vieux, le long Remords,
Qui vit, s'agite et se tortille,
Et se nourrit de nous comme le ver des morts,
Comme du chêne la chenille?
Pouvons-nous étouffer l'implacable Remords?*

*Dans quel philtre, dans quel vin, dans quelle tisane,
Noierons-nous ce vieil ennemi,
Destructeur et gourmand comme la courtisane,
Patient comme la fourmi?
Dans quel philtre? — dans quel vin? — dans quelle tisane?*

*Dis-le, belle sorcière, oh! dis, si tu le sais,
À cet esprit comblé d'angoisse
Et pareil au mourant qu'écrasent les blessés,
Que le sabot du cheval froisse,
Dis-le, belle sorcière, oh! dis, si tu le sais,*

*À cet agonisant que le loup déjà flaire
Et que surveille le corbeau,
À ce soldat brisé! S'il faut qu'il désespère*

*D'avoir sa croix et son tombeau;
Ce pauvre agonisant que déjà le loup flaire!*

Peut-on illuminer un ciel bourbeux et noir?

*Peut-on déchirer des ténèbres
Plus denses que la poix, sans matin et sans soir,
Sans astres, sans éclairs funèbres?
Peut-on illuminer un ciel bourbeux et noir?*

*L'Espérance qui brille aux carreaux de l'Auberge
Est soufflée, est morte à jamais!
Sans lune et sans rayons, trouver où l'on héberge
Les martyrs d'un chemin mauvais!
Le Diable a tout éteint aux carreaux de l'Auberge!*

*Adorable sorcière, aimes-tu les damnés?
Dis, connais-tu l'irrémissible?
Connais-tu le Remords, aux traits empoisonnés,
À qui notre cœur sert de cible?
Adorable sorcière, aimes-tu les damnés?*

*L'Irréparable ronge avec sa dent maudite
Notre âme, piteux monument,
Et souvent il attaque, ainsi que le termite,
Par la base le bâtiment.
L'Irréparable ronge avec sa dent maudite!*

*— J'ai vu parfois, au fond d'un théâtre banal
Qu'enflammait l'orchestre sonore,
Une fée allumer dans un ciel infernal*

*Une miraculeuse aurore;
J'ai vu parfois au fond d'un théâtre banal*

*Un être, qui n'était que lumière, or et gaze,
Terrasser l'énorme Satan;
Mais mon cœur, que jamais ne visite l'extase,
Est un théâtre où l'on attend
Toujours, toujours en vain, l'Être aux ailes de gaze!*

liv o irreparável

Podemos sufocá-lo, esse Remorso atroz,
Que vive, se agita e se farta
— Como o verme dos mortos —, se farta de nós
Como do carvalho a lagarta?
Podemos sufocá-lo, esse Remorso atroz?

Em que filtro, em que vinho ou em qual infusão
Afogar tão velho oponente,
Como uma cortesã destruidor e glutão,
Como uma formiga paciente?
Em que filtro? — em que vinho? — ou em qual infusão?

Se o sabes, feiticeira, diz, sem alaridos,
A este ser que a angústia traga,
Tal como um moribundo, embaixo de feridos,
Que o casco do cavalo esmaga,
Se o sabes, feiticeira, diz, sem alaridos,

A este agonizante a que o lobo fareja
E que corvo logo vigia,
A este soldado findo! para que anteveja

Se cruz e cova não teria;
O pobre agonizante a que o lobo fareja!

Pode-se iluminar negro e lodoso céu?
E lacerar escuridões
Sem manhã e sem tarde, mais densas que o breu,
Sem astros, fúnebres clarões?
Pode-se iluminar negro e lodoso céu?

A Esperança que brilha na Hospedaria
Foi morta, apagada! Sem luar,
Sem raios, encontrar onde se abrigaria
Cada mártir nesse limiar!
O Diabo apagou tudo na Hospedaria!

Amável feiticeira, gostas dos danados?
Tu conheces o sem perdão?
O Remorso, com seus tiros envenenados,
Que mira nosso coração?
Amável feiticeira, gostas dos danados?

O Irreparável rói com seu maldito dente
Nossa alma, pobre monumento;
Como o cupim, ataca de modo frequente
A obra por seu embasamento.
O Irreparável rói com seu maldito dente!

— Vi, às vezes, no fundo de um teatro banal,
Inflamado pela sonora
Orquestra, a fada atear em um céu infernal

Uma miraculosa aurora;
Vi que, às vezes, no fundo de um teatro banal,

Uma criatura que era só luz, ouro e gaze,
O enorme Satã abatera;
Mas meu coração, sem que o êxtase o abraça,
É esse teatro onde se espera,
Sempre em vão, a Criatura de asas de gaze!

Iv causerie

*Vous êtes un beau ciel d'automne, clair et rose!
Mais la tristesse en moi monte comme la mer,
Et laisse, en refluant, sur ma lèvre morose
Le souvenir cuisant de son limon amer.*

*— Ta main se glisse en vain sur mon sein qui se pâme;
Ce qu'elle cherche, amie, est un lieu saccagé
Par la griffe et la dent féroce de la femme.
Ne cherchez plus mon cœur; les bêtes l'ont mangé.*

*Mon cœur est un palais flétri par la cohue;
On s'y soûle, on s'y tue, on s'y prend aux cheveux!
— Un parfum nage autour de votre gorge nue!...*

*Ô Beauté, dur fléau des âmes, tu le veux!
Avec tes yeux de feu, brillants comme des fêtes,
Calcine ces lambeaux qu'ont épargnés les bêtes!*

lv conversa

És um harmonioso céu de outono, claro e rosa!
Mas a tristeza em mim sobe tal como o mar,
E, ao recuar, deixa em minha boca desditosa
A lembrança de seu limo acre a me amargar.

— Em meu peito assustado se insinua em vão
Tua mão, que busca, amiga, um lugar destruído
Pela garra e o cruel dente da mulher. Não
Busques meu coração pelas feras comido,

Palácio conspurcado por uma assembleia
Em que bebem, se matam, puxam o cabelo!
— Em teu pescoço nu um perfume volteia!...

Tu o queres, Beleza, ó penoso flagelo!
Com teus olhos de fogo, acesos como festas,
Calcina o que ficou, poupado pelas bestas!

Ivi
chant d'automne

I

*Bientôt nous plongerons dans les froides ténèbres;
Adieu, vive clarté de nos étés trop courts!
J'entends déjà tomber avec des chocs funèbres
Le bois retentissant sur le pavé des cours.*

*Tout l'hiver va rentrer dans mon être: colère,
Haine, frissons, horreur, labeur dur et forcé,
Et, comme le soleil dans son enfer polaire,
Mon cœur ne sera plus qu'un bloc rouge et glacé.*

*J'écoute en frémissant chaque bûche qui tombe;
L'échafaud qu'on bâtit n'a pas d'écho plus sourd.
Mon esprit est pareil à la tour qui succombe
Sous les coups du bélier infatigable et lourd.*

*Il me semble, bercé par ce choc monotone,
Qu'on cloue en grande hâte un cercueil quelque part.
Pour qui? — C'était hier l'été; voici l'automne!
Ce bruit mystérieux sonne comme un départ.*

*J'aime de vos longs yeux la lumière verdâtre,
Douce beauté, mais tout aujourd'hui m'est amer,
Et rien, ni votre amour, ni le boudoir, ni l'âtre,
Ne me vaut le soleil rayonnant sur la mer.*

*Et pourtant aimez-moi, tendre cœur! soyez mère,
Même pour un ingrat, même pour un méchant;
Amante ou sœur, soyez la douceur éphémère
D'un glorieux automne ou d'un soleil couchant.*

*Courte tâche! La tombe attend; elle est avide!
Ah! laissez-moi, mon front posé sur vos genoux,
Goûter, en regrettant l'été blanc et torride,
De l'arrière-saison le rayon jaune et doux!*

lvi canto de outono

i

Adeus à claridade do curto verão!
Logo mergulharemos em trevas glaciais;
Escuto já cair, com choques funerais
Nos pátios, a madeira a ressoar no chão.

Todo o inverno em meu ser chegará a entrar:
Ódio, tremor, horror, ira, labor forçado,
E, assim como o sol quando no inferno polar,
Meu coração será um bloco rubro e gelado.

Escuto estremecendo cada acha que cai;
E menos surdo ecoa o cadafalso alçado.
Meu espírito lembra a torre que decai
Sob os golpes do aríete pugnaz, pesado.

Parece-me, embalado por essa batida,
Que se prega apressado um caixão qualquer.
Ontem, verão; já hoje o outono se faz ver!
O ruído obscuro soa como uma partida.

Gosto em teus longos olhos da luz esverdeada,
Mas hoje tudo só me consegue amargar,
E nada — teu amor, lareira, alcova —, nada
Pode valer-me o sol brilhando sobre o mar.

No entanto, que tu me ames, sê mãe, com ternura,
Mesmo para um ingrato ou para um insolente;
Amada ou irmã, sê a efêmera brandura
De um outono glorioso ou de um sol poente.

Breve tarefa! O túmulo espera com ardor!
Deixa-me, a fronte posta em teus joelhos, lembrando
Saudoso do verão branco e abrasador,
Saborear o outonal raio amarelo e brando!

lvii
à une madone
Ex-voto dans le goût espagnol

*Je veux bâtir pour toi, Madone, ma maîtresse,
Un autel souterrain au fond de ma détresse,
Et creuser dans le coin le plus noir de mon cœur,
Loin du désir mondain et du regard moqueur,
Une niche, d'azur et d'or tout émaillée,
Où tu te dresseras, Statue émerveillée.
Avec mes Vers polis, treillis d'un pur métal
Savamment constellé de rimes de cristal,
Je ferai pour ta tête une énorme Couronne;
Et dans ma Jalousie, ô mortelle Madone,
Je saurai te tailler un Manteau, de façon
Barbare, roide et lourd, et doublé de soupçon,
Qui, comme une guérite, enfermera tes charmes;
Non de Perles brodé, mais de toutes mes Larmes!
Ta Robe, ce sera mon Désir, frémissant,
Onduleux, mon Désir qui monte et qui descend,
Aux pointes se balance, aux vallons se repose,
Et revêt d'un baiser tout ton corps blanc et rose.
Je te ferai de mon Respect de beaux Souliers*

*De satin, par tes pieds divins humiliés,
Qui, les emprisonnant dans une molle étreinte,
Comme un moule fidèle en garderont l'empreinte.
Si je ne puis, malgré tout mon art diligent,
Pour Marchepied tailler une Lune d'argent,
Je mettrai le Serpent qui me mord les entrailles
Sous tes talons, afin que tu foules et railles,
Reine victorieuse et féconde en rachats,
Ce monstre tout gonflé de haine et de crachats.
Tu verras mes Pensers, rangés comme les Cierges
Devant l'autel fleuri de la Reine des Vierges,
Étoilant de reflets le plafond peint en bleu,
Te regarder toujours avec des yeux de feu;
Et comme tout en moi te chérit et t'admire,
Tout se fera Benjoin, Encens, Oliban, Myrrhe,
Et sans cesse vers toi, sommet blanc et neigeux,
En Vapeurs montera mon Esprit orageux.*

*Enfin, pour compléter ton rôle de Marie,
Et pour mêler l'amour avec la barbarie,
Volupté noire! des sept Péchés capitaux,
Bourreau plein de remords, je ferai sept Couteaux
Bien affilés, et, comme un jongleur insensible,
Prenant le plus profond de ton amour pour cible,
Je les planterai tous dans ton Cœur pantelant,
Dans ton Cœur sanglotant, dans ton Cœur ruisselant!*

lvii
a uma madona
Ex-voto ao gosto espanhol

Quero construir para ti, minha ventura,
Um altar subterrâneo no fundo da agrura
E, no canto mais negro de meu coração,
Distante do desejo e do ar de derrisão,
Uma gruta cavar, de ouro e azul esmaltada,
Onde tu te erguerás, Estátua arrebatada.
Com meus Versos polidos, treliça em metal
Puro e constelação de rimas em cristal,
Uma enorme Coroa eu te vou fazer;
E em meu Ciúme, ó mortal Madona, vou querer
Talhar-te um Manto, rijo, pesado, à feição
Bárbara, já forrado pela suspeição
— Nessa guarita teu encanto está guardado;
Não de Pérolas, mas de Lágrimas bordado,
Teu Vestido — este é meu Desejo, vibrante,
Meu Desejo que sobe e desce, ondeante —,
Nos picos se balança, nos vales repousa,
E reveste de um beijo um corpo branco e rosa.
Far-te-ei de meu Respeito esplêndidos Calçados

De cetim, por teus pés divinos humilhados,
Que, ao aprisioná-los num sutil abraço,
Como um molde fiel deles guardarão o traço.
Se não posso, apesar de minha arte exata,
Talhar como Degrau uma Lua de prata,
O Ofídio que as entranhas me insiste em picar
Porei sob teus pés, para que possas calcar,
Rainha vitoriosa e rica em redenções,
Esse monstro estufado de ódio e secreções.
Verás meus Pensamentos — tal Círios, em frente
Ao altar da Rainha das Virgens luzente
De flores, a estrelar com reflexos o teto
Azul — te olharem com olhos de fogo inquieto;
E como tudo em mim te admira e te adora,
Tudo será Benjoim, Mirra, Incenso, e de agora
Em diante, para ti, cume de neve e alvores,
Subirá meu bravio Espírito em Vapores.

Para enfim completar teu papel de Maria,
E misturar o amor com a selvageria,
Negro prazer! enfim os Pecados capitais,
Carrasco com remorsos, em sete Punhais
Os mudarei, e, tal um jogral sem tremor,
Tendo por alvo o mais fundo de teu amor,
Vou plantá-los em teu Coração arquejante,
Coração soluçante, Coração jorrante!

lviii
chanson d'après-midi

*Quoique tes sourcils méchants
Te donnent un air étrange
Qui n'est pas celui d'un ange,
Sorcière aux yeux alléchants,*

*Je t'adore, ô ma frivole,
Ma terrible passion!
Avec la dévotion
Du prêtre pour son idole.*

*Le désert et la forêt
Embaument tes tresses rudes,
Ta tête a les attitudes
De l'énigme et du secret.*

*Sur ta chair le parfum rôde
Comme autour d'un encensoir;
Tu charmes comme le soir,
Nymphé ténébreuse et chaude.*

*Ah! les philtres les plus forts
Ne valent pas ta paresse,*

*Et tu connais la caresse
Qui fait revivre les morts!*

*Tes hanches sont amoureuses
De ton dos et de tes seins,
Et tu ravis les coussins
Par tes poses langoureuses.*

*Quelquefois, pour apaiser
Ta rage mystérieuse,
Tu prodigues, sérieuse,
La morsure et le baiser;*

*Tu me déchires, ma brune,
Avec un rire moqueur,
Et puis tu mets sur mon cœur
Ton œil doux comme la lune.*

*Sous tes souliers de satin,
Sous tes charmants pieds de soie,
Moi, je mets ma grande joie,
Mon génie et mon destin,*

*Mon âme par toi guérie,
Par toi, lumière et couleur!
Explosion de chaleur
Dans ma noire Sibérie!*

lviii
canção da tarde

Ainda que esses teus sobrolhos
Te deem um ar inusual
Que não é angelical,
Bruxa de atraentes olhos,

Ó frívola, eu te quero,
Minha terrível paixão!
Com a mesma devoção
Que a um ídolo vota um clero.

A floresta e o deserto
Perfumam tuas tranças rudes,
Tem tua cabeça atitudes
Do enigma como do incerto.

Em tua pele o olor vadia
Como incenso sobre o altar;
Vens, como a noite, encantar,
Ó Ninfa quente e sombria.

Os filtros de mais poder
Não valem teu langor vago,

E bem sabes desse afago
Que os mortos faz reviver!

Tuas ancas são amorosas
De um colo e costas perfeitas,
E as almofadas deleitas
Com tuas poses langorosas.

Por vez, para apaziguar
Tua fúria misteriosa,
Tu és pródiga, ciosa,
No morder e no beijar;

Tu me laceras, com tua
Frieza e o riso de irrisão,
Depois em meu coração
Pões um olhar suave de lua.

Sob teu calçado em cetim,
Pés como seda macia,
Ponho toda essa alegria,
Meu gênio, destino e fim,

Minha alma sem sua miséria,
Graças a ti, que és luz, cor!
Uma explosão de calor
Em minha negra Sibéria!

lix
sisina

*Imaginez Diane en galant équipage,
Parcourant les forêts ou battant les halliers,
Cheveux et gorge au vent, s'enivrant de tapage,
Superbe et défiant les meilleurs cavaliers!*

*Avez-vous vu Théroigne, amante du carnage,
Excitant à l'assaut un peuple sans souliers,
La joue et l'œil en feu, jouant son personnage,
Et montant, sabre au poing, les royaux escaliers?*

*Telle la Sisina! Mais la douce guerrière
A l'âme charitable autant que meurtrière;
Son courage, affolé de poudre et de tambours,*

*Devant les suppliants sait mettre bas les armes,
Et son cœur, ravagé par la flamme, a toujours,
Pour qui s'en montre digne, un réservoir de larmes.*

lix sisina

Imagina Diana em galante roupagem,
A percorrer florestas, bater matagais,
Cabelo e peito entregues ao rumor e à aragem,
Grandiosa, a desafiar cavaleiros cabais!

Viste Théroigne, adepta da luta selvagem,
Instigando ao assalto descalços brutais,
Face e olho em fogo, como pede o personagem,
E a subir, sabre em punho, as escadas reais?

Assim Sisina! Mas a guerreira cordial
Tem alma caridosa bem como fatal;
Exaltado seu brio por pólvora e tambor,

Sabe baixar as armas ante os suplicantes,
E o coração, esvaído pelo imenso ardor,
Tem, para quem for digno, olhos lacrimejantes.

lx
franciscæ meæ laudes

*Novis te cantabo chordis,
O novelletum quod ludis
In solitudine cordis.*

*Esto sertis implicata,
O femina delicata
Per quam solvuntur peccata!*

*Sicut beneficium Lethe,
Hauriam oscula de te,
Quæ imbuta es magnete.*

*Quum vitiorum tempestas
Turbabat omnes semitas,
Apparuisti, Deitas,*

*Velut stella salutaris
In naufragiis amaris...
Suspendam cor tuis aris!*

*Piscina plena virtutis,
Fons æternæ juventutis,*

Labris vocem redde mutis!

*Quod erat spurcum, cremasti;
Quod rudius, exæquasti;
Quod debile, confirmasti.*

*In fame mea taberna,
In nocte mea lucerna,
Recte me semper gubernas.*

*Adde nunc vires viribus,
Dulce balneum suavibus
Unguentatum odoribus!*

*Meos circa lumbos mica,
O castitatis lorica,
Aqua tincta seraphica;*

*Patera gemmis corusca,
Panis salsus, mollis esca,
Divinum vinum, Francisca!*

lx

louvações para minha francisca

Cantar-te-ei em cordas novas,
Ó cerva que me renovas
Na solidão e suas provas.

Que te envolva uma grinalda,
Mulher tão bem desenhada,
Graças a ti a culpa é expiada!

Como um Letes benfazejo,
Sorvo tudo quanto é beijo,
Ó tu com um ímã sobejo.

Quando o vício em sua tormenta
Os caminhos atormenta,
A Deidade se apresenta,

Como a estrela salutar
Em meio a um naufragar...
Porei a alma em teu altar!

Fonte eterna de virtude,
Nascente da juventude,

Dá-me da voz a saúde!

O que era vil, tu queimaste;
O que rude, tu abrandaste;
O fraco, fortaleceste.

Na fome és minha taberna,
Na noite és minha lanterna,
À retidão me governa.

Torna-me a força possante,
Suave banho perfumante
Com unguento odorante!

Em volta a meu tronco, ó cinto
De castidade, te sinto
Em água angelical tinto;

Taça em pedras que faísca,
Prato delicado à risca,
Vinho divino, Francisca!

Ixi
à une dame créole

*Au pays parfumé que le soleil caresse,
J'ai connu, sous un dais d'arbres tout empourprés
Et de palmiers d'où pleut sur les yeux la paresse,
Une dame créole aux charmes ignorés.*

*Son teint est pâle et chaud; la brune enchanteresse
A dans le cou des airs noblement maniérés;
Grande et svelte en marchant comme une chasseresse,
Son sourire est tranquille et ses yeux assurés.*

*Si vous alliez, Madame, au vrai pays de gloire,
Sur les bords de la Seine ou de la verte Loire,
Belle digne d'orner les antiques manoirs,*

*Vous feriez, à l'abri des ombreuses retraites,
Germer mille sonnets dans le cœur des poètes,
Que vos grands yeux rendraient plus soumis que vos noirs.*

Ixi a uma dama crioula

Na terra perfumada em que o sol se demora,
Conheci, sob dossel de ramos encarnados,
Palmas cuja preguiça aos olhos aflora,
A dama crioula e seus encantos ignorados.

Pálida e morna tez, morena encantadora,
Tem no colo ares nobremente amaneirados;
Alta e esbelta ao andar como uma caçadora,
De plácido sorriso e olhos imperturbados.

Se fosses ao país de autêntico esplendor,
Às margens dos rios Sena ou Loire, com seu verdor,
Tu, digna de enfeitar um antigo solar,

Farias, num abrigo sob sombras diletas,
Mil sonetos brotar no coração dos poetas,
Mais submissos que teus negros a teu olhar.

lxii
mœsta et errabunda

*Dis-moi ton cœur parfois s'envole-t-il, Agathe,
Loin du noir océan de l'immonde cité,
Vers un autre océan où la splendeur éclate,
Bleu, clair, profond, ainsi que la virginité?
Dis-moi, ton cœur parfois s'envole-t-il, Agathe?*

*La mer, la vaste mer, console nos labeurs!
Quel démon a doté la mer, rauque chanteuse
Qu'accompagne l'immense orgue des vents grondeurs,
De cette fonction sublime de berceuse?
La mer, la vaste mer, console nos labeurs!*

*Emporte-moi, wagon! enlève-moi, frégate!
Loin! loin! ici la boue est faite de nos pleurs!
— Est-il vrai que parfois le triste cœur d'Agathe
Dise: Loin des remords, des crimes, des douleurs,
Emporte-moi, wagon, enlève-moi, frégate?*

*Comme vous êtes loin, paradis parfumé,
Où sous un clair azur tout n'est qu'amour et joie,
Où tout ce que l'on aime est digne d'être aimé,*

*Où dans la volupté pure le cœur se noie!
Comme vous êtes loin, paradis parfumé!*

*Mais le vert paradis des amours enfantines,
Les courses, les chansons, les baisers, les bouquets,
Les violons vibrant derrière les collines,
Avec les brocs de vin, le soir, dans les bosquets,
— Mais le vert paradis des amours enfantines,*

*L'innocent paradis, plein de plaisirs furtifs,
Est-il déjà plus loin que l'Inde et que la Chine?
Peut-on le rappeler avec des cris plaintifs,
Et l'animer encor d'une voix argentine,
L'innocent paradis plein de plaisirs furtifs?*

lxii

mœsta et errabunda

Dize, Agathe, por vezes teu coração voa
Longe do negro oceano da imunda cidade,
Para um outro oceano onde o esplendor ressoa,
Azul, claro, profundo, como a virgindade?
Dize, Agathe, por vezes teu coração voa?

O mar vasto consola de nossos labores!
Que demônio dotou o mar, rouco cantor
Com imenso órgão de ventos tão resmungadores,
Dessa função sublime de acalentador?
O mar vasto consola-nos nossos labores!

Carrega-me, fragata! leva-me, vagão!
Longe! aqui a lama é feita de nossos prantos!
— É fato que em Agathe o triste coração
Diga: Longe dos crimes, dores, desencantos,
Carrega-me, fragata, leva-me, vagão?

Longe estás, paraíso assim tão perfumado,
Onde sob claro azul tudo é amor e alegria,
Onde o que amamos é digno de ser amado,

Onde à volúpia pura o coração se alia!
Longe estás, paraíso assim tão perfumado!

O verde paraíso de amores pueris,
As canções, os buquês, os beijos, os folguedos,
Violinos a vibrar em longes pastoris,
Com taças de vinho, à noite, nos arvoredos
— O verde paraíso de amores pueris,

O puro paraíso em prazeres furtivos
Está já mais distante que a Índia e a China?
E o podemos chamar com gritos aflitivos,
Ou ainda o animar com uma voz argentina,
O puro paraíso em prazeres furtivos?

Ixiii
le revenant

*Comme les anges à l'œil fauve,
Je reviendrai dans ton alcôve
Et vers toi glisserai sans bruit
Avec les ombres de la nuit;*

*Et je te donnerai, ma brune,
Des baisers froids comme la lune
Et des caresses de serpent
Autour d'une fosse rampant.*

*Quand viendra le matin livide,
Tu trouveras ma place vide,
Où jusqu'au soir il fera froid.*

*Comme d'autres par la tendresse,
Sur ta vie et sur ta jeunesse,
Moi, je veux régner par l'effroi.*

lxiii o espectro

Como os anjos de olhar violento,
Voltarei a teu aposento,
Como as sombras da noite irei
Me chegar sem ruído; darei

Em ti beijos, bela morena,
Frios como a lua serena
E afagos assim como rente
À fossa desliza a serpente.

Quando a manhã branca chegar,
Verás vazio meu lugar,
Frio até a noite descer.

Como outros pela mansuetude,
Sobre tua vida e juventude
Pelo medo hei de ter poder.

Ixiv
sonnet d'automne

*Ils me disent, tes yeux, clairs comme le cristal:
"Pour toi, bizarre amant, quel est donc mon mérite?"
— Sois charmante et tais-toi! Mon cœur, que tout irrite,
Excepté la candeur de l'antique animal,*

*Ne veut pas te montrer son secret infernal,
Berceuse dont la main aux longs sommeils m'invite,
Ni sa noire légende avec la flamme écrite.
Je hais la passion et l'esprit me fait mal!*

*Aimons-nous doucement. L'Amour dans sa guérite,
Ténébreux, embusqué, bande son arc fatal.
Je connais les engins de son vieil arsenal:*

*Crime, horreur et folie! — Ô pâle marguerite!
Comme moi n'es-tu pas un soleil automnal,
Ô ma si blanche, ô ma si froide Marguerite?*

Ixiv
soneto de outono

Dizem-me os olhos teus, claros como cristal:

“De algum mérito, excêntrico amor, sou provida?”

— Cala! Meu coração, a que tudo na vida
Irrita, salvo a antiga candura animal,

Não te quer exhibir seu segredo infernal,
Cantiga que, com longos sonos, me convida,
Nem sua negra legenda com ardor urdida.
Odeio a paixão; faz-me mal o espiritual!

Amemo-nos afáveis. O Amor na guarida,
Tenebroso, emboscado, estira o arco fatal.
Conheço-lhe os engenhos do velho arsenal:

Crime, horror, loucura! — Ó pálida margarida!
Assim como eu, tu não és um sol outonal,
Ó minha tão branca, ó tão fria Margarida?

lxv
tristesses de la lune

*Ce soir, la lune rêve avec plus de paresse;
Ainsi qu'une beauté, sur de nombreux coussins,
Qui d'une main distraite et légère caresse
Avant de s'endormir le contour de ses seins,*

*Sur le dos satiné des molles avalanches,
Mourante, elle se livre aux longues pâmoisons,
Et promène ses yeux sur les visions blanches
Qui montent dans l'azur comme des floraisons.*

*Quand parfois sur ce globe, en sa langueur oisive,
Elle laisse filer une larme furtive,
Un poète pieux, ennemi du sommeil,*

*Dans le creux de sa main prend cette larme pâle,
Aux reflets irisés comme un fragment d'opale,
Et la met dans son cœur loin des yeux du soleil.*

lxv

tristezas da lua

Esta noite, a lua sonha indolente, vaga;
Como, sobre almofadas, a bela mulher
Que com mão distraída e rarefeita afaga
O contorno do seio antes de adormecer,

No dorso de avalanches tão acetinadas,
Morrendo, ela se entrega a enlevações,
Passeia os olhos nas visões esbranquiçadas
Que se elevam no azul tal como florações.

Se, neste globo, em sua languidez ostensiva,
Deixa ela correr uma lágrima furtiva,
Um poeta dedicado, que ao sono diz não,

A lágrima, ele no oco da mão vem pegá-la,
Com irisados reflexos tal lasca de opala,
E a põe, longe do olhar do sol, no coração.

lxvi

les chats

*Les amoureux fervents et les savants austères
Aiment également, dans leur mûre saison,
Les chats puissants et doux, orgueil de la maison,
Qui comme eux sont frileux et comme eux sédentaires.*

*Amis de la science et de la volupté,
Ils cherchent le silence et l'horreur des ténèbres;
L'Érèbe les eût pris pour ses coursiers funèbres,
S'ils pouvaient au servage incliner leur fierté.*

*Ils prennent en songeant les nobles attitudes
Des grands sphinx allongés au fond des solitudes,
Qui semblent s'endormir dans un rêve sans fin;*

*Leurs reins féconds sont pleins d'étincelles magiques,
Et des parcelles d'or, ainsi qu'un sable fin,
Étoilent vaguement leurs prunelles mystiques.*

lxvi os gatos

Eruditos austeros e amantes sedentos
Tendem, quando na idade madura, a apreciar
Gatos fortes e suaves, orgulho do lar,
Como eles sedentários e também friorentos.

Amigos da ciência e da lubricidade,
Buscam silêncio e horror na face mais sombria;
Seus corcéis da morte Érebo até os faria,
Se eles à servidão dobrassem a vaidade.

Tomam, em devaneio, as nobres atitudes
De esfinges estiradas em solidões rudes,
Com ar de dormir num sonho que nunca termina;

Seus dorsos férteis têm chispas, perfeitas magas,
E partículas de ouro, como areia fina,
Em seus místicos olhos são estrelas vagas.

lxvii

les hiboux

*Sous les ifs noirs qui les abritent,
Les hiboux se tiennent rangés,
Ainsi que des dieux étrangers,
Dardant leur œil rouge. Ils méditent.*

*Sans remuer ils se tiendront
Jusqu'à l'heure mélancolique
Où, poussant le soleil oblique,
Les ténèbres s'établiront.*

*Leur attitude au sage enseigne
Qu'il faut en ce monde qu'il craigne
Le tumulte et le mouvement;*

*L'homme ivre d'une ombre qui passe
Porte toujours le châtiment
D'avoir voulu changer de place.*

lxvii os mochos

Sob os teixos que eles habitam,
Os mochos, em ordem reunidos,
Como os deuses desconhecidos,
Faíscam o olho rubro. Meditam.

Imóveis vão permanecer
Até a melancólica hora
Em que, o sol oblíquo indo embora,
As trevas se irão estender.

Sua atitude vem expor
Ao sábio que há que ter temor
A movimento e confusão;

Ébrio de uma sombra a vagar
O homem carrega a punição
De querer mudar de lugar.

lxviii
la pipe

*Je suis la pipe d'un auteur;
On voit, à contempler ma mine
D'Abyssinienne ou de Cafrine,
Que mon maître est un grand fumeur.*

*Quand il est comblé de douleur,
Je fume comme la chaumine
Où se prépare la cuisine
Pour le retour du laboureur.*

*J'enlace et je berce son âme
Dans le réseau mobile et bleu
Qui monte de ma bouche en feu,*

*Et je roule un puissant dictame
Qui charme son cœur et guérit
De ses fatigues son esprit.*

lxviii o cachimbo

Sou o cachimbo de um autor; e ante
A aparência de minha tez
De etíope ou cafre, vê-se
Que meu dono é um grande fumante.

Se está tomado pela dor,
Fumego tal choça sofrida
Onde se prepara a comida
Para a volta do lavrador.

Seu espírito eu acalento
Na trama azul, fluida, que logo
Sobe de minha boca em fogo,

E exalo um poderoso alento
Que atrai seu coração e acalma
De suas fadigas a sua alma.

Ixix

la musique

La musique souvent me prend comme une mer!
Vers ma pâle étoile,
Sous un plafond de brume ou dans un vaste éther,
Je mets à la voile;

La poitrine en avant et les poumons gonflés
Comme de la toile,
J'escalade le dos des flots amoncelés
Que la nuit me voile;

Je sens vibrer en moi toutes les passions
D'un vaisseau qui souffre;
Le bon vent, la tempête et ses convulsions

Sur l'immense gouffre
Me bercent. D'autres fois, calme plat, grand miroir
De mon désespoir!

Ixix a música

A música, tenaz, como um mar me domina!
Para a pálida estrela,
Num vasto éter ou sob um teto de neblina,
Dirijo a caravela;

O peito para diante e os pulmões insuflados
Assim como uma vela,
Escalo os dorsos de ondas todos amontoados
Que a noite de mim vela;

Sinto que em mim palpitam todas as paixões
De uma nau sofredora;
Ora o vento, a borrasca e suas convulsões

Me embalam no abismo. Ora
Calmaria, um espelho alargado e severo
Desse meu desespero!

Ixx sépulture

*Si par une nuit lourde et sombre
Un bon chrétien, par charité,
Derrière quelque vieux décombre
Enterre votre corps vanté,*

*À l'heure où les chastes étoiles
Ferment leurs yeux appesantis,
L'araignée y fera ses toiles,
Et la vipère ses petits;*

*Vous entendrez toute l'année
Sur votre tête condamnée
Les cris lamentables des loups*

*Et des sorcières faméliques,
Les ébats des vieillards lubriques
Et les complots des noirs filous.*

lxx sepultura

Se em noite sombria e pesada
Algum bom cristão, caridoso,
Junto a uma ruína abandonada
Enterra teu corpo vistoso,

Na hora em que as estrelas, alheias,
Castas, fecham o olho ao dia,
A aranha aí faz suas teias,
E a cobra seus filhotes cria;

Sobre tua cabeça maldita
Escutarás todo o ano a grita
De infindo lamento de lobos

E bruxas famélicas, vivos
Arroubos de velhos lascivos
E obscuros projetos de roubos.

lxxi
une gravure fantastique

*Ce spectre singulier n'a pour toute toilette,
Grotesquement campé sur son front de squelette,
Qu'un diadème affreux sentant le carnaval.
Sans éperons, sans fouet, il essouffle un cheval,
Fantôme comme lui, rosse apocalyptique,
Qui bave des naseaux comme un épileptique.
Au travers de l'espace ils s'enfoncent tous deux,
Et foulent l'infini d'un sabot hasardeux.
Le cavalier promène un sabre qui flamboie
Sur les foules sans nom que sa monture broie,
Et parcourt, comme un prince inspectant sa maison,
Le cimetière immense et froid, sans horizon,
Où gisent, aux lueurs d'un soleil blanc et terne,
Les peuples de l'histoire ancienne et moderne.*

lxxi

uma gravura fantástica

Tem como único traje, esse espectro de aspecto
Singular, posto em sua cabeça de esqueleto,
Só um diadema grotesco com ar de carnaval.
Sem relho, espora, exaure um cavalo — ele tal
Qual: pangaré do fim dos tempos, em frenético
Espumar pelas ventas como um epilético.
Eles se enfiam ambos os dois pelo espaço
E pisam o infinito em vago furta-passo.
O cavaleiro corre um sabre que fulgura
Sobre gente sem nome que a besta tritura,
E percorre, tal príncipe a sua moradia,
O cemitério sem horizonte, essa fria
Terra onde, sob um sol de alva luz que consterna,
Jazem povos da história antiga e moderna.

lxxii
le mort joyeux

*Dans une terre grasse et pleine d'escargots
Je veux creuser moi-même une fosse profonde,
Où je puisse à loisir étaler mes vieux os
Et dormir dans l'oubli comme un requin dans l'onde.*

*Je hais les testaments et je hais les tombeaux;
Plutôt que d'implorer une larme du monde,
Vivant, j'aimerais mieux inviter les corbeaux
À saigner tous les bouts de ma carcasse immonde.*

*Ô vers! noirs compagnons sans oreille et sans yeux,
Voyez venir à vous un mort libre et joyeux;
Philosophes viveurs, fils de la pourriture,*

*À travers ma ruine allez donc sans remords,
Et dites-moi s'il est encor quelque torture
Pour ce vieux corps sans âme et mort parmi les morts!*

lxxii o morto alegre

Em uma terra farta e cheia de sustentos
Quero eu mesmo escavar um buraco profundo,
Onde possa dispor meus ossos sem lamentos,
Dormir no olvido tal tubarão no mar fundo.

Odeio os mausoléus e odeio os testamentos;
Mais do que implorar uma lágrima do mundo,
Eu convidaria, ainda vivo, os corvos cruentos
A me sangrarem todo este esqueleto imundo.

Ó vermes! companheiros sem olhos e ouvido,
Vejam chegar-lhes um morto desimpedido;
Filósofos vadios, filhos da podridão,

Na minha ruína sigam pois sem desconfortos,
E me digam se mais torturas pesarão
Sobre esse corpo sem alma e morto entre os mortos!

lxxiii
le tonneau de la haine

*La Haine est le tonneau des pâles Danaïdes;
La Vengeance éperdue aux bras rouges et forts
A beau précipiter dans ses ténèbres vides
De grands seaux pleins du sang et des larmes des morts,*

*Le Démon fait des trous secrets à ces abîmes,
Par où fuiraient mille ans de sueurs et d'efforts,
Quand même elle saurait ranimer ses victimes,
Et pour les pressurer ressusciter leurs corps.*

*La Haine est un ivrogne au fond d'une taverne,
Qui sent toujours la soif naître de la liqueur
Et se multiplier comme l'hydre de Lerne.*

*— Mais les buveurs heureux connaissent leur vainqueur,
Et la Haine est vouée à ce sort lamentable
De ne pouvoir jamais s'endormir sous la table.*

lxxiii o tonel do ódio

O Ódio é o tonel das alvas Danaides; doentia,
Braços rubros e fortes, a Vingança em vão
Precipita dos mortos, na treva vazia,
Balde de sangue e lágrimas, com decisão.

O Diabo nos abismos vem furos cavar,
Pelos quais vazariam mil anos de suor,
Mas saberia suas vítimas reanimar,
E os corpos reviver para deles dispor.

O Ódio é um ébrio no fundo de alguma taberna,
Que sente sempre a sede nascer da bebida
E se multiplicar como a hidra de Lerna.

— Ébrios felizes sabem quem os intimida,
E o Ódio está votado a essa triste certeza
De nunca conseguir dormir sob uma mesa.

Ixxiv

la cloche fêlée

*Il est amer et doux, pendant les nuits d'hiver,
D'écouter, près du feu qui palpite et qui fume,
Les souvenirs lointains lentement s'élever
Au bruit des carillons qui chantent dans la brume.*

*Bienheureuse la cloche au gosier vigoureux
Qui, malgré sa vieillesse, alerte et bien portante,
Jette fidèlement son cri religieux,
Ainsi qu'un vieux soldat qui veille sous la tente!*

*Moi, mon âme est fêlée, et lorsqu'en ses ennuis
Elle veut de ses chants peupler l'air froid des nuits,
Il arrive souvent que sa voix affaiblie*

*Semble le râle épais d'un blessé qu'on oublie
Au bord d'un lac de sang, sous un grand tas de morts,
Et qui meurt, sans bouger, dans d'immenses efforts.*

lxxiv o sino rachado

Durante o inverno, à noite, é suave e pungente
Ouvir, junto à lareira que queima e palpita,
As lembranças longínquas vindo lentamente
Com o som do carrilhão que na bruma se agita.

Se por sua garganta o sino é vigoroso,
Feliz dele, que, ancião mas ágil, com energia
Lança, observante, um grito religioso,
Como na tenda velho soldado vigia!

Já minha alma rachada quando, em agonias,
Quer com cantos povoar o ar das noites frias,
Percebe que seu som está enfraquecido

Como o estertor de um homem ferido e esquecido
Sob um monte de mortos, junto a um lago em sangue,
E que, sem se mexer, vem a morrer exangue.

lxxv
spleen

*Pluviôse, irrité contre la ville entière,
De son urne à grands flots verse un froid ténébreux
Aux pâles habitants du voisin cimetière
Et la mortalité sur les faubourgs brumeux.*

*Mon chat sur le carreau cherchant une litière
Agite sans repos son corps maigre et galeux;
L'âme d'un vieux poète erre dans la gouttière
Avec la triste voix d'un fantôme frileux.*

*Le bourdon se lamente, et la bûche enfumée
Accompagne en fausset la pendule enrhumée,
Cependant qu'en un jeu plein de sales parfums,*

*Héritage fatal d'une vieille hydropique,
Le beau valet de cœur et la dame de pique
Causent sinistrement de leurs amours défunts.*

lxxv spleen

Pluvioso, contra toda a cidade irritado,
De sua urna derrama um frio tenebroso
Em quem, pálido, habita o cemitério ao lado,
E um ar de morte pelo subúrbio brumoso.

Meu gato busca sua areia no lajeado;
Magro e sarnento, agita o corpo sem repouso;
Erra na calha a alma de um poeta alquebrado,
Com a inconsolável voz de um fantasma queixoso.

O sino grave geme, e a lenha enfumaçada
Acompanha em falsete a pêndula gripada,
Enquanto num baralho de sujos odores,

Herança fatal de uma hidrópica senil,
Comentam o valete de copas gentil
E a dama de espada, atros, seus mortos amores.

lxxvi
spleen

J'ai plus de souvenirs que si j'avais mille ans.

*Un gros meuble à tiroirs encombré de bilans,
De vers, de billets doux, de procès, de romances,
Avec de lourds cheveux roulés dans des quittances,
Cache moins de secrets que mon triste cerveau.
C'est une pyramide, un immense caveau,
Qui contient plus de morts que la fosse commune.
— Je suis un cimetière abhorré de la lune,
Où comme des remords se traînent de longs vers
Qui s'acharnent toujours sur mes morts les plus chers.
Je suis un vieux boudoir plein de roses fanées,
Où gît tout un fouillis de modes surannées,
Où les pastels plaintifs et les pâles Boucher,
Seuls, respirent l'odeur d'un flacon débouché.*

*Rien n'égale en longueur les boiteuses journées,
Quand sous les lourds flocons des neigeuses années
L'ennui, fruit de la morne incuriosité,
Prend les proportions de l'immortalité.
— Désormais tu n'es plus, ô matière vivante!*

*Qu'un granit entouré d'une vague épouvante,
Assoupi dans le fond d'un Sahara brumeux;
Un vieux sphinx ignoré du monde insoucieux,
Oublié sur la carte, et dont l'humeur farouche
Ne chante qu'aux rayons du soleil qui se couche.*

lxxvi spleen

Tanta lembrança eu não teria com mil anos.

Com gavetas repletas de balanços, planos,
Bilhetes de amor, versos, processos, canções,
Uns cabelos guardados numas quitações,
Um armário não terá rol de segredos tão
Grande quanto meu cérebro — imenso porão,
Pirâmide, que guarda mais mortos que a fossa
Comum. — Sou cemitério onde sequer se esboça
Luar, onde, tal remorso, a vermina se arrasta,
E sempre em meus mais caros mortos se repasta.
Sou um velho budoar só com rosas fanadas,
Onde jaz profusão de roupas desusadas,
E uns dolentes pastéis e os Boucher de ar lavado,
Sós, respiram o odor de um frasco destampado.

Nada se mede aos dias lentos, vacilantes,
Quando o tédio, nos anos de neves constantes,
Sendo o fruto da mais triste incuriosidade,
Assume as proporções de uma imortalidade.
— Daqui em diante não és mais, ó matéria viva!

Que um granito, cercado por suspeita esquiva,
A dormir nos confins de um Saara enevoadado;
Velha esfinge ignorada pelo descuidado
Mundo, um ponto no mapa, e cujo humor prudente
Só canta sob os raios de algum sol poente.

lxxvii

spleen

*Je suis comme le roi d'un pays pluvieux,
Riche, mais impuissant, jeune et pourtant très vieux,
Qui, de ses précepteurs méprisant les courbettes,
S'ennuie avec ses chiens comme avec d'autres bêtes.
Rien ne peut l'égayer, ni gibier, ni faucon,
Ni son peuple mourant en face du balcon.
Du bouffon favori la grotesque ballade
Ne distrait plus le front de ce cruel malade;
Son lit fleurdelisé se transforme en tombeau,
Et les dames d'atour, pour qui tout prince est beau,
Ne savent plus trouver d'impudique toilette
Pour tirer un souris de ce jeune squelette.
Le savant qui lui fait de l'or n'a jamais pu
De son être extirper l'élément corrompu,
Et dans ces bains de sang qui des Romains nous viennent,
Et dont sur leurs vieux jours les puissants se souviennent,
Il n'a su réchauffer ce cadavre hébété
Où coule au lieu de sang l'eau verte du Léthé.*

lxxvii spleen

Sou tal como o rei de um país muito chuvoso,
Rico mas impotente, jovem mas já idoso,
Que despreza de seus tutores as banais
Lisonjas e se amola com seus animais.
Nada o pode alegrar, nem caça, nem falcão,
Nem seu povo morrendo diante do balcão.
Do bufão predileto a balada insolente
Não distrai mais a fronte desse cruel doente;
Cheia de lírios, já é sua cama um caixão.
Se acham belos todos os príncipes, não
Acham as damas de honra um traje lascivo
Para fazer sorrir o jovem morto-vivo.
Ao sábio que lhe faz ouro não sucedeu
De seu ser extirpar o que se corrompeu,
E nos banhos de sangue, vindos dos Romanos,
Que os poderosos buscam no fim de seus anos,
Não mais pôde esquentar o cadáver exangue
Em que corre a água verde do Lete — e não sangue.

lxxviii

spleen

*Quand le ciel bas et lourd pèse comme un couvercle
Sur l'esprit gémissant en proie aux longs ennuis,
Et que de l'horizon embrassant tout le cercle
Il nous verse un jour noir plus triste que les nuits;*

*Quand la terre est changée en un cachot humide,
Où l'Espérance, comme une chauve-souris,
S'en va battant les murs de son aile timide
Et se cognant la tête à des plafonds pourris;*

*Quand la pluie étalant ses immenses traînées
D'une vaste prison imite les barreaux,
Et qu'un peuple muet d'infâmes araignées
Vient tendre ses filets au fond de nos cerveaux,*

*Des cloches tout à coup sautent avec furie
Et lancent vers le ciel un affreux hurlement,
Ainsi que des esprits errants et sans patrie
Qui se mettent à geindre opiniâtrement.*

*— Et de longs corbillards, sans tambours ni musique,
Défilent lentement dans mon âme; l'Espoir,*

*Vaincu, pleure, et l'Angoisse atroce, despotique,
Sur mon crâne incliné plante son drapeau noir.*

lxxviii spleen

Quando, como uma tampa, o céu pesado baixa
Sobre o espírito, presa de tédios, gemente,
E cingindo o horizonte em sua linha baixa,
Dá-nos um dia que é noite, sombriamente;

Quando a terra transmuda-se em masmorra fria,
Onde a Esperança, tal morcego, se arremessa,
Batendo nas paredes com a asa fugidia
E dando contra os tetos podres com a cabeça;

Quando a chuva, estirando seus grandes cordames,
Imita grades como as das grandes cadeias,
E uma multidão muda de aranhas infames
Dentro de nossos cérebros estende teias,

Sinos saltam de súbito, em fúria, sonantes,
E em direção ao céu arrojam um rugido
Terrível, como espíritos sem pátria, errantes,
Que vêm a se entregar a obstinado gemido.

— Longos féretros, sem música nem tambores,
Desfilam em minha alma; chora, passageira,

a Esperança, e a Angústia, com os seus rigores,
Planta em meu crânio penso uma negra bandeira.

Ixxix

obsession

*Grands bois, vous m'effrayez comme des cathédrales;
Vous hurlez comme l'orgue; et dans nos cœurs maudits,
Chambres d'éternel deuil où vibrent de vieux râles,
Répondent les échos de vos De profundis.*

*Je te hais, Océan! tes bonds et tes tumultes,
Mon esprit les retrouve en lui; ce rire amer
De l'homme vaincu, plein de sanglots et d'insultes,
Je l'entends dans le rire énorme de la mer.*

*Comme tu me plairais, ô nuit! sans ces étoiles
Dont la lumière parle un langage connu!
Car je cherche le vide, et le noir, et le nu!*

*Mais les ténèbres sont elles-mêmes des toiles
Où vivent, jaillissant de mon œil par milliers,
Des êtres disparus aux regards familiers.*

lxxix obsessão

Bosques, tal catedrais feris os meus temores;
Urrais como o órgão; nosso coração maldito,
Câmara de luto onde vibram estertores,
Ecoa o *De profundis* vosso como um rito.

Eu te odeio, Oceano! Teus saltos, tumultos,
Minha alma os ressentir; esse riso com amargo ar
Do homem vencido, só suspiros, só insultos,
Eu o ouço nesse riso tremendo do mar.

Como me agradarias, noite! sem estrelas
Com esse linguajar de luz tão correntio,
Pois o que procuro é o negro e o vazio

E o nu! Mas elas mesmas, as trevas, são telas
Em que vivem, de meu olho vindo aos milhares,
Seres mortos com seus rostos familiares.

lxxx
le goût du néant

*Morne esprit, autrefois amoureux de la lutte,
L'Espoir, dont l'éperon attisait ton ardeur,
Ne veut plus t'enfourcher! Couche-toi sans pudeur,
Vieux cheval dont le pied à chaque obstacle bute.*

Résigne-toi, mon cœur; dors ton sommeil de brute.

*Esprit vaincu, fourbu! Pour toi, vieux maraudeur,
L'amour n'a plus de goût, non plus que la dispute;
Adieu donc, chants du cuivre et soupirs de la flûte!
Plaisirs, ne tentez plus un cœur sombre et boudeur!*

Le Printemps adorable a perdu son odeur!

*Et le Temps m'engloutit minute par minute,
Comme la neige immense un corps pris de roideur;
Je contemple d'en haut le globe en sa rondeur
Et je n'y cherche plus l'abri d'une cahute.*

Avalanche, veux-tu m'emporter dans ta chute?

lxxx o gosto pelo nada

Triste espírito, outrora apegado à luta,
A Esperança, que com a espora ateava-te o ardor,
Não quer mais cavalgar-te! Deita sem pudor,
Cavalo velho que aos obstáculos reluta.

Meu coração, de um sono pesado desfruta.

Espírito vencido! velho salteador,
Não mais te aprazem nem o amor nem a disputa;
Cantos, cicios dos sopros, nada mais se escuta!
Prazeres, não tenteis mais um ser sensabor!

A amável Primavera perdeu seu olor!

E minuto a minuto o Tempo me disputa,
Tal como a neve imensa a um corpo já em rigor;
Do alto olho o globo em seu circular exterior,
E nele sequer busco o abrigo de uma gruta.

Avalanche, em tua queda ter-me-ás, resoluta?

lxxxi
alchimie de la douleur

*L'un t'éclaire avec son ardeur,
L'autre en toi met son deuil, Nature!
Ce qui dit à l'un: Sépulture!
Dit à l'autre: Vie et splendeur!*

*Hermès inconnu qui m'assistes
Et qui toujours m'intimidas,
Tu me rends l'égal de Midas,
Le plus triste des alchimistes;*

*Par toi je change l'or en fer
Et le paradis en enfer;
Dans le suaire des nuages*

*Je découvre un cadavre cher,
Et sur les célestes rivages
Je bâtis de grands sarcophages.*

lxxxi
alquimia da dor

Um te ilumina com o ardor,
O outro, Natureza, te enluta!
O que a um diz: Aqui se sepulta!
Diz ao outro: Vida e esplendor!

Hermes ignoto que me assistes
E desde sempre me intimidas,
Tu que me tornas como Midas,
Um dos alquimistas mais tristes;

Por tua causa ouro em ferro faço,
E em inferno o éden desfaço;
Dentro das nuvens sepulcrais

Por caro cadáver eu passo,
E nos celestes litorais
Ergo sarcófagos triunfais.

lxxxii
horreur sympathique

*De ce ciel bizarre et livide,
Tourmenté comme ton destin,
Quels penses dans ton âme vide
Descendent? réponds, libertin.*

*— Insatiablement avide
De l'obscur et de l'incertain,
Je ne geindrai pas comme Ovide
Chassé du paradis latin.*

*Cieux déchirés comme des grèves,
En vous se mire mon orgueil;
Vos vastes nuages en deuil*

*Sont les corbillards de mes rêves,
Et vos lueurs sont le reflet
De l'Enfer où mon cœur se plaît.*

lxxxii horror simpático

Desse céu estranho, alvadio,
Afligido, tal teu destino,
Que ideias descem ao vazio
Desse ser? dize, libertino.

— Ávido, insaciavelmente,
Do incerto, obscuro e sibilino,
Não serei Ovídio gemente
Expulso do éden latino.

Céus lacerados, como areais,
Meu orgulho em vós eu o vejo;
Em luto, as nuvens são o cortejo

Fúnebre onde vão meus ideais,
E os clarões refletem meu peito,
Esse Inferno em que me deleito.

lxxxiii
l'héautontimorouménos

À J. G. F.

*Je te frapperai sans colère
Et sans haine, comme un boucher,
Comme Moïse le rocher!
Et je ferai de ta paupière,*

*Pour abreuver mon Sahara,
Jaillir les eaux de la souffrance.
Mon désir gonflé d'espérance
Sur tes pleurs salés nagera*

*Comme un vaisseau qui prend le large,
Et dans mon cœur qu'ils souleront
Tes chers sanglots retentiront
Comme un tambour qui bat la charge!*

*Ne suis-je pas un faux accord
Dans la divine symphonie,
Grâce à la vorace Ironie
Qui me secoue et qui me mord?*

*Elle est dans ma voix, la criarde!
C'est tout mon sang, ce poison noir!
Je suis le sinistre miroir
Où la mégère se regarde.*

*Je suis la plaie et le couteau!
Je suis le soufflet et la joue!
Je suis les membres et la roue,
Et la victime et le bourreau!*

*Je suis de mon cœur le vampire,
— Un de ces grands abandonnés
Au rire éternel condamnés,
Et qui ne peuvent plus sourire!*

lxxxiii
o heautontimoroumenos

A J. G. F.

Sem cólera eu te baterei,
Tal um carnicheiro sem medo,
Tal como Moisés o rochedo!
E de tua pálpebra farei,

Para meu Saara saciar,
Brotar águas do sofrimento.
Meu desejo irá, com alento,
Nos prantos salgados vogar

Tal navio que se desatraque,
E em meu peito (que embriagarão)
Teus soluços retumbarão
Tal um tambor que bata o ataque!

Não serei eu um falso acorde
Nessa divina sinfonia,
Graças à voraz Ironia
Que me estremece e que me morde?

Está na voz que vocifera!
É meu sangue, um veneno baço!
Sou um sinistro espelho, aço
Onde ela se mira, a megera.

Sou a lâmina e sou a dor,
O tapa e a face que o incomoda!
Sou os membros e sou a roda,
A vítima e o torturador!

Vampiro de meu coração,
Sou um desses abandonados
Ao riso eterno condenados
E que nunca mais sorrirão!

Ixxxiv
l'irréremédiable

I

Une Idée, une Forme, un Être
Parti de l'azur et tombé
Dans un Styx bourbeux et plombé
Où nul œil du Ciel ne pénètre;

Un Ange, imprudent voyageur
Qu'a tenté l'amour du difforme,
Au fond d'un cauchemar énorme
Se débattant comme un nageur,

Et luttant, angoisses funèbres!
Contre un gigantesque remous
Qui va chantant comme les fous
Et pirouettant dans les ténèbres;

Un malheureux ensorcelé
Dans ses tâtonnements futiles,
Pour fuir d'un lieu plein de reptiles,
Cherchant la lumière et la clé;

*Un damné descendant sans lampe,
Au bord d'un gouffre dont l'odeur
Trahit l'humide profondeur,
D'éternels escaliers sans rampe,*

*Où veillent des monstres visqueux
Dont les larges yeux de phosphore
Font une nuit plus noire encore
Et ne rendent visibles qu'eux;*

*Un navire pris dans le pôle,
Comme en un piège de cristal,
Cherchant par quel détroit fatal
Il est tombé dans cette geôle;*

*— Emblèmes nets, tableau parfait
D'une fortune irrémédiable,
Qui donne à penser que le Diable
Fait toujours bien tout ce qu'il fait!*

II

*Tête-à-tête sombre et limpide
Qu'un cœur devenu son miroir!
Puits de Vérité, clair et noir,
Où tremble une étoile livide,*

*Un phare ironique, infernal,
Flambeau des grâces sataniques,
Soulagement et gloire uniques,
— La conscience dans le Mal!*

lxxxiv o irremediável

i

Uma Ideia, uma Forma, um Ser
Saído do azul e caído
Num Estige enlameado, impedido
Mesmo a um olho do Céu qualquer;

Um Anjo, viajante sem temor
— Tenta-o o amor pelo disforme —,
Dentro de um pesadelo enorme
Debate-se tal nadador,

E luta — fúnebre aflição! —
Contra um sorvedouro impaciente
Que canta tal como um demente
E pirueta na escuridão;

Um enfeitiçado deplorando,
A fim de, num fútil esgar,
Fugir aos répteis e ao lugar,
A luz e a chave vai buscando;

Um danado, na escuridão,
Beira um abismo, cujo odor
Trai profundidade e bolor,
Por escadas sem corrimão,

Onde velam monstros viscosos
Que ao negror da noite enegrecem
Com os olhos — só eles aparecem —,
Seus grandes olhos fosforosos;

No polo um navio que em vão,
Pego num cerco de cristal,
Busca pelo estreito fatal
Que o levou a essa prisão;

— Claro emblema, quadro perfeito
De um irremediável destino,
Que só mostra do Diabo o tino,
Pois tudo o que faz, faz bem-feito!

ii

Num claro-escuro, um cara a cara:
Um coração que a si se espelha!
Poço de Verdade, centelha
Negra — e, vaga, uma estrela rara —,

Farol irônico, infernal,
Tocha das satânicas graças,

Refrigério e glória sem jaças

— Toda a consciência que há no Mal!

lxxxv
l'horloge

*Horloge! dieu sinistre, effrayant, impassible,
Dont le doigt nous menace et nous dit: "Souviens-toi!*

*Les vibrantes Douleurs dans ton cœur plein d'effroi
Se planteront bientôt comme dans une cible;*

*"Le Plaisir vapoureux fuira vers l'horizon
Ainsi qu'une sylphide au fond de la coulisse;
Chaque instant te dévore un morceau du délice
À chaque homme accordé pour toute sa saison.*

*"Trois mille six cents fois par heure, la Seconde
Chuchote: Souviens-toi! — Rapide, avec sa voix
D'insecte, Maintenant dit: Je suis Autrefois,
Et j'ai pompé ta vie avec ma trompe immonde!*

"Remember! Souviens-toi, prodigue! Esto memor!

*(Mon gosier de métal parle toutes les langues.)
Les minutes, mortel folâtre, sont des gangues
Qu'il ne faut pas lâcher sans en extraire l'or!*

*“Souviens-toi que le Temps est un joueur avide
Qui gagne sans tricher, à tout coup! c’est la loi.
Le jour décroît; la nuit augmente; souviens-toi!*

Le gouffre a toujours soif; la clepsydre se vide.

*“Tantôt sonnera l’heure où le divin Hasard,
Où l’auguste Vertu, ton épouse encor vierge,
Où le Repentir même (oh! la dernière auberge!),
Où tout te dira: Meurs, vieux lâche! il est trop tard!”*

lxxxv o relógio

Relógio! Impassível deus, assustador,
Cujo dedo diz: “*Lembra-te!*” a nós ameaçando.

“Em teu coração pânico, as Dores, vibrando,
Irão plantar-se, tal num alvo, com rigor;

“Para o horizonte irá o Prazer vaporoso,
Tal na coxia, a sílfide num obscuro canto;
Cada instante devora-te um pouco do encanto
Dado ao homem durante seu terreno pouso.

“Três mil e seiscentas vezes à hora, o Segundo
Sopra: *Lembra-te!* — Célere, anuncia Agora,
Com a sua voz de inseto: Pois eu sou Outrora,
E tua vida suguei com meu focinho imundo!

“*Remember! Esto memor!* dilapidador!

(Todas as línguas fala minha goela em metal.)
Os minutos são gangas, leviano mortal,
Não se há de as deixar sem de seu ouro dispor!

“Lembra-te: o Tempo enfim joga mas nunca cede,
Ganha sem trapacear, sempre! Não se extravia.
O dia abranda. *Lembra-te!* A noite se amplia.
A clepsidra se escoia; o abismo tem sede.

“Logo soará a hora em que o divino Acaso,
Em que a augusta Virtude, a esposa virginal,
Em que o Arrependimento (a morada final!)
Dir-te-ão: Morre, velho fraco! é o ocaso!”

Quadros parisienses
Tableaux parisiens

lxxxvi
paysage

*Je veux, pour composer chastement mes églogues,
Coucher auprès du ciel, comme les astrologues,
Et, voisin des clochers, écouter en rêvant
Leurs hymnes solennels emportés par le vent.
Les deux mains au menton, du haut de ma mansarde,
Je verrai l'atelier qui chante et qui bavarde;
Les tuyaux, les clochers, ces mâts de la cité,
Et les grands ciels qui font rêver d'éternité.*

*Il est doux, à travers les brumes, de voir naître
L'étoile dans l'azur, la lampe à la fenêtre,
Les fleuves de charbon monter au firmament
Et la lune verser son pâle enchantement.
Je verrai les printemps, les étés, les automnes;
Et quand viendra l'hiver aux neiges monotones,
Je fermerai partout portières et volets
Pour bâtir dans la nuit mes féeriques palais.
Alors je rêverai des horizons bleuâtres,
Des jardins, des jets d'eau pleurant dans les albâtres,
Des baisers, des oiseaux chantant soir et matin,
Et tout ce que l'Idylle a de plus enfantin.*

*L'Émeute, tempêtant vainement à ma vitre,
Ne fera pas lever mon front de mon pupitre;
Car je serai plongé dans cette volupté
D'évoquer le Printemps avec ma volonté,
De tirer un soleil de mon cœur, et de faire
De mes pensers brûlants une tiède atmosphère.*

lxxxvi paisagem

Quero, para compor églogas castamente,
Deitar junto ao céu, tal astrólogos, bem rente,
E, vizinho dos sinos, devanear, atento
A seus hinos solenes que seguem com o vento.
As mãos no queixo, do alto da água-furtada,
Verei uma oficina que canta e brada;
Chaminés, campanários — mastros da cidade —,
E os céus a nos trazer sonhos de eternidade.

É doce ver nascer, através do nevoeiro,
As estrelas no azul, na janela o candeeiro,
Os rios de carvão subir ao firmamento
E a lua verter seu pálido encantamento.
Verei as primaveras, e verões, e outonos;
E ao vir o inverno, e as neves com os grandes sons,
As portas e as janelas fecharei com zelo
Para na noite erguer um feérico castelo.
Então irei sonhar com os azuis horizontes,
Jardins e, em alabastros, o choro das fontes,
Beijos, pássaros, tarde e manhã a cantar,
E o que, pueril, o Idílio tem de luminar.

Rugindo em vão à minha janela, o Levante
Não fará que eu da mesa a cabeça levante;
Pois imerso estarei na voluptuosidade
De a Primavera haurir por minha só vontade,
De tirar de meu peito um sol, e transmutar
Meus árdios pensamentos num cálido ar.

lxxxvii
le soleil

*Le long du vieux faubourg, où pendent aux mesures
Les persiennes, abri des secrètes luxures,
Quand le soleil cruel frappe à traits redoublés
Sur la ville et les champs, sur les toits et les blés,
Je vais m'exercer seul à ma fantasque escrime,
Flairant dans tous les coins les hasards de la rime,
Trébuchant sur les mots comme sur les pavés,
Heurtant parfois des vers depuis longtemps rêvés.*

*Ce père nourricier, ennemi des chloroses,
Éveille dans les champs les vers comme les roses;
Il fait s'évaporer les soucis vers le ciel,
Et remplit les cerveaux et les ruches de miel.
C'est lui qui rajeunit les porteurs de béquilles
Et les rend gais et doux comme des jeunes filles,
Et commande aux moissons de croître et de mûrir
Dans le cœur immortel qui toujours veut fleurir!*

*Quand, ainsi qu'un poète, il descend dans les villes,
Il ennoblit le sort des choses les plus viles,*

*Et s'introduit en roi, sans bruit et sans valets,
Dans tous les hôpitaux et dans tous les palais.*

lxxxvii o sol

Pelos velhos subúrbios onde nas moradas
Persianas acobertam lascívias veladas,
Quando o sol, cruel, castiga violento demais,
Na cidade e nos campos, tetos e trigais,
Vou, só, praticar minha singular esgrima,
A farejar em tudo os acasos da rima,
Tropeçando em palavras como num passeio,
Esbarrando nuns versos buscados com anseio.

Avesso às cloroses, o pai provedor
Desperta pelos campos o verme e a flor;
Dissipa as aflições em direção ao céu,
As colmeias e os cérebros enche de mel.
Os que andam de muletas é ele que os refaz,
E alegres, gentis como as meninas, os faz,
E às plantações ordena amadurecer
No imortal coração que só quer florescer!

Quando vai às cidades, tal como os poetas,
Enobrece o destino de coisas abjetas,

E entra como rei, sem ruído e sem serviçais,
Em todos os palácios e nos hospitais.

lxxxviii
à une mendiante rousse

*Blanche fille aux cheveux roux,
Dont la robe par ses trous
Laisse voir la pauvreté
Et la beauté,*

*Pour moi, poète chétif,
Ton jeune corps maladif,
Plein de taches de rousseur,
A sa douceur.*

*Tu portes plus galamment
Qu'une reine de roman
Ses cothurnes de velours
Tes sabots lourds.*

*Au lieu d'un haillon trop court,
Qu'un superbe habit de cour
Traîne à plis bruyants et longs
Sur tes talons;*

*En place de bas troués,
Que pour les yeux des roués*

*Sur ta jambe un poignard d'or
Reluise encor;*

*Que des nœuds mal attachés
Dévoilent pour nos péchés
Tes deux beaux seins, radieux
Comme des yeux;*

*Que pour te déshabiller
Tes bras se fassent prier
Et chassent à coups mutins
Les doigts lutins,*

*Perles de la plus belle eau,
Sonnets de maître Belleau
Par tes galants mis aux fers
Sans cesse offerts,*

*Valetaille de rimeurs
Te dédiant leurs primeurs
Et contemplant ton soulier
Sous l'escalier,*

*Maint page épris du hasard,
Maint seigneur et maint Ronsard
Épieraient pour le déduit
Ton frais réduit!*

*Tu compterais dans tes lits
Plus de baisers que de lis*

*Et rangerais sous tes lois
Plus d'un Valois!*

*— Cependant tu vas gueusant
Quelque vieux débris gisant
Au seuil de quelque Véfour
De carrefour;*

*Tu vas lorgnant en dessous
Des bijoux de vingt-neuf sous
Dont je ne puis, oh! pardon!
Te faire don.*

*Va donc, sans autre ornement,
Parfum, perles, diamant,
Que ta maigre nudité,
Ô ma beauté!*

lxxxviii
a uma mendiga ruiva

Moça ruiva, com vestido
Que por estar todo puído
Permite ver a pobreza
E a beleza,

Para mim, poeta sem brio,
Teu jovem corpo doentio,
Cheio de sardas na alvura,
Tem sua doçura.

Usas, com mais segurança
Que rainha de romança
Usa coturno enfeitado,
Tamanco usado.

Em vez de um trapo singelo,
Que um traje de corte belo
Se arraste nuns sobressaltos
Sobre teus saltos;

Em vez de meias furadas,
Que a libertinas espiadas

De ouro, em tua perna, um punhal
Luza fatal;

Que os teus nós descuidados
Para os nossos pecados
Mostrem teu seio, solar
Como o olhar;

Que para te desnudar
Tuas mãos se façam rogar
E rechacem, revoltosos,
Dedos maldosos;

Pérolas lúcidas ou
Poemas de mestre Belleau
Por galantes dedicados
Sempre ofertados,

Criadagem de rimadores
Dedicando-te labores
E te olhando do sopé
Da escada o pé,

Muito pajem sempre no ar,
Muito senhor e uns Ronsard
Vigiarão por desfruto
O teu reduto!

Em teus leitos contarias
Mais beijos que lis, porias

Debaixo de tuas leis
Mesmo até reis!

— Vais todavia esmolando
Algum resto se estragando
Num Véfour bem vagabundo
Num beco imundo;

De soslaio tu espias
Algumas bijutérias
Que não poderei sequer
Te oferecer.

Vai sem adorno flagrante,
Perfume, prata, diamante,
Que não tua nudez singela,
Ó minha bela!

lxxxix
le cygne

À Victor Hugo

/

*Andromaque, je pense à vous! Ce petit fleuve,
Pauvre et triste miroir où jadis resplendit
L'immense majesté de vos douleurs de veuve,
Ce Simois menteur qui par vos pleurs grandit,*

*A fécondé soudain ma mémoire fertile,
Comme je traversais le nouveau Carrousel.
Le vieux Paris n'est plus (la forme d'une ville
Change plus vite, hélas! que le cœur d'un mortel);*

*Je ne vois qu'en esprit tout ce camp de baraques,
Ces tas de chapiteaux ébauchés et de fûts,
Les herbes, les gros blocs verdis par l'eau des flaques,
Et, brillant aux carreaux, le bric-à-brac confus.*

*Là s'étalait jadis une ménagerie;
Là je vis, un matin, à l'heure où sous les cieux*

*Froids et clairs le Travail s'éveille, où la voirie
Pousse un sombre ouragan dans l'air silencieux,*

*Un cygne qui s'était évadé de sa cage,
Et, de ses pieds palmés frottant le pavé sec,
Sur le sol raboteux traînait son blanc plumage.
Près d'un ruisseau sans eau la bête ouvrant le bec*

*Baignait nerveusement ses ailes dans la poudre,
Et disait, le cœur plein de son beau lac natal:
"Eau, quand donc pleuvras-tu? quand tonneras-tu, foudre?"
Je vois ce malheureux, mythe étrange et fatal,*

*Vers le ciel quelquefois, comme l'homme d'Ovide,
Vers le ciel ironique et cruellement bleu,
Sur son cou convulsif tendant sa tête avide,
Comme s'il adressait des reproches à Dieu!*

II

*Paris change! mais rien dans ma mélancolie
N'a bougé! palais neufs, échafaudages, blocs,
Vieux faubourgs, tout pour moi devient allégorie,
Et mes chers souvenirs sont plus lourds que des rocs.*

*Aussi devant ce Louvre une image m'opprime:
Je pense à mon grand cygne, avec ses gestes fous,
Comme les exilés, ridicule et sublime,
Et rongé d'un désir sans trêve! et puis à vous,*

*Andromaque, des bras d'un grand époux tombée,
Vil bétail, sous la main du superbe Pyrrhus,
Auprès d'un tombeau vide en extase courbée;
Veuve d'Hector, hélas! et femme d'Hélénus!*

*Je pense à la négresse, amaigrie et phtisique,
Piétinant dans la boue, et cherchant, l'œil hagard,
Les cocotiers absents de la superbe Afrique
Derrière la muraille immense du brouillard;*

*À quiconque a perdu ce qui ne se retrouve
Jamais, jamais! à ceux qui s'abreuvent de pleurs
Et têtent la Douleur comme une bonne louve!
Aux maigres orphelins séchant comme des fleurs!*

*Ainsi dans la forêt où mon esprit s'exile
Un vieux Souvenir sonne à plein souffle du cor!
Je pense aux matelots oubliés dans une île,
Aux captifs, aux vaincus!... à bien d'autres encor!*

lxxxix o cisne

A Victor Hugo

i

Andrômaca, em ti penso! Um rio de menor
Porte, triste espelho onde outrora fulguraram
Em suma majestade a viúva e sua dor,
Falso Simóis, que teus prantos avolumaram,

Súbito fecundou minha memória aguda,
Quando eu atravessava o Carrossel atual.
Paris é outra (a forma das cidades muda
Mais rápido, bem mais, que um coração mortal);

Em espírito vejo os casebres, a enfiada
De capitéis, de fustes, o capim intruso,
O lajedo esverdeado pela água empoçada
E, a brilhar nas vidraças, o entulho confuso.

Ali houve um viveiro de aves outrora;
Ali certa manhã vi, quando, sob céu frio,

Claro, o Trabalho acorda e as ruas, a essa hora,
Lançam no ar silencioso um temporal sombrio,

Um cisne que fugira de seu cativeiro,
Com as patas esfregando o piso seco, incerto
Arrastar sua alvura pelo chão grosseiro.
Junto a um riacho sem água, o bicho, bico aberto,

Banhava inquieto as asas na poeira do chão,
E dizia, imbuído do lago natal:

“Água, quando cairás? quando soarás, trovão?”
Vejo esse infeliz, mito incomum e fatal,

Que, como o homem de Ovídio, a ávida cabeça
Arremete convulso para os céus, os céus
Irônicos e cruelmente azuis, e endereça
— É o que ao menos parece — censuras a Deus!

ii

Paris muda! mas não minha melancolia!
Velhos bairros, palácios novos, quarteirões,
Andaimes, para mim tudo é alegoria,
E mais que rochas pesam-me as recordações.

Diante desse Louvre uma imagem que me oprime:
Penso em meu grande cisne e seus gestos sem senso,
Tal como os exilados, risível, sublime
E presa de desejo sem trégua! e em ti penso,

Sem os braços do esposo, Andrômaca, tornada
Sob o poder de Pirro um objeto qualquer,
Junto à tumba vazia em êxtase curvada;
De Heitor, viúva, a infeliz! e de Heleno, mulher!

Penso na negra, tísica e depauperada,
Que se arrasta na lama e, com olhar de aflição,
Busca ausentes coqueiros da África estimada,
Por detrás da muralha ampla de cerração;

Em quem veio a perder o que não se há de achar!
Nos que sugam, como uma boa loba, a Dor
E que em prantos hão sempre de se abeberar!
Nos órfãos que, mirrados, secam como flor!

Velha Lembrança toca a trompa com alarido
Nas brenhas onde o exílio à minha alma convém.
Penso no marinheiro numa ilha esquecido,
No preso, no vencido!... e em mais outros também!

XC
les sept vieillards

À Victor Hugo

*Fourmillante cité, cité pleine de rêves,
Où le spectre en plein jour raccroche le passant!
Les mystères partout coulent comme des sèves
Dans les canaux étroits du colosse puissant.*

*Un matin, cependant que dans la triste rue
Les maisons, dont la brume allongeait la hauteur,
Simulaient les deux quais d'une rivière accrue,
Et que, décor semblable à l'âme de l'acteur,*

*Un brouillard sale et jaune inondait tout l'espace,
Je suivais, roidissant mes nerfs comme un héros
Et discutant avec mon âme déjà lasse,
Le faubourg secoué par les lourds tombereaux.*

*Tout à coup, un vieillard dont les guenilles jaunes
Imitaient la couleur de ce ciel pluvieux,
Et dont l'aspect aurait fait pleuvoir les aumônes,
Sans la méchanceté qui luisait dans ses yeux,*

*M'apparut. On eût dit sa prunelle trempée
Dans le fiel; son regard aiguissait les frimas,
Et sa barbe à longs poils, roide comme une épée,
Se projetait, pareille à celle de Judas.*

*Il n'était pas voûté, mais cassé, son échine
Faisant avec sa jambe un parfait angle droit,
Si bien que son bâton, parachevant sa mine,
Lui donnait la tournure et le pas maladroit*

*D'un quadrupède infirme ou d'un juif à trois pattes.
Dans la neige et la boue il allait s'empêtrant,
Comme s'il écrasait des morts sous ses savates,
Hostile à l'univers plutôt qu'indifférent.*

*Son pareil le suivait: barbe, œil, dos, bâton, loques,
Nul trait ne distinguait, du même enfer venu,
Ce jumeau centenaire, et ces spectres baroques
Marchaient du même pas vers un but inconnu.*

*À quel complot infâme étais-je donc en butte,
Ou quel méchant hasard ainsi m'humiliait?
Car je comptai sept fois, de minute en minute,
Ce sinistre vieillard qui se multipliait!*

*Que celui-là qui rit de mon inquiétude,
Et qui n'est pas saisi d'un frisson fraternel,
Songe bien que malgré tant de décrépitude
Ces sept monstres hideux avaient l'air éternel!*

*Aurais-je, sans mourir, contemplé le huitième,
Sosie inexorable, ironique et fatal,
Dégoûtant Phénix, fils et père de lui-même?
— Mais je tournai le dos au cortège infernal.*

*Exaspéré comme un ivrogne qui voit double,
Je rentrai, je fermai ma porte, épouvanté,
Malade et morfondu, l'esprit fiévreux et trouble,
Blessé par le mystère et par l'absurdité!*

*Vainement ma raison voulait prendre la barre;
La tempête en jouant déroutait ses efforts,
Et mon âme dansait, dansait, vieille gabarre
Sans mâts, sur une mer monstrueuse et sans bords!*

XC os sete velhos

A Victor Hugo

Fervilhante, repleta de sonhos, cidade
Onde o espectro, de dia, interpela o passante!
Tal seivas, os mistérios correm à vontade
Nos estreitos canais do colosso possante.

Quando, certa manhã, na rua triste e feia
As casas, que o nevoeiro chegava a alongar,
Simulavam os dois cais de um rio em cheia,
E, num cenário à alma do ator similar,

Suja e amarela a névoa inundava o espaço,
Eu, falando com meu espírito cansado
E enrijecendo como um herói meus nervos, passo
A passo ia em meio ao trânsito pesado.

Súbito, um velho cujos trapos de esmoler
Imitavam aquela cor de céu chuvoso
E poderiam ter feito esmolas chover,
Mas sem o que em seus olhos luzia danoso,

Surgiu-me — a pupila como que encharcada
No fel; o olhar até parecia que afiava
A geada; e a barba, longa e rija como espada,
Semelhante à de Judas se pronunciava.

Não era arqueado, mas quebrado, pois seu dorso
Formava com a perna ângulo reto acabado,
De modo que um bastão, completando-lhe o escorço,
Lhe dava o jeito, seu passo desajeitado

De quadrúpede enfermo ou judeu com três patas.
Atolava-se em neve e lama persistente,
Como esmagando mortos sob suas sapatas,
Hostil ao universo, mais que indiferente.

Seu igual o seguia: sem sequer um traço,
Nada, que distinguisse o gêmeo centenário;
Os espectros barrocos iam a um só passo,
Vindos de um inferno só, para um ponto arbitrário.

Estaria eu exposto a algum conluio arguto?
Algun mesquinho acaso tanto me humilhava?
Pois contei sete vezes, a cada minuto,
Esse sinistro ancião que se multiplicava!

Quem quer que venha a rir dessa minha inquietude,
Sem que nem mesmo o tome um frêmito fraterno,
Pense que, não obstante tal decrepitude,
Os sete horríveis monstros tinham ar eterno!

Eu, sem morrer, teria entrevisto o oitavo ente,
Implacável e irônico, sósia fatal,
Filho e pai de si mesmo, Fênix repelente?
— Mas dei as costas para o séquito infernal.

Aterrado, tal bêbado que vê em dobro,
Entrei, fechei a porta, cansado, aturdido,
E, enfraquecido, o espírito febril, soçobro,
Por todo esse mistério e esse absurdo ferido!

Minha razão queria ter o leme em vão;
Seus esforços vencia-os o temporal,
E dançava, dançava a alma, embarcação
Sem mastros, num monstruoso mar sem litoral!

xcj
les petites vieilles

À Victor Hugo

I

*Dans les plis sinueux des vieilles capitales,
Où tout, même l'horreur, tourne aux enchantements,
Je guette, obéissant à mes humeurs fatales,
Des êtres singuliers, décrépits et charmants.*

*Ces monstres disloqués furent jadis des femmes,
Éponine ou Laïs! Monstres brisés, bossus
Ou tordus, aimons-les! ce sont encor des âmes.
Sous des jupons troués et sous de froids tissus*

*Ils rampent, flagellés par les bises iniques,
Frémissant au fracas roulant des omnibus,
Et serrant sur leur flanc, ainsi que des reliques,
Un petit sac brodé de fleurs ou de rébus;*

*Ils trottent, tout pareils à des marionnettes;
Se traînent, comme font les animaux blessés,*

*Ou dansent, sans vouloir danser, pauvres sonnettes
Où se pend un Démon sans pitié! Tout cassés*

*Qu'ils sont, ils ont des yeux perçants comme une vrille,
Luisants comme ces trous où l'eau dort dans la nuit;
Ils ont les yeux divins de la petite fille
Qui s'étonne et qui rit à tout ce qui reluit.*

*— Avez-vous observé que maints cercueils de vieilles
Sont presque aussi petits que celui d'un enfant?
La Mort savante met dans ces bières pareilles
Un symbole d'un goût bizarre et captivant,*

*Et lorsque j'entrevois un fantôme débile
Traversant de Paris le fourmillant tableau,
Il me semble toujours que cet être fragile
S'en va tout doucement vers un nouveau berceau;*

*À moins que, méditant sur la géométrie,
Je ne cherche, à l'aspect de ces membres discords,
Combien de fois il faut que l'ouvrier varie
La forme de la boîte où l'on met tous ces corps.*

*— Ces yeux sont des puits faits d'un million de larmes,
Des creusets qu'un métal refroidi pailleta...
Ces yeux mystérieux ont d'invincibles charmes
Pour celui que l'austère Infortune allaita!*

*De Frascati défunt Vestale enamourée;
Prêtresse de Thalie, hélas! dont le souffleur
Enterré sait le nom; célèbre évaporée
Que Tivoli jadis ombragea dans sa fleur,*

*Toutes m'enivrent! mais parmi ces êtres frêles
Il en est qui, faisant de la douleur un miel,
Ont dit au Dévouement qui leur prêtait ses ailes:
Hippogriffe puissant, mène-moi jusqu'au ciel!*

*L'une, par sa patrie au malheur exercée,
L'autre, que son époux surchargea de douleurs,
L'autre, par son enfant Madone transpercée,
Toutes auraient pu faire un fleuve avec leurs pleurs!*

III

*Ah! que j'en ai suivi de ces petites vieilles!
Une, entre autres, à l'heure où le soleil tombant
Ensanglante le ciel de blessures vermeilles,
Pensive, s'asseyait à l'écart sur un banc,*

*Pour entendre un de ces concerts, riches de cuivre,
Dont les soldats parfois inondent nos jardins,
Et qui, dans ces soirs d'or où l'on se sent revivre,
Versent quelque héroïsme au cœur des citadins.*

*Celle-là, droite encor, fière et sentant la règle,
Humait avidement ce chant vif et guerrier;
Son œil parfois s'ouvrait comme l'œil d'un vieil aigle;
Son front de marbre avait l'air fait pour le laurier!*

*Telles vous cheminez, stoïques et sans plaintes,
À travers le chaos des vivantes cités,
Mères au cœur saignant, courtisanes ou saintes,
Dont autrefois les noms par tous étaient cités.*

*Vous qui fûtes la grâce ou qui fûtes la gloire,
Nul ne vous reconnaît! un ivrogne incivil
Vous insulte en passant d'un amour dérisoire;
Sur vos talons gambade un enfant lâche et vil.*

*Honteuses d'exister, ombres ratatinées,
Peureuses, le dos bas, vous côtoyez les murs;
Et nul ne vous salue, étranges destinées!
Débris d'humanité pour l'éternité mûrs!*

*Mais moi, moi qui de loin tendrement vous surveille,
L'œil inquiet, fixé sur vos pas incertains,
Tout comme si j'étais votre père, ô merveille!
Je goûte à votre insu des plaisirs clandestins:*

*Je vois s'épanouir vos passions novices;
Sombres ou lumineux, je vis vos jours perdus;
Mon cœur multiplié jouit de tous vos vices!
Mon âme resplendit de toutes vos vertus!*

*Ruines! ma famille! ô cerveaux congénères!
Je vous fais chaque soir un solennel adieu!
Où serez-vous demain, Èves octogénaires,
Sur qui pèse la griffe effroyable de Dieu?*

xcii as velhinhas

A Victor Hugo

i

Nos desvãos com ardis das velhas capitais,
Onde tudo é magia, até mesmo os horrores,
Espio, obedecendo aos humores fatais,
Seres entre decrepitos e encantadores.

Monstros disformes, foram mulheres outrora,
Eponina ou Laís! Os monstros contorcidos,
Corcundas, que os amemos! são almas por ora.
Sob suas saias rotas ou frios tecidos

Arrastam-se, açoitados por vento nefando,
Tremendo ao ruído de ônibus assoladores,
E, tal como relíquia, no flanco apertando
Uma bolsa bordada com enigmas ou flores;

Troteiam, semelhando todos marionetes;
Arrastam-se, tal como animais machucados,

Ou dançam, sem querer dançar, sinos falsetes
Onde se enforca atroz Demônio! Alquebrados,

Têm olhos penetrantes como uma verruma
— Brilham, como na noite, sobre a água, a luz;
Têm olhos de menina, nobres, que costuma
Espantar-se e sorrir por tudo que reluz.

— Muitos caixões de velhas — já vistes? — amiúde
São quase tão pequenos quanto o de um infante.
Sábia, a Morte põe nesse tipo de ataúde
Um símbolo de gosto estranho e cativante,

E se me ocorre um débil fantasma entrever
Cruzando de Paris o quadro efervescente,
A mim parece sempre que esse frágil ser
Prossegue para um novo berço suavemente;

A menos que, cismando sobre a geometria,
Eu conte, ao perceber os membros descompostos,
Quantas vezes se vê que o operário varia
A forma da caixa onde esses corpos são postos.

— Esses olhos são poços preenchidos com prantos,
Cadinhos que um metal resfriado constelou...
Esses olhos abstrusos têm claros encantos
Para aquele a que o grave Infortúnio alentou!

Ao defunto Frascati Vestal habituada;
Recitante de Tália (só conhece seu
Nome o ponto enterrado); insigne tresloucada
Que o Tivoli com sua sombra outrora acolheu,

Todas me embriagam! Frágeis, não se lhes negava
A algumas que, fazendo de sua dor um mel,
Dissessem ao Desvelo que as asas lhes dava:
Vigoroso hipogrifo, leva-me até o céu!

Uma, no revés por sua pátria exercitada,
Outra, que seu esposo de dores cobria,
Outra, Madona por seu filho transfixada,
Delas todas o pranto um rio formaria!

iii

Quantas e quantas, sim, foram por mim seguidas!
Uma, entre as outras, nessa hora em que o sol poente
Ensanguenta o céu com escarlates feridas,
Pensativa, sentava-se num banco, ausente,

Ouvindo algum concerto cheio de metais,
Com que soldados enchem praças, vespertinos,
E que, sob esse luar que nos faz mais vitais,
Insuflam heroísmo em muitos citadinos.

Aquela, ereta ainda, orgulhosa, hauria
Com avidez esse canto vivo a que era afeita;

O olho, como uma velha águia, às vezes abria;
Para o louro sua testa marmórea foi feita!

iv

Assim seguis, estoicas e sem se queixar,
Pelo caos das cidades ativas afora,
Santa ou da rua, mães — coração a sangrar —
Cujos nomes sempre eram citados outrora.

Vós que fostes a graça ou que fostes a glória,
Ninguém vos reconhece! Um bêbado grosseiro
Passa e vos diz alguma expressão vexatória;
Aos saltos, vil, vos segue um menino matreiro.

Existir envergonha-vos, sombras crispadas;
Com medo, costas curvas, ladeais os muros;
Ninguém vos cumprimenta, sinas malfadadas!
Restos de humano já para o eterno maduros!

Mas eu, eu que de longe terno vos espreito,
O olho inquieto, fixado em vossos serpentinos
Passos, como se fosse vosso pai afeito,
Provo, sem que o saibais, prazeres clandestinos:

Vejo a brotar em vós amores adventícios;
Vi, em sombra ou luz, vossos dias devolutos;
A meu coração vário, aprazem vossos vícios!
A minha alma, iluminam vossos atributos!

Ruínas! minha família! essas mentes várias
E acordes! Dou-lhes à noite solene adeus!
Onde estareis depois, Evas octogenárias,
Sobre as quais pesa a garra terrível de Deus?

xcii
les aveugles

*Contemple-les, mon âme; ils sont vraiment affreux!
Pareils aux mannequins; vaguement ridicules;
Terribles, singuliers comme les somnambules;
Dardant on ne sait où leurs globes ténébreux.*

*Leurs yeux, d'où la divine étincelle est partie,
Comme s'ils regardaient au loin, restent levés
Au ciel; on ne les voit jamais vers les pavés
Pencher rêveusement leur tête appesantie.*

*Ils traversent ainsi le noir illimité,
Ce frère du silence éternel. Ô cité!
Pendant qu'autour de nous tu chantes, ris et beugles,*

*Éprise du plaisir jusqu'à l'atrocité,
Vois! je me traîne aussi! mais, plus qu'eux hébété,
Je dis: Que cherchent-ils au Ciel, tous ces aveugles?*

xcii os cegos

Contempla-os, minha alma; são mesmo horrorosos!
E lembram uns bonecos; com tantos esgares,
Tal sonâmbulos, são terríveis, singulares;
Focam não se sabe onde os globos tenebrosos.

Seus olhos, com a divina faísca apagada,
Como se ao longe olhassem, sempre assim estão
Voltados para o céu; nunca eles para o chão
Inclinam, sonhadora, a cabeça pesada.

Atravessam assim o negro ilimitado,
Esse irmão do silêncio eterno. Ó cidade!
Enquanto em torno a nós cantas, ris, em ofegos,

Cega pelo prazer até a atrocidade,
Também me arrasto! Vê! Mais que eles aparvoado,
Digo: no Céu procuram o quê, esses cegos?

xciii
à une passante

*La rue assourdissante autour de moi hurlait.
Longue, mince, en grand deuil, douleur majestueuse,
Une femme passa, d'une main fastueuse
Soulevant, balançant le feston et l'ourlet;*

*Agile et noble, avec sa jambe de statue.
Moi, je buvais, crispé comme un extravagant,
Dans son œil, ciel livide où germe l'ouragan,
La douceur qui fascine et le plaisir qui tue.*

*Un éclair... puis la nuit! — Fugitive beauté
Dont le regard m'a fait soudainement renaître,
Ne te verrai-je plus que dans l'éternité?*

*Ailleurs, bien loin d'ici! trop tard! jamais peut-être!
Car j'ignore où tu fuis, tu ne sais où je vais,
Ô toi que j'eusse aimée, ô toi qui le savais!*

xciii
a uma passante

De ensurdecer, a rua em torno a mim urrava.
Magra, esguia, de luto, na dor majestosa,
Uma mulher passou, e com uma mão faustosa
A barra do vestido erguia e balançava;

Com pernas de estátua, ágil, aristocrata.
Crispado como um louco, eu bebia, histrião,
Em seu olho, céu lívido onde o furacão
Nasce, o afeto que encanta e o prazer que mata.

Um raio... a noite vem! — Beleza fugidia,
Cujo olhar de repente me fez renascer,
É só na eternidade que eu te reveria?

Bem longe daqui! tarde! *jámais*, pode ser!
Não sei onde vais, nem onde vou avalias,
Tu que eu teria amado, tu que o bem sabias!

xciv
le squelette laboureur

I

*Dans les planches d'anatomie
Qui traînent sur ces quais poudreux
Où maint livre cadavéreux
Dort comme une antique momie,*

*Dessins auxquels la gravité
Et le savoir d'un vieil artiste,
Bien que le sujet en soit triste,
Ont communiqué la Beauté,*

*On voit, ce qui rend plus complètes
Ces mystérieuses horreurs,
Bêchant comme des laboureurs,
Des Écorchés et des Squelettes.*

II

*De ce terrain que vous fouillez,
Manants résignés et funèbres,*

*De tout l'effort de vos vertèbres,
Ou de vos muscles dépouillés,*

*Dites, quelle moisson étrange,
Forçats arrachés au charnier,
Tirez-vous, et de quel fermier
Avez-vous à remplir la grange?*

*Voulez-vous (d'un destin trop dur
Épouvantable et clair emblème!)
Montrer que dans la fosse même
Le sommeil promis n'est pas sûr;*

*Qu'envers nous le Néant est traître;
Que tout, même la Mort, nous ment,
Et que sempiternellement,
Hélas! il nous faudra peut-être*

*Dans quelque pays inconnu
Écorcher la terre revêche
Et pousser une lourde bêche
Sous notre pied sanglant et nu?*

xciv
o esqueleto lavrador

i

Sobre as pranchas de anatomia
Perdidas pelos sebos onde
O cadáver-livro se esconde
E dorme tal múmia sombria,

Desenhos aos quais a agudeza
De um velho artista muito cioso,
Embora o tema doloroso,
Comunicou-lhes a Beleza,

Veem-se, o que torna mais completos
Esses misteriosos horrores,
Cavando como lavradores,
Os Esfolados e Esqueletos.

ii

Desse terreno que escavais,
Rudes, fúnebres, resignados,

Com vossos ossos esforçados,
Ou músculos sem pele mais,

Forçados saídos do ossário,
Que colheita estranha fazeis?
E o depósito que tereis
De encher é de qual proprietário?

Quereis mostrar (de fado incerto
Emblema atroz e desabrido!)
Que até na fossa o prometido
Sono não tem nada de certo;

Que conosco o Nada é traidor;
Que tudo, até a Morte, nos mente,
E que a nós, sempiternamente,
Caberá talvez o rigor

De em algum ignoto lugar
Esfolar a terra agastada
E empurrar uma pá pesada
Sob nosso pé nu a sangrar?

XCV
le crépuscule du soir

*Voici le soir charmant, ami du criminel;
Il vient comme un complice, à pas de loup; le ciel
Se ferme lentement comme une grande alcôve,
Et l'homme impatient se change en bête fauve.*

*Ô soir, aimable soir, désiré par celui
Dont les bras, sans mentir, peuvent dire: Aujourd'hui
Nous avons travaillé! — C'est le soir qui soulage
Les esprits que dévore une douleur sauvage,
Le savant obstiné dont le front s'alourdit,
Et l'ouvrier courbé qui regagne son lit.
Cependant des démons malsains dans l'atmosphère
S'éveillent lourdement, comme des gens d'affaire,
Et cognent en volant les volets et l'auvent.
À travers les lueurs que tourmente le vent
La Prostitution s'allume dans les rues;
Comme une fourmilière elle ouvre ses issues;
Partout elle se fraye un occulte chemin,
Ainsi que l'ennemi qui tente un coup de main;
Elle remue au sein de la cité de fange
Comme un ver qui dérobe à l'Homme ce qu'il mange.*

*On entend çà et là les cuisines siffler,
Les théâtres glapir, les orchestres ronfler;
Les tables d'hôte, dont le jeu fait les délices,
S'emplissent de catins et d'escrocs, leurs complices,
Et les voleurs, qui n'ont ni trêve ni merci,
Vont bientôt commencer leur travail, eux aussi,
Et forcer doucement les portes et les caisses
Pour vivre quelques jours et vêtir leurs maîtresses.*

*Recueille-toi, mon âme, en ce grave moment,
Et ferme ton oreille à ce rugissement.
C'est l'heure où les douleurs des malades s'aigrissent!
La sombre Nuit les prend à la gorge; ils finissent
Leur destinée et vont vers le gouffre commun;
L'hôpital se remplit de leurs soupirs. — Plus d'un
Ne viendra plus chercher la soupe parfumée,
Au coin du feu, le soir, auprès d'une âme aimée.*

*Encore la plupart n'ont-ils jamais connu
La douceur du foyer et n'ont jamais vécu!*

XCV
o crepúsculo da tarde

A encantadora noite, aliada ao criminoso,
Vem sutil, como um cúmplice silencioso;
Fecha-se, como grande alcova, lentamente,
E em fera se transforma o homem impaciente.

Ó noite, noite tão desejada por quem
Cujos braços conseguem até dizer sem
Mentir: Nós trabalhamos hoje! — E a noite afaga
Os espíritos que uma dor selvagem traga,
O sábio de cabeça pesada e obstinado,
O operário que volta à sua cama encurvado.
Pelos ares, porém, demônios repugnantes
Pesadamente acordam, como negociantes,
E ao voar vão as janelas e toldos golpeando.
Sob os clarões que o vento vai atormentando,
A Prostituição se acende pelas ruas;
Tal como um formigueiro, vai abrindo suas
Saídas; vai traçando um caminho escondido,
Assim como o inimigo dá um golpe atrevido;
Ela se move pela cidade enlameada
— Verme, cuja comida ao Homem é roubada.

Ouvem-se aqui e ali cozinhas apitando,
Teatros esganiçando, orquestras estrondeando;
Com o jogo solto, os bares ficam apinhados
De putas e embusteiros, seus associados,
E os ladrões, que não dão trégua nem têm piedade,
Recomeçam, também eles, sua atividade,
E vão portas e caixas forçar, vigilantes,
Para viver uns dias e vestir amantes.

Recolhe-te, alma, neste tão grave momento,
E fecha teu ouvido a este rouco lamento.
É nessa hora que as dores dos doentes se agravam!
A Noite os pega pela garganta; acabam
O seu destino e vão para o abismo comum;
De seus suspiros enche-se o hospital. — Mais de um
Não virá mais buscar a sopa perfumada,
À noite, no fogão, junto a uma alma amada.

A maioria deles jamais conheceu
A doçura do lar e em tempo algum viveu!

xcvi
le jeu

*Dans des fauteuils fanés des courtisanes vieilles,
Pâles, le sourcil peint, l'œil câlin et fatal,
Minaudant, et faisant de leurs maigres oreilles
Tomber un cliquetis de pierre et de métal;*

*Autour des verts tapis des visages sans lèvre,
Des lèvres sans couleur, des mâchoires sans dent,
Et des doigts convulsés d'une infernale fièvre,
Fouillant la poche vide ou le sein palpitant;*

*Sous de sales plafonds un rang de pâles lustres
Et d'énormes quinquets projetant leurs lueurs
Sur des fronts ténébreux de poètes illustres
Qui viennent gaspiller leurs sanglantes sueurs;*

*Voilà le noir tableau qu'en un rêve nocturne
Je vis se dérouler sous mon œil clairvoyant.
Moi-même, dans un coin de l'ancre taciturne,
Je me vis accoudé, froid, muet, enviant,*

*Enviant de ces gens la passion tenace,
De ces vieilles putains la funèbre gaieté,*

*Et tous gaillardement trafiquant à ma face,
L'un de son vieil honneur, l'autre de sa beauté!*

*Et mon cœur s'effraya d'envier maint pauvre homme
Courant avec ferveur à l'abîme béant,
Et qui, soûl de son sang, préférerait en somme
La douleur à la mort et l'enfer au néant!*

xcvi o jogo

Numas poltronas ruças, as cortesãs, velhas,
Pálidas, maquiladas e de olhar fatal,
Com trejeitos, fazendo das magras orelhas
Provir um retinir de pedra e de metal;

Em torno ao feltro verde, rostos deslabiados,
Lábios perdendo a cor, mandíbulas sem dente,
E dedos, por cruel febre convulsionados,
Fuçando o bolso sem nada ou o seio fremente;

Sob sujos tetos, pálida fieira de lustres
E enormes candeeiros lançando o claror
Em fronte tenebrosas de poetas ilustres
Que ali vêm esbanjar seu sangrento suor;

É este o negro quadro que em sonho noturno
Vi esboçando-se sob meu perspicaz olhar.
Eu mesmo, posto a um canto do antro taciturno,
Vi-me, encostado, frio, silencioso, a invejar,

A invejar dessa gente a paixão persistente,
Das putas velhas, sua fúnebre alegria,

E todos negociando ali, alegremente,
Um a sua beleza, outro a honra vazia!

Assustou-me invejar pobres homens correndo
Para o abismo às escâncaras em desgoverno
E que, ébrios de seu sangue, estão sempre tendendo
A preferir a dor à morte e ao nada o inferno!

xcvii
danse macabre

À Ernest Christophe

*Fière, autant qu'un vivant, de sa noble stature,
Avec son gros bouquet, son mouchoir et ses gants,
Elle a la nonchalance et la désinvolture
D'une coquette maigre aux airs extravagants.*

*Vit-on jamais au bal une taille plus mince?
Sa robe exagérée, en sa royale ampleur,
S'écroule abondamment sur un pied sec que pince
Un soulier pomponné, joli comme une fleur.*

*La ruche qui se joue au bord des clavicules,
Comme un ruisseau lascif qui se frotte au rocher,
Défend pudiquement des lazzi ridicules
Les funèbres appas qu'elle tient à cacher.*

*Ses yeux profonds sont faits de vide et de ténèbres,
Et son crâne, de fleurs artistement coiffé,
Oscille mollement sur ses frêles vertèbres.
Ô charme d'un néant follement attifé.*

*Aucuns t'appelleront une caricature,
Qui ne comprennent pas, amants ivres de chair,
L'élégance sans nom de l'humaine armature.
Tu réponds, grand squelette, à mon goût le plus cher!*

*Viens-tu troubler, avec ta puissante grimace,
La fête de la Vie? ou quelque vieux désir,
Éperonnant encor ta vivante carcasse,
Te pousse-t-il, crédule, au sabbat du Plaisir?*

*Au chant des violons, aux flammes des bougies,
Espères-tu chasser ton cauchemar moqueur,
Et viens-tu demander au torrent des orgies
De rafraîchir l'enfer allumé dans ton cœur?*

*Inépuisable puits de sottise et de fautes!
De l'antique douleur éternel alambic!
À travers le treillis recourbé de tes côtes
Je vois, errant encor, l'insatiable aspic.*

*Pour dire vrai, je crains que ta coquetterie
Ne trouve pas un prix digne de ses efforts;
Qui, de ces cœurs mortels, entend la raillerie?
Les charmes de l'horreur n'enivrent que les forts!*

*Le gouffre de tes yeux, plein d'horribles pensées,
Exhale le vertige, et les danseurs prudents
Ne contempleront pas sans d'amères nausées
Le sourire éternel de tes trente-deux dents.*

*Pourtant, qui n'a serré dans ses bras un squelette,
Et qui ne s'est nourri des choses du tombeau?
Qu'importe le parfum, l'habit ou la toilette?
Qui fait le dégoûté montre qu'il se croit beau.*

*Bayadère sans nez, irrésistible gouge,
Dis donc à ces danseurs qui font les offusqués:
"Fiers mignons, malgré l'art des poudres et du rouge
Vous sentez tous la mort! Ô squelettes musqués,*

*"Antinoüs flétris, dandys à face glabre,
Cadavres vernissés, lovelaces chenus,
Le branle universel de la danse macabre
Vous entraîne en des lieux qui ne sont pas connus!*

*"Des quais froids de la Seine aux bords brûlants du Gange,
Le troupeau mortel saute et se pâme, sans voir
Dans un trou du plafond la trompette de l'Ange
Sinistrement béante ainsi qu'un tromblon noir.*

*"En tout climat, sous tout soleil, la Mort t'admire
En tes contorsions, risible Humanité,
Et souvent, comme toi, se parfumant de myrrhe,
Mêle son ironie à ton insanité!"*

xcvii
dança macabra

A Ernest Christophe

Orgulhosa, tal ser vivo, de sua estatura
Nobre, com lenço, luvas, buquê abundante,
Tem a indiferença e a desenvoltura
De uma faceira magra com ar extravagante.

Já se viu num salão porte tão aprumado?
Seu vestido excessivo — imperial amplidão —
Vasto desaba sobre seu pé apertado
Por sapato pompom — uma flor em botão.

O folho que balança à beira das clavículas,
Como riacho lascivo na rocha a roçar,
Protege, recatado, das piadas ridículas
Os fúnebres encantos que busca ocultar.

Com olhos profundos feitos de treva e vazio,
Seu crânio, com um apuro de flores coberto,
Sobre vértebras frágeis oscila erradio,
Ó sedução de um nada ornado em desacerto!

Alguns vão dizer que és uma caricatura,
Ébrios de carne, não compreendem, é claro,
A elegância sem nome da humana estrutura.
Atendes, esqueleto, ao meu gosto mais caro!

Vens perturbar, com tua poderosa caraça,
A festa da Vida? Um desejo a se manter,
Esporeando ainda essa tua viva carcaça
E te levando, ingênua, ao sabá do Prazer?

Ao canto dos violinos, à chama das velas,
Contas expulsar teu mau sonho brincalhão,
E ao caudal das orgias tu vens pedir que elas
Aliviem o inferno de teu coração?

Alambique sem fim do pesar repisado!
De tolíce e de erros, poço inesgotável!
Pelas tuas costelas em curvo trançado
Vejo, ainda a errar, a áspide insaciável.

E na verdade, temo que tua faceirice
Não venha a encontrar um preço que a conforte;
Dos corações mortais, qual entende a estroinice?
Os encantos do horror só embriagam quem é forte!

O abismo de teus olhos, com horríveis pensares,
À vertigem conduz; dançarinos prudentes
Não irão contemplar sem náuseas, sem esgares
O eterno sorrir desses teus trinta e dois dentes.

Mas quem não estreitou nos braços um esqueleto,
E quem não se nutriu dessas coisas que vêm
Da cova? Importam cheiro, trajes ou aspecto?
Quem se faz de enojado, por belo se tem.

Dançatriz sem nariz, suma mulher da vida,
Dize a tais dançarinos de ares delicados:

“Soberbos, apesar da maquiagem devida,
Cheirais à morte! Ó esqueletos almiscrados,

“Antínoos sem frescor, dândis de face glabra,
Cadáveres lustrados, dom-juans decaídos,
O giro universal de uma dança macabra
Conduz-vos a locais que não são conhecidos!

“Entre o Ganges ardente e o Sena gelado,
O rebanho mortal se exalta, sem achar-te,
Trombeta do Anjo, num buraco do telhado,
Boquiaberta, sinistra, negro bacamarte.

“Pois a Morte te admira, em qualquer onde e quando,
Nas tuas contorções, grotesca Humanidade;
Com mirra, como tu, sempre se perfumando,
Mistura sua ironia à tua insanidade!”

xcviii
l'amour du mensonge

*Quand je te vois passer, ô ma chère indolente,
Au chant des instruments qui se brise au plafond
Suspendant ton allure harmonieuse et lente,
Et promenant l'ennui de ton regard profond;*

*Quand je contemple, aux feux du gaz qui le colore,
Ton front pâle, embelli par un morbide attrait,
Où les torches du soir allument une aurore,
Et tes yeux attirants comme ceux d'un portrait,*

*Je me dis: Qu'elle est belle! et bizarrement fraîche!
Le souvenir massif, royale et lourde tour,
La couronne, et son cœur, meurtri comme une pêche,
Est mûr, comme son corps, pour le savant amour.*

*Es-tu le fruit d'automne aux saveurs souveraines?
Es-tu vase funèbre attendant quelques pleurs,
Parfum qui fait rêver aux oasis lointaines,
Oreiller caressant, ou corbeille de fleurs?*

*Je sais qu'il est des yeux, des plus mélancoliques,
Qui ne recèlent point de secrets précieux;*

*Beaux écrins sans bijoux, médaillons sans reliques,
Plus vides, plus profonds que vous-mêmes, ô Cieux!*

*Mais ne suffit-il pas que tu sois l'apparence,
Pour réjouir un cœur qui fuit la vérité?
Qu'importe ta bêtise ou ton indifférence?
Masque ou décor, salut! J'adore ta beauté.*

xcviii
o amor pela mentira

Quando vejo que passas, ó cara indolente,
Com o canto instrumental no teto a ressoar,
Alteando teu porte harmonioso e paciente,
E passeando o tédio de teu fundo olhar;

Quando contemplo, à luz do gás que a revigora,
A tua pálida fronte, num mórbido trato,
Onde as tochas da noite acendem uma aurora,
E teus olhos atraentes tal como um retrato,

Penso: É tão bela! e tem frescor, estranhamente!
A lembrança maciça, torreão zelador,
A coroa, e magoado o coração se sente
Maduro, tal seu corpo, para o destro amor.

És um fúnebre vaso que prantos vigia?
És o fruto outonal de supremos sabores,
Perfume que distantes oásis lembraria,
Travesseiro afetuoso ou uma cesta de flores?

Sei haver olhos, plenos de melancolia,
Que ocultar nem pretendem secretos troféus;

Belos escrínios sem relíquia ou pedraria,
Mais vazios e profundos que vós mesmos, Céus!

Que sejas a aparência já não bastaria
Para alegrar alguém que foge a uma certeza?
Tolice, indiferença, o que isso importaria?
Máscara ou cena, salve! Adoro tua beleza.

xcix
*“je n’ai pas oublié,
voisine de la ville”*

*Je n’ai pas oublié, voisine de la ville,
Notre blanche maison, petite mais tranquille;
Sa Pomone de plâtre et sa vieille Vénus
Dans un bosquet chétif cachant leurs membres nus,
Et le soleil, le soir, ruisselant et superbe,
Qui, derrière la vitre où se brisait sa gerbe,
Semblait, grand œil ouvert dans le ciel curieux,
Contempler nos dîners longs et silencieux,
Répandant largement ses beaux reflets de cierge
Sur la nappe frugale et les rideaux de serge.*

xcix
“eu nunca a esqueci,
vizinha da cidade”

Eu nunca a esqueci, vizinha da cidade,
Nossa casinha branca e sua tranquilidade;
Sua Pomona de gesso e sua Vênus antiga,
Que num jardim mirrado os membros nus abriga,
E o sol, fluindo suntuoso, que, atrás da vidraça
Onde ao entardecer seu feixe se estilhaça,
Parecia — no céu, olho imenso e curioso —
Contemplar o jantar moroso e silencioso,
Espalhando reflexos de vela em caudal
Nas cortinas de sarja e na toalha frugal.

C

*“la servante au grand cœur
dont vous étiez jalouse”*

*La servante au grand cœur dont vous étiez jalouse,
Et qui dort son sommeil sous une humble pelouse,
Nous devrions pourtant lui porter quelques fleurs.
Les morts, les pauvres morts, ont de grandes douleurs,
Et quand Octobre souffle, émondeur des vieux arbres,
Son vent mélancolique à l’entour de leurs marbres,
Certe, ils doivent trouver les vivants bien ingrats,
À dormir, comme ils font, chaudement dans leurs draps,
Tandis que, dévorés de noires songeries,
Sans compagnon de lit, sans bonnes causeries,
Vieux squelettes gelés travaillés par le ver,
Ils sentent s’égoutter les neiges de l’hiver
Et le siècle couler, sans qu’amis ni famille
Remplacent les lambeaux qui pendent à leur grille.*

*Lorsque la bûche siffle et chante, si le soir,
Calme, dans le fauteuil je la voyais s’asseoir,
Si, par une nuit bleue et froide de décembre,
Je la trouvais tapie en un coin de ma chambre,
Grave, et venant du fond de son lit éternel*

*Couver l'enfant grandi de son œil maternel,
Que pourrais-je répondre à cette âme pieuse,
Voyant tomber des pleurs de sa paupière creuse?*

C

“a ama de alma boa
de que você tinha”

A ama de alma boa de que você tinha
Ciúme, e que dorme sob a grama comezinha,
Devíamos pois era levar-lhe umas flores.
Os coitados dos mortos têm enormes dores,
E quando turvo outubro, as árvores podando,
Em volta de suas lápides segue ventando,
Sim, devem ter os vivos por indiferentes,
A dormir, como o fazem, sob cobertas quentes,
Quando, roídos por fantasias adversas,
Sem parceiro na cama, sem boas conversas,
Esqueletos gelados que os vermes percorrem,
Vão sentindo que as neves do inverno escorrem
E o século se esvai, sem família ou amigo
Substituir o que pende, roto, em seu jazigo.

Se à noite, quando a lenha canta e assobia,
Na poltrona eu a visse em calma vigia,
Se, numa noite azul de dezembro, gelada,
Num canto do quarto eu a visse, reservada,
Grave, vindo do fundo de seu leito eterno,

Olhar a criança grande com um olho materno,
O que a essa abnegada alma eu responderia,
Ao ver o pranto em sua pálpebra vazia?

ci
brumes et pluies

*Ô fins d'automne, hivers, printemps trempés de boue,
Endormeuses saisons! je vous aime et vous loue
D'envelopper ainsi mon cœur et mon cerveau
D'un linceul vapoureux et d'un vague tombeau.*

*Dans cette grande plaine où l'autan froid se joue,
Où par les longues nuits la girouette s'enroue,
Mon âme mieux qu'au temps du tiède renouveau
Ouvrira largement ses ailes de corbeau.*

*Rien n'est plus doux au cœur plein de choses funèbres,
Et sur qui dès longtemps descendent les frimas,
Ô blafardes saisons, reines de nos climats,*

*Que l'aspect permanent de vos pâles ténèbres,
— Si ce n'est, par un soir sans lune, deux à deux,
D'endormir la douleur sur un lit hasardeux.*

ci brumas e chuvas

Invernos, primaveras, fins de outono — um rio
De lama e sonolência —, eu vos elogio
Por envolverem meu coração e minha mente
Em vaga tumba e num sudário evanescente.

Nessa planície onde o vento sopra frio,
E a grimpá fica rouca por noites a fio,
Minha alma, mais que na primavera clemente,
As suas asas de corvo abrirá largamente.

Para um coração cheio de coisas cinzentas,
E sobre o qual há muito caem as geadas
— Rainhas desta terra, estações desmaiadas —,

Nada mais suave que essas trevas alvacentas
— Fora, em noite sem lua, formando um casal,
Adormecer a dor numa cama casual.

cii
rêve parisien

À Constantin Guys

/

*De ce terrible paysage,
Tel que jamais mortel n'en vit,
Ce matin encore l'image,
Vague et lointaine, me ravit.*

*Le sommeil est plein de miracles!
Par un caprice singulier,
J'avais banni de ces spectacles
Le végétal irrégulier,*

*Et, peintre fier de mon génie,
Je savourais dans mon tableau
L'enivrante monotonie
Du métal, du marbre et de l'eau.*

*Babel d'escaliers et d'arcades,
C'était un palais infini,*

*Plein de bassins et de cascades
Tombant dans l'or mat ou bruni;*

*Et des cataractes pesantes,
Comme des rideaux de cristal,
Se suspendaient, éblouissantes,
À des murailles de métal.*

*Non d'arbres, mais de colonnades
Les étangs dormants s'entouraient,
Où de gigantesques naïades,
Comme des femmes, se miraient.*

*Des nappes d'eau s'épanchaient, bleues,
Entre des quais roses et verts,
Pendant des millions de lieues,
Vers les confins de l'univers;*

*C'étaient des pierres inouïes
Et des flots magiques; c'étaient
D'immenses glaces éblouies
Par tout ce qu'elles reflétaient!*

*Insouciants et taciturnes,
Des Ganges, dans le firmament,
Versaient le trésor de leurs urnes
Dans des gouffres de diamant.*

*Architecte de mes féeries,
Je faisais, à ma volonté,*

*Sous un tunnel de pierreries
Passer un océan dompté;*

*Et tout, même la couleur noire,
Semblait fourbi, clair, irisé;
Le liquide enchâssait sa gloire
Dans le rayon cristallisé.*

*Nul astre d'ailleurs, nuls vestiges
De soleil, même au bas du ciel,
Pour illuminer ces prodiges,
Qui brillaient d'un feu personnel!*

*Et sur ces mouvantes merveilles
Planait (terrible nouveauté!
Tout pour l'œil, rien pour les oreilles!)
Un silence d'éternité.*

II

*En rouvrant mes yeux pleins de flamme
J'ai vu l'horreur de mon taudis,
Et senti, rentrant dans mon âme,
La pointe des soucis maudits;*

*La pendule aux accents funèbres
Sonnait brutalement midi,
Et le ciel versait des ténèbres
Sur le triste monde engourdi.*

cii
sonho parisiense

A Constantin Guys

i

Dessa terrível paisagem,
Tal como mortal nunca viu,
Esta manhã ainda a imagem,
Vaga e longe, me seduziu.

De milagre o sono é servido!
Por um capricho singular,
Dessas cenas tinha banido
O vegetal irregular,

E pintor cioso da mestria,
Em meu quadro era-me vital
A inebriante monotonia
De mármore, água e metal.

Babel de escadas, colunatas,
Era aquele um palácio infindo,

Cheio de tanques e cascatas,
No ouro mate ou liso caindo;

E cataratas imponentes,
Como cortinas de cristal,
Descaíam, resplandecentes,
Pelas muralhas de metal.

Não de árvores, mas de colunas
Os lagos quedos se cercavam,
E altas náíades oportunas,
Tal mulheres, nele se olhavam.

Lençóis de água, azuis, se alastravam
Entre cais rosa e verdes, ermos,
E em imensidões se espalhavam
Pelo universo, até seus termos;

Havia pedras incomuns
E mágicas ondas; havia
Espelhos, turvados alguns
Pelo que aí se refletia!

Despreocupadas, taciturnas,
Torrentes no céu culminantes
Vertiam os bens de suas urnas
Nos sorvedouros de diamantes.

Arquiteto de fantasias,
Fazia, tal como pensado,

Sob um túnel de pedrarias
Passar um oceano domado;

E tudo, mesmo a negra cor,
Parecia claro, irisado;
O líquido pôs seu valor
Em um raio cristalizado.

Nenhum astro, aliás, nem vestígios
De sol no horizonte se viam,
Para iluminar tais prodígios,
Que com fogo pessoal ardiam!

Sobre esses encantos tangidos
Planava (dura novidade!
Tudo para o olho, e não ouvidos!)
Um silêncio de eternidade.

ii

Os olhos ardentes reabri:
Vi o horror de minha morada;
De volta a minha alma, senti
As aflições com sua pontada;

O relógio de tom lutuoso
Tocava, brutal, meio-dia,
E sobre o mundo langoroso
Eram trevas que o céu vertia.

ciii
le crépuscule du matin

*La diane chantait dans les cours des casernes,
Et le vent du matin soufflait sur les lanternes.*

*C'était l'heure où l'essaim des rêves malfaisants
Tord sur leurs oreillers les bruns adolescents;
Où, comme un œil sanglant qui palpite et qui bouge,
La lampe sur le jour fait une tache rouge;
Où l'âme, sous le poids du corps revêche et lourd,
Imite les combats de la lampe et du jour.
Comme un visage en pleurs que les brises essuient,
L'air est plein du frisson des choses qui s'enfuient,
Et l'homme est las d'écrire et la femme d'aimer.*

*Les maisons çà et là commençaient à fumer.
Les femmes de plaisir, la paupière livide,
Bouche ouverte, dormaient de leur sommeil stupide;
Les pauvresses, traînant leurs seins maigres et froids,
Soufflaient sur leurs tisons et soufflaient sur leurs doigts.
C'était l'heure où parmi le froid et la lésine
S'aggravent les douleurs des femmes en gésine;
Comme un sanglot coupé par un sang écumeux*

*Le chant du coq au loin déchirait l'air brumeux;
Une mer de brouillards baignait les édifices,
Et les agonisants dans le fond des hospices
Poussaient leur dernier râle en hoquets inégaux.
Les débauchés rentraient, brisés par leurs travaux.
L'aurore grelottante en robe rose et verte
S'avavançait lentement sur la Seine déserte,
Et le sombre Paris, en se frottant les yeux,
Empoignait ses outils, vieillard laborieux.*

ciii

o crepúsculo da manhã

A alvorada ressoava em pátios de casernas,
E o vento da manhã soprava nas lanternas.

Era a hora em que o enxame de sonhos frementes
Retorce em suas camas os adolescentes
Morenos; em que, olho em sangue que palpita,
A lâmpada é uma mancha rubra inscrita
No dia; e em que a alma sob o corpo em rebeldia
Imita embates entre a lâmpada e o dia.
Tal rosto cujo pranto as brisas secam, o ar
Enche-se com o fremir das coisas a escapar
— A escrita cansa o homem, e o amor, a mulher.

Há casas com fumaça já a se desprender.
Mulheres fáceis, com a pálpebra desmaiada,
Dormiam sono idiota, a boca arreganhada;
As pobres, arrastando seios magros, frios,
Assopravam tições e as mãos em calafrios.
Era esta a hora em que entre frio e privação
As dores das que vão parir se agravarão;
Tal soluçar cortado por sangue escumoso,

Longe o canto do galo rasgava o ar brumoso;
Num mar de cerração os prédios se banhavam;
Moribundos, no fundo de hospitais, soltavam
Soluços desiguais, derradeiro estertor.
Os farristas voltavam de um duro labor.
A aurora tiritante, em traje verde e rosa,
Sobre o Sena deserto avançava morosa:
Paris, esfregando o olho, ainda na escuridão,
Já empunha os apetrechos, operoso ancião.

O vinho

Le vin

civ
l'âme du vin

*Un soir, l'âme du vin chantait dans les bouteilles:
"Homme, vers toi je pousse, ô cher déshérité,
Sous ma prison de verre et mes cires vermeilles,
Un chant plein de lumière et de fraternité!*

*"Je sais combien il faut, sur la colline en flamme,
De peine, de sueur et de soleil cuisant
Pour engendrer ma vie et pour me donner l'âme;
Mais je ne serai point ingrat ni malfaisant,*

*"Car j'éprouve une joie immense quand je tombe
Dans le gosier d'un homme usé par ses travaux,
Et sa chaude poitrine est une douce tombe
Où je me plais bien mieux que dans mes froids caveaux.*

*"Entends-tu retentir les refrains des dimanches
Et l'espoir qui gazouille en mon sein palpitant?
Les coudes sur la table et retroussant tes manches,
Tu me glorifieras et tu seras content;*

*"J'allumerai les yeux de ta femme ravie;
À ton fils je rendrai sa force et ses couleurs*

*Et serai pour ce frêle athlète de la vie
L'huile qui raffermirait les muscles des lutteurs.*

*“En toi je tomberai, végétale ambrosie,
Grain précieux jeté par l'éternel Semeur,
Pour que de notre amour naisse la poésie
Qui jaillira vers Dieu comme une rare fleur!”*

civ a alma do vinho

Na garrafa, à noite, a alma do vinho cantou:

“Teço-te, Homem, por essa tua adversidade,
Nesta prisão de vidro e lacre em que eu estou,
Um canto só de luz e de fraternidade!

“Sei o quanto é preciso, na encosta batida
Pelo calor, de lida, suor e sol ardente
Para me dar uma alma além de minha vida;
Mas não serei ingrato nem malevolente,

“Pois sinto uma alegria imensa quando sigo
Pela goela de alguém gasto pelas refregas,
E seu peito quente é um ameno jazigo
Que me compraz bem mais do que as frias adegas.

“Ouves a cantoria de domingo entoada
E a esperança que trina em meu seio ofegante?
Cotovelos na mesa, manga arregaçada,
Vais-me glorificar e estarás exultante;

“Acenderei os olhos de tua enlevada
Mulher; darei a teu filho vigor e cores,
Serei para esse frágil atleta da vida
O óleo que firma os músculos dos lutadores.

“Em ti irei cair, vegetal ambrosia,
Semente posta pelo eterno Semeador,
A fim de que de nosso amor nasça a poesia
A brotar para Deus como uma rara flor!”

CV
le vin de chiffonniers

*Souvent à la clarté rouge d'un réverbère
Dont le vent bat la flamme et tourmente le verre,
Au cœur d'un vieux faubourg, labyrinthe fangeux
Où l'humanité grouille en ferments orageux,*

*On voit un chiffonnier qui vient, hochant la tête,
Butant, et se cognant aux murs comme un poète,
Et, sans prendre souci des mouchards, ses sujets,
Épanche tout son cœur en glorieux projets.*

*Il prête des serments, dicte des lois sublimes,
Terrasse les méchants, relève les victimes,
Et sous le firmament comme un dais suspendu
S'enivre des splendeurs de sa propre vertu.*

*Oui, ces gens harcelés de chagrins de ménage,
Moulus par le travail et tourmentés par l'âge,
Éreintés et pliant sous un tas de débris,
Vomissement confus de l'énorme Paris,*

*Reviennent, parfumés d'une odeur de futailles,
Suivis de compagnons, blanchis dans les batailles,*

*Dont la moustache pend comme les vieux drapeaux.
Les bannières, les fleurs et les arcs triomphaux*

*Se dressent devant eux, solennelle magie!
Et dans l'étourdissante et lumineuse orgie
Des clairons, du soleil, des cris et du tambour,
Ils apportent la gloire au peuple ivre d'amour!*

*C'est ainsi qu'à travers l'Humanité frivole
Le vin roule de l'or, éblouissant Pactole;
Par le gosier de l'homme il chante ses exploits
Et règne par ses dons ainsi que les vrais rois.*

*Pour noyer la rancœur et bercer l'indolence
De tous ces vieux maudits qui meurent en silence,
Dieu, touché de remords, avait fait le sommeil;
L'Homme ajouta le Vin, fils sacré du Soleil!*

CV o vinho dos trapeiros

De hábito, à rubra luz de um poste, turbulenta
— Sua chama o vento bate, o vidro ele atormenta —,
Num velho bairro, um dédalo assim lamacento
Onde o homem fervilha em bravio fermento,

Vê-se um trapeiro vindo; balança a cabeça
E, como um poeta, bate nos muros, tropeça;
Sem cuidar dos espias, a ele agora afetos,
Expande o coração em gloriosos projetos.

Faz juramentos, dita superiores leis,
As vítimas as soergue, derruba os cruéis,
E sob o firmamento, tal um sobrecéu,
De sua virtude embriaga-se, tal de um troféu.

Sim, perseguidas pelas provas conjugais,
Aflitas pela idade e moídas por brutais
Trabalhos, encurvadas sob a porcariada,
Vômitos de Paris, cidade imoderada,

Essas pessoas voltam, com odor de barris
E companheiros vindos de lutas febris,

Cujos bigodes pendem tal velhos pendões.
Os arcos de triunfo, flores, pavilhões

Erguem-se diante deles, solene magia!
E, numa estonteante e luminosa orgia,
As trombetas, o sol, os gritos e o tambor
Trazem a glória ao povo embriagado de amor!

E pela Humanidade tão inconsequente
O vinho carrega ouro, Pactolo esplendente;
Pela garganta do Homem, canta sua ação
E tal genuínos reis reina por sua aptidão.

Para o rancor conter e embalar a indolência
De velhos que em silêncio morrem, sem clemência,
Deus, com remorso, criou o sono; então achou
O Homem de criar o Vinho, herdeiro do Sol!

cvi
le vin de l'assassin

*Ma femme est morte, je suis libre!
Je puis donc boire tout mon soûl.
Lorsque je rentrais sans un sou,
Ses cris me déchiraient la fibre.*

*Autant qu'un roi je suis heureux;
L'air est pur, le ciel admirable...
Nous avons un été semblable
Lorsque j'en devins amoureux!*

*L'horrible soif qui me déchire
Aurait besoin pour s'assouvir
D'autant de vin qu'en peut tenir
Son tombeau; — ce n'est pas peu dire:*

*Je l'ai jetée au fond d'un puits,
Et j'ai même poussé sur elle
Tous les pavés de la margelle.
— Je l'oublierai si je le puis!*

*Au nom des serments de tendresse,
Dont rien ne peut nous délier,*

*Et pour nous réconcilier
Comme au beau temps de notre ivresse,*

*J'implorai d'elle un rendez-vous,
Le soir, sur une route obscure.
Elle y vint — folle créature!
Nous sommes tous plus ou moins fous!*

*Elle était encore jolie,
Quoique bien fatiguée! et moi,
Je l'aimais trop! voilà pourquoi
Je lui dis: Sors de cette vie!*

*Nul ne peut me comprendre. Un seul
Parmi ces ivrognes stupides
Songea-t-il dans ses nuits morbides
À faire du vin un linceul?*

*Cette crapule invulnérable
Comme les machines de fer
Jamais, ni l'été ni l'hiver,
N'a connu l'amour véritable,*

*Avec ses noirs enchantements,
Son cortège infernal d'alarmes,
Ses fioles de poison, ses larmes,
Ses bruits de chaîne et d'ossements!*

*— Me voilà libre et solitaire!
Je serai ce soir ivre mort;*

*Alors, sans peur et sans remords,
Je me coucherai sur la terre,*

*Et je dormirai comme un chien!
Le chariot aux lourdes roues
Chargé de pierres et de boues,
Le wagon enragé peut bien*

*Écraser ma tête coupable
Ou me couper par le milieu,
Je m'en moque comme de Dieu,
Du Diable ou de la Sainte Table!*

cvi
o vinho do assassino

Livre! Morreu minha mulher!
Posso beber todas então.
Quando eu vinha sem um tostão,
Seus gritos eram de condoer.

Estou feliz, tal como um rei;
O ar é puro, o céu, magistral...
Tivemos um verão igual
No tempo em que me apaixonei!

Para saciar-me a horrível sede
Seria preciso beber
O vinho que pode caber
Em seu túmulo; — e o que sucede:

Joguei-a no fundo de um poço,
E empurrei sobre ela, recorde,
Todas as pedras do rebordo.
— Esquecê-la? Não sei se posso!

Em nome das juras de amor,
De que nada nos pode alhear,

E para nos reconciliar
Como na época de ardor,

Que me encontrasse — peço, brado —
À noite, numa via escura.
Ela veio! — louca criatura!
Todo mundo é um pouco alocado!

Ainda era bonita, embora
Cansada! Eu a amava demais,
E foi por isso que sem mais
Lhe disse: morre, vai embora!

Ninguém me entende. Na canalha
Bêbada será que ninguém
Pensou, nas noites malsãs, em
Fazer do vinho uma mortalha?

Essa ralé invulnerável,
Como mecanismos de ferro,
Nunca, nem com acerto nem com erro,
Viveu o amor incontestável,

Com suas negras encantações,
Seu cortejo infernal de espantos,
Seus frascos de veneno, prantos
E os ruídos de ossos e grilhões!

— Estou solitário e liberto!
Esta noite me embriagarei;

Sem medo, sem remorso irei
Estirar-me na terra, é certo,

E dormirei tal como um cão!
O vagão de roda maciça,
Cheio de lama e de caliça,
Violento, pode moer-me então

A minha cabeça, dar cabo
De mim, e mesmo me cortando
Pelo meio, estou me lixando
— E pra Deus, Santa Ceia, Diabo!

cvii
le vin du solitaire

*Le regard singulier d'une femme galante
Qui se glisse vers nous comme le rayon blanc
Que la lune onduleuse envoie au lac tremblant,
Quand elle y veut baigner sa beauté nonchalante;*

*Le dernier sac d'écus dans les doigts d'un joueur;
Un baiser libertin de la maigre Adeline;
Les sons d'une musique énervante et câline,
Semblable au cri lointain de l'humaine douleur,*

*Tout cela ne vaut pas, ô bouteille profonde,
Les baumes pénétrants que ta panse féconde
Garde au cœur altéré du poète pieux;*

*Tu lui verses l'espoir, la jeunesse et la vie,
— Et l'orgueil, ce trésor de toute gueuserie,
Qui nous rend triomphants et semblables aux Dieux!*

cvii
o vinho do solitário

O olhar singular de uma mulher tão galante
Insinuando-se em nós — faísca luzidia
Que ao fremir da lagoa a ondeante lua envia,
Quando aí quer banhar a beleza pedante;

Os últimos tostões na mão de um jogador;
Um beijo libertino da magra Adeline;
A música indolente que embala e retine
Como o grito longínquo de uma humana dor,

Tudo isso não vale, ó garrafa tão profunda,
Os bálsamos intensos que tua fecunda
Pança guarda no peito dos poetas zelosos;

Vertes-lhe juventude, esperança e a existência
— E o orgulho, tesouro de toda indigência,
Que nos torna, tal como os deuses, portentosos!

cviii
le vin des amants

Aujourd'hui l'espace est splendide!
Sans mors, sans éperons, sans bride,
Partons à cheval sur le vin
Pour un ciel féérique et divin!

Comme deux anges que torture
Une implacable calenture,
Dans le bleu cristal du matin
Suivons le mirage lointain!

Mollement balancés sur l'aile
Du tourbillon intelligent,
Dans un délire parallèle,

Ma sœur, côte à côte nageant,
Nous fuirons sans repos ni trêves
Vers le paradis de mes rêves!

cviii
o vinho dos amantes

Grandioso está o espaço! cheio
De luz! Sem rédea, espora ou freio,
No vinho vamos a cavalo
Até em céu sublime acabá-lo!

Como dois anjos torturados
Por uns delírios arraigados,
Sigamos na manhã cristal
E azul a miragem casual!

Na asa — embalançadamente —
Do redemoinho atilado,
Por desvairamento adjacente,

Fugiremos, nadando lado
A lado, até ao paraíso
Que nos meus sonhos eu diviso!

Flores do mal

Fleurs du mal

cix *la destruction*

*Sans cesse à mes côtés s'agite le Démon;
Il nage autour de moi comme un air impalpable;
Je l'avale et le sens qui brûle mon poumon
Et l'emplit d'un désir éternel et coupable.*

*Parfois il prend, sachant mon grand amour de l'Art,
La forme de la plus séduisante des femmes,
Et, sous de spécieux prétextes de cafard,
Accoutume ma lèvre à des philtres infâmes.*

*Il me conduit ainsi, loin du regard de Dieu,
Haletant et brisé de fatigue, au milieu
Des plaines de l'Ennui, profondes et désertes,*

*Et jette dans mes yeux pleins de confusion
Des vêtements souillés, des blessures ouvertes,
Et l'appareil sanglant de la Destruction!*

cix a destruição

O Demônio se agita, perto, sem parar;
Flutua em torno a mim como um ar impalpável;
Engulo-o e o sinto meu pulmão queimar
E enchê-lo de um desejo culpado e infindável.

Às vezes toma, ciente de meu grande amor
Pela Arte, sedutoras formas feminis;
Com pretextos falazes de um burlador,
Afeiçoa meus lábios a amavios vis.

Ele me leva assim, do olhar de Deus distante,
Para me abandonar, exaurido e ofegante,
Nas planícies do Tédio, profundas, desertas;

Lança em meus olhos cheios de perturbação
Roupas enxovalhadas, feridas abertas,
Mais a máquina em sangue da Destruição!

CX
une martyre
Dessin d'un maître inconnu

Au milieu des flacons, des étoffes lamées
Et des meubles voluptueux,
Des marbres, des tableaux, des robes parfumées
Qui traînent à plis somptueux,

Dans une chambre tiède où, comme en une serre,
L'air est dangereux et fatal,
Où des bouquets mourants dans leurs cercueils de verre
Exhalent leur soupir final,

Un cadavre sans tête épanche, comme un fleuve,
Sur l'oreiller désaltéré
Un sang rouge et vivant, dont la toile s'abreuve
Avec l'avidité d'un pré.

Semblable aux visions pâles qu'enfante l'ombre
Et qui nous enchaînent les yeux,
La tête, avec l'amas de sa crinière sombre
Et de ses bijoux précieux,

*Sur la table de nuit, comme une renoncule,
Repose; et, vide de pensers,
Un regard vague et blanc comme le crépuscule
S'échappe des yeux révoltés.*

*Sur le lit, le tronc nu sans scrupules étale
Dans le plus complet abandon
La secrète splendeur et la beauté fatale
Dont la nature lui fit don;*

*Un bas rosâtre, orné de coins d'or, à la jambe,
Comme un souvenir est resté;
La jarretière, ainsi qu'un œil secret qui flambe,
Darde un regard diamanté.*

*Le singulier aspect de cette solitude
Et d'un grand portrait langoureux,
Aux yeux provocateurs comme son attitude,
Révèle un amour ténébreux,*

*Une coupable joie et des fêtes étranges
Pleines de baisers infernaux,
Dont se réjouissait l'essaim des mauvais anges
Nageant dans les plis des rideaux;*

*Et cependant, à voir la maigreur élégante
De l'épaule au contour heurté,
La hanche un peu pointue et la taille fringante
Ainsi qu'un reptile irrité,*

*Elle est bien jeune encor! — Son âme exaspérée
Et ses sens par l'ennui mordus
S'étaient-ils entr'ouverts à la meute altérée
Des désirs errants et perdus?*

*L'homme vindicatif que tu n'as pu, vivante,
Malgré tant d'amour, assouvir,
Combla-t-il sur ta chair inerte et complaisante
L'immensité de son désir?*

*Réponds, cadavre impur! et par tes tresses roides
Te soulevant d'un bras fiévreux,
Dis-moi, tête effrayante, a-t-il sur tes dents froides
Collé les suprêmes adieux?*

*— Loin du monde railleur, loin de la foule impure,
Loin des magistrats curieux,
Dors en paix, dors en paix, étrange créature,
Dans ton tombeau mystérieux;*

*Ton époux court le monde, et ta forme immortelle
Veille près de lui quand il dort;
Autant que toi sans doute il te sera fidèle,
Et constant jusques à la mort.*

CX
uma mártir
Desenho de mestre desconhecido

Em meio a frascos, a tecidos recamados
E mesmo a móveis voluptuosos,
Ou a mármore, quadros, trajes perfumados
Que arrastam pregueados suntuosos,

Num quarto onde, como em estufas sufocantes,
O ar é perigoso e fatal,
E buquês, em caixões de vidro, agonizantes,
Exalam o arquejo final,

Sem cabeça, um cadáver, como um rio, fornece
Ao travesseiro saciado
Rubro sangue, e o tecido dele se umedece
Com a avidez de um prado.

Tal pálidas visões que a sombra configura
E de que os olhos são presa,
A cabeça, com o monte de sua juba escura
E joias de grande beleza,

Ao lado, tal ranúnculo sobre um criado,
Repousa; e, oco de pensamentos,
Um olhar tal crepúsculo vago, esmaiado
Escapa aos olhos turbulentos.

Na cama, o tronco nu não se inibe ao expor,
Num abandono o mais gentil,
A beleza fatal e o secreto esplendor
De que a natureza o investiu;

Na perna, a meia rosa com enfeite dourado
Ficou tal lembrança restante;
A liga, como um olho que luz ocultado,
Lança um olhar de diamante.

O singular aspecto dessa solidão
E de um retrato langoroso,
— Insolentes, os olhos e a disposição —,
Revela um amor tenebroso,

A alegria culpada e os estranhos festejos
Cheios de beijos endiabrados,
Com que vibrava o enxame de anjos malfazejos
Nadando em meio aos cortinados;

E, todavia, a ver a magreza elegante
Do ombro com esboçado perfil,
A anca um pouco pontuda e a cintura arrogante
Tal como um irritado reptil,

Ela ainda é bem jovem! — Sua alma tormentosa
E seus entediados sentidos
Ter-se-ão entreaberto à matilha sequiosa
De errantes desejos perdidos?

Esse homem vingativo que tu, quando viva,
Não saciaste, apesar do amor,
Preencheu em tua carne inerte e receptiva
Teu desejo avassalador?

Dize, impuro cadáver! por tuas resistentes
Tranças com um braço te soerguendo,
Cabeça assustadora, ele em teus frios dentes
Colou o adeus supremo e horrendo?

— Longe do mundo adverso e de sua massa impura,
Longe de todo juiz curioso,
Dorme em paz, dorme em paz, estranha criatura,
Em teu túmulo misterioso;

O esposo corre o mundo, mas, forma imortal,
A vigiar-lhe o sono vais pôr-te;
Tanto quanto tu, ele te será leal,
Será constante até a morte.

cxi
femmes damnées

*Comme un bétail pensif sur le sable couchées,
Elles tournent leurs yeux vers l'horizon des mers,
Et leurs pieds se cherchant et leurs mains rapprochées
Ont de douces langueurs et des frissons amers.*

*Les unes, cœurs épris des longues confidences,
Dans le fond des bosquets où jacent les ruisseaux,
Vont épelant l'amour des craintives enfances
Et creusent le bois vert des jeunes arbrisseaux;*

*D'autres, comme des sœurs, marchent lentes et graves
À travers les rochers pleins d'apparitions,
Où saint Antoine a vu surgir comme des laves
Les seins nus et pourprés de ses tentations;*

*Il en est, aux lueurs des résines croulantes,
Qui dans le creux muet des vieux antres païens
T'appellent au secours de leurs fièvres hurlantes,
Ô Bacchus, endormeur des remords anciens!*

*Et d'autres, dont la gorge aime les scapulaires,
Qui, recélant un fouet sous leurs longs vêtements,*

*Mêlent, dans le bois sombre et les nuits solitaires,
L'écume du plaisir aux larmes des tourments.*

*Ô vierges, ô démons, ô monstres, ô martyres,
De la réalité grands esprits contempteurs,
Chercheuses d'infini, dévotes et satyres,
Tantôt pleines de cris, tantôt pleines de pleurs,*

*Vous que dans votre enfer mon âme a poursuivies,
Pauvres sœurs, je vous aime autant que je vous plains,
Pour vos mornes douleurs, vos soifs inassouvies,
Et les urnes d'amour dont vos grands cœurs sont pleins!*

cxí mulheres condenadas

Tal gado pensativo, na areia deitadas,
Elas voltam os olhos para os mares largos,
E em pés que buscam pés e nas mãos quase dadas
Há uns suaves langores e arrepios amargos.

Umas, entregues só a confissões morosas,
Nas matas frias onde murmuram regatos,
Soletram o amor das infâncias medrosas,
Cavando o caule verde de arbustos novatos;

Outras, como irmãs, lentas, graves, vão seguindo
Pelas rochas tomadas por aparições,
Onde, tal lava, a santo Antão foram surgindo
Os seios, nus e púrpura, das tentações;

Há as que, aos clarões da resina que cai,
No oco mudo de velhos e ímpios covis
A Baco, que de antigos remorsos distrai,
Vão pedir o socorro nas horas febris!

E outras, cujo pescoço adora escapulários,
Escondendo um chicote sob a vestimenta,

Fundem, nos matagais noturnos, solitários,
À espuma do prazer lágrimas da tormenta.

Ó mártires, ó virgens, ó diabas e horrores,
Sátiras e devotas, buscando o infinito,
Da realidade grandes seres detratores,
Ora entregues ao pranto, ora entregues ao grito,

Vós por minha alma, em vosso inferno, perseguidas,
Amo-vos como vos deploro, sabedor
De vossas tristes dores, sedes insaciadas
E grandes corações cheios de urnas de amor!

cxii
les deux bonnes sœurs

*La Débauche et la Mort sont deux aimables filles,
Prodigues de baisers et riches de santé,
Dont le flanc toujours vierge et drapé de guenilles
Sous l'éternel labeur n'a jamais enfanté.*

*Au poète sinistre, ennemi des familles,
Favori de l'enfer, courtisan mal renté,
Tombeaux et lupanars montrent sous leurs charmilles
Un lit que le remords n'a jamais fréquenté.*

*Et la bière et l'alcôve en blasphèmes fécondes
Nous offrent tour à tour, comme deux bonnes sœurs,
De terribles plaisirs et d'affreuses douceurs.*

*Quand veux-tu m'enterrer, Débauche aux bras immondes?
Ô Mort, quand viendras-tu, sa rivale en attraits,
Sur ses myrtes infects enter tes noirs cyprès?*

cxii
as duas irmãs

São moças bem gentis, Morte e Devassidão;
Férteis em beijos, boa saúde as assistiu;
Seu ventre, sempre virgem e sob um surrão,
Por sua eterna faina em tempo algum pariu.

Ao poeta sombrio, que à família diz não,
Dileto do inferno, um servil de renda vil,
Tumbas e bordéis mostram num caramanchão
Um leito que o remorso nunca usufruiu.

E o caixão e a alcova, em blasfêmia fecunda,
Oferecem-nos, com a caridade de irmãs,
Prazeres assombrosos, deferências chãs.

Quando me enterrarás, Devassidão imunda?
Quando enxertarás, Morte — a rival inconteste —,
Em seu infecto mirto teu negro cipreste?

cxiii
la fontaine de sang

*Il me semble parfois que mon sang coule à flots,
Ainsi qu'une fontaine aux rythmiques sanglots.
Je l'entends bien qui coule avec un long murmure,
Mais je me tâte en vain pour trouver la blessure.*

*À travers la cité, comme dans un champ clos,
Il s'en va, transformant les pavés en îlots,
Désaltérant la soif de chaque créature,
Et partout colorant en rouge la nature.*

*J'ai demandé souvent à des vins captieux
D'endormir pour un jour la terreur qui me mine;
Le vin rend l'œil plus clair et l'oreille plus fine!*

*J'ai cherché dans l'amour un sommeil oublieux;
Mais l'amour n'est pour moi qu'un matelas d'aiguilles
Fait pour donner à boire à ces cruelles filles!*

cxiii
a fonte de sangue

Sinto às vezes que meu sangue corre exaltado,
Tal uma fonte num soluço cadenciado.
Ouço-o a correr tal longo lento lamento,
Mas é em vão que busco qualquer ferimento.

Pela cidade, como num campo fechado,
Vai-se — cada pedaço de pedra tornado
Ilha —, e alivia a sede de todo sedento,
E à natureza dá rubro revestimento.

Pedi não raro a algum vinho enganador
Que fizesse dormir o terror que me arruína;
O vinho aviva o olhar, e a audição faz mais fina!

Busquei no amor um sono desmemoriador;
Mas o amor é um colchão de agulhas — seu mister:
Só o de a essas mulheres cruéis dar de beber!

cxiv
allégorie

*C'est une femme belle et de riche encolure,
Qui laisse dans son vin traîner sa chevelure.
Les griffes de l'amour, les poisons du tripot,
Tout glisse et tout s'émousse au granit de sa peau.
Elle rit à la Mort et nargue la Débauche,
Ces monstres dont la main, qui toujours gratte et fauche,
Dans ses jeux destructeurs a pourtant respecté
De ce corps ferme et droit la rude majesté.
Elle marche en déesse et repose en sultane;
Elle a dans le plaisir la foi mahométane,
Et dans ses bras ouverts, que remplissent ses seins,
Elle appelle des yeux la race des humains.
Elle croit, elle sait, cette vierge inféconde
Et pourtant nécessaire à la marche du monde,
Que la beauté du corps est un sublime don
Qui de toute infamie arrache le pardon.
Elle ignore l'Enfer comme le Purgatoire,
Et quand l'heure viendra d'entrer dans la Nuit noire,
Elle regardera la face de la Mort,
Ainsi qu'un nouveau-né, — sans haine et sans remords.*

cxiv alegoria

É uma bela mulher, com aspecto de primeira,
Que se deixa arrastar no vinho a cabeleira.
Garras do amor, peçonhas da mal-aventura,
Tudo isso perde o gume em sua carnação dura.
Tenta a Devassidão, tal como ri da Morte,
Monstros cuja mão, dada à fricção e ao corte,
Nos jogos destruidores tem tido respeito
Pela crua majestade de um corpo escorreito.
Ela anda como deusa e como uma sultana
Descansa. No prazer tem fé maometana,
E a seus braços, abertos por seios turgentes,
Com os olhos ela chama a raça dos viventes.
Crê e sabe, esse ser feminino infecundo,
E porém necessário à marcha do mundo,
Que a beleza corpórea é um dom sublime
Que arrebatava o perdão a todo e qualquer crime.
O Inferno e o Purgatório, ela, claro, os ignora;
Quando de entrar na Noite negra for a hora,
Encará a Morte com um olhar despido
De ódio ou remorso — como um recém-nascido.

CXV
la béatrice

*Dans des terrains cendreaux, calcinés, sans verdure,
Comme je me plaignais un jour à la nature,
Et que de ma pensée, en vaguant au hasard,
J'aiguais lentement sur mon cœur le poignard,
Je vis en plein midi descendre sur ma tête
Un nuage funèbre et gros d'une tempête,
Qui portait un troupeau de démons vicieux,
Semblables à des nains cruels et curieux.
À me considérer froidement ils se mirent,
Et, comme des passants sur un fou qu'ils admirent,
Je les entendis rire et chuchoter entre eux,
En échangeant maint signe et maint clignement d'yeux:*

*— “Contemplons à loisir cette caricature
Et cette ombre d'Hamlet imitant sa posture,
Le regard indécis et les cheveux au vent.
N'est-ce pas grand'pitié de voir ce bon vivant,
Ce gueux, cet histrion en vacances, ce drôle,
Parce qu'il sait jouer artistement son rôle,
Vouloir intéresser au chant de ses douleurs
Les aigles, les grillons, les ruisseaux et les fleurs,*

*Et même à nous, auteurs de ces vieilles rubriques,
Réciter en hurlant ses tirades publiques?”*

*J'aurais pu (mon orgueil aussi haut que les monts
Domine la nuée et le cri des démons)
Détourner simplement ma tête souveraine,
Si je n'eusse pas vu parmi leur troupe obscène,
Crime qui n'a pas fait chanceler le soleil!
La reine de mon cœur au regard nonpareil,
Qui riait avec eux de ma sombre détresse
Et leur versait parfois quelque sale caresse.*

CXV
beatriz

Enquanto à natureza eu me queixava um dia,
Num lugar reduzido a cinzas, e seguia
A aguçar em meu coração, devagar,
Esse punhal de meu pensamento, a vagar,
Vi então com o dia a pino uma nuvem espessa,
De temporal sinistro, sobre minha cabeça,
Transportando um tropel de demônios viciosos,
Parecidos com anões cruéis, atrozes, curiosos.
A me considerar friamente acudiram,
Como passantes diante de um louco que admiram;
Ouvi que murmuravam, riam, tagarelas,
Trocando entre eles muitos sinais, piscadelas:

— “Olhemos com vagar essa caricatura:
Sombra de Hamlet, ela lhe imita a postura,
Os cabelos ao vento e o olhar vago, ausente.
Não é grande tristeza ver esse indigente,
Um boa-vida, histrião em férias, um trocista,
Já que sabe fazer seu papel, bem artista,
Querer deem atenção a seu canto de dores
Os riachos, as águias, os grilos e as flores,

E que até nós, autores dessas velhas cenas,
Recitemos urrando suas cantilenas?”

Eu poderia (meu orgulho, como os montes,
Domina o urro dos diabos, nuvens e horizontes)
Desviar-me a soberana cabeça, sem pena,
Se não tivesse visto em meio à tropa obscena,
Crime que não levou o sol a vacilar!
A rainha de minha alma, de olhar sem par,
Que ria junto com eles de minha desgraça
E lhes servia alguma carícia devassa.

cxvi
un voyage à cythère

*Mon cœur, comme un oiseau, voltigeait tout joyeux
Et planait librement à l'entour des cordages;
Le navire roulait sous un ciel sans nuages,
Comme un ange enivré d'un soleil radieux.*

*Quelle est cette île triste et noire? — C'est Cythère,
Nous dit-on, un pays fameux dans les chansons,
Eldorado banal de tous les vieux garçons.
Regardez, après tout, c'est une pauvre terre.*

*— Île des doux secrets et des fêtes du cœur!
De l'antique Vénus le superbe fantôme
Au-dessus de tes mers plane comme un arôme,
Et charge les esprits d'amour et de langueur.*

*Belle île aux myrtes verts, pleine de fleurs écloses,
Vénérée à jamais par toute nation,
Où les soupirs des cœurs en adoration
Roulent comme l'encens sur un jardin de roses*

*Ou le roucoulement éternel d'un ramier!
— Cythère n'était plus qu'un terrain des plus maigres,*

*Un désert rocailleux troublé par des cris aigres.
J'entrevois pourtant un objet singulier!*

*Ce n'était pas un temple aux ombres bocagères,
Où la jeune prêtresse, amoureuse des fleurs,
Allait, le corps brûlé de secrètes chaleurs,
Entrebâillant sa robe aux brises passagères;*

*Mais voilà qu'en rasant la côte d'assez près
Pour troubler les oiseaux avec nos voiles blanches,
Nous vîmes que c'était un gibet à trois branches,
Du ciel se détachant en noir, comme un cyprès.*

*De féroces oiseaux perchés sur leur pâture
Détruisaient avec rage un pendu déjà mûr,
Chacun plantant, comme un outil, son bec impur
Dans tous les coins saignants de cette pourriture;*

*Les yeux étaient deux trous, et du ventre effondré
Les intestins pesants lui coulaient sur les cuisses,
Et ses bourreaux, gorgés de hideuses délices,
L'avaient à coups de bec absolument châtré.*

*Sous les pieds, un troupeau de jaloux quadrupèdes,
Le museau relevé, tournoyait et rôdait;
Une plus grande bête au milieu s'agitait
Comme un exécuter entouré de ses aides.*

*Habitant de Cythère, enfant d'un ciel si beau,
Silencieusement tu souffrais ces insultes*

*En expiation de tes infâmes cultes
Et des péchés qui t'ont interdit le tombeau.*

*Ridicule pendu, tes douleurs sont les miennes!
Je sentis, à l'aspect de tes membres flottants,
Comme un vomissement, remonter vers mes dents
Le long fleuve de fiel des douleurs anciennes;*

*Devant toi, pauvre diable au souvenir si cher,
J'ai senti tous les becs et toutes les mâchoires
Des corbeaux lancinants et des panthères noires
Qui jadis aimaient tant à triturer ma chair.*

*— Le ciel était charmant, la mer était unie;
Pour moi tout était noir et sanglant désormais,
Hélas! et j'avais, comme en un suaire épais,
Le cœur enseveli dans cette allégorie.*

*Dans ton île, ô Vénus! je n'ai trouvé debout
Qu'un gibet symbolique où pendait mon image...
— Ah! Seigneur! donnez-moi la force et le courage
De contempler mon cœur et mon corps sans dégoût!*

cxvi
uma viagem a citera

Meu coração, um pássaro, volteava airoso
E livremente em torno aos cordames planava;
O navio, sob céu sem nuvens, ondeava
Como um anjo embriagado por um sol radioso.

Que ilha é essa, triste e negra? — É conhecida
Como Citera, célebre pelas canções,
Eldorado banal para alguns solteirões.
Mas, vejam — é só uma terra empobrecida.

— Ilha de enredos leves e de festas da alma!
Da Vênus ancestral o espectro luminar
Como um aroma plaina acima de teu mar,
E insufla nos espíritos amor e calma.

Ilha de mirtos verdes e flores viçosas,
E sempre venerada por qualquer nação,
Onde suspiros de almas em adoração
Rolam tal como o incenso em um jardim de rosas

Ou o som de um torcaz para sempre a arrulhar!
— Citera eram desertos pobres, perturbados,

Além de pedregosos, por gritos afiados.
Eu no entanto entrevia um objeto invulgar!

Não era um templo em meio a sombras pastorais,
Onde a sacerdotisa, que adorava flores,
Ia, o corpo queimado de ocultos ardores,
Entreabrindo o vestido às brisas casuais;

Mas como íamos rente à terra, costeando,
Para com as velas brancas perturbar as aves,
Vimos tratar-se de uma força de três traves,
Contra o céu, tal cipreste, em negro se avultando.

Feras aves pousadas em sua comida
Destruíam um enforcado como que maduro,
Plantando a ferramenta de seu bico impuro
Onde quer que sangrasse a carne apodrecida;

Os olhos, dois buracos; do ventre estripado
Seu intestino pelas pernas lhe corria;
E os carrascos, saciados com a atroz iguaria,
Haviam-no a bicadas de fato castrado.

A seus pés, uns quadrúpedes ambiciosos;
De focinho para o alto, o rebanho rondava;
Um animal maior no meio se agitava
Tal um executor com auxiliares ciosos.

Morador de Citera, filho de céu tão
Belo, em silêncio tu sofrias os insultos,

Como em expiação de teus infames cultos,
Das faltas que proibiram tua inumação.

Ridículo enforcado, as dores com que brigas
São minhas! Senti, vendo teus membros pendentes,
Subir, tal como um vômito, até aos meus dentes,
O longo rio de fel dessas dores antigas;

Diante de ti, meu pobre-diabo tão prezado,
Suportei maxilares e bicos cruciantes
Com que panteras-negras, corvos lancinantes
Trituravam-me a carne de muito bom grado.

— Com um céu sedutor e um mar que reluzia,
Tudo era para mim sangrento, negro, avesso;
Meu coração estava, como que num espesso
Sudário, amortalhado nessa alegoria.

Em tua ilha, Vênus, só pude encontrar
De pé a força simbólica onde minha imagem
Pendia... — Ah! Senhor! dai-me força e coragem
Para sem asco meu corpo e alma contemplar!

cxvii
l'amour et le crâne

Vieux cul-de-lampe

*L'Amour est assis sur le crâne
De l'Humanité,
Et sur ce trône le profane,
Au rire effronté,*

*Souffle gaiement des bulles rondes
Qui montent dans l'air,
Comme pour rejoindre les mondes
Au fond de l'éther.*

*Le globe lumineux et frêle
Prend un grand essor,
Crève et crache son âme grêle
Comme un songe d'or.*

*J'entends le crâne à chaque bulle
Prier et gémir:
— "Ce jeu féroce et ridicule,
Quand doit-il finir?"*

*“Car ce que ta bouche cruelle
Éparpille en l’air,
Monstre assassin, c’est ma cervelle,
Mon sang et ma chair!”*

cxvii
o amor e o crânio
Antiga vinheta

O amor senta-se no crânio
Da Humanidade,
E nesse trono, extemporâneo
O infiel, à vontade,

Ri e sopra bolhas que ao ar
Sobem passo a passo
Como para os mundos achar
Nos confins do espaço.

A esfera frágil, luzidia,
Com um silente estouro,
Explode e cospe sua alma esguia
Como um sonho de ouro.

Em cada bolha o crânio diz,
A gemer e orar:
— “Esse jogo tolo e infeliz
Quando irá acabar?

“Pois o que no ar tua boca cruel
Solta em desatino,
É minha carne, meus miolos, meu
Sangue, ó assassino!”

Revolta
Révolte

cxviii
le reniement de saint pierre

*Qu'est-ce que Dieu fait donc de ce flot d'anathèmes
Qui monte tous les jours vers ses chers Séraphins?
Comme un tyran gorgé de viande et de vins,
Il s'endort au doux bruit de nos affreux blasphèmes.*

*Les sanglots des martyrs et des suppliciés
Sont une symphonie enivrante sans doute,
Puisque, malgré le sang que leur volupté coûte,
Les cieux ne s'en sont point encore rassasiés!*

*— Ah! Jésus, souviens-toi du Jardin des Olives!
Dans ta simplicité tu priais à genoux
Celui qui dans son ciel riait au bruit des clous
Que d'ignobles bourreaux plantaient dans tes chairs vives,*

*Lorsque tu vis cracher sur ta divinité
La crapule du corps de garde et des cuisines,
Et lorsque tu sentis s'enfoncer les épines
Dans ton crâne où vivait l'immense Humanité;*

*Quand de ton corps brisé la pesanteur horrible
Allongeait tes deux bras distendus, que ton sang*

*Et ta sueur coulaient de ton front pâissant,
Quand tu fus devant tous posé comme une cible,*

*Rêvais-tu de ces jours si brillants et si beaux
Où tu vins pour remplir l'éternelle promesse,
Où tu foulais, monté sur une douce ânesse,
Des chemins tout jonchés de fleurs et de rameaux,*

*Où, le cœur tout gonflé d'espoir et de vaillance,
Tu fouettais tous ces vils marchands à tour de bras,
Où tu fus maître enfin? Le remords n'a-t-il pas
Pénétré dans ton flanc plus avant que la lance?*

*— Certes, je sortirai, quant à moi, satisfait
D'un monde où l'action n'est pas la sœur du rêve;
Puissé-je user du glaive et périr par le glaive!
Saint Pierre a renié Jésus... il a bien fait!*

cxviii
a negação de são pedro

Que faz Deus dos anátemas aos borbotões
Que todo dia sobem a seus Serafins?
Tal tirano com a pança enchida nos festins,
Adormece ao som suave das imprecações.

Os soluços dos mártires e supliciados
São por certo embriagante e tenaz sinfonia
— Malgrado o preço em sangue de sua demasia,
Os céus deles ainda não estão saciados!

— Jesus, lembra-te do Horto! Nele, te ajoelhando,
Tu rezavas, em tua singeleza e agonia,
Ao que em seu céu ria com o ruído que ouvia
Dos cravos que em teu corpo algozes iam plantando,

Quando viste cuspir em tua divindade
A escória da cozinha e guardas escarninhos,
Quando sentiste fundo entrarem os espinhos
No crânio onde vivia a imensa Humanidade;

Quando o peso brutal de teu corpo derruído
Alongava teus dois braços, quando teu sangue

E teu suor corriam de tua fronte exangue,
Quando ante todos como alvo foste exibido,

Sonhavas com esses dias vivificadores
Onde vieste a eterna promessa cumprir,
Onde, sobre um jumento, podias seguir
Caminhos apinhados de ramos e flores,

Onde, o coração cheio de brio e esperança,
Esses vis vendilhões chicoteavas cabal,
Onde eras senhor? Mas o remorso afinal
Não entrou em teu flanco mais fundo que a lança?

— Com certeza sairei, quanto a mim, satisfeito
De um mundo onde a ação não é irmã do sonho em nada;
Possa eu brandir a espada e morrer pela espada!
Pedro negou Jesus... nisso ele foi perfeito!

cxix
abel et caïn

/

*Race d'Abel, dors, bois et mange;
Dieu te sourit complaisamment.*

*Race de Caïn, dans la fange
Rampe et meurs misérablement.*

*Race d'Abel, ton sacrifice
Flatte le nez du Séraphin!*

*Race de Caïn, ton supplice
Aura-t-il jamais une fin?*

*Race d'Abel, vois tes semailles
Et ton bétail venir à bien;*

*Race de Caïn, tes entrailles
Hurlent la faim comme un vieux chien.*

*Race d'Abel, chauffe ton ventre
À ton foyer patriarcal;*

*Race de Caïn, dans ton antre
Tremble de froid, pauvre chacal!
Race d'Abel, aime et pullule!
Ton or fait aussi des petits.*

*Race de Caïn, cœur qui brûle,
Prends garde à ces grands appétits.*

*Race d'Abel, tu croîs et broutes
Comme les punaises des bois!*

*Race de Caïn, sur les routes
Traîne ta famille aux abois.*

//

*Ah! race d'Abel, ta charogne
Engraissera le sol fumant!*

*Race de Caïn, ta besogne
N'est pas faite suffisamment;*

*Race d'Abel, voici ta honte:
Le fer est vaincu par l'épieu!*

*Race de Caïn, au ciel monte,
Et sur la terre jette Dieu!*

cxix
abel e caim

i

Raça de Abel, come e dorme;
Deus te sorri benignamente.

Raça de Caim, num enorme
Lamaçal morre indignamente.

Raça de Abel, teu sacrifício
É agradável ao Serafim!

Raça de Caim, teu suplício
Terá algum dia um fim?

Raça de Abel, vê de tua seara
E teu gado a boa produção;

Raça de Caim, escancara
Tua entranha a fome como um cão.

Raça de Abel, quieta te enfurna
Em teu quente lar patriarcal;

Raça de Caim, em tua fuma
Treme de frio, pobre chacal!
Raça de Abel, ama e se espalha!
Teu ouro faz também rebentos.

Raça de Caim, à fornalha
No peito que estejam atentos.

Raça de Abel, cresces e pastas
Como os insetos da floresta!

Raça de Caim, tu arrastas
Na trilha a família funesta.

ii

Ah! raça de Abel, vais prover,
Carniça, o solo fumegante!

Raça de Caim, teu mister
Não foi realizado o bastante;

Raça de Abel, eis tua afronta:
O ferro, venceu-o a lança!

Raça de Caim, vai, remonta
Ao céu, e Deus na terra lança!

CXX
les litanies de satan

*Ô toi, le plus savant et le plus beau des Anges,
Dieu trahi par le sort et privé de louanges,*

Ô Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Ô Prince de l'exil, à qui l'on a fait tort,
Et qui, vaincu, toujours te redresses plus fort,*

Ô Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Toi qui sais tout, grand roi des choses souterraines,
Guérisseur familier des angoisses humaines,*

Ô Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Toi qui, même aux lépreux, aux parias maudits,
Enseignes par l'amour le goût du Paradis,*

Ô Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Ô toi qui de la Mort, ta vieille et forte amante,
Engendras l'Espérance, — une folle charmante!*

Ô Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Toi qui fais au proscrit ce regard calme et haut
Qui damne tout un peuple autour d'un échafaud,*

Ô Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Toi qui sais en quels coins des terres envieuses
Le Dieu jaloux cacha les pierres précieuses,*

Ô Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Toi dont l'œil clair connaît les profonds arsenaux
Où dort enseveli le peuple des métaux,*

Ô Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Toi dont la large main cache les précipices
Au somnambule errant au bord des édifices,*

Ô Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Toi qui, magiquement, assouplis les vieux os
De l'ivrogne attardé foulé par les chevaux,*

Ô Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Toi qui, pour consoler l'homme frêle qui souffre,
Nous appris à mêler le salpêtre et le soufre,*

Ô Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Toi qui poses ta marque, ô complice subtil,
Sur le front du Crésus impitoyable et vil,*

Ô Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Toi qui mets dans les yeux et dans le cœur des filles
Le culte de la plaie et l'amour des guenilles,*

Ô Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Bâton des exilés, lampe des inventeurs,
Confesseur des pendus et des conspirateurs,*

Ô Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Père adoptif de ceux qu'en sa noire colère
Du paradis terrestre a chassés Dieu le Père,*

Ô Satan, prends pitié de ma longue misère!

PRIÈRE

*Gloire et louange à toi, Satan, dans les hauteurs
Du Ciel, où tu régnas, et dans les profondeurs
De l'Enfer, où, vaincu, tu rêves en silence!
Fais que mon âme un jour, sous l'Arbre de Science,
Près de toi se repose, à l'heure où sur ton front
Comme un Temple nouveau ses rameaux s'épanchont!*

CXX
litanias de satã

Ó tu, o Anjo mais sábio e mais encantador,
Deus que a sorte traiu e privou de louvor,

Ó Satã, tem piedade de minha miséria!

Ó Príncipe do exílio, a quem fizeram mal,
E que, vencido, te ergues mais forte ao final,

Ó Satã, tem piedade de minha miséria!

Tu que de tudo sabes e que, soberano
Dos subterrâneos, curas o tormento humano,

Ó Satã, tem piedade de minha miséria!

Tu que, até mesmo ao pária maldito, ao leproso,
A estima ao Paraíso ensinas amoroso,

Ó Satã, tem piedade de minha miséria!

Tu que da Morte, tua velha e forte amante,
Engendraste a Esperança — louca cativante!

Ó Satã, tem piedade de minha miséria!

Tu que ao proscrito dás um calmo e altivo olhar
Que em torno ao cadafalso irá todos danar,

Ó Satã, tem piedade de minha miséria!

Ó Tu que sabes onde em terras invejosas
Ocultou o ciumento Deus pedras preciosas,

Ó Satã, tem piedade de minha miséria!

Tu, cujo olho conhece os fundos arsenais
Onde dorme enterrado o mundo dos metais,

Ó Satã, tem piedade de minha miséria!

Tu, cuja grande mão esconde os precipícios
Ao sonâmbulo que erra pelos edifícios,

Ó Satã, tem piedade de minha miséria!

Tu que reparas ossos do embriagado
Retardatário pelos cavalos pisado,

Ó Satã, tem piedade de minha miséria!

Tu que, para aliviar o homem frágil que sofre,
Ensinaste juntar o salitre e o enxofre,

Ó Satã, tem piedade de minha miséria!

Tu que impões tua marca, ó cúmplice sutil,
Na cabeça de Crespo, implacável e vil,

Ó Satã, tem piedade de minha miséria!

Tu que pões no olho e na alma da mulher da vida
O amor pelos farrapos e o culto à ferida,

Ó Satã, tem piedade de minha miséria!

Bastão dos exilados, luz dos inventores,
Confessor de enforcados e conspiradores,

Ó Satã, tem piedade de minha miséria!

Pai de adoção daqueles que, em sua negra ira,
Deus Pai do paraíso terreno excluía,

Ó Satã, tem piedade de minha miséria!

oração

Glória e louvor a ti, ó Satã, nas alturas
Do Céu, onde reinaste, e também nas funduras
Do Inferno, onde em silêncio sonhas! Peço ter
Um dia minha alma sob a Árvore do Saber,
Repousando a teu lado, e que a tua cabeça
Sua ramagem, tal novo Templo, guarneça!

A morte

La mort

cxxi
la mort des amants

*Nous aurons des lits pleins d'odeurs légères,
Des divans profonds comme des tombeaux,
Et d'étranges fleurs sur des étagères,
Écluses pour nous sous des cieux plus beaux.*

*Usant à l'envi leurs chaleurs dernières,
Nos deux cœurs seront deux vastes flambeaux,
Qui réfléchiront leurs doubles lumières
Dans nos deux esprits, ces miroirs jumeaux.*

*Un soir fait de rose et de bleu mystique,
Nous échangerons un éclair unique,
Comme un long sanglot, tout chargé d'adieux;*

*Et plus tard un Ange, entrouvrant les portes,
Viendra ranimer, fidèle et joyeux,
Les miroirs ternis et les flammes mortes.*

cxxi
a morte dos amantes

Teremos leitos com leves odores,
Divãs profundos como um mausoléu,
E nas prateleiras estranhas flores,
Abertas para nós sob belo céu.

Usando seus derradeiros ardores,
Nossos corações serão fogaréu
Que refletirá seus duplos fulgores
Nas duas almas, espelho um do outro fiel.

Em noite rosa e azul espiritual,
Trocaremos faíscas sem igual,
Como soluço a adeuses vergado;

E mais tarde um Anjo, entreabrindo as portas,
Virá reanimar, leal e alvoroçado,
Os baços espelhos e as chamas mortas.

cxxii
la mort des pauvres

*C'est la Mort qui console, hélas! et qui fait vivre;
C'est le but de la vie, et c'est le seul espoir
Qui, comme un élixir, nous monte et nous enivre,
Et nous donne le cœur de marcher jusqu'au soir;*

*À travers la tempête, et la neige, et le givre,
C'est la clarté vibrante à notre horizon noir;
C'est l'auberge fameuse inscrite sur le livre,
Où l'on pourra manger, et dormir, et s'asseoir;*

*C'est un Ange qui tient dans ses doigts magnétiques
Le sommeil et le don des rêves extatiques,
Et qui refait le lit des gens pauvres et nus;*

*C'est la gloire des dieux, c'est le grenier mystique,
C'est la bourse du pauvre et sa patrie antique,
C'est le portique ouvert sur les Cieux inconnus!*

cxxii a morte dos pobres

A Morte faz viver e é consoladora;
É o intento da vida, é a esperança sem par,
Que, como um elixir, nos inebria e devora,
E dá vigor de até à noite caminhar;

Pela neve, e a geada, e a tempestade afora,
É a luz, em nosso negro horizonte, a vibrar;
É a pousada no livro inscrita, acolhedora,
Onde se poderá comer, dormir, sentar;

É um Anjo que detém nos dedos imantados
O sono e o dom de nossos sonhos extasiados,
E que refaz o leito desses desvalidos;

É dos deuses a glória, abrigo espiritual,
É a bolsa do pobre, é sua pátria ancestral,
É o pórtico que se abre aos Céus desconhecidos!

cxxiii
la mort des artistes

*Combien faut-il de fois secouer mes grelots
Et baiser ton front bas, morne caricature?
Pour piquer dans le but, de mystique nature,
Combien, ô mon carquois, perdre de javelots?*

*Nous userons notre âme en de subtils complots,
Et nous démolirons mainte lourde armature,
Avant de contempler la grande Créature
Dont l'inferral désir nous remplit de sanglots!*

*Il en est qui jamais n'ont connu leur Idole,
Et ces sculpteurs damnés et marqués d'un affront,
Qui vont se martelant la poitrine et le front,*

*N'ont qu'un espoir, étrange et sombre Capitole!
C'est que la Mort, planant comme un soleil nouveau,
Fera s'épanouir les fleurs de leur cerveau!*

cxxiii a morte dos artistas

Os guizos, quantas vezes há que sacudi-los?
E quantas te beijar, triste caricatura?
Para acertar o alvo, essa mística urdidura,
Quantos dardos, ó aljava, eu hei de desferi-los?

Vamos gastar nossa alma em tramas e sigilos,
Demolir o que houver de pesada estrutura,
Antes de contemplar a grande Criatura
Cujo infernal desejo nos deixa intranquilos!

Alguns não têm de um Ídolo sequer lembrança,
E escultores danados como algo execrando,
Que vão adiante, a testa e o peito martelando,

No escuro Capitólio têm só uma esperança:
A Morte, que, a planar tal qual sol novo, apressa
O florescer das flores de cada cabeça!

cxxiv
la fin de la journée

Sous une lumière blafarde
Court, danse et se tord sans raison
La Vie, impudente et criarde.
Aussi, sitôt qu'à l'horizon

La nuit voluptueuse monte,
Apaisant tout, même la faim,
Effaçant tout, même la honte,
Le Poète se dit: "Enfin!"

"Mon esprit, comme mes vertèbres,
Invoque ardemment le repos;
Le cœur plein de songes funèbres,

"Je vais me coucher sur le dos
Et me rouler dans vos rideaux,
Ô rafraîchissantes ténèbres!"

cxxiv
o fim do dia

Sob uma luz mais e mais desmaiada,
Corre, dança e se estorce sem razão
A Vida, vistosa e despudorada.
Quando no espaço do horizonte então

A noite voluptuosa já desponta,
Tudo aquietando, até para o esfaimado,
Tudo apagando, até mesmo a afronta,
O Poeta pensa: “Enfim! tão cansado,

“Meu espírito, tal meus ossos, não
Clama menos que por quieto descanso.
Com sonhos fúnebres no coração,

“Deito-me de costas, tal num remanso,
E enrolo-me em vossas cortinas, manso,
Ó suave e alentadora escuridão!”

CXXV
le rêve d'un curieux

À F. N.

*Connais-tu, comme moi, la douleur savoureuse,
Et de toi fais-tu dire: "Oh! L'homme singulier!"
— J'allais mourir. C'était dans mon âme amoureuse,
Désir mêlé d'horreur, un mal particulier;*

*Angoisse et vif espoir, sans humeur factieuse.
Plus allait se vidant le fatal sablier,
Plus ma torture était âpre et délicieuse;
Tout mon cœur s'arrachait au monde familier.*

*J'étais comme l'enfant avide du spectacle,
Haïssant le rideau comme on hait un obstacle...
Enfin la vérité froide se révéla:*

*J'étais mort sans surprise, et la terrible aurore
M'enveloppait. — Eh quoi! n'est-ce donc que cela?
La toile était levée et j'attendais encore.*

CXXV
o sonho de um curioso

A F. N.

Conheces, tal como eu, essa dor saborosa,
Fazes de ti dizerem: “Homem singular!”
— Eu morreria. Havia em minha alma amorosa,
Desejo com horror, um mal particular;

Viva esperança e angústia, sem nota facciosa.
Com a ampulheta fatalmente a se esvaziar,
Mais minha tortura era áspera e deliciosa;
Meu coração se alheava ao mundo familiar.

Eu era como a criança ávida do espetáculo,
Execrava a cortina tal como um obstáculo...
Enfim se revelou a verdade brutal:

Sem surpresa eu estava morto, e me enredava
A terrível aurora. — É só isso afinal?
Com a cortina erguida, eu ainda esperava.

cxxvi
le voyage

À Maxime Du Camp

I

*Pour l'enfant, amoureux de cartes et d'estampes,
L'univers est égal à son vaste appétit.
Ah! que le monde est grand à la clarté des lampes!
Aux yeux du souvenir que le monde est petit!*

*Un matin nous partons, le cerveau plein de flamme,
Le cœur gros de rancune et de désirs amers,
Et nous allons, suivant le rythme de la lame,
Berçant notre infini sur le fini des mers:*

*Les uns, joyeux de fuir une patrie infâme;
D'autres, l'horreur de leurs berceaux, et quelques-uns,
Astrologues noyés dans les yeux d'une femme,
La Circé tyrannique aux dangereux parfums.*

*Pour n'être pas changés en bêtes, ils s'enivrent
D'espace et de lumière et de cieux embrasés;*

*La glace qui les mord, les soleils qui les cuivrent,
Effacent lentement la marque des baisers.*

*Mais les vrais voyageurs sont ceux-là seuls qui partent
Pour partir; cœurs légers, semblables aux ballons,
De leur fatalité jamais ils ne s'écartent,
Et, sans savoir pourquoi, disent toujours: Allons!*

*Ceux-là dont les désirs ont la forme des nues,
Et qui rêvent, ainsi qu'un conscrit le canon,
De vastes voluptés, changeantes, inconnues,
Et dont l'esprit humain n'a jamais su le nom!*

II

*Nous imitons, horreur! la toupie et la boule
Dans leur valse et leurs bonds; même dans nos sommeils
La Curiosité nous tourmente et nous roule,
Comme un Ange cruel qui fouette des soleils.*

*Singulière fortune où le but se déplace,
Et, n'étant nulle part, peut être n'importe où!
Où l'Homme, dont jamais l'espérance n'est lasse,
Pour trouver le repos court toujours comme un fou!*

*Notre âme est un trois-mâts cherchant son Icarie;
Une voix retentit sur le pont: "Ouvre l'œil!"
Une voix de la hune, ardente et folle, crie:
"Amour... gloire... bonheur!" Enfer! c'est un écueil!*

*Chaque îlot signalé par l'homme de vigie
Est un Eldorado promis par le Destin;
L'Imagination qui dresse son orgie
Ne trouve qu'un récif aux clartés du matin.*

*Ô le pauvre amoureux des pays chimériques!
Faut-il le mettre aux fers, le jeter à la mer,
Ce matelot ivrogne, inventeur d'Amériques
Dont le mirage rend le gouffre plus amer?*

*Tel le vieux vagabond, piétinant dans la boue,
Rêve, le nez en l'air, de brillants paradis;
Son œil ensorcelé découvre une Capoue
Partout où la chandelle illumine un taudis.*

III

*Étonnants voyageurs! quelles nobles histoires
Nous lisons dans vos yeux profonds comme les mers!
Montrez-nous les écrins de vos riches mémoires,
Ces bijoux merveilleux, faits d'astres et d'éthers.*

*Nous voulons voyager sans vapeur et sans voile!
Faites, pour égayer l'ennui de nos prisons,
Passer sur nos esprits, tendus comme une toile,
Vos souvenirs avec leurs cadres d'horizons.*

Dites, qu'avez-vous vu?

IV

*“Nous avons vu des astres
Et des flots, nous avons vu des sables aussi;
Et, malgré bien des chocs et d'imprévus désastres,
Nous nous sommes souvent ennuyés, comme ici.*

*“La gloire du soleil sur la mer violette,
La gloire des cités dans le soleil couchant,
Allumaient dans nos cœurs une ardeur inquiète
De plonger dans un ciel au reflet alléchant.*

*“Les plus riches cités, les plus grands paysages,
Jamais ne contenaient l'attrait mystérieux
De ceux que le hasard fait avec les nuages.
Et toujours le désir nous rendait soucieux!*

*“— La jouissance ajoute au désir de la force.
Désir, vieil arbre à qui le plaisir sert d'engrais,
Cependant que grossit et durcit ton écorce,
Tes branches veulent voir le soleil de plus près!*

*“Grandiras-tu toujours, grand arbre plus vivace
Que le cyprès? — Pourtant nous avons, avec soin,
Cueilli quelques croquis pour votre album vorace,
Frères qui trouvez beau tout ce qui vient de loin!*

*“Nous avons salué des idoles à trompe;
Des trônes constellés de bijoux lumineux;
Des palais ouvragés dont la féerique pompe
Serait pour vos banquiers un rêve ruineux;*

*“Des costumes qui sont pour les yeux une ivresse;
Des femmes dont les dents et les ongles sont teints,
Et des jongleurs savants que le serpent caresse.”*

V

Et puis, et puis encore?

VI

“Ô cerveaux enfantins!

*“Pour ne pas oublier la chose capitale,
Nous avons vu partout, et sans l’avoir cherché,
Du haut jusques en bas de l’échelle fatale,
Le spectacle ennuyeux de l’immortel péché:*

*“La femme, esclave vile, orgueilleuse et stupide,
Sans rire s’adorant et s’aimant sans dégoût;
L’homme, tyran goulé, paillard, dur et cupide,
Esclave de l’esclave et ruisseau dans l’égout;*

*“Le bourreau qui jouit, le martyr qui sanglote;
La fête qu’assaisonne et parfume le sang;
Le poison du pouvoir énervant le despote,
Et le peuple amoureux du fouet abrutissant;*

*“Plusieurs religions semblables à la nôtre,
Toutes escaladant le ciel; la Sainteté,
Comme en un lit de plume un délicat se vautre,
Dans les clous et le crin cherchant la volupté;*

*“L’Humanité bavarde, ivre de son génie,
Et, folle maintenant comme elle était jadis,
Criant à Dieu, dans sa furibonde agonie:
‘Ô mon semblable, ô mon maître, je te maudis!’*

*“Et les moins sots, hardis amants de la Démence,
Fuyant le grand troupeau parqué par le Destin,
Et se réfugiant dans l’opium immense!
— Tel est du globe entier l’éternel bulletin.”*

VII

*Amer savoir, celui qu’on tire du voyage!
Le monde, monotone et petit, aujourd’hui,
Hier, demain, toujours, nous fait voir notre image:
Une oasis d’horreur dans un désert d’ennui!*

*Faut-il partir? rester? Si tu peux rester, reste;
Pars, s’il le faut. L’un court, et l’autre se tapit
Pour tromper l’ennemi vigilant et funeste,
Le Temps! Il est, hélas! des coureurs sans répit,*

*Comme le Juif errant et comme les apôtres,
À qui rien ne suffit, ni wagon ni vaisseau,
Pour fuir ce rétiaire infâme; il en est d’autres
Qui savent le tuer sans quitter leur berceau.*

*Lorsque enfin il mettra le pied sur notre échine,
Nous pourrons espérer et crier: En avant!*

*De même qu'autrefois nous partions pour la Chine,
Les yeux fixés au large et les cheveux au vent,*

*Nous nous embarquerons sur la mer des Ténèbres
Avec le cœur joyeux d'un jeune passager.
Entendez-vous ces voix, charmantes et funèbres,
Qui chantent: "Par ici! vous qui voulez manger*

*"Le Lotus parfumé! c'est ici qu'on vendange
Les fruits miraculeux dont votre cœur a faim;
Venez vous enivrer de la douceur étrange
De cette après-midi qui n'a jamais de fin!"*

*À l'accent familier nous devinons le spectre;
Nos Pylades là-bas tendent leurs bras vers nous.
"Pour rafraîchir ton cœur nage vers ton Électre!"
Dit celle dont jadis nous baisions les genoux.*

VIII

*Ô Mort, vieux capitaine, il est temps! levons l'ancre!
Ce pays nous ennuie, ô Mort! Appareillons!
Si le ciel et la mer sont noirs comme de l'encre,
Nos cœurs que tu connais sont remplis de rayons!*

*Verse-nous ton poison pour qu'il nous réconforte!
Nous voulons, tant ce feu nous brûle le cerveau,
Plonger au fond du gouffre, Enfer ou Ciel, qu'importe?
Au fond de l'Inconnu pour trouver du nouveau!*

cxxvi a viagem

A Maxime Du Camp

i

Para a criança, que mapas e estampas seduzem,
O universo é igual a seu apetite sem fundo.
Tão grande é o mundo sob lâmpadas que reluzem!
Aos olhos da lembrança, tão pequeno é o mundo!

Certa manhã partimos, cabeça queimando,
Coração rancoroso a se amargurar,
Pelo ritmo das vagas, que vão embalando
Nosso infinito nesse finito do mar:

Uns, que fogem alegres a uma pátria vil;
Uns outros, ao horror dos berços, outros mais,
Astrólogos imersos num olho feminino,
À tirânica Circe de aromas fatais.

Para que animais não se tornem, se embriagam
E de espaço e de luz e de céus esbraseados;

Gelo que os morde, sóis que com cobre os afagam,
Vão apagando a marca dos beijos trocados.

Só os genuínos viajantes partem por partir;
Corações leves — tal como balões, digamos —,
De sua fatalidade jamais vão fugir,
E, sem saber por quê, dizem sempre: Sigamos!

Seus desejos são como nuvens afeiçoados,
E sonham, como com o canhão o conscrito,
Com prazeres volúveis, vastos, ignorados,
Com nome, para o espírito humano, inaudito!

ii

Imitamos, que horror! tanto o pião quanto a bola
Em seus saltos e valsa; em nosso sono, afoita,
A Curiosidade nos tortura e rola,
Tal como um Anjo cruel e frio que sóis açoita.

Singular fortuna onde o escopo sempre avança,
E, não estando em parte alguma, importa pouco
Onde está! o Homem, cuja esperança não cansa,
Para encontrar repouso corre como um louco!

Nossa alma é um três mastros buscando sua Icária;
Na ponte — “Abre o olho!” — ecoa uma voz sem segredo;
Da gávea uma voz grita, louca e temerária:

“Amor... glória... ventura!” Que inferno! é um rochedo!

Cada ilhota indicada por algum vigia
É um Eldorado, e nosso Destino o assegura;
A Imaginação que produz sua orgia
Só acha recife nessas manhãs de luz pura.

Ó pobre apaixonado por regiões quiméricas!
Ter-se-á de o pôr a ferros, jogá-lo ao mar largo,
Esse marujo bêbado, inventor de Américas
Cuja miragem faz o abismo mais amargo?

Assim o velho mendigo a lama pisoteia
E com brilhantes édens sonha, nariz no ar;
Seu olho enfeitiçado uma Capua nomeia
Sempre que a chama algum casebre iluminar.

iii

Espantosos viajantes! que nobres histórias
Lemos em vossos olhos fundos como os mares!
Mostrai-nos os escrínios das ricas memórias,
Joias maravilhosas, feitas de astros e ares.

Queremos viajar sem vapor e sem vela!
Para alegrar o tédio de nossas prisões,
Passai em nossas mentes, tensas como tela,
As paisagens que tendes nas recordações.

Dizei, o que vós vistes?

iv

“Vimos foram astros
E ilhéus; vimos areias por aqui e ali;
E apesar dos desastres, choques e seus rastros,
Com frequência entediamo-nos, tal como aqui.

“A glória do sol sobre o oceano violeta,
A glória das cidades quando do sol poente
Acendiam em nosso peito ânsia inquieta
De mergulhar num céu de reflexo atraente.

“As mais ricas cidades, paisagens pujantes
Não chegavam a ter encantos misteriosos
Como o acaso os dá às nuvens inconstantes.
E por fim o desejo nos tornava ciosos!

“— O deleite acrescenta ao desejo mais força.
Desejo, árvore cujo adubo é o prazer,
Enquanto a tua casca cresce e se reforça,
Teus galhos de mais perto o sol querem-no ver!

“Crescerás sempre, grande árvore mais vivaz
Que o cipreste? — No entanto, temos, com desvelo,
Feito alguns croquis para vosso álbum voraz,
Irmãos, vós que achais tudo o que é de longe belo!

“Ídolos que têm tromba saudamos um dia;
Tronos iluminados com adornos preciosos;
Palácios cuja feérica pompa seria
Para os banqueiros como sonhos desastrosos;

“Trajes que aos olhos são inebriante presente;
Mulheres cujos dentes e unhas são pintados
E jograis sutis aos quais afaga a serpente.”

v

E depois, e depois?

vi

“Cérebros desmiolados!

“Para não esquecer a coisa capital,
Vimos por toda parte, e sem o ter buscado,
Do alto até embaixo da escala fatal,
A aborrecida cena do imortal pecado:

“A mulher, vil escrava, de um desdém estúpido,
Sem rir se adora e se ama sem falso pretexto;
O homem, tirano duro, libertino e cúpido,
Servo da serva, corre para o esgoto, resto;

“O mártir que soluça, o algoz que tem prazer;
A festa a que o sangue dá odor e sabor;
O tirano infectado pelo seu poder;
Povo que adora o relho brutalizador;

“Várias religiões como a nossa, uma a uma
Tentando ao céu se alçar; e ainda a Santidade,

Buscando — tal um dândi em leito de pluma —
Nos pregos e na crina a voluptuosidade;

“A Humanidade com seu gênio se inebria
E, louca como outrora, loquaz ressoou,
Gritando a Deus, em sua furibunda agonia:

‘Ó meu semelhante, ó mestre, eu te amaldiçoo!’

“E os menos tolos, que ousam amar a Demência,
Fugindo do rebanho enorme que a Ventura
Controla, e no imenso ópio buscando clemência!
— Este, sobre o globo, é o boletim que perdura.”

vii

Amargo saber, este que nos dá a viagem!
Hoje, ontem, amanhã, o mundo, sensabor
E pequeno, nos faz ver a nossa imagem:
Num deserto de tédio, um oásis de horror!

Há que partir? ficar? Se podes ficar, fica;
Parte, se preciso. A correr, a se ocultar,
Tentam burlar o Tempo, hostil, que planifica
Atento e funesto! Há quem corra sem cessar,

Como o Judeu errante e apóstolos, aos quais
— Vagão ou navio — nada lhes irá bastar
Para fugir do infame gladiador; há os tais,
Porém, que, desde o berço, sabem-no matar.

Quando ele enfim puser em nós o pé potente,
Gritaremos: Avante! com um enorme alento.
Assim como partíamos para o Nascente,
Olhos fixos no largo e cabelos ao vento,

Embarcaremos no mar das Trevas afora,
Tal jovem passageiro pleno de prazer.
Será que ouvís a voz, fúnebre e encantadora,
Dos que cantam: “Aqui! vós que quereis comer

“O Lótus perfumado! faz-se aqui a apanha
Dos frutos que são para vossa alma um festim;
Vinde para embriagar-vos com a doçura estranha
Desse cair de tarde que nunca tem fim!”

O sotaque do espectro é-nos familiar;
Nossos Pílates lá nos estendem os braços.

“Nada para tua Electra a fim de aliviar
Teu coração!”, diz essa que orlamos de abraços.

viii

Ó Morte, é hora, velho capitão! de alçar
Âncora! Aparelhemos! Aqui é entediante!
Se como tinta negra são o céu e o mar,
Nossos corações — tu sabes — são irradiantes!

Dá-nos teu veneno — é o que nos reconforta!
Queremos, tanto o fogo vem-nos tal renovo,

Mergulhar no abismo, Inferno ou Céu — que importa? —,
E no Desconhecido para achar o *novo*!

AS FLORES DO MAL

Poemas incorporados à terceira edição, 1868

LES FLEURS DU MAL

Poèmes apportés par la troisième édition, 1868

épigraphe pour un livre condamné

*Lecteur paisible et bucolique,
Sobre et naïf homme de bien,
Jette ce livre saturnien,
Orgiaque et mélancolique.*

*Si tu n'as fait ta rhétorique
Chez Satan, le rusé doyen,
Jette! tu n'y comprendrais rien
Ou tu me croirais hysthérique.*

*Mais si, sans se laisser charmer,
Ton œil sait plonger dans les gouffres,
Lis-moi, pour apprendre à m'aimer;*

*Âme curieuse qui souffres
Et vas cherchant ton paradis,
Plains-moi!... Sinon, je te maudis!*

epígrafe para um livro condenado

Leitor tranquilo e bucólico,
Homem sóbrio e sem descortino,
Deixa esse livro saturnino,
Orgíaco e melancólico.

Se não te tornaste um retórico
Com o esperto deão, Satanás,
Nada entenderás, e ter-me-ás
Por histérico ou categórico.

Se, sem se deixar encantar,
Teu olho é sagaz, que me leias,
Para de mim vir a gostar;

Alma curiosa que tateias
Em busca de um paraíso — ou
Te apiedas, ou te amaldiçoo.

madrigal triste

I

*Que m'importe que tu sois sage?
Sois belle! et sois triste! Les pleurs
Ajoutent un charme au visage,
Comme le fleuve au paysage;
L'orage rajeunit les fleurs.*

*Je t'aime surtout quand la joie
S'enfuit de ton front terrassé;
Quand ton cœur dans l'horreur se noie;
Quand sur ton présent se déploie
Le nuage affreux du passé.*

*Je t'aime quand ton grand œil verse
Une eau chaude comme le sang;
Quand, malgré ma main qui te berce,
Ton angoisse, trop lourde, perce
Comme un râle d'agonisant.*

*J'aspire, volupté divine!
Hymne profond, délicieux!
Tous les sanglots de ta poitrine,*

*Et crois que ton cœur s'illumine
Des perles que versent tes yeux!*

II

*Je sais que ton cœur, qui regorge
De vieux amours déracinés,
Flamboie encor comme une forge,
Et que tu couves sous ta gorge
Un peu de l'orgueil des damnés;*

*Mais tant, ma chère, que tes rêves
N'auront pas reflété l'Enfer,
Et qu'en un cauchemar sans trêves,
Songeant de poisons et de glaives,
Éprise de poudre et de fer,*

*N'ouvrant à chacun qu'avec crainte,
Déchiffrant le malheur partout,
Te convulsant quand l'heure tinte,
Tu n'auras pas senti l'étreinte
De l'irrésistible Dégoût,*

*Tu ne pourras, esclave reine
Qui ne m'aimes qu'avec effroi,
Dans l'horreur de la nuit malsaine
Me dire, l'âme de cris pleine:
"Je suis ton égale, ô mon Roi!"*

madrigal triste

i

Se és dócil? Sequer desconfio.
Sê bela! triste! O pranto e a dor
Somam à face um atavio,
Como à paisagem faz o rio;
O temporal reanima a flor.

Amo-te quando a alegria
Foge de teu rosto prostrado
E tua alma no horror se extravia;
E em teu presente se anuncia
A horrível nuvem do passado.

Amo-te se teu olho exala
Uma água quente como sangue;
Se, com minha mão que te embala,
Tua angústia, pesada, apunhala
Como o estertor de alguém exangue.

Aspiro, volúpia divina!
Hino profundo, luminar!
Teus soluços, mesmo em surdina,

E penso: tua alma se ilumina
Com as pérolas do olho a brotar!

ii

Sei que teu coração, que empilha
Uns amores desarraigados,
Como forja ainda rebrilha,
E que esse teu peito perfilha
Algo do brio dos danados;

Assim, teus sonhos, estou ciente,
Não terão do Inferno o tormento,
E num pesadelo insistente,
Venenos e gládios em mente,
Afeita a pólvora e armamento,

Abrindo a porta ameaçadora,
Decifrando sempre um fracasso,
Convulsionando-te com a hora,
Da Tribulação tentadora
Não terás percebido o abraço,

Escrava rainha, a supor
Que me amas com susto, afinal,
Na noite malsã e de horror
Não dirás, com a alma em clamor:

“Ó meu Rei, sou tua igual!”

la prière d'un païen

*Ah! ne ralentis pas tes flammes;
Réchauffe mon cœur engourdi,
Volupté, torture des âmes!
Diva! supplicem exaudî!*

*Déesse dans l'air répandue,
Flamme dans notre souterrain!
Exauce une âme morfondue,
Qui te consacre un chant d'airain.*

*Volupté, sois toujours ma reine!
Prends le masque d'une sirène
Fait de chair et de velours,*

*Ou verse-moi tes sommeils lourds
Dans le vin informe et mystique,
Volupté, fantôme élastique!*

a prece de um pagão

Se tuas chamas não acalmas,
Revigora minha alma esquiva,
Volúpia, tortura das almas!

Supplicem exaudi! Ó Diva!

Deusa que está pelo ar, difusa,
Chama na profundidade oferta!
Atende a uma alma confusa,
Que um canto de bronze te oferta.

Sê minha rainha! Assenhoreia-
-Te da máscara de sereia
Feita de carne e aveludados,

Ou verte teus sonos pesados
No vinho místico e plástico,
Volúpia, fantasma elástico!

le rebelle

*Un Ange furieux fond du ciel comme un aigle,
Du mécréant saisit à plein poing les cheveux,
Et dit, le secouant: "Tu connaîtras la règle!
(Car je suis ton bon Ange, entends-tu?) Je le veux!*

*"Sache qu'il faut aimer, sans faire la grimace,
Le pauvre, le méchant, le tortu, l'hébété,
Pour que tu puisses faire à Jésus, quand il passe,
Un tapis triomphal avec ta charité.*

*"Tel est l'Amour! Avant que ton cœur ne se blase,
À la gloire de Dieu rallume ton extase;
C'est la Volupté vraie aux durables appas!"*

*Et l'Ange, châtiant autant, ma foi! qu'il aime,
De ses poings de géant torture l'anathème;
Mais le damné répond toujours: "Je ne veux pas!"*

o rebelde

Como águia, do céu desce um Anjo contrafeito
Que do incréu os cabelos agarra bem rijo,
E, sacudindo-o, diz: “Saberás o preceito!

(Pois sou teu Anjo bom, entendes?) Eu o exijo!

“Saibas que é necessário amar, mas sem esgar,
O malévolo, o pobre, o tratante, o boçal,
Para fazeres, na hora de Jesus passar,
De tua caridade um tapete triunfal.

“Assim é o Amor! À apatia não te rendas,
Para glória de Deus que teu êxtase acendas;
É a Volúpia do apelo sem fim e severo!”

E o Anjo, que assim como ama também censura,
Com seu enorme punho ao maldito tortura;
E o desgraçado sempre responde: “Não quero!”

l'avertisseur

*Tout homme digne de ce nom
A dans le cœur un Serpent jaune,
Installé comme sur un trône,
Qui, s'il dit: "Je veux!" répond: "Non!"*

*Plonge tes yeux dans les yeux fixes
Des Satyresses ou des Nixes,
La Dent dit: "Pense à ton devoir!"*

*Fais des enfants, plante des arbres,
Polis des vers, sculpte des marbres,
La Dent dit: "Vivras-tu ce soir?"*

*Quoi qu'il ébauche ou qu'il espère,
L'homme ne vit pas un moment
Sans subir l'avertissement
De l'insupportable Vipère.*

o admoestador

O homem que é digno deste nome
Tem uma Serpente amarela
No peito, como num trono, e ela,
Se ele disser: “Quero!”, diz: “Some!”

Teus olhos que fiquem adstritos
Aos de Sátiras, Nixes, fitos,
O Dente diz: “Olha o dever!”

Planta árvores, produze crias,
Cinzela mármore, poesias,
O Dente diz: “Irás viver?”

O que quer que esboce ou intente,
O homem não vive um momento
Sem sofrer o conselho atento
Dessa insuportável Serpente.

recueillement

*Sois sage, ô ma Douleur, et tiens-toi plus tranquille.
Tu réclamaïs le Soir; il descend; le voici:
Une atmosphère obscure enveloppe la ville,
Aux uns portant la paix, aux autres le souci.*

*Pendant que des mortels la multitude vile,
Sous le fouet du Plaisir, ce bourreau sans merci,
Va cueillir des remords dans la fête servile,
Ma Douleur, donne-moi la main; viens par ici,*

*Loin d'eux. Vois se pencher les défuntes Années,
Sur les balcons du ciel, en robes surannées;
Surgir du fond des eaux le Regret souriant;*

*Le Soleil moribond s'endormir sous une arche,
Et, comme un long linceul traînant à l'Orient,
Entends, ma chère, entends la douce Nuit qui marche.*

recolhimento

Tem juízo, ó minha Dor, e sê menos hostil.
Pedias a Noite; ela desce e nos invade:
A uns trazendo a paz, a outros, arrepio,
Uma escura atmosfera envolve a cidade.

Enquanto dos mortais essa multidão vil
— Açoita-a o Prazer, um algoz sem piedade —
Vai recolher remorsos na festa servil,
Minha Dor, dá-me a mão; vem com tranquilidade,

E vê os Anos já defuntos debruçados
Nas sacadas do céu, em trajes desusados;
Vir do fundo das águas o Pesar ridente;

O moribundo Sol dormir sob uma arcada,
E, tal longo sudário a se arrastar no Oriente,
Ouve, querida, a Noite em sua caminhada.

le couvercle

*En quelque lieu qu'il aille, ou sur mer ou sur terre,
Sous un climat de flamme ou sous un soleil blanc,
Serviteur de Jésus, courtisan de Cythère,
Mendiant ténébreux ou Crésus rutilant,*

*Citadin, campagnard, vagabond, sédentaire,
Que son petit cerveau soit actif ou soit lent,
Partout l'homme subit la terreur du mystère,
Et ne regarde en haut qu'avec un œil tremblant.*

*En haut, le Ciel! ce mur de caveau qui l'étouffe,
Plafond illuminé par un opéra bouffe
Où chaque histrion foule un sol ensanglanté;*

*Terreur du libertin, espoir du fol ermite;
Le Ciel! couvercle noir de la grande marmite
Où bout l'imperceptible et vaste Humanité.*

a tampa

Ou no mar ou na terra, e em qualquer cenário,
Debaixo de sol branco ou calor escaldante,
Servidor de Jesus, de Citera sectário,
Mendigo tenebroso ou Creso rutilante,

Da cidade ou do campo, errante ou sedentário,
Com seu pequeno cérebro lento ou atuante,
O homem padece com o mistério temerário,
E só olha para cima com olho vacilante.

No alto, esse domo, o Céu! como opressiva estufa,
Um teto iluminado por ópera bufa
Em que histriões pisoteiam o chão da crueldade;

Do devasso, terror; confiança do ermitão
Louco: o Céu! negra tampa desse caldeirão
Em que, vasta e pequena, ferve a Humanidade.

la lune offensée

*Ô Lune qu'adoraient discrètement nos pères,
Du haut des pays bleus où, radieux sérail,
Les astres vont te suivre en pimpant attirail,
Ma vieille Cynthia, lampe de nos repaires,*

*Vois-tu les amoureux sur leurs grabats prospères,
De leur bouche en dormant montrer le frais émail?
Le poète buter du front sur son travail?
Ou sous les gazons secs s'accoupler les vipères?*

*Sous ton domino jaune, et d'un pied clandestin,
Vas-tu, comme jadis, du soir jusqu'au matin,
Baiser d'Endymion les grâces surannées?*

*“— Je vois ta mère, enfant de ce siècle appauvri,
Qui vers son miroir penche un lourd amas d'années,
Et plâtre artistement le sein qui t'a nourri!”*

a lua insultada

Lua que nossos pais cultuavam reservados,
Do alto de azuis regiões, onde, harém superior,
Os astros vão-te um rico séquito compor,
Velha Cíntia, luz de onde estamos abrigados,

Vês, em seus catres prósperos, enamorados
Fresco esmalte da boca adormecida expor?
Que sobre seus papéis cabeceia o escritor?
Ou cobras copulando nos secos relvados?

Capa amarela e pé furtivo, como outrora
Vais, do cair da noite até a aurora,
Beijar encantos já fanados de Endimião?

“— Tua mãe, filho de um século empobrecido,
No espelho expõe, com peso, anos em profusão,
E emboça com arte o seio em que fostes nutrido!”

le gouffre

*Pascal avait son gouffre, avec lui se mouvant.
— Hélas! tout est abîme, — action, désir, rêve,
Parole! et sur mon poil qui tout droit se relève
Mainte fois de la Peur je sens passer le vent.*

*En haut, en bas, partout, la profondeur, la grève,
Le silence, l'espace affreux et captivant...
Sur le fond de mes nuits Dieu de son doigt savant
Dessine un cauchemar multiforme et sans trêve.*

*J'ai peur du sommeil comme on a peur d'un grand trou,
Tout plein de vague horreur, menant on ne sait où;
Je ne vois qu'infini par toutes les fenêtres,*

*Et mon esprit, toujours du vertige hanté,
Jalouse du néant l'insensibilité.
— Ah! ne jamais sortir des Nombres et des Êtres!*

o abismo

Pascal tinha um abismo, que ia aonde ele ia.
— Tudo é abismo — ação, sonho, desejo e, afinal,
A palavra! e em meu pelo arrepiado em sinal
Do Medo sinto o vento que vem e o assedia.

No alto, embaixo, por toda parte, o fundo, o areal,
O silêncio, o espaço horrído que contagia...
Contra o fundo de minhas noites, Deus com mestria
Desenha um pesadelo sem trégua e plural.

Tenho medo do sono como de um buraco,
Cheio de horror, que leva a um ignoto opaco;
Por todas as janelas, só vejo infinito,

E minha alma, pela vertigem tomada,
É a insensibilidade que ela inveja ao nada.
— Ah! aos Números e Seres ficar circunscrito!

les plaintes d'un icare

*Les amants des prostituées
Sont heureux, dispos et repus;
Quant à moi, mes bras sont rompus
Pour avoir étreint des nuées.*

*C'est grâce aux astres nonpareils,
Qui tout au fond du ciel flamboient,
Que mes yeux consumés ne voient
Que des souvenirs de soleils.*

*En vain j'ai voulu de l'espace
Trouver la fin et le milieu;
Sous je ne sais quel œil de feu
Je sens mon aile qui se casse;*

*Et brûlé par l'amour du beau,
Je n'aurai pas l'honneur sublime
De donner mon nom à l'abîme
Qui me servira de tombeau.*

as lamentações de um ícaro

Os adeptos de prostitutas são
Felizes, bem-dispostos e saciados;
Já eu, eu estou com os braços quebrados
Por abraçar as nuvens que se vão.

Graças a astros sem equivalências
Que no fundo do céu brilho proveem,
Os meus olhos, desgastados, só veem
Dos sóis algo como reminiscências.

Foi inutilmente que eu quis do espaço
Vir a me deparar com o fim e o meio;
Sob não sei que olho de fogo, receio
Que minha asa está a romper-se em fracasso;

Queimou-me o amor ao belo, que persigo;
Não terei pois o sublime renome
De poder ao abismo dar meu nome,
Abismo que será o meu jazigo.

l'examen de minuit

*La pendule, sonnant minuit,
Ironiquement nous engage
À nous rappeler quel usage
Nous fîmes du jour qui s'enfuit:
— Aujourd'hui, date fatidique,
Vendredi, treize, nous avons,
Malgré tout ce que nous savons,
Mené le train d'un hérétique.*

*Nous avons blasphémé Jésus,
Des Dieux le plus incontestable!
Comme un parasite à la table
De quelque monstrueux Crésus,
Nous avons, pour plaire à la brute,
Digne vassale des Démons,
Insulté ce que nous aimons
Et flatté ce qui nous rebute;*

*Contristé, servile bourreau,
Le faible qu'à tort on méprise;
Salué l'énorme Bêtise,
La Bêtise au front de taureau;
Baisé la stupide Matière*

*Avec grande dévotion,
Et de la putréfaction
Béni la blafarde lumière.*

*Enfin, nous avons, pour noyer
Le vertige dans le délire,
Nous, prêtre orgueilleux de la Lyre,
Dont la gloire est de déployer
L'ivresse des choses funèbres,
Bu sans soif et mangé sans faim!...
— Vite soufflons la lampe, afin
De nous cacher dans les ténèbres!*

o exame da meia-noite

O relógio, quando ressoa
Meia-noite, nos chama, intruso
E irônico, a lembrar o uso
Que se fez do tempo que escoa:
— Hoje, nesse dia profético,
Sexta-feira, treze, tivemos,
Mesmo com tudo o que sabemos,
Um comportamento de herético.

Injuriamos Jesus, o mais
Incontestável com certeza
Dos Deuses! Penetras à mesa
De um monstruoso Crespo, brutais,
Para agradar a essa fera
Que tem os Demônios como amos,
Insultamos o que amamos
E adulamos o que exaspera;

Afligimos, algoz servil,
O fraco, com errônea dispensa;
Saudamos a Besteira imensa,
Que do touro tem o perfil;
Beijamos a parva Matéria

Com uma grande devoção,
E ainda, da putrefação
Abençoamos a luz cérea.
Para a vertigem afogar
Nesse ânimo em que se delira,
Nós, sacerdote audaz da Lira,
Cuja grandeza é desatar
Das coisas fúnebres a ebiez,
Saciados, bebemos, comemos!...
— E nas trevas nos escondemos
Quando se apaga a luz de vez!

bien loin d'ici

*C'est ici la case sacrée
Où cette fille très parée,
Tranquille et toujours préparée,*

*D'une main éventant ses seins,
Et son coude dans les coussins,
Écoute pleurer les bassins:*

*C'est la chambre de Dorothée.
— La brise et l'eau chantent au loin
Leur chanson de sanglots heurtée
Pour bercer cette enfant gâtée.*

*Du haut en bas, avec grand soin,
Sa peau délicate est frottée
D'huile odorante et de benjoin.
— Des fleurs se pâment dans un coin.*

bem longe daqui

Esta aqui é a moradia sagrada
Onde essa moça bem ataviada,
Tranquila e a qualquer hora preparada,

Com os seios sob uma mão abanante,
E na almofada o braço insinuante,
Escuta uma fonte lamuriante:

Este é o quarto em que Dorothée é achada.
— A brisa e a água cantam distante
Sua canção por um pranto agitada
Para embalar essa jovem mimada.

De alto a baixo, com cuidado bastante,
Sua pele delicada é esfregada
Com benjoim e com óleo odorante.
— Flores no canto desmaiam num instante.

DESTROÇOS
LES ÉPAVES

i
le coucher du soleil romantique

*Que le Soleil est beau quand tout frais il se lève,
Comme une explosion nous lançant son bonjour!
— Bienheureux celui-là qui peut avec amour
Saluer son coucher plus glorieux qu'un rêve!*

*Je me souviens!... J'ai vu tout, fleur, source, sillon,
Se pâmer sous son œil comme un cœur qui palpite...
— Courons vers l'horizon, il est tard, courons vite,
Pour attraper au moins un oblique rayon!*

*Mais je poursuis en vain le Dieu qui se retire;
L'irrésistible Nuit établit son empire,
Noire, humide, funeste et pleine de frissons;*

*Une odeur de tombeau dans les ténèbres nage,
Et mon pied peureux froisse, au bord du marécage,
Des crapauds imprévus et de froids limaçons.*

i o pôr do sol romântico

Uma explosão lançando-nos o seu bom-dia
— Como é belo o Sol ao se erguer vividamente!
Feliz quem com amor pode saudar seu poente,
Bem mais esplendoroso que um sonho o seria!

Lembro-me!... Pois vi tudo, sulco, flor e fonte,
Se exaltar sob seu olho, tal peito a pulsar...
— Para ao menos um oblíquo raio apanhar,
Corramos logo, já é tarde, para o horizonte!

Sigo, porém, em vão o Deus que se retira;
A irresistível Noite seu império estira,
Negra, úmida, funesta e cheia de arrepios;

Cheiro de tumba nas trevas flutua, e arquejo,
Pois, medroso, meu pé roça, à beira do brejo,
Uns sapos imprevistos e caracóis frios.

Poemas condenados retirados
das *Flores do mal*

Pièces condamnées tirées
des *Fleurs du mal*

ii

lesbos

*Mère des jeux latins et des voluptés grecques,
Lesbos, où les baisers, languissants ou joyeux,
Chauds comme les soleils, frais comme les pastèques,
Font l'ornement des nuits et des jours glorieux;
Mère des jeux latins et des voluptés grecques,*

*Lesbos, où les baisers sont comme les cascades
Qui se jettent sans peur dans les gouffres sans fonds,
Et courent, sanglotant et gloussant par saccades,
Orageux et secrets, fourmillants et profonds;
Lesbos, où les baisers sont comme les cascades!*

*Lesbos, où les Phrynés l'une l'autre s'attirent,
Où jamais un soupir ne resta sans écho,
À l'égal de Paphos les étoiles t'admirent,
Et Vénus à bon droit peut jalouser Sapho!
Lesbos où les Phrynés l'une l'autre s'attirent,*

*Lesbos, terre des nuits chaudes et langoureuses,
Qui font qu'à leurs miroirs, stérile volupté!
Les filles aux yeux creux, de leur corps amoureuses,*

*Caressent les fruits mûrs de leur nubilité;
Lesbos, terre des nuits chaudes et langoureuses,*

*Laisse du vieux Platon se froncer l'œil austère;
Tu tires ton pardon de l'excès des baisers,
Reine du doux empire, aimable et noble terre,
Et des raffinements toujours inépuisés.
Laisse du vieux Platon se froncer l'œil austère.*

*Tu tires ton pardon de l'éternel martyre,
Infligé sans relâche aux cœurs ambitieux,
Qu'attire loin de nous le radieux sourire
Entrevu vaguement au bord des autres cieux!
Tu tires ton pardon de l'éternel martyre!*

*Qui des Dieux osera, Lesbos, être ton juge
Et condamner ton front pâli dans les travaux,
Si ses balances d'or n'ont pesé le déluge
De larmes qu'à la mer ont versé tes ruisseaux?
Qui des Dieux osera, Lesbos, être ton juge?*

*Que nous veulent les lois du juste et de l'injuste?
Vierges au cœur sublime, honneur de l'archipel,
Votre religion comme une autre est auguste,
Et l'amour se rira de l'Enfer et du Ciel!
Que nous veulent les lois du juste et de l'injuste?*

*Car Lesbos entre tous m'a choisi sur la terre
Pour chanter le secret de ses vierges en fleurs,
Et je fus dès l'enfance admis au noir mystère*

*Des rires effrénés mêlés aux sombres pleurs;
Car Lesbos entre tous m'a choisi sur la terre.*

*Et depuis lors je veille au sommet de Leucate,
Comme une sentinelle à l'œil perçant et sûr,
Qui guette nuit et jour brick, tartane ou frégate,
Dont les formes au loin frissonnent dans l'azur;
Et depuis lors je veille au sommet de Leucate*

*Pour savoir si la mer est indulgente et bonne,
Et parmi les sanglots dont le roc retentit
Un soir ramènera vers Lesbos, qui pardonne,
Le cadavre adoré de Sapho, qui partit
Pour savoir si la mer est indulgente et bonne!*

*De la mâle Sapho, l'amante et le poète,
Plus belle que Vénus par ses mornes pâleurs!
— L'œil d'azur est vaincu par l'œil noir que tachette
Le cercle ténébreux tracé par les douleurs
De la mâle Sapho, l'amante et le poète!*

*— Plus belle que Vénus se dressant sur le monde
Et versant les trésors de sa sérénité
Et le rayonnement de sa jeunesse blonde
Sur le vieil Océan de sa fille enchanté;
Plus belle que Vénus se dressant sur le monde!*

*— De Sapho qui mourut le jour de son blasphème,
Quand, insultant le rite et le culte inventé,
Elle fit son beau corps la pâture suprême*

*D'un brutal dont l'orgueil punit l'impiété
De celle qui mourut le jour de son blasphème.*

*Et c'est depuis ce temps que Lesbos se lamente,
Et, malgré les honneurs que lui rend l'univers,
S'enivre chaque nuit du cri de la tourmente
Que poussent vers les cieux ses rivages déserts!
Et c'est depuis ce temps que Lesbos se lamente!*

ii lesbos

Mãe dos jogos latinos e ardores helenos,
Lesbos, terra onde os beijos, vivos ou morosos,
Quentes como o sol, como melancia amenos,
São o ornato das noites e dias gloriosos;
Mãe dos jogos latinos e ardores helenos,

Lesbos, terra onde os beijos são como as cascatas
Que afoitas lançam-se a abismos os mais fundos
E correm, soluçando e arrulhando insensatas,
Profusos e secretos, bravios e profundos;
Lesbos, terra onde os beijos são como as cascatas!

Lesbos, onde uma à outra as Frineias se encantam,
E um suspiro não há de sem eco ficar,
Contigo, tal como Pafos, estrelas se espantam,
E Vênus com razão pode a Safo invejar!
Lesbos, onde uma à outra as Frineias se encantam,

Lesbos, terra das noites quentes, langorosas,
Que fazem no espelho — árida sensualidade! —
Jovens de olho oco, e são dos corpos amorosas,

Afagarem os frutos de sua puberdade;
Lesbos, terra das noites quentes, langorosas,

Do velho Platão deixa franzir-se o olho grave;
Tiras o teu perdão dos beijos excessivos,
Rainha deste império, terra nobre e suave,
E dos requintes sempre e sempre ostensivos.
Do velho Platão deixa franzir-se o olho grave.

Tu tiras teu perdão do martírio incessante,
Que é sempre infligido aos corações ambiciosos,
Longe atraídos pelo riso radiante
Mal divisado à beira de céus numerosos!
Tu tiras teu perdão do martírio incessante!

Qual Deus ousará, Lesbos, ser o teu juiz
E tua fronte, que a lida embaciou, condenar,
Sem nas balanças de ouro pesar infeliz
Caudal de prantos por ti vertido no mar?
Qual Deus ousará, Lesbos, ser o teu juiz?

Que valem para nós as leis do justo e injusto?
Virgens de coração sublime, honra do Egeu,
Vosso credo tal como outro credo é augusto,
E o amor irá rir-se do Inferno e do Céu!
Que valem para nós as leis do justo e injusto?

Pois por Lesbos fui entre todos o escolhido
Para cantar de suas virgens o irrevelado,
E cedo me iniciei no enigma indefinido

Do riso aberto ao pranto escuro misturado;
Pois por Lesbos fui entre todos o escolhido.

Em Lêucade, em seu cume, desde então vigio,
Tal sentinela de olhos firmes, penetrantes,
Atento sempre a barcos de todo feitio,
Cujas formas no azul estremecem distantes;
Em Lêucade, em seu cume, desde então vigio

Para saber se o mar é bom e complacente,
E entre arquejos ressoando pelo penedio
Uma noite trará a Lesbos, a indulgente,
O cadáver de Safo, amado, que partiu
Para saber se o mar é bom e complacente!

Da masculina Safo, amante e também poeta,
Mais bela do que Vênus pela sua descor!
— O olho azul, vence-o o olho negro que marcheta
O círculo sombrio traçado pela dor
Da masculina Safo, amante e também poeta!

— Mais bela do que Vênus ao mundo se impondo,
Quando a serenidade, que é seu predicado,
E a luz de jovem loura ela vai depondo
No velho Oceano, por sua filha fascinado;
Mais bela do que Vênus ao mundo se impondo!

— De Safo que morreu ao vir a blasfemar,
Quando, insultando rito e inventada piedade,
Fez de seu belo corpo o pasto invulgar

De um bruto cujo orgulho puniu a impiedade
Daquela que morreu ao vir a blasfemar.

E desde esse tempo é que Lesbos se lamenta,
E, mesmo que o universo lhe preste honrarias,
Embriaga-a à noite o grito da tormenta
Lançado para os céus pelas margens vazias!
E desde esse tempo é que Lesbos se lamenta!

iii
femmes damnées
(Delphine et Hippolyte)

*À la pâle clarté des lampes languissantes,
Sur de profonds coussins tout imprégnés d'odeur,
Hippolyte rêvait aux caresses puissantes
Qui levaient le rideau de sa jeune candeur.*

*Elle cherchait, d'un œil troublé par la tempête,
De sa naïveté le ciel déjà lointain,
Ainsi qu'un voyageur qui retourne la tête
Vers les horizons bleus dépassés le matin.*

*De ses yeux amortis les paresseuses larmes,
L'air brisé, la stupeur, la morne volupté,
Ses bras vaincus, jetés comme de vaines armes,
Tout servait, tout paraît sa fragile beauté.*

*Étendue à ses pieds, calme et pleine de joie,
Delphine la couvait avec des yeux ardents,
Comme un animal fort qui surveille une proie,
Après l'avoir d'abord marquée avec les dents.*

*Beauté forte à genoux devant la beauté frêle,
Superbe, elle humait voluptueusement
Le vin de son triomphe, et s'allongeait vers elle,
Comme pour recueillir un doux remerciement.*

*Elle cherchait dans l'œil de sa pâle victime
Le cantique muet que chante le plaisir,
Et cette gratitude infinie et sublime
Qui sort de la paupière ainsi qu'un long soupir.*

*“— Hippolyte, cher cœur, que dis-tu de ces choses?
Comprends-tu maintenant qu'il ne faut pas offrir
L'holocauste sacré de tes premières roses
Aux souffles violents qui pourraient les flétrir?*

*“Mes baisers sont légers comme ces éphémères
Qui caressent le soir les grands lacs transparents,
Et ceux de ton amant creuseront leurs ornières
Comme des chariots ou des socs déchirants;*

*“Ils passeront sur toi comme un lourd attelage
De chevaux et de bœufs aux sabots sans pitié...
Hippolyte, ô ma sœur! tourne donc ton visage,
Toi, mon âme et mon cœur, mon tout et ma moitié,*

*“Tourne vers moi tes yeux pleins d'azur et d'étoiles!
Pour un de ces regards charmants, baume divin,
Des plaisirs plus obscurs je lèverai les voiles,
Et je t'endormirai dans un rêve sans fin!”*

Mais Hippolyte alors, levant sa jeune tête:

*“— Je ne suis point ingrate et ne me repens pas,
Ma Delphine, je souffre et je suis inquiète,
Comme après un nocturne et terrible repas.*

*“Je sens fondre sur moi de lourdes épouvantes
Et de noirs bataillons de fantômes épars,
Qui veulent me conduire en des routes mouvantes
Qu’un horizon sanglant ferme de toutes parts.*

*“Avons-nous donc commis une action étrange?
Explique, si tu peux, mon trouble et mon effroi:
Je frissonne de peur quand tu me dis: ‘Mon ange!’
Et cependant je sens ma bouche aller vers toi.*

*“Ne me regarde pas ainsi, toi, ma pensée!
Toi que j’aime à jamais, ma sœur d’élection,
Quand même tu serais une embûche dressée
Et le commencement de ma perdition!”*

*Delphine secouant sa crinière tragique,
Et comme trépignant sur le trépied de fer,
L’œil fatal, répondit d’une voix despotique:
“— Qui donc devant l’amour ose parler d’enfer?*

*“Maudit soit à jamais le rêveur inutile
Qui voulut le premier, dans sa stupidité,
S’éprenant d’un problème insoluble et stérile,
Aux choses de l’amour mêler l’honnêteté!*

*“Celui qui veut unir dans un accord mystique
L’ombre avec la chaleur, la nuit avec le jour,
Ne chauffera jamais son corps paralytique
À ce rouge soleil que l’on nomme l’amour!*

*“Va, si tu veux, chercher un fiancé stupide;
Cours offrir un cœur vierge à ses cruels baisers;
Et, pleine de remords et d’horreur, et livide,
Tu me rapporteras tes seins stigmatisés...*

*“On ne peut ici-bas contenter qu’un seul maître!”
Mais l’enfant, épanchant une immense douleur,
Cria soudain: “— Je sens s’élargir dans mon être
Un abîme béant; cet abîme est mon cœur!*

*“Brûlant comme un volcan, profond comme le vide!
Rien ne rassasiera ce monstre gémissant
Et ne rafraîchira la soif de l’Euménide
Qui, la torche à la main, le brûle jusqu’au sang.*

*“Que nos rideaux fermés nous séparent du monde,
Et que la lassitude amène le repos!
Je veux m’anéantir dans ta gorge profonde
Et trouver sur ton sein la fraîcheur des tombeaux!”*

*— Descendez, descendez, lamentables victimes,
Descendez le chemin de l’enfer éternel!
Plongez au plus profond du gouffre, où tous les crimes,
Flagellés par un vent qui ne vient pas du ciel,*

*Bouillonnent pêle-mêle avec un bruit d'orage.
Ombres folles, courez au but de vos désirs;
Jamais vous ne pourrez assouvir votre rage,
Et votre châtiment naîtra de vos plaisirs.*

*Jamais un rayon frais n'éclaira vos cavernes;
Par les fentes des murs des miasmes fiévreux
Filtrent en s'enflammant ainsi que des lanternes
Et pénètrent vos corps de leurs parfums affreux.*

*L'âpre stérilité de votre jouissance
Altère votre soif et roidit votre peau,
Et le vent furibond de la concupiscence
Fait claquer votre chair ainsi qu'un vieux drapeau.*

*Loin des peuples vivants, errantes, condamnées,
À travers les déserts courez comme les loups;
Faites votre destin, âmes désordonnées,
Et fuyez l'infini que vous portez en vous!*

iii
mulheres condenadas
(Delfina e Hipólita)

Na desmaiada luz das lâmpadas dormentes,
Em fundas almofadas possuídas de odor,
Hipólita sonhava com afagos potentes
Que abriam a cortina do jovem candor.

O olho agoniado pela tormenta, buscava
De sua ingenuidade algum céu já distante,
Como para o horizonte azul que ele deixava
Na manhã voltaria a cabeça um viajante.

Lágrimas indolentes de olhos abatidos,
Estupor, prostração, volúpia na tristeza,
Braços caídos, tal qual armas vãs, vencidos,
Tudo ornava e servia à sua frágil beleza.

Deitada a seus pés, calma e cheia de alegria,
Delfina a namorava com olhos ardentes,
Como um forte animal que a sua presa vigia,
Depois de a ter primeiro marcado com os dentes.

Ante a beleza débil, a forte ajoelhava,
Aspirando, soberba, em voluptuoso alento,
O vinho de seu triunfo, e a ela se estirava,
Como para colher suave agradecimento.

Perquiria no olhar da vítima esmaiada
Esse cântico mudo que o prazer entoa,
E ainda a gratidão infinita e elevada
Que da pálpebra tal longo alento revoa.

“— Que dizes disso, Hipólita, meu coração?
Compreendes, pois, que não se deve oferecer
As tuas primeiras rosas em imolação
Aos fortes sopros que as fariam fenecer?

“Dou beijos leves como efêmeras que vão
À noite acariciar os lagos rebrilhantes;
O teu admirador, seus beijos cavarão
Sulcos, tal como arados ou relhas cortantes;

“Passarão sobre ti como um tiro pesado
De cavalos e bois com patas sem piedade...
Vira, Hipólita, o rosto então para meu lado,
Tu, meu coração e alma, meu todo e metade,

“Volta-me os olhos cheios de azul e de estrelas!
Dos mais sombrios prazeres os véus erguerei
Por um só dos olhares com que tu te estrelas,
E num sonho sem fim eu te adormecerei!”

Mas Hipólita, erguendo sua jovem cabeça:

“— Não sou ingrata e não sinto seja possível,
Delfina, arrepender-me, sofro muito, opressa,
Como após um repasto noturno e terrível.

“Fundem-se sobre mim ameaças bem palpáveis
E negros batalhões de espectros espalhados,
Que me querem levar por caminhos instáveis
Fechados sempre por longes ensanguentados.

“Cometemos algum excêntrico arremedo?
A mim me explica meu sobressalto e temor:
Quando me dizes: ‘Meu anjo!’ tremo de medo,
Mas sinto minha boca à tua se propor.

“Não me olhes desse modo, tu, meu pensamento!
Tu, que para o sempre amo, a irmã de eleição,
Mesmo que fosses plano apenas fraudulento
E tão só o principiar de minha perdição!”

Delfina, a agitar sua cabeleira dramática,
Enquanto na tripeça pisoteia, e a impor
O olho fatal, responde com voz autocrática:

“— Quem é que ousa falar de inferno ante o amor?

“Amaldiçoado seja esse sonhador vão
Que em primeiro lugar, em sua estupidez,
Apegado a problema assim sem solução,
Quis às coisas do amor misturar a honradez!

“Quem num místico enlace quer entretecer
A noite com o dia, a sombra com o calor,
Não há de o paralítico corpo aquecer
Sob esse sol vermelho que chamam de amor!

“Vai, se o queres, buscar um noivo tolo; expor
Um peito virgem a seus beijos celerados;
E, lívida, tomada de remorso e horror,
Trar-me-ás de volta os seios estigmatizados...

“Aqui, só a um senhor podemos atender!”
Mas ela, a uma imensa dor dando vazão,
Gritou súbito: “— Sinto ampliar em meu ser
Um abismo boquiaberto; é o meu coração!

“Fundo como o vazio, ardendo tal vulcão!
Nada saciará nem esse monstro gemente
Nem a sede da Fúria, que, tocha na mão,
O vai queimando até o sangue veemente.

“Se essa separação do mundo se aprofunda,
Uma lassidão traz repouso sem receio!
Quero aniquilar-me em tua garganta profunda
E encontrar o frescor das tumbas em teu seio!”

— Descei, horrendas vítimas, pelos aflitos
Caminhos do inferno eterno! em escarcéu,
Ao abismo do abismo, onde esses delitos,
Flagelados por vento que não vem do céu,

Fervem em meio a um rumor de tempestade.
Sombras loucas, correi ao termo dos desejos;
Jamais satisfareis vossa intensa vontade
— Do castigo os prazeres serão os ensejos.

Nunca um raio trará luz a vossas cavernas;
Pelas fendas dos muros, miasmas febris
Infiltram-se, inflamando-se como lanternas,
E penetram os corpos com aromas hostis.

O gozo, por sua áspera esterilidade,
Agrava vossa sede, e vossa pele engelha;
E o vento furibundo da lubricidade
Faz-vos bater a carne tal bandeira velha.

Longe dos vivos, mas errantes, condenados,
Nos desertos correi como lobos; dai voz,
Vez a vosso destino, seres tumultuados,
E fugi do infinito que levais em vós!

iv
le léthé

*Viens sur mon cœur, âme cruelle et sourde,
Tigre adoré, monstre aux airs indolents;
Je veux longtemps plonger mes doigts tremblants
Dans l'épaisseur de ta crinière lourde;*

*Dans tes jupons remplis de ton parfum
Ensevelir ma tête endolorie,
Et respirer, comme une fleur flétrie,
Le doux relent de mon amour défunt.*

*Je veux dormir! dormir plutôt que vivre!
Dans un sommeil aussi doux que la mort,
J'étalerai mes baisers sans remords
Sur ton beau corps poli comme le cuivre.*

*Pour engloutir mes sanglots apaisés
Rien ne me vaut l'abîme de ta couche;
L'oubli puissant habite sur ta bouche,
Et le Léthé coule dans tes baisers.*

*À mon destin, désormais mon délice,
J'obéirai comme un prédestiné;*

*Martyr docile, innocent condamné,
Dont la ferveur attise le supplice,*

*Je sucerais, pour noyer ma rancœur,
Le népenthès et la bonne ciguë
Aux bouts charmants de cette gorge aiguë,
Qui n'a jamais emprisonné de cœur.*

iv o lete

Achega-te a mim, alma surda, dura,
Adorado tigre, monstro indolente;
Quis sempre afundar minha mão tremente
Nesses cabelos de tal espessura;

Nas saias tomadas por teu odor
Enterrar minha cabeça doída
E aspirar, como flor emurchecida,
O doce relento de um morto amor.

Mais que viver, quero dormir! Caído
Num sono tão suave quanto a morte,
A meus beijos sem culpa irei expor-te,
Corpo belo como cobre polido.

Para tragar meus refreados arquejos
Só me vale o abismo de tua cama;
O poderoso esquecimento inflama
Tua boca, e o Lete corre em teus beijos.

Meu destino — agora minha delícia —,
Acatarei como um predestinado;

Mártir dócil, inocente acusado,
Cujo fervor acicata a sevícia,

Sugarei, para afogar-me a aversão,
Da boa cicuta e do bom nepente
Nas pontas desse colo florescente,
Que jamais abrigou um coração.

V
à celle qui est trop gaie

*Ta tête, ton geste, ton air
Sont beaux comme un beau paysage;
Le rire joue en ton visage
Comme un vent frais dans un ciel clair.*

*Le passant chagrin que tu frôles
Est ébloui par la santé
Qui jaillit comme une clarté
De tes bras et de tes épaules.*

*Les retentissantes couleurs
Dont tu parsèmes tes toilettes
Jettent dans l'esprit des poètes
L'image d'un ballet de fleurs.*

*Ces robes folles sont l'emblème
De ton esprit bariolé;
Folle dont je suis affolé,
Je te hais autant que je t'aime!*

*Quelquefois dans un beau jardin
Où je traînais mon atonie,*

*J'ai senti, comme une ironie,
Le soleil déchirer mon sein;*

*Et le printemps et la verdure
Ont tant humilié mon cœur,
Que j'ai puni sur une fleur
L'insolence de la Nature.*

*Ainsi je voudrais, une nuit,
Quand l'heure des voluptés sonne,
Vers les trésors de ta personne,
Comme un lâche, ramper sans bruit,*

*Pour châtier ta chair joyeuse,
Pour meurtrir ton sein pardonné,
Et faire à ton flanc étonné
Une blessure large et creuse,*

*Et, vertigineuse douceur!
À travers ces lèvres nouvelles,
Plus éclatantes et plus belles,
T'infuser mon venin, ma sœur!*

v
à que é por demais alegre

Tua cabeça, gesto, ar são
Belos como bela paisagem;
Em teu rosto o riso é aragem
Num céu claro sem um senão.

O passante que roças, triste
Se ofusca com a vitalidade
Que, como luminosidade,
Em teus braços e ombros persiste.

Essas altissonantes cores
Que espalhas nas roupas diletas
Lançam no espírito dos poetas
A imagem de um balé de flores.

Vestidos loucos são o emblema
De teu cerne descomedido;
Louca — e eu, por ti enlouquecido —,
Odeio-te e amo — num dilema!

Às vezes num jardim perfeito
Onde arrastava minha atonia,

Senti, como uma ironia,
O sol a lacerar meu peito;

E a primavera e seu verdor
Humilharam meu coração
Tanto, que puni a agressão
Da Natureza numa flor.

Assim, à noite eu gostaria,
Quando a hora das volúpias soa,
De aos tesouros de tua pessoa
Rastejar-me com covardia,

E punir tua carne feliz,
Maltratar teu seio perdoado,
Em teu flanco sobressaltado
Fazer profunda cicatriz,

E, suave vertigem por vir!
Por esses lábios vicejantes,
Mais belos e mais radiantes,
O meu veneno te infundir!

vi les bijoux

*La très chère était nue, et, connaissant mon cœur,
Elle n'avait gardé que ses bijoux sonores,
Dont le riche attirail lui donnait l'air vainqueur
Qu'ont dans leurs jours heureux les esclaves des Mores.*

*Quand il jette en dansant son bruit vif et moqueur,
Ce monde rayonnant de métal et de pierre
Me ravit en extase, et j'aime à la fureur
Les choses où le son se mêle à la lumière.*

*Elle était donc couchée et se laissait aimer,
Et du haut du divan elle souriait d'aise
À mon amour profond et doux comme la mer,
Qui vers elle montait comme vers sa falaise.*

*Les yeux fixés sur moi, comme un tigre dompté,
D'un air vague et rêveur elle essayait des poses,
Et la candeur unie à la lubricité
Donnait un charme neuf à ses métamorphoses;*

*Et son bras et sa jambe, et sa cuisse et ses reins,
Polis comme de l'huile, onduleux comme un cygne,*

*Passaient devant mes yeux clairvoyants et sereins;
Et son ventre et ses seins, ces grappes de ma vigne,*

*S'avançaient, plus câlins que les Anges du mal,
Pour troubler le repos où mon âme était mise,
Et pour la déranger du rocher de cristal
Où, calme et solitaire, elle s'était assise.*

*Je croyais voir unis par un nouveau dessin
Les hanches de l'Antiope au buste d'un imberbe,
Tant sa taille faisait ressortir son bassin.
Sur ce teint fauve et brun le fard était superbe!*

*— Et la lampe s'étant résignée à mourir,
Comme le foyer seul illuminait la chambre,
Chaque fois qu'il poussait un flamboyant soupir,
Il inondait de sang cette peau couleur d'ambre!*

vi as joias

Nua, minha querida, atenta a meu pendor,
Conservara somente suas joias sonoras,
Cujo aparato dava-lhe o ar vencedor
Das escravas dos mouros nas melhores horas.

Quando, ao dançar, seu ruído vivo e zombador
De pedra e metal, tal um mundo que reluz,
Arrebata-me ao êxtase, e amo com furor
As coisas onde o som se mistura com a luz.

Estava então deitada e se deixava amar,
E do alto do divã ela fácil sorria
A meu amor profundo e suave como o mar,
Que para ela, tal numa falésia, subia.

Os olhos em mim fixos, tal tigre domado,
Com ar vago e sonhador ela ensaiava poses,
E o candor a uma grande volúpia enlaçado
Dava novo encanto às suas metamorfoses;

E seu braço, suas pernas, coxas e cintura,
Lisos como óleo, como um cisne em seus meneios,

Passavam ante minha visão clara e segura;
E, cachos de minha vinha, seu ventre e seus seios

Avançavam, mais meigos que os Anjos do mal,
Perturbando minha alma ao vagar predisposta
E deslocando-a dessa rocha de cristal
Onde ela, solitária, calma, estava posta.

Como um novo desenho, a mim me parecia
Que se uniam quadris de Antíope com um peito
De imberbe — tanto o porte realça-lhe a bacia.
Na tez escura, o ruge caía perfeito!

Como no quarto só a lareira o iluminava
— Pois que afinal a lâmpada já estava exangue —,
Sempre que um flamejante suspiro lançava
Sua pele de âmbar era inundada de sangue!

vii
les métamorphoses du vampire

*La femme cependant, de sa bouche de fraise,
En se tordant ainsi qu'un serpent sur la braise,
Et pétrissant ses seins sur le fer de son busc,
Laissait couler ces mots tout imprégnés de musc:
"— Moi, j'ai la lèvre humide, et je sais la science
De perdre au fond d'un lit l'antique conscience.
Je sèche tous les pleurs sur mes seins triomphants,
Et fais rire les vieux du rire des enfants.
Je remplace, pour qui me voit nue et sans voiles,
La lune, le soleil, le ciel et les étoiles!
Je suis, mon cher savant, si docte aux voluptés,
Lorsque j'étouffe un homme en mes bras redoutés,
Ou lorsque j'abandonne aux morsures mon buste,
Timide et libertine, et fragile et robuste,
Que sur ces matelas qui se pâment d'émoi,
Les anges impuissants se damneraient pour moi!"*

*Quand elle eut de mes os sucé toute la moelle,
Et que languissamment je me tournai vers elle
Pour lui rendre un baiser d'amour, je ne vis plus
Qu'une outre aux flancs gluants, toute pleine de pus!*

*Je fermai les deux yeux, dans ma froide épouvante,
Et quand je les rouvris à la clarté vivante,
À mes côtés, au lieu du mannequin puissant
Qui semblait avoir fait provision de sang,
Tremblaient confusément des débris de squelette,
Qui d'eux-mêmes rendaient le cri d'une girouette
Ou d'une enseigne, au bout d'une tringle de fer,
Que balance le vent pendant les nuits d'hiver.*

vii

as metamorfoses do vampiro

Mas, torcendo-se tal serpente sobre brasa,
Premendo no colete o seio que extravasa,
A mulher, de sua boca tal morango ideada,
Deixava correr uma fala almiscarada:

“— Tenho meus lábios úmidos, e sei a ciência
De perder numa cama a ancestral consciência.
Seco as lágrimas com meus seios de pujança
E faço rir o velho com o riso de criança.
Substituo, para quem me vê nua e sem véus,
A lua, as estrelas, o sol e os céus!
Sou, ó sábio, tão douda em gozos destemidos,
Quando um homem sufoco em meus braços temidos
Ou entrego meu peito a uma que outra mordida,
Tímida, libertina, frágil, desmedida,
Que sobre esses colchões que em êxtase agoniam,
Os anjos impotentes por mim danar-se-iam!”

Depois de ela de meus ossos tudo sugar,
E, com languidez, eu para ela me voltar
A fim de dar-lhe um beijo, os olhos nela pus:

Só vi um odre viscoso, repleto de pus!
Fechei os olhos, numa exasperação fria,
E quando para a luz viva eu os reabria,
A meu lado, em lugar de um manequim encorpado
Que parecia ter sangue armazenado,
Uns restos de esqueleto tremiam turbulentos
E produziam gritos ou de cata-ventos
Ou de uma tabuleta, presa numa lança,
Que nas noites de inverno o vento balança.

Galanterias

Galanteries

viii
le jet d'eau

Tes beaux yeux sont las, pauvre amante!
Reste longtemps, sans les rouvrir,
Dans cette pose nonchalante
Où t'a surprise le plaisir.
Dans la cour le jet d'eau qui jase
Et ne se tait ni nuit ni jour,
Entretient doucement l'extase
Où ce soir m'a plongé l'amour.

La gerbe épanouie
En mille fleurs,
Où Phœbé réjouie
Met ses couleurs,
Tombe comme une pluie
De larges pleurs.

Ainsi ton âme qu'incendie
L'éclair brûlant des voluptés
S'élance, rapide et hardie,
Vers les vastes cieux enchantés.
Puis, elle s'épanche, mourante,

*En un flot de triste langueur,
Qui par une invisible pente
Descend jusqu'au fond de mon cœur.*

*La gerbe épanouie
En mille fleurs,
Où Phœbé réjouie
Met ses couleurs,
Tombe comme une pluie
De larges pleurs.*

*Ô toi, que la nuit rend si belle,
Qu'il m'est doux, penché vers tes seins,
D'écouter la plainte éternelle
Qui sanglote dans les bassins!
Lune, eau sonore, nuit bénie,
Arbres qui frissonnez autour,
Votre pure mélancolie
Est le miroir de mon amour.*

*La gerbe épanouie
En mille fleurs,
Où Phœbé réjouie
Met ses couleurs,
Tombe comme une pluie
De larges pleurs.*

viii
o chafariz

Teus olhos cansados, amor!
Demora para os descerrar
Nessa postura de langor
Em que o prazer foi-te flagrar.
No pátio a fonte que murmura
E dia e noite não se cala
Mantém o êxtase com brandura
Em que esta noite o amor me embala.

Um só buquê faz-se
Com muitas flores
— Febe aí apraz-se,
Mostra suas cores —,
E, chuva, desfaz-se
Em pranto e dores.

Assim tua alma, pois a incendeia
O raio de enlevo inflamado,
Rápida e ousada se alteia
Para o vasto céu encantado.
Depois derrama-se, morrente,

Em um curso, ao langor afeito,
Que por invisível vertente
Desce até o fundo de meu peito.

Um só buquê faz-se
Com muitas flores
— Febe aí apraz-se,
Mostra suas cores —,
E, chuva, desfaz-se
Em pranto e dores.

Tão bela faz-te a noite terna,
Como em teus seios são afagos
Escutar essa queixa eterna
Que vai soluçando nos lagos!
Lua, água sonora e magia,
Árvores tremendo ao redor,
Vossa pura melancolia
É o espelho de meu amor.

Um só buquê faz-se
Com muitas flores
— Febe aí apraz-se,
Mostra suas cores —,
E, chuva, desfaz-se
Em pranto e dores.

ix
les yeux de berthe

*Vous pouvez mépriser les yeux les plus célèbres,
Beaux yeux de mon enfant, par où filtre et s'enfuit
Je ne sais quoi de bon, de doux comme la Nuit!
Beaux yeux, versez sur moi vos charmantes ténèbres!*

*Grands yeux de mon enfant, arcanes adorés,
Vous ressemblez beaucoup à ces grottes magiques
Où, derrière l'amas des ombres léthargiques,
Scintillent vaguement des trésors ignorés!*

*Mon enfant a des yeux obscurs, profonds et vastes,
Comme toi, Nuit immense, éclairés comme toi!
Leurs feux sont ces penses d'Amour, mêlés de Foi,
Qui pétillent au fond, voluptueux ou chastes.*

ix
os olhos de berthe

Podeis desprezar olhos dentre os mais notáveis,
Olhos de minha amada, por onde se instila
Não sei o que de bom, como Noite tranquila!
Belos olhos, vertei-me trevas adoráveis!

Grandes olhos da amada, arcanos adorados,
Pareceis muito com essas grutas enigmáticas
Onde, por trás do monte de sombras apáticas,
Tremeluzem sutis tesouros ignorados!

Tem ela olhos obscuros, profundos e vastos,
Como tu, Noite imensa, como teu fulgor!
Seus fogos são, com Fé, os pensares de Amor
Que se agitam no fundo, lascivos ou castos.

X
hymne

*À la très chère, à la très belle
Qui remplit mon cœur de clarté,
À l'ange, à l'idole immortelle,
Salut en l'immortalité!*

*Elle se répand dans ma vie
Comme un air imprégné de sel,
Et dans mon âme inassouvie
Verse le goût de l'éternel.*

*Sachet toujours frais qui parfume
L'atmosphère d'un cher réduit,
Encensoir oublié qui fume
En secret à travers la nuit,*

*Comment, amour incorruptible,
T'exprimer avec vérité?
Grain de musc qui gis, invisible,
Au fond de mon éternité!*

*À la très bonne, à la très belle
Qui fait ma joie et ma santé,*

*À l'ange, à l'idole immortelle,
Salut en l'immortalité!*

X hino

A essa tão bela e muito terna
Que dá a meu peito claridade,
Ao anjo, à imagem eterna,
Saudação na imortalidade!

Ela se espalha em minha vida
Como ar impregnado de sal,
E em minha alma desguarnecida
Verte a atração pelo imortal.

Sachê que ainda fresco perfuma
O ar de um refúgio querido,
Incensório que fumege uma
Noite toda afora, esquecido,

Mas como, amor incorruptível,
Te representar de verdade?
Ar de almíscar que, invisível,
Jaz fundo em minha eternidade!

A essa tão bela e muito terna,
Que alegra e dá vitalidade,

Ao anjo, à imagem eterna,
Saudação na imortalidade!

xi
les promesses d'un visage

*J'aime, ô pâle beauté, tes sourcils surbaissés,
D'où semblent couler des ténèbres;
Tes yeux, quoique très-noirs, m'inspirent des pensers
Qui ne sont pas du tout funèbres.*

*Tes yeux, qui sont d'accord avec tes noirs cheveux,
Avec ta crinière élastique,
Tes yeux, languissamment, me disent: "Si tu veux,
Amant de la muse plastique,*

*"Suivre l'espoir qu'en toi nous avons excité,
Et tous les goûts que tu professes,
Tu pourras constater notre véracité
Depuis le nombril jusqu'aux fesses;*

*"Tu trouveras au bout de deux beaux seins bien lourds,
Deux larges médailles de bronze,
Et sous un ventre uni, doux comme du velours,
Bistré comme la peau d'un bonze,*

*"Une riche toison qui, vraiment, est la sœur
De cette énorme chevelure,*

*Souple et frisée, et qui t'égale en épaisseur,
Nuit sans étoiles, Nuit obscure!"*

xi
as promessas de um rosto

Gosto, em tua palidez, das sobancelhas cheias,
De onde fluiriam trevas sérias;
Teus olhos, mesmo negros, inspiram-me ideias
Que de modo algum são funérias.

Teus olhos, que pactuam com os negros cabelos,
Com tua cabeleira elástica,
Teus olhos dizem-me: “Ó, se queres, com desvelos,
Apreciador da musa plástica,

“Seguir essa esperança que em ti excitamos,
E o gosto vário que em ti abunda,
Dar-te-ás conta de que é verdade o que alegamos
Desde o umbigo até a bunda;

“Encontrarás nos seios, cada um bem pesado,
Dois largos bronzes, emblemáticos,
E sob um ventre liso, suave e aveludado,
Bistre como a pele de asiáticos,

“Rico tufo que, na verdade, forma um par
Com essa cabeleira em fartura,

Leve e crespa, mas na espessura a te igualar,
Noite sem estrelas, escura!”

xii
le monstre
Ou le paranymphe d'une nymphe macabre

I

*Tu n'es certes pas, ma très chère,
Ce que Veuillot nomme un tendron.
Le jeu, l'amour, la bonne chère,
Bouillonnent en toi, vieux chaudron!
Tu n'es plus fraîche, ma très chère,*

*Ma vieille infante! Et cependant
Tes caravanes insensées
T'ont donné ce lustre abondant
Des choses qui sont très usées,
Mais qui séduisent cependant.*

*Je ne trouve pas monotone
La verdure de tes quarante ans;
Je préfère tes fruits, Automne,
Aux fleurs banales du Printemps!
Non! tu n'es jamais monotone!*

*Ta carcasse à des agréments
Et des grâces particulières;
Je trouve d'étranges piments
Dans le creux de tes deux salières;
Ta carcasse a des agréments!
Nargue des amants ridicules
Du melon et du giraumont!
Je préfère tes clavicules
À celles du roi Salomon,
Et je plains ces gens ridicules!*

*Tes cheveux, comme un casque bleu,
Ombragent ton front de guerrière,
Qui ne pense et rougit que peu,
Et puis se sauvent par derrière
Comme les crins d'un casque bleu.*

*Tes yeux qui semblent de la boue,
Où scintille quelque fanal,
Ravivés au fard de ta joue,
Lancent un éclair infernal!
Tes yeux sont noirs comme la boue!*

*Par sa luxure et son dédain
Ta lèvre amère nous provoque;
Cette lèvre, c'est un Éden
Qui nous attire et qui nous choque.
Quelle luxure! et quel dédain!*

*Ta jambe musculeuse et sèche
Sait gravir au haut des volcans,*

*Et malgré la neige et la dèche
Danser les plus fougueux cancans.
Ta jambe est musculeuse et sèche;*

*Ta peau brûlante et sans douceur,
Comme celle des vieux gendarmes,
Ne connaît pas plus la sueur
Que ton œil ne connaît les larmes.
(Et pourtant elle a sa douceur!)*

II

*Sotte, tu t'en vas droit au Diable!
Volontiers j'irais avec toi,
Si cette vitesse effroyable
Ne me causait pas quelque émoi.
Va-t'en donc, toute seule, au Diable!*

*Mon rein, mon poumon, mon jarret
Ne me laissent plus rendre hommage
À ce Seigneur, comme il faudrait.
"Hélas! c'est vraiment bien dommage!"
Disent mon rein et mon jarret.*

*Oh! très sincèrement je souffre
De ne pas aller aux sabbats,
Pour voir, quand il pète du soufre,
Comment tu lui baisses son cas!
Oh! très sincèrement je souffre!*

*Je suis diablement affligé
De ne pas être ta torchère,
Et de te demander congé,
Flambeau d'enfer! Juge, ma chère,
Combien je dois être affligé,*

*Puisque depuis longtemps je t'aime,
Étant très logique! En effet,
Voulant du Mal chercher la crème
Et n'aimer qu'un monstre parfait,
Vraiment oui! vieux monstre, je t'aime!*

xii
o monstro
Ou o elogio de uma ninfa macabra

i

Não és, com certeza, querida,
O que Veuillot chama vitela.
Jogo, amor, boa mesa e boa vida
Fervem em ti, velha panela!
Não és mais novinha, querida,

Minha coroa! E todavia
Tuas dissipações desmioladas
Deram-te o lustre em demasia
Das coisas que são muito usadas,
Mas que seduzem, todavia.

Não parecem ser de dar sono,
Quarentona, esses teus verdores;
Prefiro teus frutos, Outono,
Às banais, primaveris flores!
Não! tu nunca és de dar sono!

Tua carcaça tem atrativos
E algumas graças bem matreiras;
Acho temperos exclusivos
Em suas duas saboneteiras;
Tua carcaça tem atrativos!
Provoca pessoas ridículas
Que prezam moranga e melão!
Eu prefiro as tuas clavículas
Àquelas do rei Salomão,
Pena essas pessoas ridículas!

Teus cabelos, casco azulado,
Sombreiam teu rosto marcial
— Pensar e corar não lhe é dado —,
E depois saem por trás, tal
Qual pelos de um casco azulado.

Teus olhos lembram lamaçal,
Onde cintila algum farol,
E, acesos na tua cor facial,
Lançam luz de um infernal sol!
São negros como lamaçal!

Por sua luxúria e seu desprezo
Teu lábio amargo nos provoca;
Esse lábio é um Éden aceso
Que nos atrai e que nos choca.
Quanta luxúria! e desprezo!

Tua perna com grande firmeza
Sobe até o alto dos vulcões,

E apesar da neve e pobreza
Dança o canção com exaltações.
Tua perna tem grande firmeza;

Tua pele, áspera mas com ardor

(Nos policiais, é como um couro),
Também não conhece ela o suor,
Como o olho não conhece o choro.

(E, no entanto, tem seu ardor!)

ii

Vais logo para o Inferno, tola!
De bom grado eu contigo iria,
Se a pressa que se descontrola
Não me causasse uma agonia.
Vai só, então, para o Inferno, tola!

Minha perna, rins e pulmão
Não deixam mais homenagear
Esse Senhor com perfeição.

“É pena!” dizem sem parar
Minha perna, rins e pulmão.

Oh! de verdade me chateia
Eu não ir ver-te nos sabás,
Quando enxofre ele peidorreia,

Beijar o cu de Satanás!
De verdade isso me chateia!

Estou infernalmente aflito
Por não ser o teu castiçal,
E também porque a evito.
Vê, tocha do inferno, afinal,
Como devo sentir-me aflito,

Já que de há muito de ti gosto,
Sendo tão lógico! Com efeito,
Querendo do Mal ter o gosto
E só amar um monstro perfeito,
Sim, monstro, é de ti que gosto!

Epígrafes
Épigraphes

xiii
vers pour le portrait
de m. honoré daumier

*Celui dont nous t'offrons l'image,
Et dont l'art, subtil entre tous,
Nous enseigne à rire de nous,
Celui-là, lecteur, est un sage.*

*C'est un satirique, un moqueur;
Mais l'énergie avec laquelle
Il peint le Mal et sa séquelle
Prouve la beauté de son cœur.*

*Son rire n'est pas la grimace
De Melmoth ou de Méphisto
Sous la torche de l'Alecto
Qui les brûle, mais qui nous glace.*

*Leur rire, hélas! de la gaieté
N'est que la douloureuse charge;
Le sien rayonne, franc et large,
Comme un signe de sa bonté!*

xiii
versos para o retrato
do sr. honoré daumier

Este de que se está a propor
Uma imagem, e cuja fina
Arte a rir de nós nos ensina,
Este aí é um sábio, leitor.

É um satírico, um brincalhão;
Mas sua energia — e é com ela
Que pinta o Mal e sua sequela —
Mostra seu belo coração.

Seu riso não é o esgar
De Melmoth ou o de Mefisto
Sob a tocha de Alecto, visto
Esta os queimar, mas nos gelar.

O riso deles, da alegria
É só amarga caricatura;
Sinal de bondade, em fartura
E franco, o dele se irradia.

xiv
lola de valence

*Entre tant de beautés que partout on peut voir,
Je comprends bien, amis, que le désir balance;
Mais on voit scintiller en Lola de Valence
Le charme inattendu d'un bijou rose et noir.*

xiv
lola de valência

Entre tantas belezas que se veem de regra,
Percebo bem, amigos, que o desejo hesita;
Em Lola de Valência, no entanto, crepita
O raro encanto de uma joia rosa e negra.

XV
sur le tasse en prison d'eugène delacroix

*Le poète au cachot, débraillé, maladif,
Roulant un manuscrit sous son pied convulsif,
Mesure d'un regard que la terreur enflamme
L'escalier de vertige où s'abîme son âme.*

*Les rires enivrants dont s'emplit la prison
Vers l'étrange et l'absurde invitent sa raison;
Le Doute l'environne, et la Peur ridicule,
Hideuse et multiforme, autour de lui circule.*

*Ce génie enfermé dans un taudis malsain,
Ces grimaces, ces cris, ces spectres dont l'essaim
Tourbillonne, ameuté derrière son oreille,*

*Ce rêveur que l'horreur de son logis réveille,
Voilà bien ton emblème, Âme aux songes obscurs,
Que le Réel étouffe entre ses quatre murs!*

XV
sobre *tasso na prisão* de eugène delacroix

O poeta em sua cela, descomposto, doente,
Rolando um manuscrito sob o pé fremente,
Mede, com um olhar que o terror avassala,
A escada de vertigem onde a alma resvala.

Os risos inebriantes que enchem a prisão
Ao absurdo e ao estranho atraem-lhe a razão;
Cercado pela Dúvida, o Medo risível
A seu redor circula, multiforme e horrível.

Esse gênio num abrigo malsão recolhido,
Essas caretas, gritos, espectros medonhos,
Que volteiam num só turbilhão ao ouvido,

O sonhador desperto pelo horror que o choca
Nesse antro — eis teu emblema, Alma de obscuros sonhos,
A que o Real entre quatro paredes sufoca!

Poemas diversos
Pièces diverses

xvi la voix

*Mon berceau s'adossait à la bibliothèque,
Babel sombre, où roman, science, fabliau,
Tout, la cendre latine et la poussière grecque,
Se mêlaient. J'étais haut comme un in-folio.
Deux voix me parlaient. L'une, insidieuse et ferme,
Disait: "La Terre est un gâteau plein de douceur;
Je puis (et ton plaisir serait alors sans terme!)
Te faire un appétit d'une égale grosseur."
Et l'autre: "Viens! oh! viens voyager dans les rêves,
Au-delà du possible, au-delà du connu!"
Et celle-là chantait comme le vent des grèves,
Fantôme vagissant, on ne sait d'où venu,
Qui caresse l'oreille et cependant l'effraie.
Je te répondis: "Oui! douce voix!" C'est d'alors
Que date ce qu'on peut, hélas! nommer ma plaie
Et ma fatalité. Derrière les décors
De l'existence immense, au plus noir de l'abîme,
Je vois distinctement des mondes singuliers,
Et, de ma clairvoyance extatique victime,
Je traîne des serpents qui mordent mes souliers.
Et c'est depuis ce temps que, pareil aux prophètes,*

*J'aime si tendrement le désert et la mer;
Que je ris dans les deuils et pleure dans les fêtes,
Et trouve un goût suave au vin le plus amer;
Que je prends très souvent les faits pour des mensonges,
Et que, les yeux au ciel, je tombe dans des trous.
Mais la Voix me console et dit: "Garde tes songes;
Les sages n'en ont pas d'aussi beaux que les fous!"*

xvi a voz

Meu berço era junto à biblioteca, babel
Sombria, onde ciência e literatura,
Cinza latina e poeira grega, um mundéu,
Misturam-se. Era de um in-fólio a minha altura.
Duas vozes me falavam. Firme uma, e traiçoeira,
Dizia: “A Terra é um bolo bastante adoçado;
Posso (e teu prazer não teria então fronteira!)
Criar-te um apetite bem assemelhado”.
E a outra: “Vem viajar, vem, no desvairamento,
Para além do possível e do conhecido!”.
E esta cantava como nas praias o vento,
Fantasma a ulular, não se sabe saído
De onde, que acaricia o ouvido e o azorraga.
Respondi-te: “Sim! doce voz!”. Talvez remonte
A tal o que se pode chamar minha chaga
E meu malogro. Atrás do múltiplo horizonte
Da existência, no mais negro da profundidade,
Vejo com limpidez mundos inusitados
E, vítima de minha extasiada agudeza,
Arrasto cobras, e estas mordem meus calçados.
Como os profetas, é desde então que, afinal,

Do deserto e do mar tão ternamente gosto;
Que na festa eu choro, e rio no funeral,
E acho no mais amargo vinho um suave gosto;
Que com frequência tomo fato por mentira,
E que, olhos no céu, caio em buracos não poucos.
“Guarda teus sonhos” — diz-me a voz que então me inspira —,
“Os sábios não os têm tão belos como os loucos!”

xvii
l'imprévu

*Harpagon, qui veillait son père agonisant,
Se dit, rêveur, devant ces lèvres déjà blanches:
"Nous avons au grenier un nombre suffisant,
Ce me semble, de vieilles planches?"*

*Célimène roucoule et dit: "Mon cœur est bon,
Et naturellement, Dieu m'a faite très belle."
— Son cœur! cœur racorni, fumé comme un jambon,
Recuit à la flamme éternelle!*

*Un gazetier fumeux, qui se croit un flambeau,
Dit au pauvre, qu'il a noyé dans les ténèbres:
"Où donc l'aperçois-tu, ce créateur du Beau,
Ce Redresseur que tu célèbres?"*

*Mieux que tous, je connais certain voluptueux
Qui bâille nuit et jour, et se lamente et pleure,
Répétant, l'impuissant et le fat: "Oui, je veux
Être vertueux, dans une heure!"*

*L'horloge, à son tour, dit à voix basse: "Il est mûr,
Le damné! J'avertis en vain la chair infecte.*

*L'homme est aveugle, sourd, fragile, comme un mur
Qu'habite et que ronge un insecte!"*

*Et puis, Quelqu'un paraît, que tous avaient nié,
Et qui leur dit, railleur et fier: "Dans mon ciboire,
Vous avez, que je crois, assez communié
À la joyeuse Messe noire?*

*"Chacun de vous m'a fait un temple dans son cœur;
Vous avez, en secret, baisé ma fesse immonde!
Reconnaissez Satan à son rire vainqueur,
Énorme et laid comme le monde!*

*"Avez-vous donc pu croire, hypocrites surpris,
Qu'on se moque du maître, et qu'avec lui l'on triche,
Et qu'il soit naturel de recevoir deux prix,
D'aller au Ciel et d'être riche?*

*"Il faut que le gibier paye le vieux chasseur
Qui se morfond longtemps à l'affût de la proie.
Je vais vous emporter à travers l'épaisseur,
Compagnons de ma triste joie,*

*"À travers l'épaisseur de la terre et du roc,
À travers les amas confus de votre cendre,
Dans un palais aussi grand que moi, d'un seul bloc,
Et qui n'est pas de pierre tendre;*

*"Car il est fait avec l'universel Péché,
Et contient mon orgueil, ma douleur et ma gloire!"*

— *Cependant, tout en haut de l'univers juché,
Un Ange sonne la victoire*

*De ceux dont le cœur dit: "Que béni soit ton fouet,
Seigneur! que la douleur, ô Père, soit bénie!
Mon âme dans tes mains n'est pas un vain jouet,
Et ta prudence est infinie."*

*Le son de la trompette est si délicieux,
Dans ces soirs solennels de célestes vendanges,
Qu'il s'infiltré comme une extase dans tous ceux
Dont elle chante les louanges.*

xvii o imprevisto

Harpagon, que velava o pai agonizante,
Diante dos lábios brancos pensa, cismador:
“Temos no sótão número talvez bastante
De tábuas velhas ao dispor?”

Célimène chilreia e diz: “É muito dado
Meu coração, e Deus me fez muito bonita”.
— Um duro coração! presunto defumado,
Recozido em chama infinita!

Um cronista que pensa ser um luminar
Diz ao pobre, por ele afogado nas trevas:
“Onde o vês, esse tal que ao Belo pode dar
Vida, o Reformador que elevas?”

Mais que todos, conheço certo voluptuoso,
Sempre a bocejar, e que lamenta e chora,
Repetindo, o impotente e tolo: “É virtuoso
Que quero ser, em uma hora!”

Já o relógio em voz baixa diz: “Está maduro,
O danado! Avisei em vão o corpo infecto.

Ele está cego, surdo, frágil, como um muro
Carcomido por um inseto!”

Depois surge um, que todos haviam negado,
E que diz, zombador e altivo: “Via de regra,
Em meu cibório vós já tereis comungado
Na animada Missa negra?

“Cada um fez-me um templo em seu interior;
Beijastes em segredo meu traseiro imundo!
Distingui Satã pelo riso vencedor,
Enorme e feio como o mundo!

“Hipócritas surpresos, crestes que afinal
Se pode do Senhor zombar ou o iludir,
E que receber duplo prêmio é natural,
Ser rico ou para o Céu subir?

“É preciso que a caça pague ao caçador
Que demora em desânimo à espreita da presa.
Através da espessura, eu vos irei transpor,
Nessa minha alegre tristeza,

“Através da espessura de terra e rochedo,
Através vossa cinza, amontoando-se fria,
A um palácio, um só bloco, amplo como eu, mas cedo
Se vê: não é pedra macia;

“Foi construído com o universal Pecado,
Contendo também meu orgulho, dor e glória!”

— Mas no alto do universo está empoleirado
Um anjo que soa a vitória

Dos que dizem: “Santo é teu açoitado, Senhor,
Ó meu Pai, que a dor, ó Senhor, seja bendita!
A alma em tuas mãos não é brinquedo sem valor,
E tua prudência é infinita”.

O som da trombeta é tão delicioso e encanta
Tanto em noites com suas colheitas celestiais,
Que se infiltra como êxtase em todos mais
Cujos louvores ela canta.

xviii
la rançon

*L'homme a, pour payer sa rançon,
Deux champs au tuf profond et riche,
Qu'il faut qu'il remue et défriche
Avec le fer de la raison;*

*Pour obtenir la moindre rose,
Pour extorquer quelques épis,
Des pleurs salés de son front gris
Sans cesse il faut qu'il les arrose.*

*L'un est l'Art, et l'autre l'Amour.
— Pour rendre le juge propice,
Lorsque de la stricte justice
Paraîtra le terrible jour,*

*Il faudra lui montrer des granges
Pleines de moissons, et des fleurs
Dont les formes et les couleurs
Gagnent le suffrage des Anges.*

xviii a redenção

Para pagar sua redenção,
O homem tem dois campos profundos,
Ricos — e há que os fazer fecundos
Com o instrumento da razão;

Para breve rosa existir,
Para que algum trigo cresça,
Com o suor da grisalha cabeça
Há que os aguar sem desistir.

Um é a Arte, e o outro, o Amor.
— Para tornar o juiz clemente,
Quando a justiça diligente
Surgir no dia aturdidor,

Haverá que paióis mostrar
Cheios de colheitas, e flores
Cujas formas e cujas cores
Anjos venham a sufragar.

xix
à une malabaraise

*Tes pieds sont aussi fins que tes mains, et ta hanche
Est large à faire envie à la plus belle blanche;
À l'artiste pensif ton corps est doux et cher;
Tes grands yeux de velours sont plus noirs que ta chair.
Aux pays chauds et bleus où ton Dieu t'a fait naître,
Ta tâche est d'allumer la pipe de ton maître,
De pourvoir les flacons d'eaux fraîches et d'odeurs,
De chasser loin du lit les moustiques rôdeurs,
Et, dès que le matin fait chanter les platanes,
D'acheter au bazar ananas et bananes.
Tout le jour, où tu veux, tu mènes tes pieds nus,
Et fredonnes tout bas de vieux airs inconnus;
Et quand descend le soir au manteau d'écarlate,
Tu poses doucement ton corps sur une natte,
Où tes rêves flottants sont pleins de colibris,
Et toujours, comme toi, gracieux et fleuris.
Pourquoi, l'heureuse enfant, veux-tu voir notre France,
Ce pays trop peuplé que fauche la souffrance,
Et, confiant ta vie aux bras forts des marins,
Faire de grands adieux à tes chers tamarins?
Toi, vêtue à moitié de mousselines frêles,*

*Frissonnante là-bas sous la neige et les grêles,
Comme tu pleurerais tes loisirs doux et francs,
Si, le corset brutal emprisonnant tes flancs,
Il te fallait glaner ton souper dans nos fanges
Et vendre le parfum de tes charmes étranges,
L'œil pensif, et suivant, dans nos sales brouillards,
Des cocotiers absents les fantômes épars!*

xix

a uma malabareense

Teus pés são finos como tuas mãos, e tua anca,
Larga de dar inveja até à mais bela branca;
Ao artista enlevado teu corpo é bem leve;
De veludo, o olho é mais negro que tua pele.
Na terra quente e azul onde fez-te nascer
Teu Deus, tens de o cachimbo do amo acender,
Cuidar de frascos de águas frescas e odores,
Da cama expulsar mosquitos agressores,
E, assim que a manhã faz os plátanos cantar,
Sair para bananas e ananás comprar.
Andas o dia todo com os pés sem calçados
E cantarolas velhos cantos ignorados;
E quando desce a noite de manto escarlate,
Numa esteira depões, suave, teu corpo mate;
Teus sonhos então fluem com seus beija-flores,
E sempre, como tu, floridos, sedutores.
Por que, sendo feliz, querer ver nossa França,
Tão povoada e onde tanto sofrimento avança,
E, confiando tua vida aos fortes marinheiros,
Despedir-te de teus caros tamarineiros?
Mal vestindo umas roupas leves, delicadas,

Tremendo lá bem longe sob a neve e as geadas,
Como irias lembrar o vagar livre e brando,
Se, um corpete brutal teu tronco aprisionando,
Precisasses pegar na lama tua comida,
Vender o olor de tua graça desconhecida,
Com o olho a seguir, em nossas brumas de miasmas,
Dos coqueiros ausentes os casuais fantasmas!

Brincadeiras
Bouffonneries

XX
sur les débuts d'amina boschetti
au Théâtre de la Monnaie, à Bruxelles

*Amina bondit, — fuit, — puis voltige et sourit;
Le Welche dit: "Tout ça, pour moi, c'est du prâcrit;
Je ne connais, en fait de nymphes bocagères,
Que celles de Montagne-aux-Herbes-Potagères."*

*Du bout de son pied fin et de son œil qui rit,
Amina verse à flots le délire et l'esprit;
Le Welche dit: "Fuyez, délices mensongères!
Mon épouse n'a pas ces allures légères."*

*Vous ignorez, sylphide au jarret triomphant,
Qui voulez enseigner la valse à l'éléphant,
Au hibou la gaieté, le rire à la cigogne,*

*Que sur la grâce en feu le Welche dit: "Haro!"
Et que le doux Bacchus lui versant du bourgogne,
Le monstre répondrait: "J'aime mieux le faro!"*

XX
sobre a estreia de amina boschetti
no Théâtre de la Monnaie, em Bruxelas

Amina salta — e foge — e volteia e sorri;
Grosseirão, diz o velche: “É grego isso que vi;
Só conheço de ninfas pastoris jeitosas
Aqueles que circulam nas vielas viciosas”.

Da ponta de seu pé fino e do olho que ri,
Amina aos borbotões verte alma e frenesi;
O velche diz: “Fugi, encantos mentirosos!
Minha esposa não tem tais ares desairosos”.

Sílfide, ignoras, com tua perna triunfante,
Que queres ensinar a valsa ao elefante,
À coruja a alegria, o riso à cegonha,

Que sobre a graça em fogo o velche só pragueja
E que, a Baco vertendo-lhe um vinho borgonha,
Responderia o monstro: “Prefiro cerveja”.

xxi
à m. eugène fromentin
à propos d'un importun
qui se disait son ami

*Il me dit qu'il était très riche,
Mais qu'il craignait le choléra;
— Que de son or il était chiche,
Mais qu'il goûtait fort l'Opéra;*

*— Qu'il raffolait de la nature,
Ayant connu monsieur Corot;
— Qu'il n'avait pas encor voiture,
Mais que cela viendrait bientôt;*

*— Qu'il aimait le marbre et la brique,
Les bois noirs et les bois dorés;
— Qu'il possédait dans sa fabrique
Trois contremaîtres décorés;*

*— Qu'il avait, sans compter le reste,
Vingt mille actions sur le Nord;
— Qu'il avait trouvé, pour un zeste,
Des encadrements d'Oppenord;*

— Qu'il donnerait (fût-ce à Luzarches!)
Dans le bric-à-brac jusqu'au cou,
Et qu'au Marché des Patriarches
Il avait fait plus d'un bon coup;

— Qu'il n'aimait pas beaucoup sa femme,
Ni sa mère; — mais qu'il croyait
À l'immortalité de l'âme,
Et qu'il avait lu Niboyet!

— Qu'il penchait pour l'amour physique,
Et qu'à Rome, séjour d'ennui,
Une femme, d'ailleurs phtisique,
Était morte d'amour pour lui.

Pendant trois heures et demie,
Ce bavard, venu de Tournai,
M'a dégoisé toute sa vie;
J'en ai le cerveau consterné.

S'il fallait décrire ma peine,
Ce serait à n'en plus finir;
Je me disais, domptant ma haine:
"Au moins, si je pouvais dormir!"

Comme un qui n'est pas à son aise,
Et qui n'ose pas s'en aller,
Je frottais de mon cul ma chaise,
Rêvant de le faire empaler.

*Ce monstre se nomme Bastogne;
Il fuyait devant le fléau.*

*Moi, je fuirai jusqu'en Gascogne,
Ou j'irai me jeter à l'eau,*

*Si dans ce Paris, qu'il redoute,
Quand chacun sera retourné,
Je trouve encore sur ma route
Ce fléau, natif de Tournai.*

xxi
ao sr. eugène fromentin
a propósito de um importuno
que se dizia seu amigo

Disse-me que era endinheirado,
Mas a cólera, receava-a;
— Que a seu ouro era apegado,
Mas a Ópera, apreciava-a;

— Que da natureza gostava,
E conheceu Corot, o pintor;
— Que com um carro não contava,
Mas de um logo iria dispor;

— Que mármore e tijolo admira,
E ébano e trabalhos dourados;
— Que em sua fábrica admitira
Três contramestres reputados;

— Que tinha, sem contar o resto,
Suas vinte mil ações da *Nord*;
— Que achara, por preço modesto,
Umas molduras de Oppenord;

— Que num brechó (mesmo em Luzarches!)
Aprecia ficar enfiado,
E no Marché des Patriarches
Fizera mais de um bom achado;

— Que não gostava da mulher,
Nem da mãe; — mas que tinha fé
Que a alma é imortal, e ler,
Até que lera Niboyet!

— Que tendia à atração física,
E em Roma, estada de torpor,
Uma mulher, de resto tísica,
Por ele morrera de amor.

Durante três horas e meia,
Repassando toda sua vida,
Ele, que é de Tournai, proseia;
Minha cabeça está dolorida.

A um fim não se chegaria
Se minha agrura eu descrevesse;
A domar o ódio, eu dizia:
“Se ao menos eu adormecesse!”

Como quem se sente sem jeito
E não se atreve a ir embora,
No assento roço a bunda, a jeito,
Querendo o empalar sem demora.

O monstro se chama Bastogne;
Fugia do flagelo. Irei
Fugir dele até a Gascogne,
Onde na água me jogarei,

Se em Paris, mesmo ele a receando,
Quando todos possam até
Voltar, eu acabar topando
Com esse flagelo de Tournai.

xxii
un cabaret folâtre
sur la route de Bruxelles à Uccle

Vous qui raffolez des squelettes
Et des emblèmes détestés,
Pour épicer les voluptés,
(Fût-ce de simples omelettes!)

Vieux Pharaon, ô Monselet!
Devant cette enseigne imprévue,
J'ai rêvé de vous: À la vue
Du Cimetière, Estaminet!

xxii

um boteco engraçado
na estrada de Bruxelas para Uccle

Tu que aprecias esqueletos
E alguns detestados dizeres,
Para apimentar os prazeres,
(Ainda que simples galeto!)

Monselet, Faraó chinfrim!
Diante dessa placa imprevista,
Logo pensei em ti: *Com vista*
Do Cemitério, Botequim!

arquivo das
flores do mal

reliquat et dossier
des fleurs du mal

Projetos de prefácios
Projets de préfaces

[1] *préface des fleurs*

Ce n'est pas pour mes femmes, mes filles ou mes sœurs que ce livre a été écrit; non plus que pour les femmes, les filles ou les sœurs de mon voisin. Je laisse cette fonction à ceux qui ont intérêt à confondre les bonnes actions avec le beau langage.

Je sais que l'amant passionné du beau style s'expose à la haine des multitudes. Mais aucun respect humain, aucune fausse pudeur, aucune coalition, aucun suffrage universel ne me contraindront à parler le patois incomparable de ce siècle, ni à confondre l'encre avec la vertu.

Des poètes illustres s'étaient partagé depuis longtemps les provinces les plus fleuries du domaine poétique. Il m'a parut plaisant, et d'autant plus agréable que la tâche était plus difficile, d'extraire la beauté du Mal. Ce livre, essentiellement inutile et absolument innocent, n'a pas été fait dans un autre but que de me divertir et d'exercer mon goût passionné de l'obstacle.

Quelques-uns m'ont dit que ces poésies pouvaient faire du mal. Je ne m'en suis pas réjoui. D'autres, de bonnes âmes, qu'elles pouvaient faire du bien; et cela ne m'a pas affligé. La crainte des uns et l'espérance des autres m'ont également étonné, et n'ont servi qu'à me prouver une fois de plus que ce siècle avait désappris toutes les notions classiques relatives à la littérature.

Malgré les secours que quelques cuistres célèbres ont apporté à la sottise naturelle de l'homme, je n'aurais jamais cru que notre patrie pût marcher avec une telle vélocité dans la voie du progrès. Ce monde a acquis une épaisseur de vulgarité qui donne au mépris de l'homme spirituel la violence d'une passion. Mais il est des carapaces heureuses que le poison lui-même n'entamerait pas.

J'avais primitivement l'intention de répondre à de nombreuses critiques, et, en même temps, d'expliquer quelques questions très simples, totalement obscurcies par la lumière moderne: qu'est-ce que la Poésie? quel est son but? de la distinction du Bien d'avec le Beau; de la Beauté dans le Mal; que le rythme et la rime répondent dans l'homme aux immortels besoins de monotonie, de symétrie et de surprise; de l'adaptation du style au sujet; de la vanité et du danger de l'inspiration, etc., etc.; mais j'ai eu l'imprudence de lire ce matin quelques feuilles publiques; soudain, une indolence, du poids de vingt atmosphères, s'est abattue sur moi, et je me suis arrêté devant l'épouvantable inutilité d'expliquer quoi que ce soit à qui que ce soit. Ceux qui savent me devinent, et pour ceux qui ne peuvent ou ne veulent pas comprendre, j'amoncellerais sans fruit les explications.

C. B.

[i] prefácio das flores

Não é para minhas mulheres, minhas filhas ou minhas irmãs que este livro foi escrito; assim como também não para as mulheres, as filhas ou as irmãs de meu vizinho. Deixo essa função para aqueles que têm interesse em confundir as boas ações com a bela linguagem.

Sei que o apreciador apaixonado do estilo belo se expõe ao ódio das multidões. Todavia, nenhum respeito humano, nenhum falso pudor, nenhuma coalizão, nenhum sufrágio universal irão obrigar-me a falar o dialeto incomparável deste século, nem a confundir a tinta com a virtude.

Poetas ilustres partilharam há tempos as províncias mais floridas do domínio poético. Pareceu-me prazeroso, e tanto mais agradável quanto mais difícil era a tarefa, extrair do Mal a *beleza*. Este livro, essencialmente inútil e absolutamente inocente, não foi feito com outro objetivo que o de me divertir e praticar meu gosto apaixonado pelo obstáculo.

Alguns me disseram que estas poesias podiam fazer mal. Não fiquei satisfeito com isso. Outros, boas almas, que elas podiam fazer bem; e isso não me afligiu. O temor de uns e a esperança de outros espantaram-me igualmente e só serviram para me provar uma vez

mais que este século desaprendeu todas as noções clássicas relativas à literatura.

Apesar do auxílio que alguns pretensiosos célebres deram à tolice natural dos homens, eu jamais teria acreditado que nossa pátria pudesse andar com tal velocidade no caminho do *progresso*. Este mundo adquiriu uma espessura de vulgaridade que dá ao desprezo do homem inteligente a violência de uma paixão. Há, porém, carapaças felizes que o próprio veneno não atacaria.

Inicialmente, eu tinha a intenção de responder a numerosas críticas e, ao mesmo tempo, de explicar algumas questões muito simples, totalmente obscurecidas pela luz moderna: que é a Poesia? qual é sua finalidade? da distinção entre o Bem e o Belo; da Beleza no Mal; que o ritmo e a rima correspondem no homem às imortais necessidades de monotonia, de simetria e de surpresa; da adaptação do estilo ao assunto; da vaidade e do perigo da inspiração etc. etc.; tive, porém, a imprudência de ler esta manhã algumas folhas públicas; de repente, uma indolência, com o peso de vinte atmosferas, abateu-se sobre mim, e me detive diante da assustadora inutilidade de explicar o que quer que seja a quem quer que seja. Os que sabem, intuem-me, e para aqueles que não podem ou não querem compreender, eu amontoaria infrutiferamente as explicações.

C. B.

[ii]
préface

La France traverse une phase de vulgarité. Paris, centre et rayonnement de bêtise universelle. Malgré Molière et Béranger, on n'aurait jamais cru que la France irait si grand train dans la voie du Progrès. — Questions d'art, terræ incognitæ. Le grand homme est bête.

Mon livre a pu faire du Bien. Je ne m'en afflige pas. Il a pu faire du Mal. Je ne m'en réjouis pas.

Le but de la Poésie. Ce livre n'est pas fait pour mes femmes, mes filles ou mes sœurs.

On m'a attribué tous les crimes que je racontais. Divertissement de la haine et du mépris. Les élégiaques sont des canailles. Et verbum Caro factum est. — Or le poète n'est d'aucun parti. Autrement, il serait un simple mortel.

Le Diable. Le péché originel. Homme bon. Si vous vouliez, vous seriez le favori du Tyran. Il est plus difficile d'aimer Dieu que de croire en lui. Au contraire, il est plus difficile pour les gens de ce siècle de croire au Diable que de l'aimer. Tout le monde le sert et personne n'y croit. Sublime subtilité du Diable.

Une âme de mon choix. Le Décor. Ainsi la nouveauté. L'Épigraphe. D'Aurevilly. La Renaissance. Gérard de Nerval. Nous sommes tous pendus ou pendables.

J'avais mis quelques ordures pour plaire à MM. les journalistes. Ils se sont montrés ingrats.

[ii] prefácio

A França atravessa uma fase de vulgaridade. Paris, centro e irradiação de besteira universal. Apesar de Molière e de Béranger, jamais se teria acreditado que a França iria tão rapidamente no caminho do *Progresso*. — Questões de arte, *terræ incognitæ*. O grande homem é tolo.

Meu livro pode ter feito Bem. Isso não me aflige. Pode ter feito Mal. Não me regozijo com isso.

A finalidade da Poesia. Este livro não foi feito para minhas mulheres, minhas filhas ou minhas irmãs.

Atribuíram-me todos os crimes que eu relatava. Divertimento do ódio e do desprezo. Os Elegíacos são canalhas. *Et verbum Caro factum est*. — Ora, o poeta não é de nenhum partido. De outro modo, seria um simples mortal.

O Diabo. O pecado original. Homem bom. Se você quisesse, você seria o favorito do Tirano. É mais difícil amar a Deus do que acreditar nele. Ao contrário, é mais difícil para as pessoas deste século acreditar no Diabo do que amá-lo. Todo mundo o serve e ninguém crê nele. Sublime sutileza do Diabo.

Uma alma de minha escolha. O Cenário. Assim, a novidade. A Epígrafe. D'Aurevilly. O Renascimento. Gérard de Nerval. Somos todos enforcados ou enforcáveis.

Pus algum lixo para agradar aos senhores jornalistas. Eles se mostraram ingratos.

[iii]

— *Comment, par une série d'efforts déterminée, l'artiste peut s'élever à une originalité proportionnelle;*

comment la poésie touche à la musique par une prosodie dont les racines plongent plus avant dans l'âme humaine que ne l'indique aucune théorie classique;

que la poésie française possède une prosodie mystérieuse et méconnue, comme les langues latine et anglaise;

pourquoi tout poète qui ne sait pas au juste combien chaque mot comporte de rimes est incapable d'exprimer une idée quelconque;

que la phrase poétique peut imiter (et par là elle touche à l'art musical et à la science mathématique) la ligne horizontale, la ligne droite ascendante, la ligne droite descendante; qu'elle peut monter à pic vers le ciel, sans essoufflement, ou descendre perpendiculairement vers l'enfer avec la vélocité de toute pesanteur; qu'elle peut suivre la spirale, décrire la parabole, ou le zigzag figurant une série d'angles superposés;

que la poésie se rattache aux arts de la peinture, de la cuisine et du cosmétique par la possibilité d'exprimer toute sensation de suavité ou d'amertume, de béatitude ou d'horreur, par l'accouplement de tel substantif avec tel adjectif, analogue ou contraire;

comment, appuyé sur mes principes et disposant de la science que je me charge de lui enseigner en vingt leçons, tout homme devient capable de composer une tragédie qui ne sera pas plus sifflée qu'une autre, ou d'aligner un poème de la longueur nécessaire pour être aussi ennuyeux que tout poème épique connu.

Tâche difficile que de s'élever vers cette insensibilité divine! Car moi-même, malgré les plus louables efforts, je n'ai su résister au désir de plaire à mes contemporains, comme l'attestent en quelques endroits, apposées comme un fard, certaines basses flatteries adressées à la démocratie, et même quelques ordures destinées à me faire pardonner la tristesse de mon sujet. Mais MM. les journalistes s'étant montrés ingrats envers les caresses de ce genre, j'en ai supprimé la trace, autant qu'il m'a été possible, dans cette nouvelle édition.

Que je me propose, pour vérifier de nouveau l'excellence de ma méthode, de l'appliquer prochainement à la célébration des jouissances de la dévotion et des ivresses de la gloire militaire, bien que je ne les aie jamais connues.

Note sur les plagiats. — Thomas Gray. Edgar Poe (2 passages). Longfellow (2 passages). Stace. Virgile (tout le morceau d'Andromaque). Eschyle. Victor Hugo.

[iii]

— Como, por uma série determinada de esforços, o artista pode elevar-se a uma originalidade proporcional;

como a poesia tem a ver com a música por uma prosódia cujas raízes mergulham mais fundo na alma humana do que o indica alguma teoria clássica;

que a poesia francesa tem uma prosódia misteriosa e desconhecida, como as línguas latina e inglesa;

por que todo poeta que não sabe exatamente quanto cada palavra comporta de rimas é incapaz de exprimir qualquer ideia;

que a frase poética pode imitar (e aí ela tem a ver com a arte musical e a ciência matemática) a linha horizontal, a linha reta ascendente, a linha reta descendente; que pode subir a pino para o céu, sem falta de ar, ou descer perpendicularmente para o inferno com a velocidade de todo o peso; que pode seguir a espiral, descrever a parábola ou o zigue-zague figurando uma série de ângulos superpostos;

que a poesia se liga às artes da pintura, da cozinha e da cosmética pela possibilidade de exprimir toda sensação de suavidade ou de amargor, de beatitude ou de horror, pela junção de tal substantivo com tal adjetivo, análogo ou contrário;

como, apoiado em meus princípios e dispondo da ciência que me encarrego de lhe ensinar em vinte lições, todo homem se torna

capaz de compor uma tragédia que não será mais vaiada que outra, ou de alinhar um poema com a extensão necessária para ser tão tedioso quanto qualquer poema épico conhecido.

Tarefa difícil é elevar-se a essa insensibilidade divina! Pois eu mesmo, apesar dos mais louváveis esforços, não pude resistir ao desejo de agradar a meus contemporâneos, como o atestam em alguns lugares, apostas como uma maquiagem, certas baixas lisonjas dirigidas à democracia e mesmo certo lixo destinado a fazer com que eu perdoe a tristeza de meu tema. No entanto, como os senhores jornalistas se mostraram ingratos para com as carícias desse gênero, suprimi seu vestígio, tanto quanto me foi possível, nesta nova edição.

Que eu me proponha, para verificar de novo a excelência de meu método, a aplicá-lo proximamente à celebração dos prazeres da devoção e dos inebriamentos da glória militar, embora eu nunca os tenha conhecidos.

Nota sobre os plágios. — Thomas Gray. Edgar Poe (2 passagens). Longfellow (2 passagens). Estácio. Virgílio (todo o trecho de Andrômaca). Ésquilo. Victor Hugo.

[iv]
*projet de préface pour
les fleurs du mal*
(à fondre peut-être avec d'anciennes notes)

S'il y a quelque gloire à n'être pas compris, ou à ne l'être que très peu, je peux dire, sans vanterie, que, par ce petit livre, je l'ai acquise et méritée d'un seul coup. Offert plusieurs fois de suite à divers éditeurs qui le repoussaient avec horreur, poursuivi et mutilé, en 1857, par suite d'un malentendu fort bizarre, lentement rajeuni, accru et fortifié pendant quelques années de silence, disparu de nouveau, grâce à mon insouciance, ce produit discordant de la Muse des Derniers jours, encore avivé par quelques nouvelles touches violentes, ose affronter aujourd'hui pour la troisième fois le soleil de la sottise.

Ce n'est pas ma faute; c'est celle d'un éditeur insistant qui se croit assez fort pour braver le dégoût public. "Ce livre restera sur toute votre vie comme une tache", me prédisait, dès le commencement, un de mes amis qui est un grand poète. En effet, toute mes mésaventures lui ont, jusqu'à présent, donné raison. Mais j'ai un de ces heureux caractères qui tirent une jouissance de la haine et qui se glorifient dans le mépris. Mon goût diaboliquement passionné de la bêtise me fait trouver des plaisirs particuliers dans les travestissements de la calomnie. Chaste comme le papier, sobre

comme l'eau, porté à la dévotion comme une communiant, inoffensif comme une victime, il ne me déplairait pas de passer pour un débauché, un ivrogne, un impie et un assassin.

Mon éditeur prétend qu'il y aurait quelque utilité, pour moi comme pour lui, à expliquer pourquoi et comment j'ai fait ce livre, quels ont été mon but et mes moyens, mon dessein et ma méthode. Un tel travail de critique aurait sans doute quelques chances d'amuser les esprits amoureux de la rhétorique profonde. Pour ceux-là, peut-être l'écrirai-je plus tard et le ferai-je tirer à une dizaine d'exemplaires. Mais, à un meilleur examen, ne paraît-il pas évident que ce serait là une besogne tout à fait superflue, pour les uns comme pour les autres, puisque les uns savent ou devinent, et que les autres ne comprendront jamais? Pour insuffler au peuple l'intelligence d'un objet d'art, j'ai une trop grande peur du ridicule, et je craindrais, en cette matière, d'égaliser ces utopistes qui veulent, par un décret, rendre tous les Français riches et vertueux d'un seul coup.

Et puis, ma meilleure raison, ma suprême, est que cela m'ennuie et me déplaît. Mène-t-on la foule dans les ateliers de l'habilleuse et du décorateur, dans la loge de la comédienne? Montre-t-on au public affolé aujourd'hui, indifférent demain, le mécanisme des trucs? Lui explique-t-on les retouches et les variantes improvisées aux répétitions, et jusqu'à quelle dose l'instinct et la sincérité sont mêlés aux rubriques et au charlatanisme indispensable dans l'amalgame de l'œuvre? Lui révèle-t-on toutes les loques, les fards, les poulies, les chaînes, les repentirs, les épreuves barbouillées, bref toutes les horreurs qui composent le sanctuaire de l'art?

D'ailleurs telle n'est pas, aujourd'hui, mon humeur. Je n'ai désir ni de démontrer, ni d'étonner, ni d'amuser, ni de persuader. J'ai mes nerfs, mes vapeurs. J'aspire à un repos absolu, et à une nuit

continue. Chantre des voluptés folles du vin et de l'opium, je n'ai soif que d'une liqueur inconnue sur la terre, et que la pharmaceutique céleste elle-même ne pourrait pas m'offrir — d'une liqueur qui ne contiendrait ni la vie/ vitalité ni la mort, ni l'excitation, ni le néant. Ne rien savoir, ne rien enseigner, ne rien vouloir, ne rien sentir, dormir et encore dormir, tel est aujourd'hui mon unique vœu. Vœu infame et dégoûtant, mais sincère.

Toutefois, comme un goût supérieur nous apprend à ne pas craindre de nous contredire un peu nous-mêmes, j'ai rassemblé, à la fin de ce livre abominable, les témoignages de sympathie de quelques-uns des hommes que je prise le plus, pour qu'un lecteur impartial en puisse inférer que je ne suis pas absolument digne d'excommunication et qu'ayant su me faire aimer de quelques-uns, mon cœur, quoi qu'en ait dit je ne sais plus quel torchon imprimé, n'a peut-être pas "l'épouvantable laideur de mon visage".

Enfin, par une générosité peu commune, dont MM. les critiques...

Comme l'ignorance va croissant...

Je dénonce moi-même les imitations...

[iv]
projeto de prefácio para
as flores do mal

(a fundir talvez com notas antigas)

Se há alguma glória em não ser compreendido, ou em só o ser muito pouco, posso dizer, sem vanglória, que com este pequeno livro eu a adquiri e mereci de uma só vez. Oferecido várias vezes seguidas a diversos editores que o rejeitavam com horror, perseguido e mutilado, em 1857, como resultado de um mal-entendido muito estranho, lentamente rejuvenescido, aumentado e fortalecido durante alguns anos de silêncio, de novo desaparecido, graças a minha indiferença, esse produto discordante da *Musa dos últimos dias*, ainda avivado por algumas novas pinceladas violentas, ousa afrontar hoje pela terceira vez o sol da besteira.

Não é minha culpa; é a de um editor insistente, que se julga suficientemente forte para enfrentar o desagrado público. “Este livro ficará como uma mancha sobre toda a tua vida”, predizia-me, desde o começo, um de meus amigos que é um grande poeta. De fato, todas as minhas desventuras deram-lhe razão, até agora. Tenho, porém, um desses felizes caracteres que extraem prazer do ódio e que se glorificam no desprezo. Meu gosto diabolicamente apaixonado pela besteira faz-me encontrar prazeres particulares nos

disfarces da calúnia. Casto como papel, sóbrio como água, levado à devoção como uma comungante, inofensivo como uma vítima, não me desagradaria passar por um devasso, um bêbado, um ímpio e um assassino.

Meu editor supõe que haveria alguma utilidade, para mim como para ele, em explicar por que e como fiz este livro, quais foram meu objetivo e meus meios, meu intento e meu método. Esse trabalho de crítica teria sem dúvida algumas possibilidades de agradar aos espíritos apreciadores da retórica profunda. Para eles eu talvez o escreva mais tarde, e dele publicarei uma dezena de exemplares. Mas, a um melhor exame, não parece evidente que essa seria uma tarefa inteiramente supérflua, para uns como para outros, já que uns sabem ou pressentem e outros jamais compreenderão? Para insuflar nas pessoas a inteligência de um objeto de arte, tenho medo enorme do ridículo, e temeria, nessa matéria, igualar esses utopistas que querem, por um decreto, tornar todos os franceses ricos e virtuosos de uma vez só.

Além do mais, minha melhor razão, minha suprema razão, é que isso me entedia e me desagradava. Leva-se a multidão aos ateliês da costureira e do cenógrafo, ao camarote da atriz? Mostra-se ao público interessado hoje, indiferente amanhã, o mecanismo dos truques? Explicam-se a ele os retoques e as variantes improvisadas nos ensaios, e até que dose o instinto e a sinceridade estão misturados às astúcias e ao charlatanismo indispensável no amálgama da obra? Revelam-se a ele todos os retalhos, as maquiagens, as polias, as correntes, os arrependimentos, as provas rabiscadas, em suma, todos os horrores que compõem o santuário da arte?

De resto, hoje não estou com disposição para isso. Não tenho desejo nem de demonstrar, nem de espantar, nem de agradar, nem de persuadir. Tenho meu temperamento, meus ataques. Aspiro a um repouso absoluto e a uma noite contínua. Cantor das volúpias loucas do vinho e do ópio, só tenho sede de uma bebida desconhecida na terra, e que mesmo a farmacêutica celeste não poderia oferecer-me — de uma bebida que não conteria nem a vida/vitalidade nem a morte, nem a excitação, nem o nada. Nada saber, nada ensinar, nada querer, nada sentir, dormir e ainda dormir, esse é hoje meu único desejo. Desejo infame e desagradável, mas sincero.

No entanto, como um gosto superior nos ensina a não temer contradizer-nos um pouco, reuni, no fim deste livro abominável, os testemunhos de simpatia de alguns dos homens que mais prezo, para que um leitor imparcial possa deles inferir que não sou absolutamente digno de excomunhão e que, tendo sabido fazer-me amar por alguns, meu coração, independentemente do que disse não sei mais qual porcaria impressa, não tem talvez “*a terrível feiura de meu rosto*”.

Enfim, por uma generosidade pouco comum, de que os senhores críticos...

Como a ignorância aumenta...

Eu mesmo denuncio as imitações...

*[première version de la dédicace]
a mon très cher et très vénéré maître
et ami
théophile gautier*

Bien que je te prie de servir de parrain aux Fleurs du mal, ne crois pas que je sois assez perdu, assez indigne du nom de poète pour m'imaginer que ces fleurs maldives méritent ton noble patronage. Je sais que dans les régions éthérées de la véritable Poésie, le Mal n'est pas, non plus que le Bien, et que ce misérable dictionnaire de mélancolie et de crime peut légitimer les réactions de la morale, comme le blasphémateur confirme la Religion. Mais j'ai voulu, autant qu'il était en moi, en espérant mieux peut-être rendre un hommage profond à l'auteur d'Albertus, de La Comédie de la Mort et d'España, au poète impeccable, au magicien ès langue française, dont je me déclare, avec autant d'orgueil que d'humilité, le plus dévoué, le plus respectueux et le plus jaloux des disciples.

CHARLES BAUDELAIRE

[primeira versão da dedicatória]
a meu caríssimo e muito venerado mestre
e amigo
théophile gautier

Embora eu lhe peça que sirva de padrinho às *Flores do mal*, não creia que eu esteja suficientemente perdido, que eu seja suficientemente indigno do nome de poeta, para imaginar que essas flores doentias mereçam teu nobre patrocínio. Sei que nas regiões etéreas da verdadeira Poesia o Mal não existe, assim como o Bem, e que esse lamentável dicionário de melancolia e de crime pode legitimar as reações da moral, como o blasfemador confirma a Religião. Eu quis, porém, tanto quanto me era possível, esperando talvez melhor prestar uma homenagem profunda ao autor de *Albertus*, de *La Comédie de la mort* e de *España*, ao poeta impecável, ao mago da língua francesa, de que me declaro, com tanto orgulho quanto humildade, o mais devotado, o mais respeitoso e o mais invejoso dos discípulos.

CHARLES BAUDELAIRE

bribes

ORGUEIL

Anges habillés d'or, de pourpre et d'hyacinthe.

Le génie et l'amour sont des Devoirs faciles.

*

J'ai pétri de la boue et j'en ai fait de l'or.

*

Il portait dans ses yeux la force de son cœur.

*Dans Paris son désert vivant sans feu ni lieu,
Aussi fort qu'une bête, aussi libre qu'un Dieu.*

LE GOINFRE

En ruminant, je ris des passants faméliques.

Je crèverais comme un obus

Si je n'absorbais comme un chancre.

*Son regard n'était pas nonchalant, ni timide,
Mais exhalait plutôt quelque chose d'avidé,
Et, comme sa narine, exprimait les émois
Des artistes devant les œuvres de leurs doigts.
Ta jeunesse sera plus féconde en orages
Que cette canicule aux yeux pleins de lueurs
Qui sur nos fronts pâlis tord ses bras en sueurs,
Et soufflant dans la nuit ses haleines fiévreuses,
Rend de leurs frêles Corps les filles amoureuses,
Et les fait au miroir, stérile volupté,
Contempler les fruits mûrs de leur virginité.*

*Mais je vois à cet œil tout chargé de Tempêtes
Que ton Cœur n'est pas fait pour les paisibles fêtes,
Et que cette beauté, sombre comme le fer,
Est de celles que forge et que polit l'Enfer
Pour accomplir un jour d'effroyables luxures
Et contrister le Cœur des humbles créatures*

*Affaissant sous son poids un énorme oreiller,
Un beau corps était là, doux à voir sommeiller,
Et son sommeil orné d'un sourire superbe*

*.....
L'ornière de son dos par le désir hanté.*

*L'air était imprégné d'une amoureuse rage;
Les insectes volaient à la lampe et nul vent
Ne faisait tressaillir le rideau ni l'auvent.
C'était une nuit chaude, un vrai bain de jouvence.*

*

*Grand ange qui portez sur votre fier visage
La noirceur de l'Enfer d'où vous êtes monté;
Dompteur féroce et doux qui m'avez mis en cage
Pour servir de spectacle à votre cruauté,*

*Cauchemar de mes Nuits, Sirène sans corsage,
Qui me tirez, toujours debout à mon côté,
Par ma robe de saint ou ma barbe de sage
Pour m'offrir le poison d'un amour effronté;*

.....

DAMNATION

*Le banc inextricable et dur,
La passe au col étroit, le maëlstrom vorace,
Agitent moins de sable et de varech impur*

*Que nos cœurs où pourtant tant de ciel se reflète;
Ils sont une jetée à l'air noble et massif,
Où le phare reluit, bienfaisante vedette,
Mais que mine en dessous le taret corrosif;*

*On peut les comparer encore à cette auberge,
Espoir des affamés, où cognent sur le tard,
Blessés, brisés, jurant, priant qu'on les héberge,
L'écolier, le prélat, la gouge et le soudard.*

*Ils ne reviendront pas dans les chambres infectes;
Guerre, science, amour, rien ne veut plus de nous.*

*L'âtre était froid, les lits et le vin pleins d'insectes;
Ces visiteurs, il faut les servir à genoux!*

SPLEEN

restos

ORGULHO

Anjos vestidos de ouro, púrpura e jacinto.

O gênio e o amor são dois Deveres fáceis.

*

Eu amassei o barro e com ele fiz ouro.

*

Trazia no olho a força de seu coração.

Em Paris, ermo vivo sem fogo ou lugar,

Forte tal animal, tal Deus livre sem par.

O GLUTÃO

Ruminando, eu rio dos passantes famélicos.

Eu explodiria como um obus

Se não absorvesse como um câncer.

O olhar não era tímido nem confortável,
Mas exalava alguma coisa de insaciável,
E, como sua narina, exprimia a emoção
Dos artistas diante de obras de sua mão.
Tua juventude mais fecunda em tempestades
Será que esse calor com olhos alumiados
Que em nossas fronteiras claras torce os braços suados,
E soprando na noite virações furiosas,
Faz as jovens dos débeis Corpos amorosas,
E as faz no espelho, estéril sensualidade,
Ver os frutos maduros de sua virgindade.

Mas vejo nesse olhar que a Tempestade infesta
Que teu Coração não é feito para festa
Calma, e que tua beleza, tal ferro, sombria,
É daquelas que o Inferno forja e avia
Para fazer um dia terríveis loucuras
E contristar a Alma de pobres criaturas

Com seu peso a almofada enorme a comprimir,
Um belo corpo era bom de ver dormir,
E seu sono enfeitado por sorriso esplêndido

.....
O sulco de seu dorso é o que o desejo segue.

O ar estava impregnado de amorosa fúria;
Os insetos na luz voavam, e ventania
Alguma a cortina ou o toldo estremecia.
Banho de juventude, é o que era a noite quente.

*

Grande anjo que no rosto orgulhoso trazeis,
Do Inferno de onde viestes, a obscuridade;
Domador suave e rígido que me meteis
Na jaula em espetáculo para a crueldade,

Nua Sereia, em minhas Noites pesadelo,
Que puxais, sempre estando de pé ao redor,
Minha barba de sábio ou de santo meu belo
Traje, para ofertar-me envenenado amor;

.....

DANAÇÃO

O banco emaranhado e duro,
A passagem no estreito, o maëlstrom voraz,
Mexem menos areia e sargaço impuro

Que os corações, nos quais vem refletir-se o céu;
São um pontão com seu ar nobre e massivo,
Onde o farol reluz, um sentinela fiel,
Mas que é minado por gusano corrosivo;

Podemos compará-los mesmo a esse albergue,
Esperança de quem tem fome, e amontoados,
Feridos, a xingar, pedem que os albergue,
Estudantes, prelados, putas e soldados.

Eles não voltarão para os quartos infectos;
Guerra, ciência, amor, nada de nós quer saber.

Lareira fria, na cama e vinho havia insetos;
Servir de joelhos tais visitas é dever!

spleen

*[projets d'un épilogue pour
l'édition de 1861]*

*[/]
épilogue*

*Le cœur content, je suis monté sur la montagne
D'où l'on peut contempler la ville et son ampleur,
Hôpital, lupanar, purgatoire, enfer, bagne,*

*Où toute énormité fleurit comme une fleur.
Tu sais bien, ô Satan, patron de ma détresse,
Que je n'allais pas là pour répandre un vain pleur;*

*Mais, comme un vieux paillard d'une vieille maîtresse,
Je voulais m'enivrer de l'énorme catin,
Dont le charme infernal me rajeunit sans cesse.*

*Que tu dormes encor dans les draps du matin,
Lourde, obscure, enrhumée, ou que tu te pavanés
Dans les voiles du soir passementés d'or fin,*

*Je t'aime, ô capitale infâme! Courtisanes
Et bandits, tels souvent vous offrez des plaisirs
Que ne comprennent pas les vulgaires profanes.*

[i]

Tranquille comme un sage et doux comme un maudit, J'ai dit:

Je t'aime, ô ma très belle, ô ma charmante...

Que de fois...

Tes débauches sans soif et tes amours sans âme, Ton goût de l'infini,

Qui partout, dans le mal lui-même, se proclame...

Tes bombes, tes poignards, tes victoires, tes fêtes,

Tes faubourgs mélancoliques,

Tes hôtels garnis,

Tes jardins pleins de soupirs et d'intrigues,

Tes temples vomissant la prière en musique,

Tes désespoirs d'enfant, tes jeux de vieille folle, Tes découragements,

Et tes feux d'artifice, éruptions de joie,

Qui font rire le Ciel, muet et ténébreux.

Ton vice vénérable étalé dans la soie,

Et ta vertu risible, au regard malheureux,

Douce, s'extasiant au luxe qu'il déploie.

Tes principes sauvés et tes lois conspuées,

Tes monuments hautains où s'accrochent les brumes,

Tes dômes de métal qu'enflamme le soleil,

Tes reines de Théâtre aux voix enchanteresses,

Tes tocsins, tes canons, orchestre assourdissant,

Tes magiques pavés dressés en forteresses,

Tes petits orateurs, aux enflures baroques

Prêchant l'amour, et puis tes égouts pleins de sang,

*S'engouffrant dans l'Enfer comme des Orénoques,
Tes sages, tes bouffons neufs aux vieilles défroques.
Anges revêtus d'or, de pourpre et d'hyacinthe,
Ô vous! soyez témoins que j'ai fait mon devoir
Comme un parfait chimiste et comme une âme sainte.
Car j'ai de chaque chose extrait la quintessence,
Tu m'as donné ta boue et j'en ai fait de l'or.*

[projetos de epílogo para a edição de 1861]

[I] EPÍLOGO

Subi o monte com graça no meu coração;
De lá se vê a cidade em seu derredor,
Inferno, hospital, prostíbulo, prisão,

Onde a enormidade floresce tal flor,
Padroeiro de minha dor, Satã, sabes bastante
Bem que eu não ia ali um choro vão expor;

Mas, tal velho devasso com uma velha amante,
Eu queria embriagar-me com aquela putaça,
Cujo encanto infernal remoça-me incessante.

Se em lençóis da manhã ainda dormes lassa,
Obscura, gripada, ou danças e te engalanas
Nos véus da noite em que o ouro fino se entrelaça,

Ó capital infame, eu te amo! Mundanas
E bandidos, os tais prazeres que prestais
Incompreendidos são pelas gentes profanas.

Tranquilo como um sábio e suave tal maldito,

Eu havia dito:

Eu te amo, ó minha bela, ó minha encantadora...

Quantas vezes...

Boêmia sem sede e amores sem alma nem chama,

Teu gosto pelo infinito,

Que em toda parte, no próprio mal, se proclama...

Tuas bombas, teus punhais, tuas vitórias, tuas festas,

Tuas melancólicas imediações,

Teus quartos mobiliados,

Teus jardins de suspiros e de intrigas cheios,

Teus templos vomitando em música orações,

Tuas crises infantis, jogos de velha doida,

Teus desânimos,

Teus fogos de artifício, erupções de alegria,

Que fazem rir o Céu, mudo e tenebroso.

Teu vício venerável que a seda anuncia,

E tua virtude hílare, de olhar queixoso,

Suave, que com o luxo exposto se extasia.

Teus princípios intactos e leis conspurcadas,

Teus nobres monumentos a que se atêm brumas,

Tuas cúpulas metálicas que o sol inflama,

Tuas rainhas de Teatro e vozes feiticeiras,

Teus sinos, teus canhões, orquestra que ensurdece,

Teus fortes feitos de tuas mágicas pedreiras,

Teus pobres oradores, de arroubos barrocos

Pregando o amor, e esgotos onde sangue desce,
Se enfiando pelo Inferno tal como Orenocos,
Teus sábios, bufões novos com despojos ocos.
Anjos cobertos de ouro, púrpura e jacinto,
Ó vós! testemunhai que fiz o meu dever
Como alma santa e químico exato e sucinto.
Pois extraí de cada coisa a quintessência,
Tu me deste teu barro, de que eu fiz ouro.

[les procès des fleurs du mal]

[introduction et note des articles justificatifs]

Les quatre articles suivants, qui représentent la pensée de quatre esprits délicats et sévères, n'ont pas été composés en vue de servir de plaidoirie. Personne, non plus que moi, ne pouvait supposer qu'un livre empreint d'une spiritualité aussi ardente, aussi éclatante que les Fleurs du mal, dût être l'objet d'une poursuite, ou plutôt l'occasion d'un malentendu.

Deux de ces morceaux ont été imprimés; les deux derniers n'ont pas pu paraître.

Je laisse maintenant parler pour moi MM. Édouard Thierry, Frédéric Dulamon, J. B. d'Aurevilly et Charles Asselineau.

C. B.

C'est ce que j'ai fait dans mon livre d'une manière lumineuse; plusieurs morceaux non incriminés réfutent les poèmes incriminés. Un livre de poésie doit être apprécié dans son ensemble et par sa conclusion.

[notes pour mon avocat]

Le Livre doit être jugé dans son ensemble, et alors il en ressort une terrible moralité.

Donc, je n'ai pas à me louer de cette singulière indulgence qui n'incrimine que 13 morceaux sur 100. Cette indulgence m'est très funeste. C'est en pensant à ce parfait ensemble de mon livre, que je disais à M. le juge d'instruction:

mon unique tort a été de compter sur l'intelligence universelle, et ne pas faire une préface où j'aurais posé mes principes littéraires et dégagé la question si importante de la Morale.

(Voir, à propos de la Morale dans les œuvres d'Art, les remarquables lettres de M. Honoré de Balzac à M. Hippolyte Castille, dans le journal La Semaine.)

Le volume est, relativement à l'abaissement général des prix en librairie, d'un prix élevé. C'est déjà une garantie importante. Je ne m'adresse donc pas à la foule.

Il y a prescription pour deux des morceaux incriminés: Lesbos et Le Reniement de saint Pierre, parus depuis longtemps et non poursuivis.

Mais je prétends, au cas même où on me contraindrait à me reconnaître quelques torts, qu'il y a une sorte de prescription générale. Je pourrais faire une bibliothèque de livres modernes non poursuivis, et qui ne respirent pas, comme le mien, L'HORREUR DU MAL. Depuis près de trente ans, la littérature est d'une liberté qu'on veut brusquement punir en moi. Est-ce juste?

Il y a plusieurs morales. Il y a la morale positive et pratique à laquelle tout le monde doit obéir.

Mais il y a la morale des arts. Celle-ci est tout autre, et, depuis le commencement du monde, les Arts l'ont bien prouvé.

Il y a aussi plusieurs sortes de Liberté. Il y a la Liberté pour le Génie, et il y a une liberté très restreinte pour les polissons.

M. Charles Baudelaire n'aurait-il pas le droit d'arguer des licences permises à Béranger (Œuvres complètes autorisées)? Tel sujet reproché à Ch. Baudelaire a été traité par Béranger. Lequel préférez-vous? le poète triste ou le poète gai et effronté, l'horreur dans le mal ou la folâtrerie, le remords ou l'impudence?

(Il ne serait peut-être pas sain d'user contre mesure de cet argument.)

Je répète qu'un Livre doit être jugé dans son ensemble.

À un blasphème, j'opposerai des élancements vers le Ciel, à une obscénité, des fleurs platoniques.

Depuis le commencement de la poésie, tous les volumes de poésie sont ainsi faits. Mais il était impossible de faire autrement un livre destiné à représenter l'agitation de l'esprit dans le mal.

M. le ministre de l'Intérieur, furieux d'avoir lu un éloge fastueux de mon livre dans Le Moniteur, a pris ses précautions pour que cette mésaventure ne se reproduisît pas.

M. d'Aurevilly (un écrivain absolument catholique, autoritaire et non suspect) portait au Pays, auquel il est attaché, un article sur Les Fleurs du Mal; et il lui a été dit qu'une consigne récente défendait de parler de M. Ch. Baudelaire dans Le Pays.

Or, il y a quelques jours, j'exprimais à M. le juge d'instruction la crainte que le bruit de la saisie ne glaçât la bonne volonté des personnes qui trouveraient quelque chose de louable dans mon livre. Et M. le juge (Charles Camusat Busserolles) me répondit: Monsieur, tout le monde a parfaitement LE DROIT de vous défendre dans TOUS les journaux, sans exception.

MM. les directeurs de la Revue française n'ont pas osé publier l'article de M. Charles Asselineau, le plus sage et le plus modéré des écrivains. Ces messieurs se sont renseignés au Ministère de l'intérieur (!), et il leur a été répondu qu'il y aurait pour eux danger à publier cet article.

Ainsi, abus de pouvoir et entraves apportées à la défense!

Le nouveau règne napoléonien, après les illustrations de la guerre doit rechercher les illustrations des lettres et des arts.

Qu'est-ce que c'est que cette morale prude, bégueule, taquine, et qui ne tend à rien moins [sic] qu'à créer des conspirateurs même dans l'ordre si tranquille des rêveurs?

Cette morale-là irait jusqu'à dire: DÉSORMAIS ON NE FERA QUE DES LIVRES CONSOLANTS ET SERVANT À DÉMONTRER QUE L'HOMME EST NÉ BON, ET QUE TOUS LES HOMMES SONT HEUREUX, — abominable hypocrisie!

(Voir le résumé de mon interrogatoire, et la liste des morceaux incriminés.)

[o processo das *flores do mal*]

[introdução e nota dos *artigos justificativos*]

Os quatro artigos a seguir, que representam o pensamento de quatro espíritos delicados e severos, não foram elaborados com intuito de servir de arrazoador. Ninguém, assim como eu, podia supor que um livro marcado por uma espiritualidade tão ardente, tão explosiva quanto as *Flores do mal*, viesse a ser objeto de um processo, ou antes, ocasião de um mal-entendido.

Dois destes textos foram impressos; os dois últimos *não puderam* ser publicados.

Deixo agora que falem por mim os srs. Édouard Thierry, Frédéric Dulamon, J. B. d'Aurevilly e Charles Asselineau.

c. b.

Foi o que fiz em meu livro de maneira luminosa; vários textos não incriminados refutam os poemas incriminados. Um livro de poesia deve ser apreciado em seu conjunto e *por sua conclusão*.

[notas para meu advogado]

O Livro deve ser julgado *em seu conjunto*, e então dele ressalta uma terrível moralidade.

Portanto, não tenho que me louvar dessa singular indulgência que só incrimina 13 textos de 100. Essa indulgência é para mim muito funesta. Foi pensando nesse *perfeito conjunto* de meu livro que eu dizia ao senhor juiz de instrução:

meu único erro foi contar com a inteligência universal, e não fazer um prefácio em que eu teria exposto meus princípios literários e ressaltado a questão tão importante da Moral.

(Ver, a propósito da Moral nas obras de Arte, as notáveis cartas do sr. Honoré de Balzac ao sr. Hippolyte Castille, no jornal *La Semaine*.)

O volume tem, no tocante à redução geral dos preços nas livrarias, um preço alto. Isso já é uma garantia significativa. Não me dirijo, portanto, às multidões.

Há prescrição para dois dos textos incriminados: “Lesbos” e “A negação de são Pedro”, publicados há muito e não incriminados.

Pretendo, porém, caso me obrigassem a reconhecer alguns erros, que há um tipo de prescrição geral. Eu poderia organizar uma biblioteca de livros modernos não incriminados, e *que não respiram, como o meu*, O HORROR AO mal. Há cerca de trinta anos, a literatura é de uma liberdade que querem bruscamente punir em mim. Isso é justo?

Há várias morais. Há a moral positiva e prática a que todo mundo deve obedecer.

Mas há a moral das artes. Esta é completamente diferente, e desde o começo do mundo as Artes o provaram.

Há também vários outros tipos de *Liberdade*. Há a Liberdade para o Gênio, e há uma liberdade muito restrita para os malandros.

O sr. Charles Baudelaire não teria o direito de argumentar com licenças permitidas a Béranger (*Œuvres complètes autorisées*)? Tal tema censurado em Ch. Baudelaire foi tratado por Béranger. Qual os senhores preferem? O poeta triste ou o poeta alegre e atrevido, o horror no mal ou a brincadeira, o remorso ou a desfaçatez?

(Talvez não fosse bom usar esse argumento além da medida.)

Repito que um Livro deve ser julgado em seu conjunto.

A uma blasfêmia, oporei ímpetos para o Céu, a uma obscenidade, flores platônicas.

Desde o começo da poesia, todos os volumes de poesia são feitos assim. Era impossível, porém, fazer de outro modo um livro destinado a representar A AGITAÇÃO DO ESPÍRITO NO MAL.

O senhor ministro do Interior, furioso por ter lido um grande elogio de meu livro em *Le Moniteur*, tomou suas precauções para que essa

desventura não se reproduzisse.

O sr. D'Aurevilly (*escritor plenamente católico, autoritário e não suspeito*) levou ao *Pays*, ao qual está ligado, um artigo sobre *As flores do mal*; e foi-lhe dito que uma instrução recente proibía de se falar do sr. Charles Baudelaire em *Le Pays*.

Ora, há alguns dias, eu exprimia ao senhor juiz de instrução o temor de que o rumor da apreensão congelasse a boa vontade das pessoas que viessem a encontrar alguma coisa de louvável em meu livro. E o senhor Juiz (Charles Camusat Busserolles) respondeu-me: *Senhor, todo mundo tem perfeitamente O DIREITO de o defender em TODOS os jornais, sem exceção.*

Os senhores diretores da *Revue Française* não ousaram publicar o artigo do sr. Charles Asselineau, o mais sensato e o mais moderado dos escritores. Esses senhores se informaram junto ao *Ministério do Interior* (!), e responderam-lhes que haveria para eles perigo em publicar esse artigo.

Assim, abuso de poder e entraves impostos à defesa!

O novo reinado napoleônico, depois dos exemplos da guerra, deve buscar os exemplos das letras e das artes.

Que é essa moral puritana, pudibunda, implicante, e que tende a nada menos [*sic*] que criar conspiradores mesmo na ordem tão tranquila dos sonhadores?

Essa moral iria ao ponto de dizer: DORAVANTE SÓ SERÃO FEITOS LIVROS CONSOLADORES E QUE SIRVAM PARA DEMONSTRAR QUE O HOMEM NASCEU BOM E QUE TODOS OS HOMENS SÃO FELIZES — abominável hipocrisia!

(Ver o resumo de meu interrogatório e a lista dos textos incriminados.)

Notas

OS FARÓIS

Te Deum: em latim “A ti, Senhor” — é o início de um hino da liturgia católica.

O MAU MONGE

“Monge”: alusão a um dos afrescos do Campo Santo de Pisa, *O triunfo da Morte*, então atribuído a Andrea Orcagna, e hoje, a Francesco Traini. No manuscrito, o verso 12 dizia: “*Impuissant Orcagna...*” (Impotente Orcagna).

CIGANOS EM VIAGEM

Este poema foi inspirado por uma água-forte de mesmo título de Jacques Callot, acompanhada do seguinte dístico: “*Ces pauvres gueux pleins de bonadventures/ Ne portent rien que des Choses futures*” (Esses mendigos cheios de boas venturas/ Não levam nada além de umas Coisas futuras).

DON JUAN NOS INFERNOS

Os nomes mencionados no poema fazem parte da história de Don Juan, tema de peça de Molière e de ópera de Mozart.

CASTIGO DO ORGULHO

“Doutor”: Trata-se de Simon de Tournai, teólogo do século XIII.

O IDEAL

A “noite de Miguel Ângelo” refere-se a uma escultura do artista (que Baudelaire conhecia por reprodução) em que a noite é representada como uma mulher (capela dos Médicis, em Florença). A Noite era a mãe dos Titãs. O crítico Jacques Dupont vê na menção a *Lady Macbeth* também uma provável alusão a um quadro de Delacroix.

A MÁSCARA

Poema inspirado por uma escultura de Ernest Christophe, *La comédie humaine*.

SED NON SATIATA

A expressão em latim “*sed non satiata*” — “mas não saciada” — é uma citação inexata do poeta romano Juvenal: “*Et lassata viris, necdum satiata recessit*” (E, esgotada pelos homens, mas ainda não saciada, ela se vai).

“Vinhos”: No original, lê-se “*au constance*”, sendo “Constance” um vinho de sobremesa de qualidade produzido na África do Sul e exportado para a Europa.

DE PROFUNDIS CLAMAVI

A expressão em latim “*De profundis clamavi*” — “das profundezas, clamei” — inicia o salmo 130.

“UMA NOITE EU ESTAVA COM UMA ATROZ JUDIA”

A judia, segundo a tradição, era uma prostituta, Sarah, conhecida como Louchette, primeira amante de Baudelaire. Comentaristas ressaltam que não há por que ver aí traços de antissemitismo; em poema da juventude, Baudelaire fala da mesma Sarah, descrevendo aspectos físicos negativos.

DUELLUM

Duellum é, em latim, a forma antiga de *bellum*, ou guerra; no poema, significa simplesmente “duelo”.

O RETRATO

“A três lápis”: Trata-se de uma técnica de desenho em que se empregam sanguínea, branco e preto.

SEMPER EADEM

A expressão em latim “*Semper eadem*” significa “sempre a mesma”.

CONVITE À VIAGEM

O título talvez tenha sido inspirado pela peça musical *Convite à valsa* de Weber.

SISINA

“Sisina” é o nome que Baudelaire dá a uma amiga italiana de Mme. Sabatier (amante de Baudelaire e inspiradora de alguns de seus poemas), Elisa Nieri (ou Neri, ou Guerri), que talvez fosse ligada a revolucionários italianos.

“Théroigne”: Trata-se de Théroigne de Méricourt, que atuou na Revolução Francesa.

LOUVAÇÕES PARA MINHA FRANCISCA

Poema escrito em latim. Nas edições de 1857 e 1866, havia o seguinte subtítulo: “Versos compostos para uma modista erudita e dedicada”.

A edição de 1857 trazia esta nota: “Não parece ao leitor, como a mim, que a língua da última decadência latina — supremo suspiro de uma pessoa robusta, já transformada e preparada para a vida espiritual — é singularmente própria para exprimir a paixão tal como o mundo poético moderno a compreendeu e sentiu? O misticismo é o outro polo desse ímã, cujo polo sensualidade foi o único conhecido por Catulo e seu grupo, poetas brutais e

puramente epidérmicos. Nessa maravilhosa língua, o solecismo e o barbarismo parecem-me transmitir as negligências forçadas de uma paixão que esquece e menospreza as regras. As palavras, tomadas numa acepção nova, revelam o desajeitamento encantador do bárbaro do norte ajoelhado diante da beleza romana. O próprio jogo de palavras, quando atravessa esses gaguejos pedantescos, não representa a graça selvagem e barroca da infância?”.

Há desse poema pelo menos uma tradução em francês de autoria de J. Mouquet (em sua edição de *Vers latins de Charles Baudelaire*, Mercure de France, 1933):

LOUANGES DE MA FRANÇOISE

*Je te chanterai sur des cordes nouvelles,
Ô ma bichette qui te joues
Dans la solitude de mon cœur.*

*Sois parée de guirlandes,
Ô femme délicieuse
Par qui les péchés sont remis!*

*Comme d'un bienfaisant Léthé,
Je puiserai des baisers de toi
Qui es imprégnée d'aimant.*

*Quand la tempête des vices
Troublait toutes les routes,
Tu m'es apparue, Dêité,*

*Come une étoile salulaire
Dans les naufrages amers...
— Je suspendrai mon cœur à tes autels!*

*Piscine pleine de vertu,
Fontaine d'éternelle jouvence,
Rends la voix à mes lèvres muettes!*

*Ce qui était vil, tu l'as brûlé;
Rude, tu l'as aplani;
Débile, tu l'as affermi.*

*Dans la faim mon auberge,
Dans la nuit ma lampe,
Guide-moi toujours comme il faut.*

*Ajoute maintenant des forces à mes forces,
Doux bain parfumé
De suaves odeurs!*

*Brille autor de mes reins,
Ô ceinture de chasteté,
Trempee d'eau séraphique;*

*Coupe étincelante de pierreries,
Pain relève de sel, mets délicat,
Vin divin, Françoise.*

Essa tradução para o francês e a tradução para o inglês de McGowan foram essenciais para a tradução em português aqui apresentada.

MOESTA ET ERRABUNDA

Em latim, “triste e erradia”.

UMA GRAVURA FANTÁSTICA

Este poema relaciona-se com as imagens de uma gravura desenhada por John Mortimer e gravada por Joseph Haynes em 1784, intitulada *Death on a pale horse* (Morte sobre um cavalo pálido), e que ilustra uma passagem do Apocalipse (6, 8).

SPLEEN (“Pluvioso, contra toda a cidade irritado”)

A palavra inglesa *spleen*, derivada do termo grego que designa o baço (antigamente, considerado sede da melancolia), apareceu em francês na segunda metade do século XVIII. O dicionário de Littré definia-a nestes termos: “forma de hipocondria que consiste num tédio sem causa, num desgosto da vida”.

SPLEEN (“Tanta lembrança eu não teria com mil anos.”)

“Pastéis”: Trata-se da técnica de pintura.

“Boucher”: Trata-se de referência a obras do pintor François Boucher.

SPLEEN (“Sou tal como o rei de um país muito chuvoso.”) Era crença romana que banhar-se em sangue podia restaurar o vigor e a força do corpo.

HORROR SIMPÁTICO

O adjetivo “simpático” aqui deve ser compreendido como “o que pertence à teoria das simpatias”, sendo “simpatia” a correspondência que se julgava haver entre as qualidades de certos corpos.

O HEAUTONTIMOROUENOS

Esta palavra significa, em grego, “o que se pune, o que se vinga de si mesmo”. É também o título de uma peça do dramaturgo romano Terêncio.

Não há identificação do nome indicado pelas iniciais da dedicatória.

O RELÓGIO

Remember e *Esto memor* são equivalentes inglês e latino de “lembra-te”.

A UMA MENDIGA RUIVA

“Reduto”: Em francês, lê-se “*réduit*”, arcaísmo para referir o sexo da mulher. Véfour é o nome de um renomado restaurante em Paris, situado no Palais Royal.

AS VELHINHAS

Frascati era um luxuoso café, restaurante e casa de jogos em Paris. Tivoli era um parque de diversões existente em Paris entre o século XVIII e o XIX.

O ESQUELETO LAVRADOR

A crítica em geral vê aqui uma alusão a gravuras feitas a partir de desenhos de Ticiano para ilustrar o tratado do médico holandês Vesalius, *De corporis humani fabrica libri septem* (Da estrutura do corpo humano em sete livros), publicado em Basileia em 1543.

O JOGO

Considera-se que este poema foi inspirado por uma estampa referida por Baudelaire em “Quelques caricaturistes modernes” (Alguns caricaturistas modernos).

DANÇA MACABRA

O poema foi inspirado por uma estatueta de Ernest Christophe, descrita por Baudelaire em seu “Salon de 1859” (Salão de 1859).

UMA MÁRTIR

Jacques Dupont considera que talvez a fonte visual do poema seja imaginária; caso contrário, permanece misteriosa, embora seja possível ter havido influência de um quadro de Delacroix, *A morte de Sardanápalo*. John E. Jackson sugere que o mestre seria o próprio Baudelaire, no sentido então da fonte visual imaginária.

A FONTE DE SANGUE

“Essas mulheres” talvez seja referência às duas “irmãs” do poema anterior.

UMA VIAGEM A CITERA

O título remete inicialmente ao de um quadro de Watteau, mas também ao de um capítulo de *Sylvie*, de Gérard de Nerval, sendo este, segundo John E. Jackson, que está na origem do poema.

O AMOR E O CRÂNIO

“Antiga vinheta”: Trata-se de uma gravura de Hendrik Goltzius.

“Revolta”

Na primeira edição de *As flores do mal*, havia a seguinte nota do autor para esta seção: “Entre os trechos a seguir, o mais evidenciado já apareceu em uma das principais coletâneas literárias de Paris, onde só foi considerado, pelo menos pelas pessoas inteligentes, por aquilo que é na verdade: o pastiche de raciocínios da ignorância e da fúria. Fiel a seu doloroso programa, o autor das *Flores do mal* deve ter tido, como perfeito ator, de amoldar seu espírito a todos os sofismas como a todas as corrupções. Essa declaração espontânea sem dúvida não impedirá os críticos sinceros de o incluir entre os teólogos do populacho e de o acusar de ter lamentado que nosso Salvador Jesus Cristo, que a Vítima eterna e voluntária, não tivesse tido o papel de um conquistador, de um Átila igualitário e devastador. Mais de um dirigirá sem dúvida ao céu as ações de graças habituais do Fariseu: ‘Obrigado, meu Deus, que não permitistes que eu fosse semelhante a esse poeta infame!’”.

A MORTE DOS ARTISTAS

“Guizos”: A palavra aqui sugere o uso de guizos pelos saltimbancos.

O SONHO DE UM CURIOSO

“F. N.”: Félix Nadar.

EPÍGRAFE PARA UM LIVRO CONDENADO

Este poema, segundo informa James McGowan, foi projetado como epígrafe para a segunda edição do livro, depois da condenação de poemas da primeira edição, não tendo sido porém usado.

A PRECE DE UM PAGÃO

A expressão em latim “*Supplicem exaudi*” significa “ouve a minha súplica”.

AS LAMENTAÇÕES DE UM ÍCARO

Segundo Jacques Dupont, Baudelaire aqui teria se lembrado de gravuras de Goltzius — uma representa a queda de Ícaro, outra, Íxion (que, ao querer conquistar Juno, abraçou na verdade uma nuvem, tendo os braços quebrados), e a terceira, Faetonte (que, ao se dirigir para o sol, foi consumido).

O PÔR DO SOL ROMÂNTICO

N. E. (1866): “A expressão *Genus irritabile vatum* [raça irritadiça dos poetas] data de muitos séculos antes das querelas dos Clássicos, dos Românticos, dos Realistas, dos Eufuístas etc. É evidente que por ‘irresistível Noite’ Charles Baudelaire quis caracterizar o estado

atual da literatura, e que os ‘sapos imprevistos’ e os ‘caracóis frios’ são os escritores que não fazem parte de sua escola.

“Este soneto foi escrito em 1862, para servir de epílogo a um livro de Charles Asselineau que não foi publicado: *Mélanges tirés d’une petite bibliothèque romantique* (Miscelânea tirada de uma pequena biblioteca romântica); este devia ter tido como prólogo um soneto de Théodore de Banville: ‘Le lever du soleil romantique’ (O nascer do sol romântico).”

LESBOS

N. E. (1866): “Esta peça e as cinco seguintes foram condenadas em 1857 pelo tribunal correcional e não podem ser reproduzidas na coletânea das *Flores do mal*”.

À QUE É POR DEMAIS ALEGRE

N. E. (1866): “Os juízes pensaram descobrir um sentido ao mesmo tempo sanguinário e obsceno nas duas últimas estrofes. A gravidade da Coletânea excluía esse tipo de *brincadeiras*. Mas ‘veneno’, significando *spleen* ou melancolia, era uma ideia muito simples para criminalistas.

“Que sua interpretação sifilítica lhes fique na consciência.”

O MONSTRO

O subtítulo do poema em francês emprega a palavra “paranymphe”, que, além dos sentidos mais correntes similares aos de “paraninfo” em português, tem o sentido em desuso de discurso de elogio, tendo sido termo empregado em antigas faculdades de medicina e teologia; há consenso entre vários críticos de que Baudelaire utilizou a palavra com esse sentido em desuso.

“Àquelas do rei Salomão”, N. E. (1866): “Eis um trocadilho malicioso: Nós não *cabalaremos* contra”. *Clavículas de Salomão* é o título de um livro atribuído a Salomão.

“Dança o cançã com exaltações”, N. E. (1866): “Sem dúvida uma alusão a alguma particularidade das *dissipações* dessa mulher. Prévost-Paradol lhe teria observado que ela dançava o cançã sobre um vulcão”.

“Beijar o cu de Satanás”: Trata-se de parte do ritual da Missa Negra, referido também no poema “O imprevisto”. Sobre *cas*, a palavra empregada no poema por Baudelaire, este, em carta a Poulet-Malassis, de 23 de janeiro de 1866, escreveu: “A palavra *cas* pode aplicar-se tanto à *bunda* quanto ao pau, ou é o antípoda” (esta construção um tanto estranha deve-se provavelmente à escrita talvez rápida de uma carta). A palavra, proveniente do italiano *cazzo*, passou ao francês no século XVII.

N. E. (1866): “Na *Missa negra*. Como esses poetas são supersticiosos!”.

“Epígrafes”

“Epígrafe” tem aqui o sentido de versos que acompanham obras de arte, como por exemplo legendas em gravuras antigas.

VERSOS PARA O RETRATO DO SR. HONORÉ DAUMIER

N. E. (1866): “Estas estrofes foram feitas para um retrato do sr. Daumier, gravado a partir do notável medalhão do sr. Pascal e reproduzido no segundo volume da *Histoire de la caricature* (História da caricatura), do sr. Champfleury, onde esse escritor fez justiça ao caricaturista com a razão apaixonada que lhe é habitual”.

LOLA DE VALÊNCIA

Lola de Valência foi uma dançarina espanhola que estreou em Paris em 1862, quando foi pintada por Manet. O poema relaciona-se com a pintura.

N. E. (1866): “Estes versos foram elaborados para servir de inscrição para um maravilhoso retrato da srta. Lola, bailarina espanhola, de Édouard Manet, que, como todos os quadros do mesmo pintor, fez escândalo. A musa de Charles Baudelaire é tão geralmente suspeita que ele teve críticos de botequim para desencavar um sentido obsceno na *joia rosa e negra*. Acreditamos, de nossa parte, que o poeta quis simplesmente dizer que uma beleza, de aspecto ao mesmo tempo tenebroso e brincalhão, levava a sonhar na associação do *rosa e do negro*”.

O IMPREVISTO

N. E. (1866): “Aqui o autor das *Flores do mal* se volta para a Vida Eterna. Isso devia acabar desse jeito.

“Observemos que, como todos os novos convertidos, ele se mostra muito rigoroso e muito fanático.”

“Traseiro imundo”, N. E. (1866): “Ver, a propósito da *missa* e do *traseiro*, *La sorcière*, de Michelet, *La monographie du Diable*, de Charles Louandre, *Le rituel de la haute magie*, de Eliphas Lévi, e, em geral, todos os autores que tratam da feitiçaria, da demonologia e do rito diabólico”.

SOBRE A ESTREIA DE AMINA BOSCHETTI

Amina Boschetti foi uma dançarina a que Baudelaire assistiu em Bruxelas, onde ela atuou entre 1864 e 1865. A “estreia” refere-se a sua apresentação em Bruxelas, quando já era dançarina renomada.

“Velche” (ou “welche”) tem várias significações: celta; populações francófonas em contato com germanófonas; gaulês; grosseiro. No caso, parece ter sido empregado com referência aos belgas.

A PROPÓSITO DE UM IMPORTUNO

Nord: Trata-se de uma companhia ferroviária.

Niboyet, N. E. (1866): “Não sabemos o que vem fazer aqui o sr. Niboyet, mas como Baudelaire não é um escravo da rima, devemos supor que o *importuno* se gabou de ter lido

as obras de Niboyet, como se tivesse muita disposição”.

UM BOTEÇO ENGRAÇADO

Monselet, N. E. (1866): “A malícia é costurada com fio branco; todo mundo sabe que o sr. Monselet faz profissão de gostar muito do rosa e do alegre. Certo dia, Monselet reprovou Baudelaire por ter escrito esse verso abominável, a propósito de um enforcado cujo ventre foi aberto pelos pássaros: ‘Seu intestino pelas pernas lhe corria’.

“‘Mas’, diz o poeta impaciente, ‘eu não podia fazer de outro modo. O tema queria isto. O que o senhor teria preferido a essa imagem?’ ‘Uma rosa!’, respondeu Monselet.

“Todavia não seria necessário acreditar que a indispensável melancolia não irrompe de tempos em tempos sob esse verniz anacreôntico. Vimos recentemente uma pequena composição dele em que, reprovando-se por ter rejeitado uma mulher muito pobre, o poeta põe-se à sua procura e deita muito triste por não a ter encontrado. Essa peça é de um homem verdadeiramente sensível, mesmo em jejum.

“Lamentamos que o sr. Monselet não ceda com mais frequência a seu temperamento lírico, que uma alegria, um pouco artificial, com muita frequência contrariou.”

“Projetos de prefácios”

Não é possível definir, segundo Jaques Dupont, para quais edições se destinavam esses projetos, que ficaram inacabados, a não ser no caso do quarto, destinado à terceira edição.

RESTOS

Estes fragmentos, provavelmente de épocas diferentes, foram passados a limpo por Baudelaire, talvez com a intenção de os vir a utilizar — chegou a fazê-lo no caso de alguns, ainda que os tenha modificado.

Apêndices

As flores do mal*

J. BARBEY D'AUREVILLY

I

Se nas *Flores do mal* do sr. Charles Baudelaire só houvesse talento, haveria certamente o suficiente para deter a atenção da Crítica e cativar os conhecedores; mas nesse livro difícil de caracterizar logo de início, e em relação ao qual nosso dever é impedir qualquer confusão e engano, há outra coisa além do talento para mexer com os espíritos e fazê-los apaixonar-se... O sr. Charles Baudelaire, tradutor das obras completas de Edgar Poe, que já deu a conhecer à França o estranho contista e que em breve vai fazê-la conhecer o vigoroso poeta que o contista também é, o sr. Baudelaire, que, pelo gênio, parece o irmão mais novo de seu caro Edgar Poe, já havia espalhado, aqui e ali, algumas das poesias que ele reuniu e publica. É conhecida a impressão que elas produziram então. Na primeira aparição, no primeiro perfume dessas *Flores do mal*, como ele as chama, dessas flores (é preciso dizê-lo, já que elas são as *Flores do mal*) horríveis pelo violento brilho e pelo cheiro, gritou-se por toda parte que asfixiavam e que o buquê estava envenenado! As moralidades delicadas diziam que ele ia matar como as tuberosas matam as parturientes, e de fato mata da mesma maneira. Trata-se de um preconceito. Numa época tão depravada pelos livros como é

a nossa, ousamos afirmar que as *Flores do mal* não farão muito para isso. E não farão, não somente porque somos os Mitrídates das terríveis drogas que engolimos nos últimos 25 anos, mas também por uma razão muito mais segura, tirada da marca — da profundidade da marca de um livro que, a nosso ver, deve produzir efeito inteiramente contrário àquele que aparentam temer. Só acreditem no título pela metade! Não são só as *Flores do mal* o livro do sr. Baudelaire. É o mais violento excerto que já se fez dessas flores malditas. Ora, a tortura que um veneno como esse deve produzir salva dos perigos de sua embriaguez!

Essa é a moralidade, inesperada, involuntária talvez, mas segura, que ressaltará desse livro cruel e ousado, cuja ideia se apossou da imaginação de um artista! Revoltante como a verdade, que o é com frequência, infelizmente, no mundo da Queda, esse livro será moral à sua maneira; e não sorriam! essa maneira não é nada menos que a da própria Todo-Poderosa Providência, que manda o castigo depois do crime, a doença depois do excesso, o remorso, a tristeza, o tédio, todas as vergonhas e todas as dores que nos degradam e nos devoram por termos transgredido suas leis. O poeta das *Flores do mal* expressou, uns após os outros, todos esses fatos divinamente vingadores. Sua Musa foi buscá-los em seu próprio coração entreaberto e os trouxe à luz com uma mão tão impiedosamente encarniçada quanto a do romano que tirava de si suas entranhas. É verdade que o autor das *Flores do mal* não é um Catão. Não é nem de Útica nem de Roma. Não é nem o Estoico, nem o Censor. Quando, porém, se trata de lacerar a alma humana através da sua, ele é tão resoluto e tão impassível quanto aquele que só lacerou seu corpo, depois de uma leitura de Platão. O Poder que pune a vida é ainda mais impassível que ele! Os sacerdotes do

Poder, é verdade, pregam em seu favor. Mas o próprio Poder só se comprova para nós pelos golpes com que nos atinge. Eis *suas* vozes! como disse Joana d'Arc. Deus é o talião infinito. Quiseram o mal, e o mal gera. Acharam bom o néctar venenoso, e o tomaram em tão grande dose que a natureza humana sofre com isso e um dia ela se decompõe completamente! Semearam a semente amarga, colhem-se flores funestas. O sr. Baudelaire, que as colheu e recolheu, não disse que essas *Flores do mal* eram belas, que elas cheiravam bem, que era preciso com elas ornar sua fronte, encher suas mãos e que aí estava a sabedoria. Ao contrário, nomeando-as, ele as fanou. Numa época em que o sofisma dá mais firmeza à covardia e em que cada um é o doutrinário de seus vícios, o sr. Baudelaire nada disse em favor daqueles que ele moldou tão energicamente em seus versos. Não será acusado de tê-los tornado apreciáveis. Eles aí são horríveis, nus, trêmulos, metade devorados por eles mesmos, como os concebemos no Inferno. Está aí, de fato, a antecipação da herança infernal que todo culpado tem, quando vivo, em seu peito. O poeta, terrível e terrificado, quis fazer-nos respirar a abominação dessa assustadora cesta que ele carrega, pálida canéfora, na cabeça, eriçada de horror. Este é realmente um grande espetáculo! Desde o culpado costurado num saco que acabava sob as pontes úmidas e negras da Idade Média, gritando que era preciso deixar passar uma justiça, nada se viu de mais trágico que a tristeza dessa poesia culpada, que traz o fardo de seus vícios na fronte lívida. Deixemos então que ela passe também! Pode-se tomá-la por uma justiça — a justiça de Deus!

Dito isso, não seremos nós a afirmar que a poesia das *Flores do mal* é poesia pessoal. Sem dúvida, sendo o que somos, usamos todos (e mesmo os mais fortes) em nossas obras algum farrapo a sangrar de nosso coração, e o poeta das *Flores do mal*, como cada um de nós, está submetido a essa lei. Empenhamo-nos apenas em constatar que, contrariamente à maioria dos líricos atuais, tão preocupados com seu egoísmo e suas pobres e pequenas impressões, a poesia do sr. Baudelaire é menos o derramamento de um sentimento individual que uma segura concepção de seu espírito. Embora muito lírico na expressão e no elã, o poeta das *Flores do mal* é, no fundo, um poeta dramático. Como tal, ele tem todo o futuro. *Seu livro atual é um drama anônimo de que ele é o ator universal*, e eis por que ele não tergiversa nem com o horror, nem com o asco, nem com nada do que a natureza humana corrompida pode produzir de mais horrível. Shakespeare e Molière também não tergiversaram com o detalhe revoltante e a expressão quando pintaram, um, seu Iago, o outro, seu Tartufo. Toda a questão para eles era esta: “Há hipócritas e pérfidos?”. Se havia, era preciso então que se exprimissem como hipócritas e pérfidos. Os celerados é que falavam; os poetas eram inocentes! Certo dia (a história é conhecida), Molière lembrou isso na margem de seu *Tartufo*, ao lado de um verso por demais odioso, e o sr. Baudelaire teve a fraqueza... ou a precaução de Molière.*

Neste livro, onde tudo é em verso, até o prefácio, encontramos uma nota em prosa* que não pode deixar nenhuma dúvida não apenas quanto à maneira de proceder do autor das *Flores do mal*, mas também quanto à noção que formou sobre a Arte e a Poesia; pois o sr. Baudelaire é um artista de vontade, de reflexão e de combinação, antes de tudo. “Fiel”, diz ele, “a seu *doloroso*

programa, o autor das *Flores do mal* deve ter tido, como *perfeito ator*, de amoldar seu espírito a todos os sofismas como a todas as corrupções.” Isso é certo. Só os que não querem compreender não compreenderão. Portanto, como o velho Goethe, que se transformou em comerciante turco de pastilhas em seu *Divan* e nos deu assim um livro de poesia — também mais dramático que lírico, e que talvez seja sua obra-prima —, o autor das *Flores do mal* fez-se, pelo pensamento, celerado, blasfemador, ímpio, exatamente como Goethe fez-se turco. Representou uma peça, mas é a peça sanguinolenta de que fala Pascal. Esse profundo sonhador que está no fundo de todo grande poeta perguntou-se, no sr. Baudelaire, o que se tornaria a poesia ao passar por uma cabeça organizada, por exemplo, como a de Calígula ou Heliogábalo, e as *Flores do mal* — essas monstruosas — desabrocharam para a instrução e a humilhação de todos nós; pois não é inútil saber o que pode florescer no estrume do cérebro humano, decomposto por nossos vícios. É uma boa lição. Todavia, por uma incoerência que nos diz respeito e cuja causa conhecemos, a essas poesias, imperfeitas então do ponto de vista absoluto de seu autor, misturam-se gritos de alma cristã, doente de infinito, que rompem a unidade da obra terrível e que Calígula e Heliogábalo não teriam dado. O cristianismo penetrou-nos tanto que deturpa até nossas concepções de arte voluntária, nos espíritos mais enérgicos e mais preocupados. Quando se é o autor das *Flores do mal* — um grande poeta que não se julga cristão e que, em seu livro, positivamente não o *quer* ser — não se tem impunemente 1800 anos de cristianismo por trás de si. Isso é mais forte que o mais forte de nós! É inútil ser um artista formidável, do ponto de vista mais decidido, para a vontade mais firme, e ter-se jurado ser ateu como Shelley, arrebatado como

Leopardi, impessoal como Shakespeare, indiferente a tudo, exceto à beleza, como Goethe; segue-se assim por algum tempo — miserável e esplêndido —, ator à vontade na máscara bem-sucedida de seus traços pintados; acontece, porém, que, de repente, no pé de uma de suas poesias mais amargamente calmas ou mais cruelmente selvagens, nos vemos cristãos numa meia-tinta inesperada, numa última palavra que destoa — mas que para nós destoa deliciosamente no coração:

— *Ah! Seigneur! donnez-moi la force et le courage*
De contempler mon cœur et mon corps sans dégoût!
— Ah! Senhor! dai-me força e coragem
Para sem asco meu corpo e alma contemplar!]

Todavia, devemos admitir, essas incoerências, quase fatais, são bastante raras no livro do sr. Baudelaire. O artista, vigilante e com perseverança inaudita na fixa contemplação de sua ideia, não foi muito derrotado.

III

Essa ideia — já o dissemos por tudo o que precede — é o pessimismo mais acabado. A literatura *satânica*, que data de já bastante tempo mas que tinha um lado romanesco e falso, só produziu contos para fazer tremer ou gaguejos de criancinhas, em comparação com essas realidades terríveis e com essas poesias nitidamente articuladas em que a erudição do mal em todas as coisas se mistura à ciência das palavras e do ritmo. Pois, para o sr. Charles Baudelaire, chamar de arte sua erudita maneira de escrever em verso não diria o bastante. Trata-se quase de um artifício.

Espírito de laboriosa investigação, o autor das *Flores do mal* é um astuto em literatura, e seu talento, que é incontestável, trabalhado, esmerado, complicado com uma paciência de chinês, é por sua vez uma flor do mal nascida nas estufas quentes de uma Decadência. Pela língua e o *fazer*, o sr. Baudelaire, que saúda, na abertura de sua coletânea, o sr. Théophile Gautier como seu mestre, é dessa Escola que julga que tudo está perdido, e *mesmo a honra*, diante da primeira rima fraca, na poesia mais impetuosa e mais vigorosa. É um desses materialistas refinados e ambiciosos que só concebem uma perfeição — a perfeição material — e que sabem por vezes realizá-la; mas pela inspiração ele é bem mais profundo que sua escola, e desceu tão adiante na sensação, de que essa escola nunca sai, que acabou por se ver só, como um leão de originalidade. Sensualista, mas o mais profundo dos sensualistas, e exasperado por ser só isso, o autor das *Flores do mal* vai na sensação até o limite extremo, até essa misteriosa porta do Infinito com que se choca, mas que ele não sabe abrir, e de fúria se envolve na língua e passa seus furores a ela. Imaginem essa língua, mais plástica ainda que poética, manejada e talhada como o bronze e a pedra, e em que a frase tem espirais e caneluras; imaginem algo do gótico florido ou da arquitetura moura aplicado a essa simples construção que tem um sujeito, uma regência e um verbo; em seguida, nessas espirais e nessas caneluras de uma frase que assume as formas mais variadas, como as assumiria um cristal, suponham todos os hipocrazes, todos os álcoois, todos os venenos, minerais, vegetais, animais, e estes os mais ricos e os mais abundantes, se os pudéssemos ver, que se extraem do coração do homem, e terão a poesia do sr. Baudelaire, essa poesia sinistra e violenta, lacerante e assassina, de que nada se aproxima nas mais

negras obras deste tempo que se sente morrer. Isto é, em sua ferocidade íntima, de um tom desconhecido em literatura. Se em alguns lugares, como em “A gigante” ou em “Don Juan nos infernos” — um grupo de mármore branco e negro; uma poesia de pedra, *di sasso*, como o comendador —, o sr. Baudelaire lembra a forma do sr. V. Hugo, mas condensada e sobretudo purificada; se em outros, como “A carniça”, a única poesia espiritualista da coletânea, na qual o poeta se vinga da podridão abominada pela imortalidade de uma querida lembrança:

*Alors, ô ma beauté! dites à la vermine
Qui vous mangera de baisers,
Que j'ai gardé la forme et l'essence divine
De mes amours décomposés!*
[Então, minha querida! dirás à vermina,
Com seus beijos devoradores,
Que conservei a forma e a essência divina
De meus decompostos amores!]

lembramos do sr. Auguste Barbier, por toda parte, de resto, o autor das *Flores do mal* é ele próprio, e se distingue ousadamente de todos os talentos dessa época. Um crítico dizia-o outro dia (o sr. Thierry, do *Moniteur*), numa apreciação superior: para encontrar algum parentesco para essa poesia implacável, para esse verso brutal, condensado e sonoro, esse verso de bronze que sua sangue, é preciso voltar até Dante, *Magnus Parens*! É uma honra para o sr. Charles Baudelaire ter evocado, num espírito delicado e justo, uma tão grande lembrança!

De fato, há algo de Dante no autor das *Flores do mal*, mas é um Dante de uma época decaída, é um Dante ateu e moderno, um Dante que veio depois de Voltaire, numa época que não terá são Tomás. O poeta dessas *flores*, que ulceram o seio sobre o qual repousam, não tem a grandiosa aparência de seu majestoso antecessor, e não por sua culpa. Ele pertence a uma época conturbada, cética, escarnecedora, nervosa, que se enrosca nas ridículas expectativas das transformações e das metempsicoses; ele não tem a fé do grande poeta católico, a qual lhe dava a calma augusta da segurança em todas as dores da vida. O caráter da poesia das *Flores do mal*, com exceção de alguns raros trechos que o desespero acabou por congelar, é a perturbação, é a fúria, é o olhar convulsionado, e não o olhar sombriamente claro e límpido do Visionário de Florença. A Musa de Dante viu sonhadoramente o Inferno, a das *Flores do mal* respira-o com uma narina crispada como a do cavalo que cheira o obus! Uma vem do inferno, a outra vai para o inferno. Se a primeira é mais augusta, a outra talvez seja mais emocionante. Ela não tem o maravilhoso épico que arrebatava tão alto a imaginação e acalma seus terrores na serenidade com que os gênios, verdadeiramente excepcionais, sabem revestir suas obras mais apaixonadas. Ao contrário, tem horríveis realidades que conhecemos, e que repugnam demais para permitir mesmo a opressora serenidade do desprezo. O sr. Baudelaire não quis ser em seu livro das *Flores do mal* um poeta satírico, e no entanto ele o é, se não por conclusão e ensinamento, pelo menos por elevação de alma, por imprecações e gritos. Ele é o *misanthropo da vida repreensível*, e com frequência imaginamos, ao lê-lo, que se Timon de Atenas tivesse tido o gênio de Arquíloco, teria podido escrever assim sobre a natureza humana e a insultar ao relatá-la!

Não podemos nem queremos citar nada da coletânea de poesias em questão, e eis por quê: uma peça citada só teria seu valor individual, e nisso não devemos nos equivocar, no livro do sr. Baudelaire cada poesia tem, além do êxito dos detalhes ou da fortuna do pensamento, *um valor muito importante de conjunto e de situação* que não devemos, destacando-a, fazer com que o perca. Os artistas que veem linhas sob o luxo e a eflorescência da cor perceberão muito bem que há aqui *uma arquitetura secreta*, um plano calculado pelo poeta, meditativo e voluntário. *As Flores do mal* não estão na sequência umas das outras como tantos trechos líricos, dispersos pela inspiração e reunidos numa coletânea sem outra razão que a de os reunir. Elas são menos poesias que uma obra poética *da mais forte unidade*. Do ponto de vista da Arte e da sensação estética, elas portanto perderiam muito por não serem lidas *na ordem* em que o poeta, que sabe bem o que faz, as dispôs. Mas perderiam mais ainda *do ponto de vista do efeito moral* que assinalamos no início deste artigo.

Esse efeito, ao qual é muito importante voltar, evitemos debilitá-lo. O que impedirá o desastre desse veneno, servido nessa taça, é sua força! O espírito dos homens, que ele transtornaria em átomos, não é capaz de o absorver nessas proporções, sem o rejeitar, e uma tal contração dada ao espírito desse tempo, insulso e debilitado, pode salvá-lo, arrancando-o pelo horror a sua informe fraqueza. Os solitários têm junto deles cabeças de morto, quando dormem. Eis um Rancé, sem a fé, que cortou a cabeça ao ídolo material de sua vida; que, como Calígula, buscou dentro o que ele amava e que grita o nada de tudo, olhando-a! Acreditam então que isso não seja algo patético e salutar?... Quando um homem e uma poesia

desceram até esse ponto — quando resvalaram tão baixo, com a consciência da incurável infelicidade que está no fundo de todas as volúpias da existência —, poesia e homem só podem voltar a subir. O sr. Charles Baudelaire não é desses poetas que só têm um livro no cérebro e que o vão repisando sempre. Mas quer ele tenha ressecado sua veia poética (o que não pensamos) porque exprimiu e torceu o coração do homem quando ele não é mais do que uma esponja podre, ou quer o tenha, ao contrário, esvaziado de uma primeira espuma, considera-se agora que deva calar-se, pois disse as palavras supremas sobre o mal da vida, ou então falar uma outra linguagem. Depois das *Flores do mal*, só há dois partidos a tomar para o poeta que as fez desabrochar: ou dar um tiro na cabeça... ou fazer-se cristão!

* Artigo escrito por ocasião do processo de censura movido contra alguns poemas das Flores do mal, tendo sido publicado em 1857 no livreto que reuniu mais três textos, intitulado Articles justificatifs pour Charles Baudelaire auteur des “Fleurs du mal”. Aí vinha antecedido pelo bilhete com que o autor o enviou a Baudelaire: “Meu caro Baudelaire,/ Envio-lhe o artigo que me pediu e que uma conveniência, fácil de compreender, impediu Le Pays de publicar, já que você estava em causa. Eu ficaria muito feliz, meu caro amigo, se esse artigo tivesse um pouco de influência no espírito daquele que o vai defender e na opinião daqueles que serão chamados a julgá-lo./ Seu/ Jules Barbey d’Aurevilly”. (N. T.)

Introdução*

GUILLAUME APOLLINAIRE

Exprimir com liberdade aquilo que é do âmbito dos costumes — não se conhece coragem maior em um escritor. Choderlos de Laclos dedicou-se a isso com uma precisão pela primeira vez verdadeiramente matemática.

1782 é a data memorável da publicação das *Ligações perigosas*, em que ele, oficial de artilharia, tentou aplicar aos costumes as leis da triangulação, que serve, como se sabe, tanto aos artilheiros quanto aos astrônomos.

Espantoso contraste! a vida infinita que gravita no firmamento obedece às mesmas leis que a artilharia destinada pelos homens a semear a morte.

Das medidas angulares calculadas por Laclos nasceu o espírito literário moderno; foi aí que os primeiros elementos foram descobertos por Baudelaire, um explorador da vida antiga judicioso e refinado, mas cujas concepções sobre a vida moderna implicam, todas, uma certa loucura. Com deleite ele havia aspirado as bolhas corrompidas que sobem da estranha e rica lama literária da Revolução, em que, perto de Diderot, Laclos, filho intelectual de

Richardson e de Rousseau, teve como continuadores mais dignos de nota Sade, Restif, Nerciat e todos os contistas filosóficos do fim do século XVIII.

Em sua maioria, eles efetivamente trazem, em germe, o espírito moderno que se prepara para triunfar, criando para as artes e as letras uma nova era.

A esse maná da Revolução, nauseabundo e com frequência genial, Baudelaire misturou o pus espiritualista de um estranho americano, Edgar Poe, que no âmbito poético elaborara uma obra que é o par inquietante e maravilhoso do livro de Laclos.

Baudelaire é, portanto, filho de Laclos e de Edgar Poe. Identifica-se facilmente a influência que um e que outro exerceram no espírito profético e cheio de originalidade daquele que, a partir deste ano de 1917, em que sua obra entra em domínio público, podemos não apenas incluir no rol dos grandes poetas franceses, mas também pôr ao lado dos maiores poetas universais.

A prova da influência dos autores cínicos da Revolução sobre as *Flores do mal* encontra-se por toda parte em sua correspondência e em suas anotações. A de Edgar Poe fez com que o poeta se decidisse a adaptar ao lirismo estranhamente elevado que lhe fora revelado pelo maravilhoso bêbado de Baltimore os sentimentos morais que ele havia tirado de suas leituras proibidas.

Nos romancistas da Revolução ele havia descoberto a importância da questão sexual.

Com os anglo-saxões da mesma época, como Quincey e Poe, ele havia aprendido que existiam paraísos artificiais. A exploração metódica deles permitiu-lhe alcançar, apoiado na Razão, deusa revolucionária, os cumes líricos para os quais os pregadores loucos

da América haviam dirigido Edgar Poe, seu contemporâneo. Mas a Razão o cegou e o abandonou assim que ele atingiu as alturas.

Baudelaire é portanto filho de Laclos e de Edgar Poe, mas seu filho cego e louco que, todavia, antes de escalar os cimos, havia olhado com admirável precisão as artes e a vida.

É verdade também que nele se encarnou pela primeira vez o espírito moderno. Foi a partir de Baudelaire que nasceu alguma coisa que só fez medrar, enquanto naturalistas, parnasianos, simbolistas passavam perto disso sem nada ver; enquanto os naturistas, tendo voltado a cabeça, não tinham a audácia de examinar a novidade sublime e monstruosa.

Àqueles aos quais causaria espanto seu nascimento insignificante a partir da lama revolucionária e da sífilis americana, seria preciso responder com o que a Bíblia ensina no tocante à origem do homem oriundo do limo da terra.

É verdade que a Novidade assumiu antes de tudo a face de Baudelaire, que foi o primeiro a soprar o espírito moderno na Europa, mas seu cérebro profético não soube profetizar, e Baudelaire não penetrou esse espírito novo de que ele mesmo estava penetrado, e cujas sementes descobriu em alguns outros que vieram antes dele.

E valeria a pena que fosse abandonado, como foram abandonados líricos de grande talento, tais como Jean-Baptiste Rousseau, assim que, remoído por uns e outros, e posto ao alcance do comum das pessoas, o lirismo deles tivesse envelhecido.

Todavia, mesmo em domínio público, Baudelaire ainda não está nesse ponto e pode sempre nos ensinar que uma atitude elegante

não é de modo algum incompatível com uma grande franqueza de expressão.

As *Flores do mal* são nesse aspecto um documento de primeira ordem.

A liberdade que reina nessa coletânea não a impediu de dominar sem contestação a poesia universal em fins do século XIX.

Sua influência interrompe-se atualmente, o que não é um mal.

Dessa obra rejeitamos o lado moral que nos fazia mal, forçando-nos a encarar a vida e as coisas com certo diletantismo pessimista de que não somos mais vítimas logradas.

Baudelaire encarava a vida com uma paixão enfastiada, que intentava transformar árvores, flores, mulheres, todo o universo e a própria arte em algo pernicioso.

Era sua fixação, e não a realidade normal.

Todavia, não se deve deixar de admirar a coragem que Baudelaire teve de não velar os contornos da vida.

Hoje essa coragem seria a mesma.

Os preconceitos em relação à arte não cessaram de aumentar, e aqueles que ousariam exprimir-se com tanta liberdade quanto Baudelaire nas *Flores do mal* encontrariam contra eles, se não a autoridade judiciária, pelo menos a desaprovação de seus pares e a hipocrisia do público.

O retorno à escravidão, que hoje em dia adornam com a palavra “liberdade”, já teve como primeiro resultado, no tocante às letras (pelas quais, em particular, o estado de coisas em vias de se decidir tem aversão), o de suprimir a elite independente, bem como quase toda a crítica digna desse nome, e o pouco que dela resta não ousaria hoje falar das *Flores do mal*.

Se não participa mais desse espírito moderno que provém dele próprio, Baudelaire serve-nos de exemplo para reivindicar uma liberdade que se concede cada vez mais aos filósofos, aos sábios, aos artistas de todas as artes, para a restringir cada vez mais no que diz respeito às letras e à vida social.

O uso social da liberdade literária tornar-se-á cada vez mais raro e precioso. As grandes democracias do futuro serão pouco liberais para os escritores; é bom plantar bem alto poetas-bandeira como Baudelaire.

Poderemos agitá-los de tempos em tempos, a fim de sublevar o pequeno número dos escravos ainda vibrantes.

Mas repitamos a *Homenagem*** de Stéphane Mallarmé:

*Le temple enseveli divulgue par la bouche
Sépulcrale d'égout bavant boue et rubis
Abominablement quelque idole Anubis
Tout le musée flambé comme un aboi farouche*

*Ou que le gaz récent torde la mèche louche
Essuyeuse on le sait des opprobres subis
Il allume hagard un immortel pubis
Dont le vol selon le réverbère découche*

*Quel feuillage séché dans les cités sans soir
Votif pourra bénir comme elle se rasseoir
Contre le marbre vainement de Baudelaire*

*Au voile qui la ceint absente avec frissons
Celle son Ombre même un poison tutélaire
Toujours à respirer si nous en périssons*

[O templo sepultado mostra pela boca
Sepulcral de esgoto a coar rubis lamaçal
Algum ídolo Anúbis que o faz tão brutal
O focinho a queimar tal ganido que choca

Ou que o gás novo torça a mecha de luz pouca
Limpadora de opróbrios coisa que é cabal
Ele acende esgazeado um púbis imortal
Cujo voo segundo o lampião se treslouca

Nas cidades sem Noite que seca folhagem
Votiva abençoará enquanto ela sua imagem
Se assentar no em vão mármore de Baudelaire

Com o véu que a cinge ausente ela em frissons extremos
Sua Sombra um tutelar veneno que a qualquer
Hora se inala mesmo se dele morremos]

* Texto publicado originalmente como introdução a uma edição francesa das *Flores do mal* de 1917: *Les fleurs du mal*. Introduction et notes par Guillaume Apollinaire. Paris: Bibliothèque des Curieux, 1917. (N. T.)

** Depois de criada uma comissão que cuidaria de erguer um monumento a Baudelaire, um grupo de escritores decidiu também publicar uma plaquete intitulada *Le tombeau de Baudelaire*, na qual se publicariam poemas de membros da comissão em homenagem ao poeta. O poema de Mallarmé, com o título “Hommage”, posteriormente mudado para “Le tombeau de Charles Baudelaire” (O túmulo de Charles Baudelaire), foi publicado, em 1895, num número da revista *Plume* consagrado a Baudelaire, e a seguir incluído na plaquete, publicada em 1896. É considerado um dos poemas mais enigmáticos de Mallarmé (pela sintaxe, pela ausência de pontuação, pelas imagens). (N. T.)

Situação de Baudelaire*

PAUL VALÉRY

Baudelaire está no auge da glória. Esse pequeno volume das *Flores do mal*, que não chega a trezentas páginas, se equipara, na estima dos letrados, às obras mais ilustres e mais vastas. Foi traduzido na maioria das línguas europeias: este é um fato sobre o qual me deterei por um instante, pois, acredito, não tem similar na história das Letras francesas.

Os poetas franceses são em geral pouco conhecidos e pouco apreciados no estrangeiro. Distinguem mais facilmente nossa prosa, mas a força poética é-nos parca e dificilmente reconhecida. A ordem e o tipo de rigor que reinam em nossa língua desde o século xvii, nossa acentuação particular, nossa prosódia estrita, nosso gosto pela simplificação e pela clareza imediata, nosso temor do exagero e do ridículo, uma espécie de pudor na expressão e a tendência abstrata de nosso espírito fizeram nossa poesia bastante diferente da de outras nações, e que lhes é no mais das vezes de difícil percepção. La Fontaine parece insípido para os estrangeiros. Racine é-lhes vedado. Suas harmonias são por demais sutis, seu desenho, por demais puro, seu discurso, por demais elegante e

nuançado, de modo que escapam à sensibilidade daqueles que não têm de nossa língua um conhecimento íntimo e original.

O próprio Victor Hugo só foi difundido fora da França por seus romances.

No entanto, com Baudelaire a poesia francesa sai enfim das fronteiras da nação. Ela se faz ler no mundo; impõe-se como a própria poesia da modernidade; gera a imitação, fecunda numerosos espíritos. Homens como Swinburne, Gabriele D'Annunzio, Stefan George testemunham magnificamente a influência baudelaireana no exterior.

Posso então dizer que, se há, entre nossos poetas, poetas maiores e mais significativamente dotados que Baudelaire, não há outro mais *importante*.

A que se deve essa importância singular? Como um ser tão particular, tão afastado da média como o era Baudelaire, pôde gerar um movimento tão amplo?

Essa grande consideração póstuma, essa fecundidade espiritual, essa glória que está em seu mais alto período, devem depender não apenas de seu valor próprio enquanto poeta, mas ainda de circunstâncias excepcionais. É uma circunstância excepcional que uma inteligência crítica esteja associada à virtude de poesia. Baudelaire deve a essa rara aliança uma descoberta capital. Ele nascera sensual e preciso; era de uma sensibilidade cuja exigência o conduzia às buscas mais delicadas da forma; mas esses dons não teriam feito dele apenas um émulo de Gautier, sem dúvida, ou um excelente artista do Parnaso, se ele não tivesse, pela curiosidade de seu espírito, merecido a oportunidade de descobrir na obra de Edgar Poe um novo mundo intelectual. O demônio da lucidez, o

gênio da análise e o inventor das combinações mais novas e mais sedutoras da lógica com a imaginação, do misticismo com o cálculo, o psicólogo da exceção, o engenheiro literário que aprofunda e utiliza todos os recursos da arte, aparecem-lhe em Edgar Poe e o maravilham. Tantas visões originais e promessas extraordinárias enfeitiçam-no. Seu talento é transformado, seu destino é magnificamente mudado.

Adiante voltarei aos efeitos desse mágico contato de dois espíritos.

Mas devo considerar agora uma segunda circunstância notável da formação de Baudelaire.

No momento em que chega à idade adulta, o romantismo está em seu apogeu; uma brilhante geração está de posse do império das Letras: Lamartine, Hugo, Musset, Vigny são os mestres do momento.

Ponhamo-nos na situação de um jovem que chega em 1840 à idade de escrever. É nutrido por aqueles que seu instinto lhe ordena imperiosamente abolir. Sua existência literária, que eles provocaram e alimentaram, que a glória deles despertou, que as obras deles determinaram, depende necessariamente, no entanto, da negação, da derrubada, da substituição desses homens que lhe parecem preencher todo o espaço do renome e lhe proibir, um, o mundo das formas; o outro, o dos sentimentos; um outro, o pitoresco; um outro, a profundidade.

Trata-se de se distinguir, a todo preço, de um conjunto de grandes poetas excepcionalmente reunidos por algum acaso, na mesma época, todos em pleno vigor.

O problema de Baudelaire podia então — devia então — ser assim colocado: “ser um grande poeta, mas não ser nem Lamartine,

nem Hugo, nem Musset”. Não digo que esse intento foi consciente, mas estava necessariamente em Baudelaire — e mesmo essencialmente em Baudelaire. Era sua razão de Estado. Nos campos da criação, que são também os campos do orgulho, a necessidade de se distinguir é inseparável da própria existência. Baudelaire escreveu em seu projeto de prefácio para as *Flores do mal*: “Poetas ilustres partilharam há tempos as províncias mais floridas do campo poético etc. Farei então outra coisa...”.

Em suma, ele é levado, é obrigado, pelo estado de sua alma e dos dados, a se opor cada vez mais claramente ao sistema, ou à ausência de sistema, que chamamos de romantismo.

Não vou definir esse termo. Seria preciso, para tentar fazê-lo, ter perdido toda noção de rigor. Aqui só me ocupo de restituir as reações e as intuições mais prováveis de nosso poeta “em estado nascente” quando ele se confronta com a literatura de sua época. Baudelaire recebe dela uma certa impressão que nos é permitido reconstituir, o que é mesmo bastante fácil. Temos, de fato, graças à sequência do tempo e ao desenvolvimento posterior dos acontecimentos literários — graças mesmo a Baudelaire, a sua obra e à fortuna dessa obra —, um meio simples e seguro de determinar um pouco nossa ideia necessariamente vaga do romantismo, quer seja recebida, quer seja inteiramente arbitrária. *Esse meio consiste na observação do que se sucedeu ao romantismo*, do que veio alterá-lo, trazer-lhe correções e contradições, e enfim substituir-se a ele. Basta considerar os movimentos e as obras que se produziram depois dele, contra ele, e que foram inevitavelmente, automaticamente, *respostas exatas* ao que ele era. O romantismo, assim considerado, foi então aquilo a que o naturalismo respondeu, e aquilo contra o que se reuniu o Parnaso; e foi também o que

determinou a atitude particular de Baudelaire. Foi o que suscitou quase simultaneamente contra si a vontade de perfeição — o misticismo da “arte pela arte” —, a exigência da observação e da fixação impessoal das coisas; o *desejo*, em suma, *de uma substância mais sólida e de uma forma mais culta e mais pura*. Nada nos informa mais claramente sobre os românticos que o conjunto dos programas e das tendências de seus sucessores.

Talvez os vícios do romantismo sejam apenas os excessos inseparáveis da confiança em si mesmo?... A adolescência das novidades é vantajosa. A sabedoria, o cálculo e, em suma, a perfeição só aparecem no momento da economia das forças.

De qualquer modo, a era dos escrúpulos começa pelo tempo da juventude de Baudelaire. Gautier já protesta e reage contra o afrouxamento das condições da forma, contra a indigência ou a impropriedade da linguagem. Em pouco, os esforços diversos de Sainte-Beuve, de Flaubert, de Leconte de Lisle opor-se-ão à facilidade apaixonada, à inconsistência do estilo, aos transbordamentos de tolice e extravagância... Parnasianos e realistas consentirão em perder em intensidade aparente, em abundância, em movimento oratório o que ganharão em profundidade, em verdade, em qualidade técnica e intelectual.

Direi, em resumo, que a substituição do romantismo por essas diversas “escolas” pode ser concebida como a substituição de uma ação espontânea por uma ação refletida.

A obra romântica, *em geral*, suporta bastante mal uma leitura demorada e erizada de resistência de um leitor difícil e refinado.

Baudelaire era esse leitor. Baudelaire tem o maior interesse — um interesse vital — em perceber, em constatar, em exagerar todas as

fraquezas e lacunas do romantismo, observadas de bem perto nas obras e nas pessoas de seus maiores homens. *O romantismo está em seu apogeu*, pode ele ter pensado, *portanto é mortal*; e pode considerar os deuses e os semideuses do momento, com esse olho com que Talleyrand e Metternich, por volta de 1807, olhavam estranhamente o senhor do mundo...

Baudelaire olhava Victor Hugo; não é impossível conjecturar o que pensava dele. Hugo reinava; tinha adquirido, em relação a Lamartine, a vantagem de um *material* infinitamente mais poderoso e mais preciso. O vasto registro de suas palavras, a diversidade de seus ritmos, a superabundância de suas imagens esmagavam qualquer poesia rival. Mas sua obra por vezes cedia ao trivial, perdia-se na eloquência profética e nas apóstrofes infinitas. Flertava com a multidão, dialogava com Deus. A simplicidade de sua filosofia, a desproporção e a incoerência dos desenvolvimentos, o contraste frequente das maravilhas do detalhe com a fragilidade do pretexto e a inconsistência do conjunto, tudo enfim o que podia chocar e portanto instruir e orientar, para sua arte pessoal futura, um observador jovem e implacável, Baudelaire devia notá-lo em si mesmo e distinguir, da admiração que lhe impunham os dons assombrosos de Hugo, as impurezas, as imprudências, os pontos vulneráveis de sua obra — isto é, as possibilidades de vida e as oportunidades de glória que um tão grande artista deixava sem colher.

Se aí puséssemos alguma malícia e um pouco mais de engenhosidade do que seria adequado, seria bastante tentador aproximar a poesia de Victor Hugo da de Baudelaire, no intuito de fazer com que esta pareça exatamente *complementar* daquela. Não insisto nisso. Vê-se bem que Baudelaire buscou o que Victor Hugo

não havia feito; que ele se abstém de todos os efeitos em que Victor Hugo era invencível; que ele volta a uma prosódia menos livre e escrupulosamente afastada da prosa; que busca e alcança quase sempre a produção do *encanto contínuo*, qualidade inapreciável e como que transcendente de certos poemas — mas que se encontra pouco, e esse pouco raramente puro, na obra imensa de Victor Hugo.

Baudelaire, aliás, não conheceu, ou só conheceu mal, o último Victor Hugo, o dos erros extremos e das belezas supremas. *La Légende des siècles* (A lenda dos séculos) foi publicada dois anos depois de *As flores do mal*. Quanto às obras posteriores de Hugo, só foram publicadas muito tempo depois da morte de Baudelaire. Atribuo-lhes uma importância técnica infinitamente superior à de todos os outros versos de Hugo. Aqui não é o lugar e não tenho tempo de desenvolver essa opinião; apenas esboçarei uma digressão possível. O que me chama a atenção em Victor Hugo é um poder vital incomparável. Poder vital, isto é, longevidade e capacidade de trabalho *combinadas*; longevidade *multiplicada* pela capacidade de trabalho. Durante mais de sessenta anos, esse homem extraordinário trabalha todos os dias, de cinco horas ao meio-dia! Não cessa de provocar as combinações da linguagem, de as querer, de as esperar, e de as ouvir responder. Escreve 100 mil ou 200 mil versos, e adquire com esse exercício ininterrupto uma maneira de pensar singular, que críticos superficiais julgaram como podiam. Mas, no correr dessa longa carreira, Hugo não se cansou de se realizar e de se fortalecer em sua arte; e, sem dúvida, ele peca cada vez mais contra a escolha, perde cada vez mais o sentimento das proporções, sobrecarrega seus versos com palavras indeterminadas, vagas e vertiginosas, e neles põe o abismo, o

infinito, o absoluto, tão abundante e tão facilmente, que esses termos monstruosos perdem até a aparência de profundidade que lhes é concedida pelo uso. Mesmo assim, que versos prodigiosos, que versos com os quais não se comparam quaisquer versos em extensão, em organização interna, em ressonância, em plenitude, ele não escreveu no último período de sua vida! Em “La corde d’airain”, em “Dieu”, em “La fin de Satan”, no poema sobre a morte de Gautier, o artista septuagenário, que viu morrerem todos os seus êmulos, que pôde ver nascer de si toda uma geração de poetas, e mesmo aproveitar dos ensinamentos inapreciáveis que o discípulo daria ao mestre se o mestre durasse, o ancião muito ilustre atinge o ponto mais elevado da força poética e da nobre ciência do versificador.

Hugo não cessou de aprender pela prática; Baudelaire, cuja duração de vida mal excede a *metade* da de Hugo, desenvolve-se de maneira completamente diferente. Seria possível dizer que esse pouco tempo que ele tem para viver deve ser compensado, em sua provável brevidade e pressentida insuficiência, pelo emprego dessa inteligência crítica de que há pouco falei. Uns vinte anos lhe são concedidos para alcançar o ponto de sua perfeição própria, reconhecer seu domínio pessoal e definir uma forma e uma atitude específicas que levarão e preservarão seu nome.* Não tem tempo, não terá tempo de dar andamento com vagar a esses belos objetos da vontade literária, por meio do grande número das experiências e da multiplicação das obras. É preciso tomar o caminho mais curto, visar à economia do tatear, ter parcimônia nas repetições e nos empreendimentos divergentes: é preciso então buscar o que se é, o que se pode, o que se quer, pelos caminhos da análise, e unir, em si

mesmo, às virtudes espontâneas de um poeta a sagacidade, o ceticismo, a atenção e a faculdade de raciocínio de um crítico.

É por isso que Baudelaire, embora romântico de origem, e mesmo romântico por seus gostos, pode algumas vezes passar por *clássico*. Há uma infinidade de maneiras de definir, ou de crer definir o clássico. Adotaremos hoje a seguinte: *clássico é o escritor que traz um crítico em si mesmo, e que o associa intimamente a seus trabalhos*. Havia um Boileau em Racine, ou uma imagem de Boileau.

Que era, afinal, *escolher* no romantismo, e discernir nele um bem e um mal, um falso e um verdadeiro, fraquezas e virtudes, se não fazer em relação aos autores da primeira metade do século XIX o que os homens da época de Luís XIV fizeram em relação aos autores do século XVI? *Todo classicismo supõe um romantismo anterior*. Todas as vantagens que são atribuídas, todas as objeções que são feitas a uma arte “clássica” são relativas a esse axioma. *A essência do classicismo é vir depois*. A ordem supõe uma certa desordem que ela vem reduzir. A *composição*, que é artifício, sucede algum caos primitivo de intuições e de desenvolvimentos naturais. A *pureza* é o resultado de operações infinitas com a linguagem, e o cuidado com a *forma* é apenas a reorganização meditada dos meios de expressão. O clássico implica, portanto, atos voluntários e refletidos que modificam uma produção “natural”, em conformidade com uma concepção *clara* e racional do homem e da arte. Todavia, como se vê pelas ciências, só podemos fazer obra racional e construir segundo a ordem por meio de um conjunto de *convenções*. Reconhece-se a arte clássica pela existência, clareza e absolutismo dessas convenções; quer se trate das três unidades, dos preceitos prosódicos, das restrições do vocabulário, essas

regras de aparência arbitrária fizeram sua força e sua fraqueza. Pouco compreendidas atualmente e difíceis de defender, quase impossíveis de observar, elas procedem também de uma antiga, sutil e profunda compreensão das condições da fruição intelectual *sem mistura*.

Baudelaire, no meio do romantismo, lembra algum clássico, mas só lembra. Morreu jovem, e de resto viveu sob a impressão detestável que a pobre sobrevivência do antigo classicismo do Império dava aos homens de seu tempo. Não se tratava de reanimar o que estava morto, mas talvez de reencontrar por outros caminhos o espírito que não estava mais nesse cadáver.

Os românticos haviam negligenciado tudo, ou quase tudo o que pede ao pensamento uma atenção e uma sequência um pouco penosas. Buscavam os efeitos de choque, arrebatamento e contraste. Nem a medida, nem o rigor, nem a profundidade os atormentavam excessivamente. Rejeitavam a reflexão abstrata e o raciocínio, e não somente em suas obras, mas ainda no preparo de suas obras — o que é infinitamente mais grave. Dir-se-ia que os franceses teriam esquecido seus dons analíticos. Convém observar aqui que os românticos se levantavam contra o século XVIII bem mais do que contra o século XVII, e acusavam facilmente de terem sido superficiais homens infinitamente mais instruídos, mais curiosos por fatos e ideias, mais inquietos quanto a precisões e pensamento em grande escala do que eles próprios foram.

Numa época em que a ciência teria desenvolvimentos extraordinários, o romantismo manifestava um estado de espírito anticientífico. A paixão e a inspiração persuadem-se de que só têm necessidade de si mesmas.

Mas, sob um céu inteiramente diferente, no meio de um povo inteiramente ocupado com seu desenvolvimento material, ainda indiferente ao passado, organizando seu futuro e deixando às experiências de todas as naturezas a mais inteira liberdade, um homem, na mesma época, viu-se disposto a considerar as coisas do espírito e, entre elas, a produção literária, com uma nitidez, uma sagacidade e uma lucidez até então nunca encontradas numa cabeça dotada da invenção poética. Nunca, até Edgar Poe, o problema da literatura havia sido examinado em suas premissas, reduzido a um problema de psicologia, abordado por meio de uma análise em que a lógica e a mecânica dos efeitos eram deliberadamente empregadas. Pela primeira vez, as relações entre obra e leitor eram elucidadas e dadas como os fundamentos positivos da arte. Essa análise — e esta é uma circunstância que nos garante seu valor — aplica-se e verifica-se de modo igualmente nítido em todos os domínios da produção literária. As mesmas observações, as mesmas distinções, as mesmas considerações quantitativas, as mesmas ideias diretrizes adaptam-se igualmente às obras destinadas a agir poderosa e brutalmente na sensibilidade e a conquistar o público apreciador de emoções fortes ou de aventuras estranhas, assim como regem os gêneros mais refinados e a organização delicada das criaturas do poeta.

Dizer que essa análise é válida na ordem do conto como o é na ordem do poema, que é aplicável na construção do imaginário e do fantástico tanto quanto na restituição e na representação literária do verossímil, é dizer que ela é digna de nota por sua generalidade. O próprio do que é verdadeiramente geral é ser fecundo. Chegar ao ponto em que se domina todo o campo de uma atividade é perceber necessariamente uma quantidade de possíveis: domínios

inexplorados, caminhos a traçar, terras a explorar, cidades a edificar, relações a estabelecer, procedimentos a estender. Não é portanto espantoso que Poe, de posse de um método tão poderoso e tão seguro, se tenha tornado o inventor de vários gêneros, tenha dado os primeiros e os mais impressionantes exemplos do conto científico, do poema cosmogônico moderno, do romance de investigação criminal, da introdução na literatura dos estados psicológicos mórbidos, e que toda sua obra manifeste a cada página o ato de uma inteligência e de uma vontade de inteligência que não se observam, nesse grau, em nenhuma outra carreira literária.

Esse grande homem estaria hoje completamente esquecido se Baudelaire não se tivesse empenhado em introduzi-lo na literatura europeia. Não deixemos de observar aqui que a glória universal de Edgar Poe só é frágil ou contestada em seu país de origem e na Inglaterra. Esse poeta anglo-saxão estranhamente não é reconhecido pelos seus.

Outra observação: *Baudelaire, Edgar Poe trocam valores*. Um dá ao outro o que tem, recebe o que não tem. Este entrega àquele todo um sistema de pensamentos novos e profundos. Esclarece-o, fecunda-o, determina suas opiniões sobre muitos temas: filosofia da composição, teoria do artificial, compreensão e condenação do moderno, importância do excepcional e de uma certa estranheza, atitude aristocrática, misticismo, gosto pela elegância e pela precisão, política mesmo... Todo Baudelaire foi impregnado disso, inspirado, aprofundado.

Mas, em troca desses bens, Baudelaire dá ao pensamento de Poe uma extensão infinita. Ele o propõe ao futuro. Essa extensão que muda o poeta nele mesmo, no grande verso de Mallarmé,* é o

ato, é a tradução, são os prefácios de Baudelaire que a abrem e que a asseguram à sombra do miserável Poe.

Não examinarei tudo o que as Letras devem à influência desse inventor prodigioso. Quer se trate de Jules Verne e de seus êmulos, de Gaboriau e de seus semelhantes, ou, em gêneros bem mais destacados, quer se evoquem as produções de Villiers de l'Isle-Adam ou as de Dostoiévski, é fácil ver que as *Aventures de Gordon Pym*, o *Mystère de la rue Morgue*, *Ligéia*, *Le coeur révélateur*** foram para eles modelos abundantemente imitados, profundamente estudados, nunca ultrapassados.

Eu me perguntarei apenas o que a poesia de Baudelaire e, de modo geral, a poesia francesa podem dever à descoberta das obras de Edgar Poe.

Alguns poemas das *Flores do mal* extraem dos poemas de Poe seu sentimento e sua substância. Alguns contêm versos que são exatas transposições; mas deixarei de lado esses empréstimos particulares, cuja importância de algum modo é apenas local.

Reterei apenas o essencial, que é a própria ideia de poesia que Poe formara. Sua concepção, que ele expôs em diversos artigos, foi o principal agente da modificação das ideias e da arte de Baudelaire. O trabalho dessa teoria da composição no espírito de Baudelaire, os ensinamentos que ele daí deduziu, os desenvolvimentos que ela recebeu de sua posteridade intelectual — e sobretudo seu grande valor intrínseco — exigem que nos detenhamos um pouco em seu exame.

Não esconderei que o fundo dos pensamentos de Poe tem a ver com uma certa metafísica que ele concebera. Mas, se essa metafísica dirige e domina e sugere as teorias em questão, não as penetra. Ela as engendra e explica sua geração; não as constitui.

As ideias de Edgar Poe sobre a poesia estão expressas em alguns ensaios dos quais o mais importante (e aquele que menos diz respeito à técnica dos versos ingleses) tem como título *O princípio poético* (*The poetic principle*).

Baudelaire foi tão profundamente tocado por esse texto, recebeu dele uma impressão tão intensa, que considerou seu conteúdo, e não apenas o conteúdo, mas a própria forma, como se fosse *um bem seu*.

O homem não deixa de se apropriar daquilo que lhe parece tão exatamente *feito para ele* que ele o olha, apesar de si mesmo, como *feito por ele*... Tende irresistivelmente a se apoderar do que convém estreitamente a sua pessoa; e a linguagem mesma confunde sob a denominação de *bem* a noção do que é adaptado a alguém e o satisfaz inteiramente com a da propriedade desse alguém...

Ora, Baudelaire, embora iluminado e possuído pelo estudo do *Princípio poético* — ou, antes, pelo fato mesmo de ser por ele iluminado e possuído —, não inseriu a tradução desse ensaio nas obras de Edgar Poe; mas introduziu sua parte mais interessante, ligeiramente desfigurada e com frases deslocadas, no prefácio com que antecedeu sua tradução das *Histórias extraordinárias*. O plágio seria contestável se seu autor mesmo não o tivesse acusado, como vamos ver: num artigo sobre Théophile Gautier,* ele reproduziu a passagem de que falo, antecedendo-a por estas linhas muito claras e muito surpreendentes: “É permitido algumas vezes, presumo, citar-se para evitar parafrasear-se. Repetirei então...”. Segue-se a passagem tomada de empréstimo.

Que pensava então Edgar Poe da Poesia?

Resumirei suas ideias em algumas palavras. Ele analisa as condições psicológicas de um poema. Entre essas condições, põe

em primeiro plano as que dependem das *dimensões* das obras poéticas. Dá à consideração de sua extensão uma importância singular. Examina, por outro lado, a própria substância dessas obras. Estabelece com facilidade que existe uma quantidade de poemas que se ocuparam com noções para as quais a prosa teria sido suficiente como veículo. Nem a história, nem a ciência, nem a moral nada ganham em ser expostas na linguagem da alma. A poesia didática, a poesia histórica ou a ética, embora ilustradas e consagradas pelos maiores poetas, combinam de modo estranho os dados do conhecimento discursivo ou empírico com as criações do ser íntimo e as potências da emoção.

Poe compreendeu que a poesia moderna devia conformar-se à tendência de uma época que viu separarem-se cada vez mais nitidamente os modos e os domínios da atividade, e que ela podia pretender realizar seu objeto próprio e se produzir, de algum modo, *em estado puro*.

Assim, análise das condições da volúpia poética, definição por *exaustão* da *poesia absoluta* — Poe mostrava um caminho, ensinava uma doutrina muito sedutora e muito rigorosa, na qual uma espécie de matemática e uma espécie de mística se uniam...

Se agora olharmos o conjunto das *Flores do mal*, e se tomarmos o cuidado de comparar essa coletânea com as obras poéticas do mesmo período, não ficaremos espantados de achar a obra de Baudelaire notavelmente conforme aos preceitos de Poe, e por isso notavelmente diferente das produções românticas. *As flores do mal* não contêm nem poemas históricos nem lendas; nada que se apoie num relato. Em seus poemas não se veem tiradas filosóficas. A

política não aparece. As descrições são raras, e sempre *significativas*. Mas tudo no livro é encanto, música, sensualidade poderosa e abstrata... Luxo, forma e volúpia.

Há nos melhores versos de Baudelaire uma combinação de carne e espírito, uma mistura de solenidade, de calor e de amargura, de eternidade e de intimidade, uma aliança raríssima da vontade com a harmonia, que os distinguem nitidamente dos versos românticos, como os distinguem nitidamente dos versos parnasianos. O Parnaso não foi excessivamente terno para com Baudelaire. Leconte de Lisle reprovava sua esterilidade. Esquecia que a verdadeira fecundidade de um poeta não consiste no número de seus versos, mas antes na extensão de seus efeitos. Só se pode julgá-los na sequência dos tempos. Vemos hoje que a ressonância, depois de mais de sessenta anos, da obra única e muito pouco volumosa de Baudelaire preenche ainda toda a esfera poética, que ela está presente nos espíritos, impossível de ser deixada de lado, reforçada por um número digno de nota de obras que dela derivam, que não são suas imitações mas consequências, e que seria preciso, portanto, para ser equânime, juntar à magra coletânea das *Flores do mal* várias obras de primeira ordem e um conjunto de investigações das mais profundas e das mais finas que a poesia já empreendeu. A influência dos *Poèmes antiques* e dos *Poèmes barbares* foi menos diversa e menos ampla.

É preciso reconhecer, todavia, que, se essa mesma influência se tivesse exercido sobre Baudelaire, talvez o tivesse dissuadido de escrever ou de conservar certos versos muito frouxos que se encontram em seu livro. Nos catorze versos do soneto “Recueillement” (Recolhimento), que é uma das mais encantadoras peças da obra, sempre me espantarei por contar cinco ou seis que

são de incontestável fraqueza. Mas os primeiros e os últimos versos dessa poesia são de uma tal magia que o meio não faz com que se sinta sua inépcia e é percebido como inútil e inexistente. É preciso um poeta de fato grande para esse tipo de milagres.

Há pouco eu falava da produção do *encanto*, e eis que acabo de pronunciar o termo *milagre*; sem dúvida, são termos que se deve usar discretamente por causa da força de seu sentido e da facilidade de seu emprego; mas eu só conseguiria substituí-los por uma análise tão longa, e talvez tão contestável, que serei desculpado por poupá-la a quem deveria fazê-la assim como àqueles que a teriam de suportar. Permanecerei no vago, limitando-me a sugerir o que ela poderia ser. Haveria que mostrar que a linguagem contém recursos emotivos misturados a suas propriedades práticas e diretamente significativas. O dever, o trabalho, a função do poeta são os de pôr em evidência e em ação essas potências de movimento e de encantamento, esses excitantes da vida afetiva e da sensibilidade intelectual, que são confundidos na linguagem usual com os signos e os meios de comunicação da vida comum e superficial. O poeta dedica-se, pois, e nisso se consome, a definir e a construir uma linguagem na linguagem; e sua operação, que é longa, difícil, delicada, que exige as qualidades mais diversas do espírito e que nunca se completa como nunca é exatamente possível, tende a constituir o discurso de um ser mais puro, mais forte e mais profundo em seus pensamentos, mais intenso em sua vida, mais elegante e mais feliz em sua fala do que qualquer pessoa real. Essa fala extraordinária faz-se conhecer e reconhecer pelo ritmo e pelas harmonias que a sustentam e que devem ser tão íntima, e mesmo tão misteriosamente, ligadas a sua

geração que o som e o sentido não se possam mais separar e se correspondam indefinidamente na memória.

A poesia de Baudelaire deve sua duração e esse império que ela ainda exerce à plenitude e à nitidez singular de seu timbre. Essa voz, por instantes, cede à eloquência, como acontecia com frequência às vezes demasiada aos poetas dessa época; mas ela preserva e desenvolve quase sempre uma linha melódica admiravelmente pura e uma sonoridade perfeitamente dominada que a distinguem de toda prosa.

Baudelaire, desse modo, reagiu com muita felicidade contra a tendência ao prosaísmo que se observa na poesia francesa desde meados do século xvii. É notável que o mesmo homem a quem devemos esse retorno de nossa poesia em direção a sua essência seja também um dos primeiros escritores franceses que se tenham interessado de modo apaixonado pela música propriamente dita. Menciono esse gosto, que se manifestou por artigos célebres sobre *Tannhäuser* e sobre *Lohengrin*, por causa do desenvolvimento posterior da influência da música sobre a literatura... “O que foi batizado como simbolismo resume-se muito simplesmente na intenção comum a várias famílias de poetas de retomar da música aquilo que é um bem deles...”

Para tornar menos imprecisa e menos incompleta esta tentativa de explicação da importância atual de Baudelaire, eu deveria agora lembrar o que ele foi como crítico de pintura. Conheceu Delacroix e Manet. Tentou avaliar os méritos respectivos de Ingres e de seu rival, como pôde comparar em seus “realismos” bem distintos as obras de Courbet e de Manet. Teve pelo grande Daumier uma admiração que a posteridade partilha. Talvez tenha exagerado o valor de Constantin Guys... Mas, no conjunto, seus juízos, sempre

motivados e acompanhados das considerações mais finas e mais sólidas sobre a pintura, permanecem como modelos do gênero terrivelmente fácil, e portanto terrivelmente difícil, da crítica de arte.

Mas a maior glória de Baudelaire, como já fiz com que o pressentissem desde o início desta conferência, é sem dúvida a de ter engendrado alguns enormes poetas. Nem Verlaine, nem Mallarmé, nem Rimbaud teriam sido o que foram sem a leitura que fizeram das *Flores do mal* na idade decisiva. Seria fácil mostrar, nesta coletânea, poemas cuja forma e cuja inspiração prefiguram determinadas peças de Verlaine, de Mallarmé ou de Rimbaud. Mas essas correspondências são tão claras, e o tempo da atenção dos senhores está tão perto de expirar, que não entrarei em detalhes. Limitar-me-ei a lhes indicar que o sentido do íntimo, e a mistura vigorosa e obscura da emoção mística e do ardor sensual que se desenvolvem em Verlaine; a exaltação da partida, o movimento de impaciência provocado pelo universo, a profunda consciência das sensações e de suas ressonâncias harmônicas, que tornam tão enérgica e tão ativa a obra breve e violenta de Rimbaud, estão nitidamente presentes e são reconhecíveis em Baudelaire.

Quanto a Stéphane Mallarmé, cujos primeiros versos poderiam confundir-se com os mais belos e com os mais densos das *Flores do mal*, deu continuidade em suas consequências mais sutis às investigações formais e técnicas pelas quais as análises de Edgar Poe e os ensaios e os comentários de Baudelaire lhe haviam comunicado a paixão, ensinando-lhe sua importância. Enquanto Verlaine e Rimbaud continuaram Baudelaire na ordem do sentimento e da sensação, Mallarmé o prolongou no domínio da perfeição e da pureza poética.

* Conferência realizada em 19 de fevereiro de 1924 na Société de Conférence de Monaco e publicada numa plaquete no mesmo ano: *Situation de Baudelaire*. Mônaco: Imprimerie de Monaco, 1924. Foi republicado em *Variétés II* em 1929. (N. T.)

Índice de títulos e primeiros versos

A alma do vinho *L'âme du vin*

“A ama de alma boa de que você tinha” “*La servante au grand cœur dont vous étiez jalouse*”

A aurora espiritual *L'aube spirituelle*

A beleza *La beauté*

A cabeleira *La chevelure*

A destruição *La destruction*

A fonte de sangue *La fontaine de sang*

A gigante *La géante*

A lua insultada *La lune offensée*

A máscara *Le masque*

A moldura *Le cadre* [Um fantasma *Un fantôme*, III]

A morte dos amantes *La mort des amants*

A morte dos artistas *La mort des artistes*

A morte dos pobres *La mort des pauvres*

A musa doente *La muse malade*

A musa venal *La muse vénale*

A música *La musique*

A negação de são Pedro *Le reniement de saint Pierre*

A prece de um pagão *La prière d'un païen*

A propósito de um importuno *À propos d'un importun*

À que é por demais alegre *À celle qui est trop gaie*

A redenção *La rançon*

A serpente que dança *Le serpent qui danse*

A tampa *Le couvercle*

[A Théophile Gautier] [*À Théophile Gautier*]

A uma dama crioula *À une dame créole*

A uma Madona *À une Madone*
A uma malabareense *À une malabaraïse*
A uma mendiga ruiva *À une mendiante rousse*
A uma passante *À une passante*
A viagem *Le voyage*
A vida anterior *La vie antérieure*
A voz *La voix*
Abel e Caim *Abel et Caïn*
“Adoro-te tal como à abóbada noturna,” “*Je t’adore à l’égal de la voûte nocturne,*”
Alegoria *Allégorie*
Alquimia da dor *Alchimie de la douleur*
Ao leitor *Au lecteur*
As duas irmãs *Les deux bonnes sœurs*
As joias *Les bijoux*
As lamentações de um Ícaro *Les plaintes d’un Icare*
As metamorfoses do vampiro *Les métamorphoses du vampire*
As promessas de um rosto *Les promesses d’un visage*
As trevas *Les ténèbres* [Um fantasma *Un fantôme*, I]
As velhinhas *Les petites vieilles*
Beatriz *La Béatrice*
Bem longe daqui *Bien loin d’ici*
Bênção *Bénédiction*
Brumas e chuvas *Brumes et pluies*
Canção da tarde *Chanson d’après-midi*
Canto de outono *Chant d’automne*
Castigo do orgulho *Châtiment de l’orgueil*
Céu turvado *Ciel brouillé*
Ciganos em viagem *Bohédiens en Voyage*
“Com seus trajes ondeantes e bem nacarados,” “*Avec ses vêtements ondoyants et nacrés,*”
Confissão *Confession*
Conversa *Causerie*
Convite à viagem *L’invitation au voyage*
Correspondências *Correspondances*
Dança macabra *Danse macabre*
De profundis clamavi
Don Juan nos infernos *Don Juan aux enfers*
“Dou-te estes versos para que, caso a contento” “*Je te donne ces vers afin que si mon nom*”
Duellum

Elevação *Élévation*

Epígrafe para um livro condenado *Épigraphe pour un livre condamné*

“Eu nunca a esqueci, vizinha da cidade,” *“Je n’ai pas oublié, voisine de la ville,”*

“Gosto de pensar nas nuas eras passadas” *“J’aime le souvenir de ces époques nues”*

Harmonia do entardecer *Harmonie du soir*

Hino à Beleza *Hymne à la Beauté*

Hino *Hymne*

Horror simpático *Horreur sympathique*

[Introdução e nota dos Artigos justificativos] *[Introduction et note des Articles justificatifs]*

Lesbos *Lesbos*

Litanias de Satã *Les litanies de Satan*

Lola de Valência *Lola de Valence*

Louvações para minha Francisca *Franciscæ meæ laudes*

Madrigal triste *Madrigal triste*

Mœsta et errabunda

Mulheres condenadas (“Tal gado pensativo, na areia deitadas,”) *Femmes damnées*
(*“Comme un bétail pensif...”*)

Mulheres condenadas (Delfina e Hipólita) *Femmes damnées (Delphine et Hippolyte)*

Notas para meu advogado *[Notes pour mon avocat]*

O abismo *Le gouffre*

O admoestador *L’avertisseur*

O albatroz *L’albatros*

O amor e o crânio *L’amour et le crâne*

O amor pela mentira *L’amour du mensonge*

O archote vivo *Le flambeau vivant*

O azar *Le guignon*

O balcão *Le balcon*

O belo navio *Le beau navire*

O cachimbo *La pipe*

O chafariz *Le jet d’eau*

O cisne *Le cygne*

O crepúsculo da manhã *Le crépuscule du matin*

O crepúsculo da tarde *Le crépuscule du soir*

O espectro *Le revenant*

O esqueleto lavrador *Le squelette laboureur*

O exame da meia-noite *L’examen de minuit*

O fim do dia *La fin de la journée*

O frasco *Le flacon*

O gato (“Vem, meu gato, —”) *Le chat (“Viens, mon beau chat, —”)*

O gato ("Em minha cabeça vadia,") *Le chat* ("Dans ma cervelle se promène,")
O gosto pelo nada *Le goût du néant*
O heautontimoroumenos *L'héautontimorouménos*
O homem e o mar *L'homme et la mer*
O ideal *L'idéal*
O imprevisto *L'imprévu*
O inimigo *L'ennemi*
O irremediável *L'irrémediable*
O irreparável *L'irréparable*
O jogo *Le jeu*
O Lete *Le Léthé*
O mau monge *Le mauvais moine*
O monstro *Le monstre*
O morto alegre *Le mort joyeux*
O perfume *Le parfum* [Um fantasma *Un fantôme*, II]
O pôr do sol romântico *Le coucher du soleil romantique*
O possuído *Le possédé*
O processo das Flores do mal *Le Procès des Fleurs du mal*
O rebelde *Le rebelle*
O relógio *L'horloge*
O retrato *Le portrait* [Um fantasma *Un fantôme*, IV]
O sino rachado *La cloche fêlée*
O sol *Le soleil*
O sonho de um curioso *La rêve d'un curieux*
O tonel do ódio *Le tonneau de la haine*
O vampiro *Le vampire*
O veneno *Le poison*
O vinho do assassino *Le vin de l'assassin*
O vinho do solitário *Le vin du solitaire*
O vinho dos amantes *Le vin des amants*
O vinho dos trapeiros *Le vin des chiffoniers*
Obsessão *Obsession*
Os cegos *Les aveugles*
Os faróis *Les phares*
Os gatos *Les chats*
Os mochos *Les hiboux*
Os olhos de Berthe *Les yeux de Berthe*
Os sete velhos *Les sept vieillards*
Paisagem *Paysage*

Perfume exótico *Parfum exotique*

“Porias o universo todo em teu leito” “*Tu mettrais l’univers entier dans ta ruelle,*”

[Prefácios (Projetos de)] [*Préfaces (Projets de)*]

[Primeira versão da dedicatória] [*Première version de la dédicace*]

[Projetos de epílogo para a edição de 1861] [*Projets d’un epilogue pour l’édition de 1861*]

“Que dirás, esta noite, alma abandonada,” “*Que diras-tu ce soir, pauvre âme solitaire,*”

Recolhimento *Recueillement*

Remorso póstumo *Remords posthume*

Restos *Bribes*

Reversibilidade *Réversibilité*

Sed non satiata

Semper eadem

Sepultura *Sépulture*

Sisina *Sisina*

Sobre a estreia de Amina Boschetti *Sur les débuts d’Amina Boschetti*

Sobre *Tasso na prisão* de Eugène Delacroix *Sur Le Tasse en prison d’Eugène Delacroix*

Soneto de outono *Sonnet d’automne*

Sonho parisiense *Rêve parisien*

Spleen (“Pluvioso, contra toda a cidade irritado,”) *Spleen (“Pluviôse, irrité contre la vie entière,”)*

Spleen (“Quando, como uma tampa, o céu pesado baixa”) *Spleen (“Quand le ciel bas et lourd pèse comme un couverde”)*

Spleen (“Sou tal como o rei de um país muito chuvoso,”) *Spleen (“Je suis comme le roi d’un pays pluvieux,”)*

Spleen (“Tanta lembrança eu não teria com mil anos”) *Spleen (“J’ai plus de souvenirs que si j’avais mille ans.”)*

Toda *Tout entière*

Tristezas da lua *Tristesses de la lune*

Um boteco engraçado *Un cabaret folâtre*

Um fantasma *Un fantôme*

Uma carniça *Une charogne*

Uma gravura fantástica *Une gravure fantastique*

Uma mártir *Une martyre*

“Uma noite eu estava com uma atroz judia,” “*Une nuit que j’étais près d’une affreuse Juive,*”

Uma viagem a Citera *Un voyage à Cythère*

Versos para o retrato do sr. Honoré Daumier *Vers pour le portrait de M. Honoré Daumier*

Copyright © 2019 by Penguin-Companhia das Letras

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Les fleurs du mal

CAPA
Raul Loureiro

PREPARAÇÃO
Mariana Delfini

REVISÃO
Angela das Neves
Jane Pessoa

ISBN 978-85-5451-525-6

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.penguincompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

SANTO AGOSTINHO

Confissões

Confissões

Santo Agostinho

9788543809328

440 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um marco da filosofia ocidental em nova tradução do latim de Lorenzo Mammì. Redigido no século IV, entre Antiguidade e Idade Média, as Confissões de Agostinho de Hipona são ainda hoje um livro surpreendente. Por um lado, pela densidade poética e pela originalidade da escrita, e por inaugurar o gênero da autobiografia como história da formação de uma personalidade, elas representam um marco único na história da literatura ocidental. Por outro, Agostinho elabora nelas uma nova maneira de fazer filosofia, estranha à tradição

antiga, por ser baseada não apenas em conceitos abstratos e deduções, mas sobretudo na observação fina dos movimentos psicológicos, das motivações interiores e do significado de pequenos fatos e gestos cotidianos. O resultado é uma leitura incontornável para todos os que se interessam por filosofia, história ou religião.

[Compre agora e leia](#)

PENGUIN &
COMPANHIA
DAS LETRAS

FICÇÃO

Machado de Assis
Dom Casmurro

FICÇÃO



Dom Casmurro

de Assis, Machado

9788543806631

400 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um dos melhores e mais perfeitos romances brasileiros, uma radiografia do ciúme com a ressonância dos clássicos. Poucos romances examinam com tanta sutileza as artimanhas do ciúme como Dom Casmurro. Publicado em 1899, o livro permanece ainda hoje como um dos mais fascinantes estudos da traição. Aliás, como o leitor mais atento perceberá, são supostamente duas: a de Capitu, exposta pelo marido Bentinho, e a própria narrativa sobre como Bentinho modifica os fatos para corroborar suas suspeitas matrimoniais. Tudo

isso é narrado com graça e inteligência num romance que jamais parece esgotar suas possibilidades de leitura. Críticos como Roberto Schwarz e Susan Sontag consideram a obra de Machado como um dos momentos mais altos da prosa ocidental do final do século XIX.

[Compre agora e leia](#)

PENGUIN &
COMPANHIA
DAS LETRAS

FICÇÃO

Machado de Assis
O alienista

FICÇÃO



O alienista

Assis, Machado de

9788543800349

104 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma das pedras de toque da ficção de Machado de Assis na história de Simão Bacamarte, que um dia sonhou catalogar a loucura humana. Clássico da literatura brasileira, este texto de Machado de Assis continua sendo, cento e trinta anos depois de sua publicação original, uma das mais devastadoras observações sobre a insanidade a que pode chegar a ciência. Tão palpitante quanto de leitura prazerosa, O alienista é uma dessas joias da ficção da literatura mundial. Médico, Simão Bacamarte passa a se interessar pela

psiquiatria, iniciando um estudo sobre a loucura em Itaguaí, onde funda a Casa Verde - um típico hospício oitocentista -, arregimentando cobaias humanas para seus experimentos. O que se segue é uma história surpreendente e atual em seu debate sobre desvios e normalidade, loucura e razão. Ensaio sobre a loucura e a lucidez, sátira política e comédia de costumes, esta edição de Machado de Assis conta com uma esclarecedora nota introdutória do crítico britânico John Gledson, um dos grandes intérpretes do autor brasileiro.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

VICTOR HUGO

Os miseráveis

Os miseráveis

Hugo, Victor

9788543809977

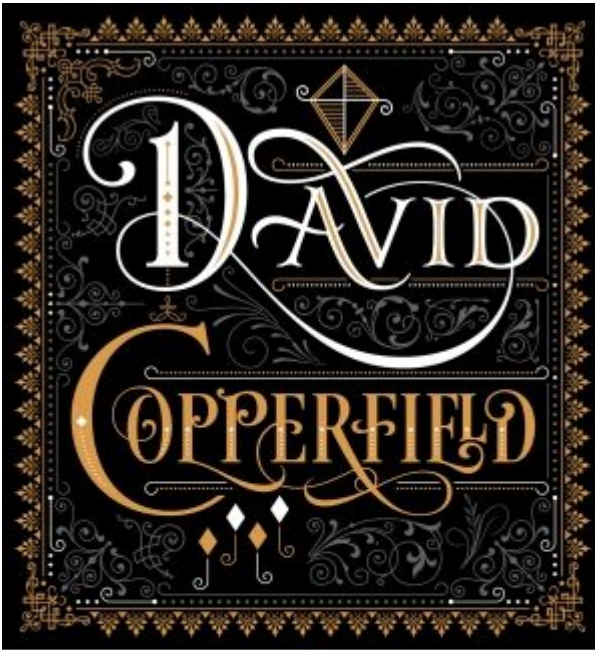
1912 páginas

[Compre agora e leia](#)

O clássico de Victor Hugo que correu mundo em adaptações de cinema e teatro agora em edição especial. Considerado a obra-prima de Victor Hugo, este romance se desdobra em muitos: é uma história de injustiça e heroísmo, mas também uma ode ao amor e também um panorama político e social da Paris do século XIX. Pela história de Jean Valjean, que ficou anos preso por roubar um pão para alimentar sua família e que sai da prisão determinado a deixar para trás seu passado criminoso, conhecemos a fundo a capital francesa e seu

povo, o verdadeiro protagonista. Na via crucis que é o romance sobre a vida de Valjean, são retraçadas as misérias cotidianas e os dias de glória do povo francês, que fez das ruas seu campo de batalha e das barricadas a única proteção possível contra a violência cometida pela lei. Esta edição traz ainda uma esclarecedora apresentação de Renato Janine Ribeiro.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

CHARLES DICKENS

David Copperfield

David Copperfield

Dickens, Charles

9788554510732

1160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um dos maiores romances do século XIX, David Copperfield é também o mais autobiográfico do autor que definiu o realismo inglês. Publicado originalmente na forma de folhetim entre 1849 e 1850, David Copperfield é o romance mais autobiográfico de Charles Dickens. Mas não só: nas palavras do grande escritor, que inspirou outros gigantes da literatura ocidental como Tolstói, Kafka, Woolf, Nabokov e Cortázar, este é seu "filho predileto". Nele, acompanhamos a jornada do herói, nascido na Inglaterra dos anos 1820: órfão de pai desde o nascimento, David

Copperfield pertence à imensa massa de desfavorecidos que a literatura do século XIX, pela primeira vez, presenteou com o protagonismo. Parte fundamental da tradição do grande romance realista, este livro oferece não apenas um retrato acurado de seu tempo como também um contundente relato sobre a vocação literária.

[Compre agora e leia](#)